Almanach
de
S. Antonio
1904

ALMANACH DE SANTO ANTONIO

Advertencias

1.ª Em cada dia do mês daremos em primeiro logar o Santo ou mysterio que n'aquelle dia se commemora no Calendario da Ordem de S. Francisco; em seguida irão os Santos mais conhecidos, ou de maior devoção popular, n'aquelle dia celebrados nos martyrologios franciscano e romano; e mencionaremos por fim as indulgencias e outros favores concedidos pela Igreja aos fieis para o mesmo dia.

2.ª São estes os signaes convencionaes usados no nosso *Almanach*:

✠ ✠ Dia santo de guarda.
(✠ ✠) e (✠) Dia santo dispensado.
Ap. —Apostolo (App.—Apostolos).
Ev. —Evangelista.
M. —Martyr. (Mm.—Martyres).
Pp. —Papa.
B. —Bispo (Bb.—Bispos).
C. —Confessor (Cc.—Confessores).
D. —Doutor da Igreja.
Abb. —Abbade.
V. —Virgem (Vv.—Virgens).
1.ª O. —Santo da 1.ª Ordem de S. Francisco (religioso franciscano).
2.ª O. —Santa da 2.ª Ordem de S. Francisco (religiosa clarissa).
3.ª O. —Santo ou Santa da 3.ª O. de S. Francisco.
Vig. —*Vigilia.*
Jej. —Dia de jejum.
Temp.—Temporas.

CHRONOLOGIA

Computo ecclesiastico

Aureo numero.	5	Indicação romana	2
Epacta	13	Letra dominical	C B
Cyclo solar.	9		

Temporas

Fevereiro	24, 26 e 27	Setembro	21, 23 e 24
Maio	25, 27 e 28	Dezembro.	14, 16 e 17

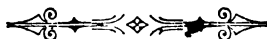
Festas moveis

Septuagesima. . .	31 de janeiro	SS. Trindade . . .	29 de maio
Cinza	17 de fevereiro	Corpo de Deus . .	2 de junho
Paschoa	3 de abril	Coração de Jesus. .	10 de junho
Ascensão	12 de maio	Dom. 1.º advento. .	27 de novembro
Espirito Santo . .	22 de maio		

Estações

OUTOMNO. . . .	24 de setembro	PRIMAVERA . . .	21 de março
INVERNO	22 de dezembro	ESTIO	22 de junho

Bençãos matrimoniaes

São prohibidas desde 12 de fevereiro até ao dia 31 de março e desde o 1.º domingo do Advento (27 de novembro) até 6 de janeiro, dia de Reis.

ECLIPSES NO ANNO DE 1904

LISBOA

Haverá no anno de 1904 dois eclipses, ambos do Sol.

1.—Eclipse annular do Sol no dia 17 de março, invisivel em Lisboa.

Começa o eclipse geral ás .... 2^h 0^m m.
Acaba ás .... 8^h 8^m m.

Este eclipse será visivel no sul da Asia e no oceano Indico, no Archipelago malaico e no mar da china.

II.—Eclipse parcial do Sol, no dia 9 de setembro, invisivel em Lisboa.

Começa o eclipse geral ás .... 5^h 31^m t.
Acaba ás .... 10^h 44^m t.

Este eclipse será visivel no Pacifico.

Tempo por que se deve usar luto

Pelas pessoas reinantes, 6 meses.—Por marido ou mulher, 1 anno. — Por paes, filhos, avós, bisavós, netos ou bisnetos, 6 meses.—Por sogras, sogros, genros, noras, irmãos ou cunhados, 4 meses.—Por qualquer parente mais afastado, 15 dias.

Nota. — *Metade do tempo aqui designado, é luto pesado, e o resto luto alliviado, comquanto já hoje não esteja adoptado o luto alliviado.*

Dias de grande gala e recepção na côrte

Janeiro, 1.—Boas-festas e entrada do Anno Novo.

Março, 21.—Anniversario do Ser. Principe Real, D. Luiz Filippe, filho d'El-Rei.

Abril, 29.—Outorga da Carta Constitucional.

Julho, 31.—Juramento da Carta Constitucional e anniversario de S. A. o Sr. Infante D. Affonso, irmão d'El-Rei.

Setembro, 28.—Anniversario de SS. MM. El-Rei o Sr. D. Carlos e da Rainha a Sr.ª D. Maria Amelia.

Outubro, 16.—Anniversario de S. M. a Rainha a Sr.ª D. Maria Pia de Saboya.

Pequena gala

Fevereiro, 17.—Anniversario da Ser. Sr.ª Infanta D. Antonia, tia d'El-Rei.

Abril, 12.—Domingo de Paschoa.

Maio, 22.—Anniversario do Consorcio de SS. MM. (1886).

Junho, 11.—Corpo de Deus.

Junho, 19.—Festa do SS. Coração de Jesus.

Julho, 10.—Pronome de S. M. a Rainha D. Amelia.

Setembro, 8.—Nome de S. M. a Rainha D. Maria Pia.

Novembro, 4.—Nome de S. M. El-Rei D. Carlos.

Novembro, 15.—Anniversario de S. A. o Sr. Infante D. Manoel.

Dezembro, 1.—Acclamação de El-Rei D. João IV.

Dezembro, 25.—Dia de Natal.

Dezembro, 31.—Ultimo dia do anno.

Férias

1 á 6 de Janeiro e 27 de Fevereiro, de 9 a 23 de Abril.—24 de Julho.—24 de Setembro.—19 de Outubro.—24 e 31 de Dezembro e todos os dias de grande gala. Nos tribunaes é feriado todo o mês de Setembro.

E'pocas memoraveis

(Relativas ao anno de 1904)

Da creação do mundo. . .	7:103 an.	Destruição do imperio romano do Occidente 146)	1:488 an.
Do Diluvio universal . . .	4:861 »	*Idem* do Oriente (1153) . .	451 »
Da Fundação de Roma . .	2:656 »	Revolução franceza . . .	114 »
Do Nascimento de J. Christo	1:904 »		

SERVIÇO TELEGRAPHICO

ENTRE AS ESTAÇÕES DO REINO

A) Telegrammas ordinarios

Taxa fixa 50 réis; cada palavra 10 réis.

B) Telegrammas noticiosos e suburbanos

Taxa fixa 25 réis; cada palavra 5 réis.

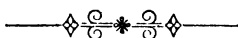
C) Telegrammas urbanos

Taxa fixa 20 réis; cada palavra 2 réis.

Nota —Para os despachos suburbanos é limitada a 15 kilometros de Lisboa, 10 kilometros do Porto, e 5 kilometros de qualquer outra cidade, a distancia das localidades por onde se podem expedir.

— Os *telegrammas urgentes* (com prioridade de transmissão sobre os telegrammas particulares) pagam a taxa ordinaria que lhes competir pela sua categoria, e mais o duplo da mesma taxa. Se o telegramma tiver operações accessorias, accresce a taxa respectiva.

— *Telegrammas com resposta paga*, além da taxa ordinaria que lhes competir pela sua categoria pagam mais a mesma taxa pela resposta, segundo o numero de palavras até ao maximo de 30, quando fôr indicado o seu numero, ou a de um telegramma de 10 palavras, quando não fôr indicado o numero preciso de palavras.

— *Telegrammas para fazer seguir* (transmittidos successivamente ás direcções indicadas no endereço, até á sua entrega, ou para as direcções que forem indicadas no domicilio do destinatario), pagam a taxa ordinaria que lhes competir segundo a sua categoria, e mais a taxa para reexpedição.

IMPOSTO DO SÊLLO

ALGUMAS TAXAS MAIS USUAES

Annuncios

Em qualquer periodico, incluindo o *Diario do Governo*, e em qualquer livro, folheto ou programma, cada um. 10

Arrendamentos (escriptos particulares de)

Sêllo de papel 200
Taxa fixa 100

Taxa proporcional:

De 10$000 a 40$000 réis. 50
De mais de 40$000 até 80$000. 80
De mais de 80$000 até 100$000 réis 100
Por cada 100$000 réis ou fracção a mais. 100

Assentos

De casamento, de nascimento e de baptismo, nos livros de registo (cada um). 100

Letras (sacadas no continente do reino ou ilhas adjacentes)

Sendo a mais de 8 dias de praso:

De 5$000 a 20$000 réis.	20
De mais de 20$000 a 100$000 réis	100
Cada 100$000 réis, ou fracção a mais.	100
Protesto (além do sêllo do papel, 100 réis.	200

Licenças

Para caçar, incluindo, ou não, uso e porte de arma para esse fim, cada anno	2$500
Para uso e porte de arma, em defesa propria ou de propriedade.	2$000
Para velocipede, cada anno	1$000

Passaportes

A nacionaes, para fóra do reino e das possessões ultramarinas, pela via maritima:

Até 3 pessoas	3$000
Por cada pessoa a mais, (exceptuando as creanças até 7 annos)	1$000

Procurações

Sêllo do papel	100
Forenses.	100
Com poderes para quitação, perfilhação, reconhecimento de foreiro, ou qualquer outro acto extra-judicial, que não envolva contracto. . . .	300
Com poderes para qualquer contracto, arrematação e opção em hasta publica.	600
Com poderes para qualquer administração	1$000

Cada substalecimento na mesma meia folha da procuração ou de outro substalecimento	200
Fóra da procuração ou de outro substalecimento.	100

Recibos (entre particulares, ou de particulares ao estado)

De 1$000 a 10$000 réis.	10
De 10$000 a 50$000 réis.	20
De 50$000 a 100$000 réis.	30
De 100$000 a 250$000 réis	50
De 250$000 a 500$000 réis	100
Por cada 250$000 réis, ou fracção a mais d'aquella quantia.	50
Quando o valor não fôr conhecido ou declarado .	500

Reconhecimentos

De assignaturas feitas por tabellião (cada um). . .	50
Sendo mais de uma assignatura, por cada assignatura a mais.	10

JEJUM E ABSTINENCIA

Quanto a este assumpto notaremos os principios geraes clara e resumidamente.

Ovos e lacticinios.

Podem comer-se em todos os dias do anno, em todas as Dioceses d'este reino por costume immemorial; e por

conseguinte não é necessario para isso a Bulla da Cruzada.

Da abstinencia de carne.

Estão dispensados todos os sabbados, em que não occorrer obrigação de jejum; e para isto não é preciso têr Bulla da Cruzada.

Temperos d'unto e redenho de porco.

Podem usar-se, nas Dioceses de Braga, Porto e outras, onde ha costume immemorial, em todos os dias do anno sem excepção alguma; e para isso não é preciso Bulla da Cruzada.

Com quaesquer gorduras.

Pode temperar-se em todos os dias de jejum; excepto nos seis dias da quaresma, a saber: quarta-feira de cinza, Vigilias de S. José, da Annunciação e os tres ultimos dias da Semana Santa, mas com a condição de haver cada um tomado a *Bulla da Cruzada* de competente esmola e previamente assignada.

Tambem é indispensavel tomar cada um

Bulla da Cruzada

para comer carne em dias de jejum, tanto dentro como fóra da quaresma; exceptuando sempre na quaresma: quarta-feira de cinzas, sextas e sabbados, Vigilias de S. José e da Annunciação, e os tres ultimos dias da Semana Santa; e fóra da quaresma: todas as sextas-feiras e as Vigilias do Natal, Pentecostes e de todos os Santos; nos quaes, ainda que qualquer tenha Bulla da Cruzada, nunca poderá comer carne.

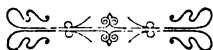
Além de tomar cada um a sua Bulla da Cruzada, *para comer carne e usar de quaesquer gorduras*, é preciso tambem

Indulto quaresmal

que basta tomar o chefe de familia, cujos rendimentos subirem de 300$000 réis, dando a esmola de 50 réis; e de 100 réis, se subirem de 500$000 réis, mas os pobres, e os que não tiverem rendimentos acima de 300$000 réis, não são obrigados a tomar este Indulto; ficando porém obrigados a rezar um Padre-Nosso e Ave-Maria segundo a intenção do Summo Pontifice, quando comerem carne.

As pessoas que jejuarem só podem comer carne na principal refeição; podem porém temperar de gorduras em todas as refeições.

Nos dias de jejum (e mesmo nos Domingos da quaresma) tanto ás pessoas que jejuam, como ás que não são obrigadas ao jejum, é-lhes prohibida a mistura de carne e peixe na mesma refeição; mas bem podem tomar caldo ou sopa de carne, e comer peixe. (Conf. Indulto quaresmal).

No Almanach notamos os dias de *rigorosa abstinencia* em que só é permittido o uso de adubos de azeite nas dioceses em que não é uso adubar com unto e redenho de porco.

INDULGENCIAS

Quanto ás indulgencias apontadas n'este almanach só temos que notar o seguinte.

Só notamos as indulgencias plenarias e das principaes confrarias: Confraria do Rosario, do Rosario Vivo, da Immaculada Conceição, das Dores, do Carmo, de S. José e da Ordem Terceira, e algumas annexas a certos exercicios piedosos. Para não occupar o logar que é necessa-

rio para outros assumptos que deve conter um almanach, não notamos as condições d'essas indulgencias sempre; por isso lembramos aqui que a indulgencia plenaria sopõe sempre confissão a communhão e visita d'uma igreja. Para satisfazer a esta visita basta commungar na igreja que se deve visitar e orar durante as acções de graças pelas intenções do Summmo Pontifice. A igreja que deve visitar-se, regra geral, é a da ordem da respectiva confraria; não a havendo, a distancia commoda á da mesma confraria. Os Terceiros Franciscanos, não podendo visitar a igreja da Primeira ou da Terceira Ordem, podem visitar a igreja Parochial. As capellas semi-publicas dos Hospitaes, collegios, cadeias, etc., só podem ser visitadas pelos Terceiros que ahi habitam ou servem.

As indulgencias que se ganham todo o anno resando certas orações ou fazendo certos exercicios piedosos, não vão apontadas, por não pertencer, intendo eu, a um almanach, mas aos catalogos das confrarias.

Janeiro 31 Dias

No crescente planta arvores temporãs, dispõe alhos, cebolas, roseiras, etc.
No minguante muda hortaliças, póda, corta madeiras, mergulha vides, semeia legumes e pevides, goivos e rainunculos.
N'este mez se preparam os terrenos, por meio de cavas para a plantação das alcachofras e batatas.
Cavam-se e estrumam-se os quarteirões que estiverem desoccupados.

1—Sexta-feira—✠ ✠ Circumcisão do Senhor.—S. Fulgencio, B.—Abs. Geral e Ind. Plen. da Bulla.—*Ind. Plen. para os Irmãos Terceiros de S. Francisco—para os confrades do Escapulario de S. José, e do Rosario Vivo.—Os Irmãos da Confraria da Immaculada Conceição podem ganhar duas vezes as indulgencias das basilicas de Roma e dos Logares Santos visitando por cada vez sete altares.—Os Irmãos da Senhora do Carmo ganham indulgencia plenaria assistindo á procissão da Confraria e não podendo visitando a sua igreja.*

DYNANYMO SOCIAL

(Atravez do seculo XIX)

Parece que o seculo XIX foi propositadamente a synthese espantosa de todas as manifestações da vida humana, para traçar aos espiritos cultos a ecliptica da civilisação ventura.

Desde a atmosphera agitada das intelligencias até ao fundo labyrinto das paixões sociaes, cruzam-se em todas as direcções as correntes da actividade humana, e não sabemos que admirar mais, se a vasta cadeia dos acontecimentos, se a sua eloquente disparidade.

Dir-se-ia que o nosso seculo—resultante assombrosa dos seculos anteriores, foi rude como a selvageria dos barbaros, erudito como a época de Carlos Magno, subtil com a Escolastica, racionalista com philosophismo, encyclopedico comsigo mesmo.

Mar revolto em que se desataram todas as tempestades, o seculo XIX pôde conglobar todos os vicios e todas as virtudes. Levou de arrancada os templos de Deus e genuflectiu-lhe pesaroso; estrebuchou até vasquejar entre a consciencia do dever e o adulterio da liberdade, e confessou-se vencido; deificou-se nas culminancias do talento, prostituindo-o, e declarou-se impotente; travou duello em o capitalismo e o capital, e ficou pobre; quiz emfim rematar a sua galeria com a litteratura pantheistica e perdeu-se, e desnudou-se, e enlameou-se como o ultimo patriarcha do naturalismo.

Mas... perdão, elle não se chegou a afundar de vez, pois desde o leito da agonia flagellou ha pouco os seus transvios!

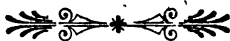
De verdade, o ultimo arranco do seculo XIX tinha de ser o do arrependimento, porque o seu primeiro esforço fôra o esforço do crime...

FR. A. MOTTA.

2 — Sabbado. — St.º Isidoro, B. M. — S. Macario, Abb. — St.ª Theodata, M.

ENTRE EXCURSIONISTAS

—Eu sou da California: é uma terra tão productiva, que um ratão perdeu n'um certo sitio uma caixa de phosphoros de pau, e passados dois dias encontrou lá uma floresta de postes telegraphicos.

—Isso não é nada comparado com o Illinois, que é a minha patria. Um primo meu, que vive lá, perdeu uma vez um botão de jaqueta, e no dia seguinte encontrou um fato completo pendurado n'uma arvore ao pé do sitio onde perdera o botão.

3—Domingo (1.º do anno)—OITAVA DE S. JOÃO APOSTOLO — St.º Anthero, Pp. M. — S. Aprigio, B. de Beja. — St.ª Genoveva. — *Ind. Plen. para o Escap. da Im. Conc., e para a confraria do Ros., assistindo á procissão: não podendo, recitar o Terço.*

Sentença foi de Chilon — Sabio da Grecia: *Sic ama, tanquam osurus, sic oderis, tanquam amaturus:* «De tal sorte has de amar, como que pódes aborrecer; de tal sorte aborrecer, como que pódes amar.»

4 — Segunda-feira — S. Gregorio, B. — S. Tito, discip. de S. Paulo.

NA PALESTINA

Rubro se esconde o sol. A calma suffocante
Empresta á Palestina o ambiente das fogueiras.
Tranquilla, a noite desce; e a brisa do levante
Agita, brandamente, as frondes das palmeiras.

Ao longe, na amplidão, movendo o passo incerto,
Vê-se uma caravana a encaminhar-se a Méca;
E o camello olha, triste, a areia do deserto
Morno, amarello e nú, crestado pela séca.

D'este lado o Carmello. A sua crista ingente
Lyrios brancos, cecens, e madresilvas tem;
E o aroma subtil das plantas do Oriente
Embalsama e perfuma as casas de Bethlem.

Desce a noite; mas, ainda antes que a noite raspe
As tintas com que o sol os cómoros doirou,
Vê-se um pé feminino, um pé talhado em jaspe,
Da planicie surgir, e, ao longe, caminhou!

E um vulto de mulher assoma entre os harpejos
Das palmeiras de Jafa, e rasga a escuridão.
O seu pé virginal vem humido dos beijos
Das violetas azues das margens do jordão.

Depois, vae-se esvaindo ao longe, entre a nebrina,
Como um sonho de amor, um sonho ardente e vario;
E some-se, a final, no extremo da campina
Onde descança agora o exausto dormedario!

Quem era essa mulher, que, assim serena e grave,
Rasga o seio da noite, e além passou, quem é?
Tem o garbo gentil, e tem o andar suave
Da corça, que nasceu junto de Nazareth.

Mais tarde essa mulher ha-de ser mãe: no emtanto
Virgem sempre será; as aguas do Cedron
Hão-de engrossar um dia á custa do seu pranto,
E o abysmo ha-de tremer da sua voz ao som.

E esse pé virginal, que, agora, o itinerario
Marca sobre os rosaes, na areia resequida,
Ha-de rasgar-se andando as rochas do Calvario,
E ha-de calcar a fronte á serpe entumecida!

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA.

5 — Terça-feira — Vig. sem jej. — S. Telesphoro, Pp. M. — S. Simeão Estilita. — *Ind. Pl. para as pessoas que nas egrejas franciscanas assistem á exposição do SS. Isto em todas as Terças-feiras do anno.*

AFFECTAÇÃO

D. João de Menezes dizia, que poucos homens mostravam menos do que podiam.

Era sentença sua, que mais haviam de temer os soldados o seu capitão, que o inimigo. Sentença tambem de Clearcho: *Militi ducem magis esse metuendum, quam hostem.*

6 — Quarta-feira — ✠ ✠ OS SANTOS REIS MAGOS. — ABS. GERAL E IND. PLEN. DA BULLA. — *Grande Gala.* — *Ind. Plen. para os Irm. Terceiros, Escapulario de S. José, da Conceição, Associados do Rosario Vivo, Confraria do Rosario.* — *Ind. Plen. da Bulla.*

NATAL

(LEMBRANÇA DE UMA PRIMEIRA COMMUNHÃO:
6 DE JANEIRO DE 188...)

Jesus menino!
quando te vejo
tão pequenino
em doce adejo,
olhos no céo...
extasiado!...
o seio teu
esbrazeado,
arfando amor!
E' fraco, imbelle,
quando em langôr
o vôo te impelle
ao céo infindo,
e sobre a terra
desce, fluindo
o amor, que encerra
teu peito debil...
Quando esse pranto
p'lo rosto flebil
a flux e tanto,
rola silente,
o duro berço
do feno algente
deixando immerso...
Quando os bracinhos
a tiritar,
frios, nusinhos
vejo elevar
tão supplicante,
como ave implume
que, vacilante,
o ninho assume...

Quando assim eu
te vejo em goso
fitar o céo
tão mavioso,
por sobre o mundo
vertendo amor...
no peito fundo
presinto a dôr
entre a saudade,
ferir-me o seio!

Lembra-me a idade
do puro enleio
d'essa innocencia,
quando, Jesus,
minha existencia
abrindo á luz,
ai! Caro infante,
a vez primeira
poisaste, amante,
affoito á beira
d'um coração
que era singello...

E vindo então...
Como n'um elo
de forte amor,
a elle unir-te
encantador!
eu presentir-te
o peito ardente,
e com teus braços
tão docemente
atal-o em laços
de caridade
e 'streito amôr!...

. . . .

Minha saudade
é o amargôr,
que sinto agora!

Ai! Bello infante!
Faz, que de outr'ora
vivificante,
de amor, n'esta alma,
a luz tão pura
me brilhe calma
sobre a candura
do coração!...

Faz, que esse dia
de santa união!
sempre sorria
na minha mente,
quando contemplo
tão commovente
o teu exemplo!

*

Se te olvidar,
dia divino!
Vem-m'o lembrar,
Jesus menino!

P. Freitas.

Bolsa do Porto

7—Quinta-feira — S. Theodoro, monge. — Acabam-se as ferias e permittem-se as bençãos nupciaes.

VERDADES DITAS GRACEJANDO

A uma janella dos Paços Reaes, das que olhavam para o Terreiro do Paço, conversavam os marquezes de Fronteira e Tavora, que ambos aspiravam ao valimento do rei D. Pedro II.

Caminhando para elles D. Pedro e pondo-lhes as mãos sobre os hombros, lhes perguntou:

—Em que discorrem os marquezes?

O de Tavora, que era prompto e vivo, lhe respondeu:

—Ambos, Senhor, estamos vendo como havemos de enganar um ao outro, e tambem a Vossa Magestade.

8—Sexta-feira—S. Lourenço Justiniano, Patriarcha de Veneza, S. Paciente, B. de Metz, S. Eugeniano, M. S. Theophilo, diacono, M., S. Maximo, B. S. Severino.

Se te excusas, Deus te acusa; e se tu te acusas, Deus te excusa.

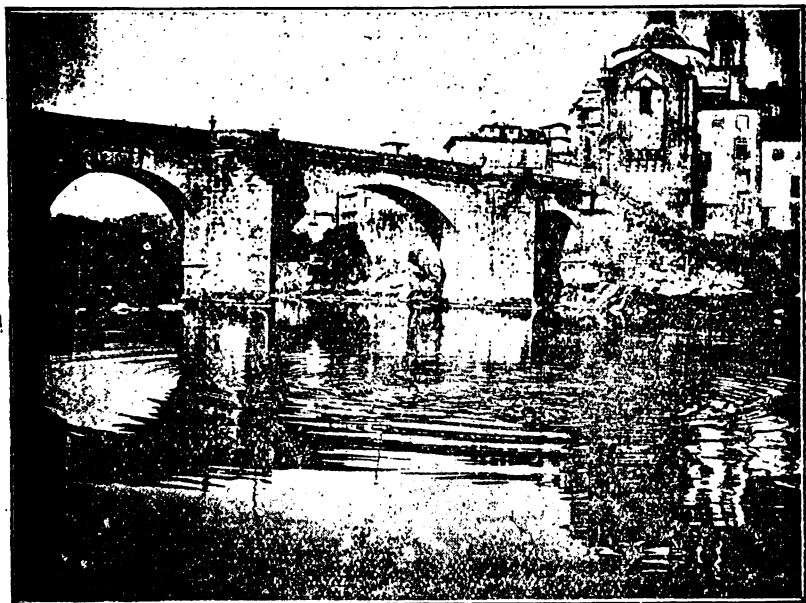
(S. Franc. d'Assis).

S. José foi purissimo, humilissimo, amantissimo; em uma palavra, digno companheiro de Maria e a ella mui semelhante.

(S. Bernardo).

9—☽ Sabbado—S. Julião e sua esposa S. Basilisa Mm., S. Marcellino, M.—*(Quarto crescente)*.

N'um exame:
—Qual é a distancia entre a terra e a lua?
—Trinta e sete milhões de leguas.
—Como acha o sr. essa distancia?
—Enorme!

10—Domingo—B. Gil de Laurenzana C. P. O.—S. Gonçalo de Amarante.

Ponte de S. Gonçalo

—Não alcanço maior riqueza do que têr a Deus, nem maior pobreza que carecêr d'Elle.
—Sómente a Religião pode marcar a linha que separa a liberdade da libertinagem.

—E' mais facil um talento que um verdadeiro caracter.
—Nada tão facil como fazer revoluções; nada tão difficil como fortalecê-la, e dirigi-la ao bem commum.

11—Segunda-feira—S. Hygino, Pp. M., S. Alexandre, S. Honorata—Começa a novena de S. Sebastião—*Nasce o sol ás 7 h. e 13 min. e põe-se ás 4 h. e 47 min.*

AS UNHAS

Parece existir uma certa relação entre as unhas e o caracter das pessoas. Ahi vão algumas notas a este respeito.

Unhas compridas e delgadas—querem dizer imaginação e poesia amor das artes e preguiça.

Compridas e chatas,—sensatez, intelligencia, e todas as faculdades serias do espirito.

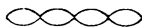
Largas e curtas—colera e grosseria, controversia, opposição e pertinacia.

Bem coloridas—virtude, saude, felicidade, coragem, liberalidade.

Duras e quebradiças—crueldade, discussões, assassinio e querellas.

Em fórma de garras—hypocrisia e malvadez.

Molles—Fraqueza de corpo e de espirito.

Curtas e vermelhas até á carne viva—estupidez e libertinagem.

12—Terça-feira—S. Alfredo, Ab., S. Taciana, V. M., S. Satyro, M.

O amôr de Deus é o que faz da vida má, vida bôa, e da vida trabalhosa, vida descansada.

(P. Estrella).

13—Quarta-feira—S. Leoncio, B., S. Hilario, B. —Começa a novena de S. Vicente.

Havia um sapateiro que, emquanto trabalhava, costumava cantar esta cantiga:

Não sei bem se foi de noite,
Ou se foi de manhãsinha,
A rainha disse ao rei
E o rei disse á rainha.

Um visinho, farto de o ouvir cantar sempre a mesma coisa, perguntou-lhe um dia:

—O' mestre, mas que diabo disseram elles um ao outro?

—Eu sei cá d'isso? Eu não me metto em politica!

14—Quinta-feira—Triumpho do SS. Nome de Jesus, S. Feliz de Nola—*Os fieis que assistirem hoje á missa e officio divino ganham muitas indulgencias parciaes.*

PENSAMENTOS

A fé é uma luz que se não arde muito e nos descuidamos de pôr-lhe azeite da piedade nos deixa ás escuras.

Um escetico é um cadaver vivo o mais digno de compaixão.

O orgulho foi o primeiro peccado que se commetteu; até no Céo fez suas victimas.

15 — Sexta-feira — S. Paulo, 1.º Eremita — S. Amaro, Abb.

No tribunal.

— Dizem que você mata um homem com uma destreza admiravel, e que dá lições de navalha. Que responde a isto?

O réo (modestamente) — Quando v. ex.ª quizer experimentar.

16 — Sabbado — Os Santos Martyres de Marrocos, Protomartyres da 1.ª O. — *Ind. Plen. para os Irm. Terc.* — *Ind. Plen. nas egrejas franciscanas.*

O "CREDO„ DO LEITOR CHRISTÃO

1.º Creio que a leitura é o alimento moral da alma, e que as doutrinas fazem os homens.

Os seculos o testimunham com este axioma: «Dize-me com quem vives, e dir-te-hei os costumes que tens.»

2.º Creio que o temperamento intellectual se forma como o do corpo, com o que se lhe ministra.

3.º Creio que é impossivel ao mais forte caracter resistir sempre á mesma leitura; um commercio assiduo é sempre victorioso.

4.º Creio que um mau livro é um amigo corrupto e corruptor.

5.º Creio que as más leituras são perniciosas á alma, como o veneno ao corpo.

6.º Creio que as leituras dos romances tira ao caracter a sua gravidade, á vida a sua seriedade, ao coração a sua pureza, á vontade a sua força.

7.º Creio que um grande numero de pessoas se illudem sobre as leituras que fazem, e permittem.

8.º Creio que as pessoas que permittem, favorecem, impõem

ou aconselham leituras frivolas, perigosas ou más, contrahem uma terrivel responsabilidade deante de Deus.

9.º Creio que á hora da morte muitas illusões se dissiparão com detrimento d'um grande numero de almas.

10.º Creio que se almas perdidas pelas más leituras nos apparecessem, ficariamos assombrados pelo seu numero.

11.º Creio que se os livros podessem falar, revelariam coisas espantosas sobre o apostolado de perversão que exerceram nas almas.

12.º Creio que um christão não deve ler maus livros, que perderá o seu dinheiro se os procurar, o seu tempo, a sua intelligencia, a sua alma se os ler, e que, a este respeito, só lhe resta um dever, deital-os ao fogo. Prestaria serviço de alto valor á boa causa, e faria bem immenso ás almas quem mandasse imprimir milhares de exemplares d'este *Credo,* e os espalhasse por todo o paiz.

PADRE BENEVENUTO.

17—✠ Domingo (2.º depois da Epiphania)—S. Antão, Ab.—S. Mariano, M.—S. Sulpicio—St.ª Servula, M. *L. nova ás 3 horas e 12 m. da t.*

Jesus mostra suas chagas á alma fiel para que, como candida pomba, faça n'ellas seu ninho.

SANTO ANTONIO DE LISBOA.

A memoria da Vida e Paixão de Nosso Salvador me occupam quasi continuamente.

S. FRANCISCO D'ASSIS.

18—Segunda-feira—A Cadeira de S. Pedro em Roma—St.ª Prisca, V. M.—B. Beatriz.

Conta-se de Alexandre Magno, que tendo nomeado juiz um parente de Antipatro, seu amigo, soube depois, como pintava as barbas e os cabellos. Passou logo ordem para que fosse riscado da pasta, dizendo: que não fiava tantas cabeças de quem não era fiel com a sua.

19—Terça-feira—S. Canuto, M., Rei da Dinamarca —St.ª Germana, V. M.

UM REMEDIO SIMPLES

Parece reclamo, mas não é.

Ao *Journal des Debats* enviaram a seguinte receita contra a febre typhoide:

Amachucam-se umas poucas de cebôlas cruas, faz-se d'ellas uma cataplasma, e cobrem-se os pés do doente, de fórma que fiquem bem envolvidos. Ao fim de sete ou oito horas, tira-se a cataplasma, e a febre tem desapparecido.

Este remedio, de uma simplicidade extrema, como se vê, tem dado resultados magnificos. Os medicos não sabem explicar o facto, nem comprehendem como a febre assim desapparece de repente.

Uma pobre creança de quatro annos atacada de meningite, deveu a sua salvação a essa cataplasma.

Fazemos nosso, em vista d'isto, o conselho de um jornal extrangeiro, que recommenda a experiencia do remedio aos praticos, em razão de ser tão simples e inoffensivo.

20—Quarta-feira—S. Sebastião, M.—S. Fabião, Pp., e M.

Que Raio de Lumes

ELOGIOS DO THEATRO

I—«Os theatros são logares de licenciosidade, escola de impureza, cadeiras de pestilencia».—(S. Basilio).

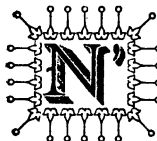
II—«Fugi dos espectaculos e do theatro infernal da immundicie, não quero vêr-vos transformados em companheiros do demonio; porque no theatro, Satanaz está em suas pompas e espectaculos; ir ao theatro é abandonar a fé de Jesus Christo».—(S. Agostinho).

III—«Todos os christãos fervorosos condemnaram o theatro moderno, sabendo que difficilmente se sae d'elle sem peccado». —(Benedicto XIV).

Se queres ser puro, foge do mundo.
Foge das creaturas, se queres encontrar o Creador.

(S. Francisco d'Assis).

21—Quinta-feira—(Jej. no Patriarchado e no Algarve)—S. Ignez, V. e M.—S. Fructuoso, B.—*Nasce o sol ás 7. h. e 6 m., e põe-se ás 4 h. e 54. m.*

UM VESTIDO

N'uma populosa cidade de Andaluzia estabeleceu-se uma vez um cavalheiro, que durante muitos annos tinha estado na America, e d'ahi trouxera muitos *tesoiros*, como resava a opinião popular no seu modo de intender.

Era porém certo que uma joia trouxera de mais remontado valor do que as de ouro e prata, que se lhes propunham, e vinha a ser uma mulher, boa, honrada, modesta e caritativa, bem dada entre as quatro pacificas e modestas paredes de sua casa, feliz e contente na sua tranquilidade interior.

Em breve acertou o marido de vêr o desenfreado luxo, que

ostentavam em seu traje as mulheres da sua nova residencia, com o qual contrastavam a modestia e simplicidade que sua mulher gastava no seu.

E assim foi que indo ambos a sair um dia disse o marido:

— Luiza, é necessario que compres para ti um vestido, egual aos que usam estas senhoras.

— Felipe, retorquiu a esposa, esses vestidos, que vês nas outras, custam 200$000 reis; para o anno que vem já se não usarão e d'ahi... são duzentos mil reis que lá se vão para a corda do sino, o que é um desperdicio, ou para melhor falar, uma impropriedade para quem não tem nem a posição nem o cabedal de uns principes.

— Tendo mais meios do que outras que os trazem, quero que não sejas tu menos, coisa que darias azo a que criticassem e mofassem de nós.

Luiza deixou brincar nos labios um sorriso e calou-se; mas o que menos lhe deu cuidado foi a compra do vestido.

Cada vez que saíam juntos perguntava-lhe D. Felipe:

— Luiza, ainda não compraste o vestido?

E ella, por via de o não contrariar, procurava mil desculpas pelo não ter feito.

— Luiza, ponderava então seu marido, todos sabem que eu tenho meios, e se uma senhora não traz um rico fato como convem á sua pessoa é natural que ninguem diga que seja por seu *motu proprio* d'onde resulta que atribuam á minha avarêza e não á tua vontade a causa por que o não tenhas.

Um dia que os acompanhava á mêsa um amigo intimo de D. Felipe, contou-lhe este muito sentido, o que chamava a *mania* de sua mulher por não querer comprar o vestido; e levantando-se trouxe duzentos mil reis em oiro, que pôz nas mãos de Luisa com a expressa condição de os empregar na compra do vestido.

Saíram logo os dois amigos para o passeio e Luiza entrou no seu gabinete sentou-se sobre uma cadeira baixinha e uma vez em sua camara começou a trabalhar de suas mãos.

Alli esperava uma das muitas pessoas necessitadas, que esta senhora piedosamente soccorria com suas esmolas e consultava escutando com o mais vivo interesse a relação de seus males e de suas desgraças.

A pessoa por quem Luiza esperava conservava um aspecto decente no meio da mais completa miseria, graças a Luiza, que lhe tinha fornecido as peças de vestir para isso necessarias.

O marido d'esta desgraçada, toda a sua vida exercera um emprego subalterno, havia porém algum tempo que sem causa nem pretexto tinha sido privado d'elle para com elle favorecer outro.

Decrépito já, sem conhecimento, nem força, nem proporção para grangear um modo de alentar a vida de sua familia, a an-

O que se

«A revolução coroará os homens com verdadeiros meritos.»

«E passam por conseguinte á escala de reserva.»

«Ao numero 58—5:000$000!»
«Ao numero 84—70:000$000!...»

os jornaes

«A causa do crime julga-se que foi o roubo.»

«O Zé Guinha deu-se bem com a mulcta; mas foi temerario com o estoque.»

«Margarida soltou um ai! lancinante...
Estava louca!»

gustia, a tristeza e a irritação que se assenhoreavam de seu animo fizeram-no cair de cama.

E o vestido? perguntava de vez em quando D. Felipe; já o compraste?

Luiza, que era timida, não se atrevia a dizer a seu marido o que tinha feito do dinheiro, e tratava de se desembaraçar do perigo por meio d'evasivas. Umas vezes dizia que lhe desagradavam os que estavam á venda, e que lhe tinham dito nas tendas mais concorridas que esperavam novas remessas; outras que não tinha saído por causa do frio ou falta de tempo e assim foram correndo dias e mezes. A paciencia de D. Felipe já estava gasta.

Queres tu crêr, disse a seu amigo um dia que estavam jantando, que fazendo, como V. deve estar lembrado, dois mezes que dei a minha mulher o importe do vestido para o comprar no mesmo momento, quer V. crêr que ainda o não comprou? E' isto leal? Não será escarnecer de mim com seu ar gracioso.

Luiza que como dissemos era timida, e que agora pela primeira vez ouvia palavras desabridas e duras na bocca do seu marido para lhe acalmar a ira disse:

—Está comprado.

—Até que emfim! Alviçaras, accrescentou D. Felipe. Onde está?

—Tem-o a modista, respondeu sua mulher cada vez mais perturbada, como todo aquelle a quem falta serenidade para seguir com passo firme o bom caminho.

N'este instante um criado veio dizer a meia voz a Luiza que estava alli uma das pobres que ella favorecia que precisava falar-lhe com urgencia. Luiza levantou-se.

Aonde vaes mulher? preguntou D. Felipe; é uma pobre, dize-lhe que venha outra occasião.

—E' a modista acudiu Luiza.

—Então vai, não te demores e manda trazer o vestido porque queremos vê-lo.

Mal tinham passado cinco minutos, quando Luiza penetrou na sala apressuradamente.

Seus negros olhos scintilavam, reflectindo-se n'elles uma esplendida alegria como brilha um puro crystal ao ferirem-no os flamejantes raios do sol; suas faces estavam abrazadas como duas fogueiras de regozijo; seus labios tremiam indecisos entre um sorriso d'alegria e um pranto suave. Trazia na mão uma carta desdobrada.

—Toma! Felipe, toma! exclamou estendendo-a a seu marido, ahi tens o vestido!

Seu marido aterrado e sem perceber o sentido d'aquellas palavras tomou a carta e leu:

«Pais de meu coração; acabaram-se os vossos soffrimentos e os meus. Deus fez-nos felizes por mão d'um d'aquelles anjos que o ceu envia á terra para bem e consolação da humanidade.

Graças a este e ao inesperado soccorro que nos prestou que foi tal que deveu custar-lhe algum sacrificio, o que augmenta seu valor e mérito, embarquei-me e cheguei aqui depois d'uma feliz travéssia completamente restabelecido.—Apenas desembarquei, quando me deram a collocação que para mim tinha meu tio em casa de seus antigos amos poderosos commerciantes, que o estimam em muito; poucos dias depois demonstrou-me o senhor estar tão contente do meu zêlo e intelligencia, que me augmentou o salario e esta manhã preguntando-me se tambem eu estava contente respondendo-lhe eu que o não podia estar pela ausencia de meus pais e saber que elles estavam em tão desafrontada posição, me disse elle que escrevesse a V. que viessem visto que tem onde collocar vosso pai.

Envio adjunta, para a viagem, uma lêtra que é o importe do salario dos dois mezes, que não gastei com o fim unico de vol-o enviar tendo-me o tio acceitado em sua casa, etc.

Quando D. Felipe concluiu a leitura da carta, cravou os olhos em sua esposa com um olhar que bem espressava toda a admiração, todo o carinho, todo o enternecimento de que transbordava seu coração e só pôde dizer:

—Perdôa, Luiza.

A suave e modesta esposa lhe respondeu:

—Perdôa tu, pois te enganava.

—Minha é a culpa, pois não soube inspirar-te confiança, continuou o marido; se m'o tivesses dito ter-se-ia feito a boa obra sem que por isso houvesse de privar-te d'um bom vestido.

Agora eu me encarrego de proporcionar-t'o; e de certo que das fabricas de Lyão não saiu ainda outro melhor.

—Não, não, Felipe não exclamou Luiza; se acaso o que eu fiz é uma boa obra, e tu m'a houvesses de recompensar, não seria eu, mas tu, quem d'esta teria o merito e a satisfação, e eu não t'os quero tirar.

Além de que, o bem que se faz sem que nos custe um sacrificio ou uma privação pequena ou grande, nem deixa o coração de todo satisfeito, nem completamente alegre a consciencia.

22—Sexta-feira—(✠ no Patriarchado e no Algarve) —S. Vicente, M.—S. Anastacio, M.

Calix offerecido por El-Rei D. Luiz a Leão XIII

Calix offerecido por El-Rei D. Luiz a Leão XIII

Por occasião do jubileu pontifical de Leão XIII, o fallecido monarcha D. Luiz fez presente a este Papa d'um primoroso calix, executado nas officinas de Leitão & Irmão, reproduzindo integralmente um calix portuguez do seculo XV, existente na preciosa collecção do palacio da Ajuda.

23 — Sabbado — Desposorios de N. Senhora — S. Emerenciano — *Ind. Plen. para os confrades do Rosario Vivo.*

A' VIRGEM

I

Oh Filha de Deus mimosa,
Oh casta Mãe de Jesus!
Olhae, olhae carinhosa
Pelos filhinhos da cruz.

II

Junto á cruz vos foram dados
Entre as angustias da dôr,
Mas ficaram-vos gravados
N'esse coração de amor.

III

Tanta doçura elle encerra,
Consola tanta afflicção,
Que sois chamada na terra
Fonte de graça e perdão.

IV

Olhae-nos, pois, carinhosa,
Levae-nos da terra aos céos,
Oh Mãe de Jesus mimosa,
Oh casta Filha de Deus!

P.e Nunes Tavares.

24—Domingo—(3.º depois da Epiph.)—St.ª Familia—S. Timotheo, B.—*Ind. Plen. para os confrades do Rosario Vivo.*

Um annuncio divertido, colhido n'um jornal:

«Precisa-se, para casa d'uma familia americana, um professor de linguas, para reformar a pronuncia viciosa d'um papagaio do Brazil».

25—☽ Segunda-feira—Conversão de S. Paulo—St.ª Elvira.—*Q. crescente ás 8 h. e 5 m. da tarde.*

Leva a Jesus o que por seu amor supporta com paciencia o mal que lhe acontece.

Santo Antonio de Lisboa.

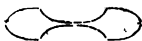
26—Terça-feira—S. Policarpo, B. M.—St.ª Paula, Viuva—S. Theogono, B. M.

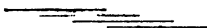
—Que te parece o dr. Picarôa? Aquelle diabo não diz duas palavras a um doente. Receita e sae logo pela porta fóra.
—Bem sei; é dos taes que desfecha sem fazer pontaria.

27 — Quarta-feira — S. João Chrysostomo, B. e Dr. —S. Vitalino, Pp.

Ditoso o que ouve minha voz, e está de vigia continuamente esperando ás portas de minha misericordia.

(Prov., xiii, 34.)

28 — Quinta-feira — B. Matheus, C. da 1.ª O.—Ss. Flaviano e Lionides, Mm.

—O menino não vê que está a calçar a meia do avesso?
—E' que ella está rota do outro lado.

29 — Sexta-feira — S. Francisco de Sales, B. Dr. — S. Sulpicio Severo, B.—Santa Badelundes, V.

Só o principio da desgraça é espantoso; quando o homem chega ao cumulo da adversidade, encontra á medida que se alonga da terra regiões serenas e tranquillas: assim quem sobe pelas margens d'uma corrente impetuosa, espanta-o no fundo do valle o estrondo das aguas; porém ao passo que sobe a montanha, as aguas diminuem, attenua-se o ruido, e o viajante vae terminar seus passos nas regiões do silencio, e na visinhança do céo.

Chateaubriand *(Os Martyres)*.

EDUCADOR DE PALMATORIA

JESUS E AS CREANCINHAS

(*Aos collegas no professorado*)

Sinite parvulos venire ad me et ne prohibueritis eos.

Um dia Jesus Christo foi sentar-se
Para alem do Jordão;
cercavam-no os discipulos, pisava-o
compacta multidão.

As brisas ondeam-lhe as madeixas
em louras espiraes;
a turba emudecera; ouvem-se as queixas,
dos enfermos os ais.

Era a humanidade perdolente
chorando por Jesus, doce e clemente.

E Christo estende os olhos piedosos
por sobre a turba ingente,
e que olhar paternal!
—Ouvi chorar alguem; tendes leprosos
surdos, coxos, pocessos, algum doente?—
Mostram-lhos, cura a todos, depois fala-lhes
do Reino Celestial.

A turba é toda ouvidos; sempre alerta
bebe o nectar—o verbo do Propheta:—

Perorava e sermão.
As mães afadigadas vão levar-lhe
seus filhos pela mão
p'ra lhos abençoar, e supplicar-lhe
por elles oração.

Os discipulos oppõem-se inclementes,
não as deixam passar.
e as pobres creancinhas innocentes
desatam a chorar.
As mães porfiam, teimam em romper;
não as deixam passar os inclementes;
e redobram de choro os innocentes
por a Jesus não ver.

Jesus calou-se, ouviu-as a gemer:

— Deixae as creancinhas,
porque as trataes assim? —
E estende os braços, chama-as meigamente.
— Pobres innocentinhas,
deixai-as vir a mim. —
Senta-as no collo e abraça-as ternamente.

— Deixae-as que os seus anjos vêem sempre
a meu Pae, o seu Deus;
olhae que é para ellas
o meu Reino dos Ceus.

— Juro que se não fordes pequeninos
doces, humildes bons
como estes caros meus innocentinhos
não gosareis no ceu meus ricos dons.

— E mal do que lhes der um mau exemplo
que mos 'scandalizar!
Melhor lhe fora atal-o a mó da azenha
e arremeça-lo ao mar.

Se as acções de Jesus são mandamentos
de vida para nós,
Pedagogos de sôco e palmatoria,
este exemplo é pr'a vós.

As creanças a quem chamaes discipulos
são filhinhos do Pae celestial,
não vo-los confiou, educadores,
para a pau lhos matar, tratar-lhos mal.

E se «quem mos recebe, a mim recebe
e o que se lhes fizer se faz a mim,
como nos affirmou do mundo a Luz,
dizei-me, educadores, pois não é assim
que açoitar as creanças
é bater em Jesus?

Demais, ó imbecis educadores,
cuja alma não tem fibra sem labeu,
é bonito que espanquem peccadores
os caros de Jesus, anjos do ceu?

Ha para o burro espora
para o boi aguilhão,
para as feras ha jaulas,
chicote para o cão.

Mas são mais que animaes as creancinhas;
umas intelligencias tenrinhas;
homens ainda em flor,
almas ainda em botão,
que só abrem os raios do amor.

— O furacão não deixa abrir a flor —

Muitas vezes é grave a sua cruz
por não comprehender o educador
a educação do amôr
— a de Jesus. —

P. B. RIBEIRO.

30 — Sabbado — S. Jacintha, V. — S. Hypolito, M. — S. Feliz IX, Pp. —*Ind. pln. nas igr. franciscanas e ind. plen. para os Irm. Terceiros.*

JUSTIÇA D'HESPANHA

No Carcere Modelo, em Madrid, via-se escripta a lapis n'uma parede a seguinte quadra:

Aqui por justa sentencia
Está um principiante
Que no robó lo bastante
Para probar su inocencia.

Lá como cá...

31 — Domingo da Septuagesima — B. Luiza de Albertoni, Viuva da 3.ª O. — *Ind. plen. nas igrejas franciscanas — Ind. plen. da Bulla.*

Um frade e um soldado

MONTADO n'uma pacifica mula modestamente ajaezada caminhava um religioso pela estrada solitaria que de Toledo levava a Segovia. Era na segunda metade do seculo quinze.

Povoava o rosto do frade uma longa barba gris; sua fronte, larga, seu olhar, penetrante, e as faces mirradas.

Caminhava o bom religioso ao passo lento da sua cavalgadura, parando de vez em quando a marcha para contemplar o panoroma que se rasgava perante os seus olhos, que na verdade era mui triste e sombrio, sem que manifestasse exteriormente algum indicio de temor, não obstante a soledade d'aquelles logares e a malvadez da gente, que, em tempos de revoltas populares, abunda em Castella, assim como em todas as partes, em identicas circumstancias.

De repente ao terminar uma curva que fazia o caminho, avistou um cavalheiro montando um arrogante corcel, d'espada ao lado, punhal á cinta e machado d'armas pendente do sellim do cavallo. Apenas avistou o frade deteve aquelle o fogoso cavallo, e quando o religioso se approximou foi saudado pelo cavalheiro tirando o barrete adornado de pennas, com estas palavras:

—Deus vos guarde, Padre.

—Elle vos acompanhe, respondeu o religioso.

—Para onde vos dirigis sósinho por estes caminhos, expondo-vos a mil perigos?

—Vou a Segovia; o perigo não me assusta; confio na divina Providencia.

—A que Ordem pertenceis?

—Meu habito o indica; sou franciscano.

—Grande santo foi na verdade o fundador de vossa Ordem.

—Depois de Jesus Christo o prototypo da humildade e do amor.

Suspendeu-se a conversa dos viajantes e caminharam largo espaço o religioso e o cavalheiro guardando rigoroso silencio; porém como não é facil conservar esta atitude por muito tempo entre duas pessoas que viajam juntas, o cavalheiro, que parecia soldado por seu aspecto e pelas armas, quebrou o silencio, dizendo:

—Desculpae, Padre, minha pouca discripção; porém se o não levaes a mal, quizera fazer-vos uma pergunta.

—Seja em boa hora.

—Que negocio vos leva a Segovia?

—Desculpe o nobre cavalheiro que lhe responda com outra interrogação: que fim tendes em conhecer o motivo de minha viagem?

—Eu vol-o digo, Padre. Quando eu parti de Segovia corria pela cidade um rumor de que a rainha Isabel tinha determinado escolher para confessor um frade franciscano, do qual se diz que tem um caracter duro e aspero, sabio e humilde ao mesmo tempo; e quando vos avistei persuadi-me que...

—E não vos enganasteis, senhor...

—Aqui tendes D. João de Pacheco, marquez de Vilhena para servir a Deus e a vossa paternidade.

—A Deus primeiro que tudo, respondeu o religioso.

—E vós quem sois? perguntou o fidalgo.

—Fr. Francisco Jimenez de Cisneros, escolhido por Sua Magestade para director de sua alma.

—Dou-lhe os meus parabens.

—Não me felicite retorquiu o religioso; porque se é difficil e espinhoso confessar os humildes camponezes, ouvir em confissão e dirigir principes poderosos deve ser um munus de grandissima responsabilidade perante Deus e a historia. A rainha é boa.

—Assim o dizem quantos a conhecem, confirmou o cavalheiro; se fosse El-Rey... era outra coisa.

—Vamos, interrompeu o frade, já vejo que não sois partidario d'El-Rey Fernando.

—E' que o Rey tem mais carinho ao reino d'Aragão que ao de Castella.

—Bom; naturalmente como vós tendes mais carinho a Castella do que a Aragão. Não é facil perder o amor que nasceu no

berço; por isso cada um ama sobre tudo as coisas da terra onde viu a luz do dia a primeira vez.

Olhae; eu sou um pobre religioso que fiz renuncia de todos os affectos do mundo quando entrei na Ordem de que sou membro; porém uma coisa é renunciar o gozo de honestos prazeres, e outra o sentimento que a elles nos arrasta; e aqui aonde me vêdes, sem aspirar a outra cousa além do cumprimento exacto de meus deveres, recordo com grandissima satisfação de minha alma, minha pobre casa, a humilde aldeia que me viu nascer e os pobresinhos companheiros de minha infancia! Que quereis? O homem é assim; e é inutil pretender modifical-o n'esse sentido, que afinal de contas, não considero uma coisa vitanda.

—De modo que não pensaes, retorquiu o cavalheiro, influir n'essa materia no animo da rainha para que El-Rey...

—Não continueis n'esse caminho. Vou ser conselheiro espiritual de Sua Magestade, porém não em coisas temporaes.

—E se chegardes a ser mais alguma coisa?

—Que quereis dizer com isso?

—E se chegaes a ser conselheiro do governo, que fareis?

—Deus o sabe e eu ignoro; porque jámais me veio ao pensamento tal ideia cuja realisação me parece tão difficil, como o projecto que se attribuiu ao vosso illustre tio de fazer-se immortal dentro d'uma redoma, como se o homem fosse uma ginja posta no alcool!

—Sois enygmatico, Padre.

—Não tanto como vós quando ereis partidario de D. Joanna *la Beltraneja*. Porém ouvi o que vos digo: Se eu chegasse a ter influencia nos negocios temporaes do reino, procuraria a todo o custo a sua união, porém sem pretender sacrificar os affectos e legitimas inclinações, manifestadas em fórma pacifica, qne cada qual tivesse em pró do logar em que nasceu.

—Adeus, bom Padre, e cuidae bem da vossa penitente.

—Ide com Deus, sr. Marquez de Vilhena, e tende cuidado com vossas velleidades.

O cavalheiro metteu esporas ao cavallo; partiu o bruto a toda a brida deixando após si uma nuvem de pó que envolveu o pobre frade, e, acompanhando o passo da sua mansa cavalgadura, proseguiu a viagem resando de quando em quando, e contemplando as paisagens que se desdobraram ante seus olhos.

Não tinham passado muitos annos e o marquez de Vilhena e outros nobres exaltados d'aquella época, tiveram que humilhar-se ante o burel do frade franciscano.

Fevereiro

29 Dias

Na lua cheia e minguante semeia espinafres e murcianas, dispõe alfaces, semeia mangericões, planta limoeiros e larangeiras. Na lua nova e crescente, corta madeiras, póda e mergulha vides e limpa arvores.

1 — ⊛ Segunda-feira — (Jejum excepto nos bispados de Elvas e de Vizeu). Póde usar-se de carne ao jantar e de temperos de quaesquer gorduras em todas as refeições. — S. André dos Condes, C. da 1.ª O. — *Ind. Plen. para os Irm. Terceiros. — Nasce o sol ás 6 h. e 55. m., e põe-se ás 5 h. e 5 m. — Lua cheia ás 3 h. e 56 m. da tarde.*

Zeno, principe dos philosophos estoicos, tinha na sua escola um creado, a quem tambem ensinava as suas doutrinas. Um dia faltou-lhe lá um objecto que elle muito estimava, pelo que julgou

necessario castigal-o; o rapaz ao levar o castigo defendia-se dizendo: foi fado que eu furtasse, (seu mestre attribuia tudo ao acaso). E o amo respondia: tambem é fado que te castigue.

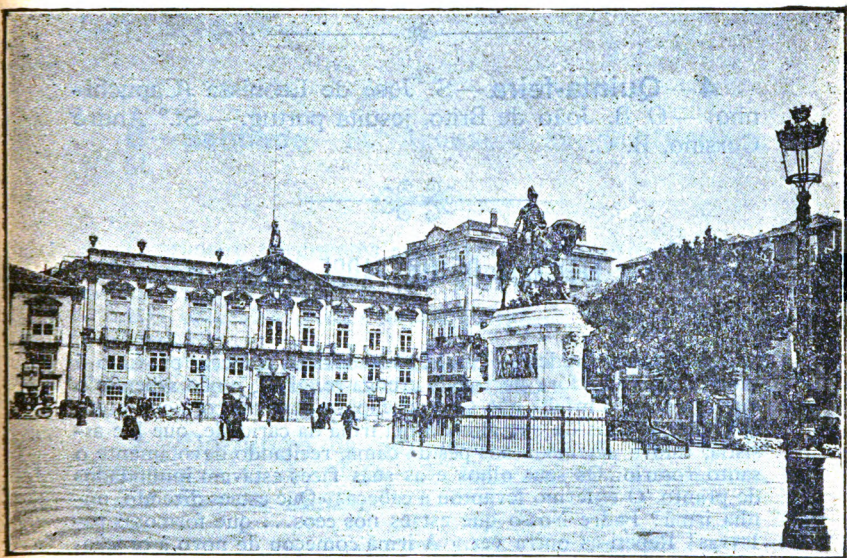
2 — Terça-feira — ✠ ✠ PURIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA.—*Ind. Plen. para os Irm. Terceiros, para o Escapulario de S. José, e da Conceição, para o Rosario Vivo, para a Confraria do Rozario.*

SALVE RAINHA

(Á CABECEIRA DE UM ENFERMO)

Deus te salve, Rainha
dos Archanjos do céo!
Da natura mesquinha
não te manchou labeu.
Sois qual pura açucena
lá n'essa estancia amena
dos prados eternaes,
Mãe de misericordia
dos afflictos mortaes.
Vós sois vida *e alento*
do que soffre tormento
da existencia no mar;
a enchente da doçura
d'essa fonte a mais pura,
n'este campo de agrura,
vinde, ó Mãe, derramar.
Salve, nossa esperança!
nossa paz e bonança
da vida no lidar.
Virgem, a ti clamamos,
filho de Eva *e da dôr;*
por ti, Mãe, suspiramos,
ouvi nosso clamôr.
Nós, gemendo e chorando,
vamos sempre arrastando
do peccado os grilhões;
n'este vale de prantos,
de crimes, laços tantos
de infernaes tentações.
Eia, nossa advogada,
livrae-nos desvelada
do infame tropeçar.
E teus piedosos olhos
a nós, que nos escolhos
do mundo naufragamos
aos tristes, que, choramos,
Senhora a nós volvei
E na hora derradeira,
quando a nossa carreira
extincta se acabar;
quando a luz da existencia
de Deus a providencia,
nos vier apagar,
vós, Senhora potente,
o fructo do teu ventre,
o bemdito Jesus,
oh! Depois d'este exilio
nos mostrae, *e o auxilio*
dae aos filhos da Cruz;
soccorrei-nos, clemente,
doce Mãe nossa e pia;
ouvi da humana gente
gritos de dôr pungente,
que a vosso throno envia.

P. B. RIBEIRO.

3 — Quarta-feira — B. Odorico, C. da 1.ª O. — S. Braz, B. M. — *Ind. Plen. para os Irm. Terceiros.*

Praça de D. Pedro IV (Porto)

Cada terra com seu uso...

Os juizes yankees têem costumes originaes.
Camille Le Senne, entre outros, conta o seguinte:
Green foi ha tempo condemnado á morte.
O juiz, no tribunal, ao proferir a sentença, diz para o réu:
— Levante-se, sr. Green. Olhe que o sr. acaba de ser condemnado á morte. Não sou eu nem o jury quem o condemnamos, é a lei. Quando é que o sr. quer ser enforcado?

—Quando quizer, responde o réu; isso para mim é indifferente. Queira marcar o dia.

—Olhe que é uma cousa séria e grave, e então reflicta bem. A lei concede um certo praso para os condemnados se prepararem. O' escrivão, queira vêr se de hoje a um mez é domingo.

. . . .

4—Quinta-feira—S. José de Leonissa (Capuchinho)—O B. João de Brito, jesuita portug.—St.º André Corsino, B. C.

EFFICACIA DE UM PADRE NOSSO

Achava-se Frederico Soulié, romancista francez, proximo á morte. Educado fóra de toda a crença religiosa, e não sabendo o que era orar, o infeliz não se preoccupava nem pouco, nem muito com os negocios da sua alma. Uma irmã da caridade, que lhe assistia, estava ajoelhada aos pés da cama, recitando devotamente o santo rosario. Os seus olhos e as suas faces estavam innundados de pranto. O enfermo levantou a cabeça: «Que estaes dizendo, minha irmã? Padre Nosso que estaes nos céos... que formosas palavras! Repeti-as outra vez.» A irmã começou de novo a oração. «Isso é magnifico! quero dizel-a comvosco...» E como um menino a aprende dos labios de sua mãe, assim Frederico Soulié aprendeu, palavra por palavra a oração dominical dos labios d'aquelle anjo de caridade, cuja oração tinha chegado até ao throno de Deus, e repetia enternecido: «Santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino...» E morreu na paz do arrependimento, depois de se ter reconciliado com Deus, murmurando aquellas vivificantes e doces palavras.

5—Sexta-feira—Os Ss. Pedro Baptista e 22 Comp. Mm. do Japão, da 1.ª e 3.ª O.—*Ind. Plen. nas egrejas franciscanas.*

CASOS RAROS

Ha casos que succedem, e nunca se realisam, como, cahir a cara de vergonha. Receber uma pizadura e vêr as estrellas. Formar castellos no ar. Morrer-se de medo. Escangalhar-se de riso. Dar ás de Villa-Diogo.

S. P., S. J.

6 — Sabbado — St.ª Agueda, V. M. — St.ª Dorothea, V. M.

O primeiro telegramma expedido da Europa para a America foi em 1858 pelos directores do telegrapho em Inglaterra, por meio do cabo transantlantico.

Era concebida n'estes termos a primeira saudação entre os dois mundos:

A Europa e a America estão unidas pelo telegrapho. Gloria a Deus altissimo! Paz e concordia entre os homens.

7 — Domingo da Sexagesima — O B. Antonio de Estronconio, C. da 1.ª O. — S. Ricardo, rei da Inglaterra. —*Ind. Plen. da Bulla.*

Tem para com os outros a ternura de uma mãe; para comtigo sê juiz severo.

S. João Berchmans.

8 — ☾ Segunda-feira — S. João da Matta, C. — S. Juvencio, B. — *Q. minguante ás 9 h. e 20 m. da manhã.*

Aguarella:
Felizes bichos, que faria de vós o Rei Eduardo?

Medico — Felicito-o sinceramente.
Doente — Então sempre escapo?
Medico — Talvez não; depois de uma conferencia descobrimos que o seu caso é fatal, mas inteiramente novo e resolvemos dar o seu nome á doença se o diagnostico fôr confirmado pela autopsia.

9 — Terça-feira — B. Gil de S. José, C. da 1.ª O. — St.ª Apollonia, V. M.

DIALOGO D'OUTRORA QUE PARECE D'AGORA

ENCONTREI, não ha muito, estando a fazer o catalogo de certa bibliotheca um livreco descosido e usado, d'esses que não teem principio nem fim. Faltava-lhe portanto o nome do auctor e a data da impressão; mas lidas poucas paginas, vim no conhecimento de que o tal opusculo era parto d'um *Pensador matuitense,* que, em forma de discursos criticos, censurava os vicios da sua época ahi pelos annos de 1760.

Percorri curioso o que restava d'aquella ruina litteraria, victima do vandalismo de eruditos e de ratos, e a pouco trecho topei com um capitulo interessante que o auctor sentenciosamente encabeçava com aquellas palavras de Juvenal na satyra sexta: *A mulher gastadora não repara em que a fazenda se destrua. Comtudo os maridos acertam alguma vez a conhecer o que é proveitoso.*

O *Pensador* de Madrid havia sido testemunha d'um dialogo curioso que referia aos seus leitores. Travara-se este entre uma peralta de primeira grandeza, jovem, ladina e bem parecida, mas de pouco ou nenhum tino; e um marido sensato, pacifico e honrado. Passeava o marido ao longo d'uma sala com varios papeis na mão, e como fóra de si, dizia com os seus botões o monologo seguinte:

— «Não... isto vae mal: não póde continuar esta dissipação, nem esta vida. Diga minha mulher o que quizer, ralhe, pragueje, zangue-se ou rebente; não ha remedio senão pôr um termo. E se continuarmos assim, em que venho a parar? Tenho só dois mil ducados de renda. Quinhentos vão-se no carro, trezentos na casa, já são oitocentos; e duzentos que leva o cabelleireiro da senhora, são mil ducados certos. Agora entremos com os gastos ordinarios

de alimentação, creados e creadas, que não se fazem seguramente com mil ducados, refrescos que passam de quatrocentos, e camarote no theatro, que não desce de duzentos; já gasto muito mais do que tenho. E d'onde tiraremos agora para leques, chambres, coifas, fitas, flôres, alamares e outras mil farandulagens que só o démo podia inventar?

Oitenta dobrões de divida (dizia olhando para um dos papeis) em casa da modista! E hei de soffrer que minha mulher gaste em caprichos e bugiarias uma quantia com que pudera sustentar-se uma familia honrada durante um anno inteiro?

Não, decerto: não o soffrerei, nem que me matem. E não digo nada d'esta conta (e olhava para outro papel). Sessenta dobrões por um leque! Senhores estamos ao meio dia, ou á meia noite? Ha tal pouca vergonha, como gastar sessenta dobrões n'uma coisa que não vale nem sessenta *reales*... Que fizesse isso uma senhora muito rica que tivesse grandes rendimentos, vá com a bréca: mas que queira competir com as fidalgas uma pobre, que não póde contar senão com o magro ordenado de seu marido, isto é uma inconveniencia e uma loucura intoleravel; e quem tal faz não merecia estar em minha casa, mas na das orates em Saragoça ou Toledo. Eu não quero vêr mais papeis porque me falta a paciencia; o que agora quero é começar a cortar por estes excessos.

Quero fallar a minha mulher, e fallar-lhe em tom que lhe infunda respeito. Estas despezas arruinam-me; se continuam, deixam-me por pontas ou dão commigo na cadeia. E primeiro está a minha honra que os seus caprichos.

Além d'isto tambem não gosto da sua pouca assistencia em casa e de vel-a sempre rodeada d'esses peralvilhos ociosos que a seguem por toda a parte...

Isto ha de acabar; já usei de quantos meios me dictou a prudencia, para retrahir minha mulher d'estes delirios e tolices, e nada consegui. Fiada ella na bondade do meu genio, inimigo de dissensões, entendeu que em minha casa a regra ha-de ser o seu gosto, e trata-me como se eu fosse um creado, destinado a respeitar e executar os seus caprichos. E' preciso portanto tiral-a d'esta illusão, e fazer-lhe comprehender que tem um marido que sabe distinguir a bondade da estupidez, e que não está para ser o ludibrio e escarneo dos outros... E' penoso chegar a usar de remedios violentos: se porém minha mulher se não render á razão, estou resolvido a tudo antes que a soffrer a continuação das suas phantasias.

Concórdo em que a mulher, destinada segundo os nossos costumes a ser guarda da habitação a maior parte da vida, necessita de ter pessoas com quem possa espairecer nos intervallos que lhe deixam livres os cuidados domesticos. Por isso mesmo procurei attrahir a minha casa pessoas virtuosas e discretas.

Bem amavel sou para com ellas, trato-as com todas as attenções, com toda a affabilidade possivel, e todavia é rara a que chega á terceira visita. Pelo contrario estes pelotiqueiros, estes matachins ociosos, que chamam cortejadores, parece que apostaram ter a minha casa sitiada, nas poucas horas que n'ella pára minha mulher. Ora isto faz desconfiar, isto precisa de remedio, isto é insupportavel para quem tem um genio... Mas ahi vem minha mulher. Eil-a; é boa occasião de me declarar...

—Senhora, approxime-se..

Mulher—Olá; que novidade teremos.

Marido—Novidade nenhuma. Só uma coisa muito velha, que a senhora sabe; e ter-me-hia feito muito favor se me tivesse evitado uma explicação, que me deve ser muito odiosa.

Mulher—Temos sermão. Ainda bem que hoje me acho de bom humor e muito difficil será fazer-m'o perder; mas já sabes que não é uso ouvir sermões em pé. Quero sentar-me n'esta cadeira para ouvir com mais attenção. O senhor meu marido dá licença não é assim?...

Marido—Senhora, não comece com brincadeiras, que eu não estou para ellas: sente-se ou faça o que quizer, mas não zombe.

Mulher—Eu zombar? Deus me livre. Eu havia de zombar do meu marido? Nunca tive geito para zombarias. Meu senhor retire essa palavra tão mal soante e escandalosa; e venha d'ahi a pratica. Ha de ser uma pratica muito pathetica, com essa cara que tem hoje, e já estou com furioso desejo de ouvir.

Marido—Será servida; mas primeiro queria que desse uma vista d'olhos a estes papeis.

Mulher—Isto tem pouco que vêr. São papeis de varias bagatellas que comprei ha pouco para...

Marido—A senhora chama a isto bagatellas?

Mulher—E que nome lhe hei de dar. Não sei outro. Grandes coisas! Veja lá que não sejam negocios de Estado.

Marido—Está muito bem; mas vá-me dizendo as parcellas.

Mulher—Esta primeira é d'um leque que comprei para as visitas de confiança, e só custou sessenta dobróes, que foi dado.

Marido—E para as visitas de ceremonia que leque levará sua excellencia?

Mulher—Nenhum, e por isso não fiz ainda a visita de noivado a D. Anna Maria; porque não quero ficar lá envergonhada entre as outras, nem que tenham o meu homem por um miseravel sovina. Mas disseram-me que se esperam por estes dias uns leques da Cochinchina, de nova moda, que não passarão de noventa dobrões, e então comprarei para não me tornar a vêr n'estes apuros.

Marido—Passe adeante.

Mulher—Esta é a conta de varias miudezas que comprei na modista e sobem apenas a oitenta dobrões e alguns *reales*.

Marido—Creio facilmente que foram só miudezas.

Mulher—Est'outra é a conta do negociante de sedas, que só importa em cento e nove dobrões... Mas elle pode esperar, porque ainda não ha tres mezes que se lhe pagou tudo o que se lhe devia; e além d'isso estou sem batas de primavera e estio; e necessito de quatro, nada menos, sem contar uma meia duzia de chambres brancos de que tenho necessidade, porque se sujam muito, e é preciso andar limpa.

Marido—Pois não? Terá que esperar o negociante de sedas.

Mulher—Isto que se segue é uma ninharia: é a conta da loja de fazendas, onde fiquei a dever cento e quarenta *duros*, mais nada.

Marido—Bem! Cento e quarenta duros na loja de fazendas; e eu não tenho uma camisa para vestir!.. Isto é admiravel! Vá seguindo.

Mulher—O resto não merece o nome de conta. Dez pares de sapatos que me fez o sapateiro da Princeza, a dobrão cada par; feitio de quatro roupões guarnecidos a dobrão cada um, quatro chailes a cinco *pesos*, e outras frioleiras que tudo excede apenas seis mil *reales*.

Marido—De sorte que todas essas *frioleiras*, como a senhora diz, sómente orçam por quatrocentos dobrões.

Mulher—Jesus! Que miseria! Julguei que custassem mais.

Marido—Pois não importa. Agora só resta ver d'onde hão-de sahir estes quatrocentos dobrões. A senhora, não creio que tenha dinheiro algum nem sei d'onde lhe possa vir. Eu tambem não o tenho: os credores hão de berrar, eu não hei de ir furtal-o, nem tenho nenhuma mina: ainda não achei nenhum thesouro, nem o meu ordenado pode com estes excessos. Vejamos pois, como esse grande tino da minha senhora e essa grande alteza e serenidade conseguem pagar esta continha calada.

Mulher—Ah! não tem dinheiro?... Pois é pena; mas a culpa não é minha nem se me dá d'isso. Eu sou sua mulher e o senhor é meu marido, tudo está dito. Se não tem dinheiro procure-o; se o não encontrar, furte-o; e se nem uma nem outra coisa pode... enforque-se!..

Marido—Modere-se senhora, e não acabemos a conversa antes do tempo.

Mulher—Não tenho que moderar-me: o senhor tem obrigação de me dar tudo o que é necessario para eu andar decente.

Marido—Sim senhora, mas não para andar com disparates e loucuras... E quem lhe disse que seja decencia um leque de sessenta dobrões e para visitas de familiaridade?

Mulher—Jesus! de que elle se espanta! Que pobreza de espirito!... Olhe para o D. Antonio, que só tem seiscentos ducados de renda, e noutro dia deu á mulher para o mesmo fim um leque de oitenta dobrões. Mas é que nem todos os maridos são tão pelintras como o senhor, nem de coração tão apertado.

Marido—Não sei como se fazem esses milagres nem quero sabel-o; e se a mulher de D. Antonio é louca, não é modelo que a senhora deva imitar, nem eu soffrel-o. Quatrocentos dobrões! Lá se vae mais d'um anno de ordenado. E com que havemos de sustentar-nos? Com que pagar renda de casa, cabelleireiro e creados? Com que se ha de ter a carruagem? A senhora quer gastar assim? Pois sujeite-se ao que vier.

Mulher—O senhor é que está zombando. Então que ha de vir? Que me ha de succeder? Que o senhor pagará estas dividas e as mais que occorrerem e ainda lhe ha de sobrar tempo. Olhe meu senhor se não tinha ordenado sufficiente para manter uma mulher das minhas circumstancias, para que me procurou? Casasse com uma camponeza, e teria feito a despeza com quatro varas de fita, uma agulha de prata para o cabello, uma mantinha de flanella e uma saia de droguete... Em conclusão não faz mais que falar no seu ordenado, como senão houvesse no mundo outra coisa de que viver, e como se fosse eu uma mulher encontrada no meio da rua ou tirada da lama.

Marido—Naturalmente dirá isso por causa do seu dote...

Mulher—Já se vê que digo!.. Vinte mil pezos que trouxe de dote; parece-me que são alguma coisa, com sua licença.

Marido—Mais valera que não tocasse n'essa tecla. Maldito seja o dote e o primeiro patife que inventou enganar os homens de bem com esta patranha!... Um governo illustrado e justo devia remediar este abuso. Nenhuma carta de dote se devia fazer até depois de seis mezes de casado. Asseguro que as coisas correriam d'outro modo... Mas que succede? Um pobre rapaz affeiçoa-se a uma donzella: os namorados são cegos e ordinariamente estão com pressa... Os paes e parentes (e muito mais um tutor que comeu a maior parte dos bens) aproveitam-se d'esta vantagem. O pobre noivo recebe por mil o que nem vale cincoenta, e n'aquelle instante julga ter feito bom negocio na feira; mas, passada a precipitação, encontra o que eu encontrei: quatro bonecos com titulo de pinturas, outras tantas mezas de nogueira, trapos e trastes de cosinha... E fique vossa mercê logo responsavel por vinte mil pesos.

Mulher—Tudo isso será muito bem pensado mas não me convence. O senhor era de maior edade, e se não teve juizo a ninguem tem que lançar a culpa.

Marido—Se a senhora não se convence com isto, a mim o seu

proceder é que me convence assaz para mudar de vida para o futuro.

Mulher—Beijo-lhe as mãos pelo muito que me honra. Não diria qualquer que ouvisse isto que sou uma mulher desacreditada? Porque o mau proceder comprehende muito.

Marido—A esperteza da senhora é que adeanta de mais. Por muitos capitulos se póde ter mau proceder, e exceptuando isso a que a senhora allude, os outros pontos não me podem dar muita satisfação. Não sei se se recorda que estamos casados, nem sei que idéas tem acerca do laço que nos une porém...

Mulher—Pois é muito facil... De que estamos casados não me esqueci nunca, ainda que ás vezes bem o quizera. Quanto ás idéas do nosso enlace, as que tenho, são que vossa mercê, sem consultar o meu gosto, me pediu a meus paes: que estes em vez de consultarem a minha inclinação, só se detiveram a calcular os rendimentos do senhor, tendo em conta que eu necessitava d'um marido que pudesse manter-me carro, lacaios, creadas, e o mais que correspondesse a uma dama da minha qualidade: que em virtude d'este calculo, me propuzeram a conveniencia, não para que eu usasse livremente da minha vontade, senão para que acceitasse o partido, e que afinal, vim para sua casa, onde em logar de respeitos e obsequios que esperava, só encontrei semsaborias e contradições.

Marido—Se são estas as idéas que tem do matrimonio, e, se prescindindo da veneração que se lhe deve como Sacramento, não acertou a consideral-o como a mais suave das sociedades, e o mais santo e inviolavel de todos os contractos, não me admira que d'elle e de mim faça tão pouco apreço.

Mulher—(cantando)—Esta é outra, esta é outra, esta é outra novidade... Ora bem, em que consiste esse pouco apreço? Em eu procurar apparecer com decencia? Com ella me crearam e com ella hei de morrer... Consiste accaso (hei de dizer tudo, já que me excita) em que não estou sempre mettida em casa? Em que recebo esta ou aquella visita, e que estas não são d'esses velhos caducos, impertinentes e rabujentos, ou d'esses Catões com cabelleira de que o senhor tanto gosta? Em que vou uma vez por outra á *comedia*, ao passeio, a ver uma amiga, ou merendar ao campo?... Pois, meu caro, se consiste em qualquer d'estas coisas, queira encher-se de resignação, porque eu não estou resolvida a mudar de systema, nem tive nunca vocação para ser enterrada viva.

Marido—Sim minha senhora: em muitas d'essas coisas consiste; porém não como a senhora o pintou, senão como na realidade é. Não consiste o pouco apreço em apparecer com decencia, senão em gastar totalmente em loucuras e caprichos o que não póde pagar, expondo o meu credito e estima a uma vergonha...

Tambem não consiste em não estar sempre mettida em casa; mas em tratar a sua casa como os medicos os seus doentes. Isso porventura fica bem a uma mulher de obrigações que deve cuidar de seu marido, de seus filhos, de seus creados e de sua casa?

Mulher—Meu marido pode fazer o mesmo que eu; e se não o faz, nem gosta de divertimentos, não hei de eu pagar pelo seu genio melancholico. Os meus filhos comem já por sua mão; os creados farão a mercê de me dispensarem de ser sua tutora; e a minha casa não cahiu até aqui na tentação de mudar de sitio.

Marido—Deixe-me continuar sem me interromper com dichotes, que não lhe fazem muita honra. Digo que não está o pouco apreço em ter visitas; pois sabe que eu mesmo tenho procurado trazer-lhe as que me pareciam a proposito, mas está em que, não fazendo caso d'estas, desconsiderando-as, tratando-as com sobranceria só dá attenção a uma casta de homens que são a peste da côrte, uns mandriões viciosos, cuja occupação unica é andar de sala em sala e de passeio em passeio.

Mulher—Basta, basta, não se canse mais... Entendo-o já.. De maneira que não gosta de vêr ao meu lado pessoas alegres, que me acompanhem, sirvam e entretenham; mas só uns ginjas inuteis e rabugentos, que a cada instante nos veem com um trecho de moral, e nos quaes cada palavra minha encontra uma contradicta... Não é assim?... O projecto é admiravel.

Marido—Senhora, não é assim.

Mulher—Seja como fôr, não ha duvida que o pensamento é engraçado... Mas ainda não sabemos qual é a intenção de V. Ex.ª, ou o meio de que intenta valer-se para despedir estes a que chamou mandriões.

Marido—Despeça-os a senhora, que sabe muito bem o modo de despedir pessoas... Faça com estes o mesmo que tem feito com os que eu lhe trouxe.

Mulher—Que os despeça eu!... E porque razão?... Que mal me fizeram?... Nunca me escandalisei de me ver servida, nem de que me tenham por formosa; antes se hei de dizer toda a verdade, tudo isto me dá muito gosto.

Marido—Ha de a senhora despedil-os ou verá...

Mulher—Verei que não; e creia esta verdade que lh'a diz quem a sabe.

Marido—Eu sou seu homem, e eu é que mando isto.

Mulher—Eu sou sua mulher e não quero fazer isso.

Marido—Não sei quem me contem, que não faça...

Mulher—Como se põe feio quando se zanga!... Se o meu marido se visse a um espelho, nunca se arrenegaria, porque fica tão desengraçado, com uma cara tão feia!

Marido—E com toda essa frescata ouve isto?... E quando eu

reprimi o meu justo desgosto, persuadido de que fazia mais effeito a brandura, são estas as respostas que se me dão?... Pois, senhora, saiba que já estou cançado de suas loucuras; que não posso, nem quero soffrel-as; que se até aqui uma tola bondade me tem feito usar de condescendencias, d'aqui por deante ha de ser outra coisa; e que desde hoje começa a minha senhora uma vida nova, que eu terei cuidado de regular.

Mulher—Valha-me Deus com tantas coisas! Pois não seria mau pol-as por escripto; porque realmente são engraçadissimas, e sentiria que me esquecessem... porém deixando esta conversação que já começa a enfastiar-me, mande-me pôr a sege, porque quero sahir.

Marido—Não é hora de sahir.

Mulher—Ora essa! se são quatro!

Marido—Por isso mesmo... Está enganada se pensa em continuar as tardes, noites e manhãs fóra de casa. Já estamos n'outro tempo: sahirá a uma visita quando haja motivo justo: tambem irá ao passeio quando não tiver negocios domesticos que a impeçam, mas eu é que a hei de acompanhar.

Mulher—O senhor!... Não faltava mais nada para se rir á minha custa toda a gente do passeio... Ora vamos! Não pode dissimular que está talhado á antiga.

Marido—Esteja talhado á antiga, ou á moderna, ha de ser isto. Pouco se me dá de que haja meia duzia de tolos que se riam ao ver um marido acompanhar sua mulher... Elles teem procurado tornar ridiculo este uso e lá sabem porquê... Quanto a mim, estou resolvido a não continuar a dar este mau exemplo. Nunca vae uma mulher tão bem acompanhada, como quando vae com seu marido. Não quero entrar a examinar que mysterio ha em que as mulheres, para bailes, passeios, visitas e outras diversões aborreçam tanto a companhia dos maridos, mas é coisa bem dissonante que se lembrem d'elles para arruinal-os em gastos superfluos; e para ir a um passeio, ao theatro, ou á merenda se excluam absolutamente estes, e só vá o cortejador, o vaidoso, o peralvilho, e mais caterva de vadios... Talvez me dirá que ha maridos que não iriam ao passeio com suas mulheres, nem por toda a prata do Potosi. De accordo; mas tão mal me parece esta caturrice n'um sexo como n'outro; e emfim se ha homens que tem vaidade de ir com a mulher do visinho, e se envergonham de acompanhar a propria não quero eu imital-os.

Mulher—Mudará de parecer, e senão o tempo o dirá.

Marido—Não mudarei decerto; o tempo e a reflexão tem imperio sobre os caprichos, mas não sobre as resoluções ditadas pela razão.

Mulher—Com que então se eu fôr ao passeio, ou ao theatro quer-me acompanhar sempre?

Marido—E' como diz.
Mulher—E é negocio decidido?
Marido—Nem mais, nem menos.
Mulher—E pensou bem n'isso?
Marido—Tanto que não haverá mudança.
Mulher—Pois é uma grande pouca vergonha querer-me tratar d'esse modo.
Marido—Senhora, devagar...
Mulher—Não estou com vagares!... Digo que é uma grande pouca vergonha; e eu é que tive a culpa de me casar com um homem mesquinho.
Marido—Cale a bocca.
Mulher—Sim!... com um homem mesquinho.
Marido—Repare bem no que diz...
Mulher—Com um vilão indigno de beijar a terra que piso...
Marido—Cautela! que faço alguma...
Mulher—Com um miseravel sovina, que me nega o mais necessario.
Marido—Menina, cuidado! que se me acaba a paciencia.
Mulher—Com um patife que me quer tractar como se eu fosse uma escrava.
Marido—O' amor, olha que não posso aguentar mais.
Mulher—Sim, sim, com um vilão ruim, biltre!!...

. . . .

Aqui confessava o bom *Pensador matuitense* haver deitado a correr para não presencear o desenlace. Eu deixei tambem o livro porque o advinhava; tinha presenceado no ultimo terço do seculo XIX dialogos muito parecidos ao escutado pelo pensador no segundo terço do seculo XVIII, e esta similhança me trazia á memoria aquillo de D. Ramon de la Cruz, o festejado auctor dos sainetes de então:

Loco estaba el mundo
Mil años atrás:
Loco le encontramos
Y asi quedará...

Agora só uma reflexão:—E' certo que ha mulheres gastadoras, e de mau genio; e homens não os haverá?... Só a *jogatina*, a taberna, etc., de quantas familias não causam a ruina!...

—⊱✱⊰—

10—Quarta-feira—St.ª Escolastica, V.—S. Guilherme, C. e Eremita, duque da Aquitania.

—Esta carta pesa muito, necessita outro sêllo.
—Pois com outro sêllo ainda pesará mais.

11—**Quinta-feira**—Apparição de N. Senhora de Lourdes.—A B. Joanna de Valois, Viuva.—S. Lazaro, B. —*Nasce o sol ás 6 h. e 45 m., e põe-se ás 5 h. e 15 m.*

N. S. de Lourdes da Sé de Bragança

PSALMO MARIANO

(S. BOAVENTURA—PSALTERIO)

I

E' feliz o varão,
que o nome teu, ó Virgem
ama de coração.
Sua alma desde a origem,
o doce alento, Maria,
fruirá, como balsamo,
que tua graça envia.

Qual tronco vicejante,
que a lympha rega em flôr,
brotando exuberante,
assim, já com vigôr
farás, que em si renasça
aureo fructo, odorifero
de justiça e de graça.

Tu és entre as mulheres
bemdita, abençoada;
sobre todos os seres
tu brilhas sublimada,
porque teu coração
virtuoso, é santo, é credulo,
é vaso de eleição.

De todas as donzellas
disputas os primores,
e vences as mais bellas;
e os celicos 'splendores
da angelica cidade
superas na excellencia
de rara santidade.

Tua misericordia
tua graça, reunindo
a harmonia e a concordia,
p'lo mundo sôa, infindo;
porque de tuas maos
toda a obra magnifica
Deus preencheu de bençãos.

P. FREITAS.

12—Sexta-feira—S. Pedro Nolasco, C.—St.ª Eulalia, V. M.—S. Damião, soldado, M.

A nephelibatice na sciencia

A nomenclatura actual da chimica organica dá logar á formação de termos e periodos que fazem lembrar a litteratura nephelibata. Ahi vae uma amostra, que tiramos de um livro recente:

«A oxyditrichloroethylidenadiamina que devia ser, pela sua formula, clinorhombica, é orthorhombica; mas concebe-se muito bem que a reunião de dois ou tres prismas clinorhombicos dê um prisma orthorhombico.»

Não é raro encontrar em publicações sobre aquella sciencia palavras de trinta e mais lettras; n'uma d'ellas cita-se o acido paranitrophenyldehydrohexonecarboxylico!

E' necessario fazer estações pelo caminho para se chegar ao fim!

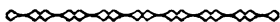
13 — Sabbado — Os SS. Fundadores da Ordem dos Servitas. A B. Viridiana da 3.ª O. — S. Gregorio II, Pp. M. St.ª Catharina de Ricci, V.

Tudo nos deve ser indifferente com tanto que o Coração de Jesus esteja contente.

B. MARGARIDA.

14 — Domingo da Quinquagessima — S. André Corsino, B. C. — S. Valentim, M. — *Ind. plen. da bulla.*

Regra para conhecer e distinguir um hespanhol, um francez e um allemão. Põe-se, deante de cada um, um copo de cerveja com um insecto afogado no liquido. O hespanhol deita fóra a cerveja

e o insecto. O francez deita fóra o insecto e bebe a cerveja; e o allemão bebe tudo: a cerveja e o insecto.

15 — Segunda-feira — *Trasladação* de Santo Antonio. — Os Santos Faustino e Jovita Mm. — S. Decoroso, B. — *Ind. pl. para os membros da Pia União de S. Antonio.*

Uma coisa deves desejar, e é que em vida ou em morte seja Deus sempre glorificado em ti.

KEMPIS.

16 — ● Terça-feira — Beata Phillippa Mareria, V. da 2.ª Ordem. — S. Porphirio, M. — O B. Bernardo de Corleone, C. (Capuch.) — *Lua nova ás 10 h. e 28 m. da manhã.*

O alcoolismo

O alcool *é uma despeza:* primeiro inconveniente.
O alcool *não mata a sede:* quanto mais alcool se bebe, mais sede se tem.
O alcool *não nutre:* nutre tanto como a chicotada o cavallo.
O alcool *gera doenças:* doenças de estomago, de intestinos, etc., etc. Diga-o a medicina.
O alcool *gera a loucura:* 60 doidos sobre 100 devem a sua loucura ao alcool.
O alcool *gera o vicio:* a este respeito não digo nada, com medo de dizer muito.
O alcool *gera o crime.* As cidades, ou povoações onde mais se bebe, são aquellas onde mais crimes se commettem.

O alcool *mata a geração presente*, depois de a ter corrompido.
O alcool *mata a geração futura*: 50 °/o dos idiotas são filhos de alcoolicos. 60 °/o entre os epilepticos...
Combata-se o alcoolismo:
Em nome da nossa bolsa, que tem muito a lucrar com isso.
Em nome da nossa saude, mais preciosa que todos os thesouros.
Em nome das familias, que vêem inutilisados os seus membros mais prestaveis.

Typos Populares de Cabinda

Impossivel, é uma palavra que só existe no diccionario dos parvos.

— Disseste a essas senhoras que me procuraram, que eu não estava em casa?
— Sim, minha Senhora.
— E que disseram ellas?
— O' que fortuna!

Typos populares de Cabinda

Durante a Quaresma podem os que tiverem comprado a Bulla e o Indulto quaresmal, comer carne, excepto nas sextas-feiras e sabbados e nos dias em que n'este almanach se preceituar abstinencia rigorosa. — Pódem os mesmos usar de temperos de qualquer gordura em todas as refeições, excepto nos ditos dias.—No Norte do reino (Minho, Douro e Traz-os-Montes) póde-se, por costume im-

memorial, usar sempre de adubo de unto e redenho, vulgarmente chamado, adubo *magro.*

Todos os dias de jejum durante a Quaresma, teem indulgencia plenaria para os que comprarem a Bulla.

17 — Quarta-feira (de cinza) — *Jejum (até á Paschoa)—abstinencia rigorosa. Por uso immemorial no Douro, Minho e Traz-os-Montes, pode-se adubar com unto e redenho.*—S. Faustino Martyr, M.—St.ª Beatriz, V.—*Prohibem-se as bençãos nupciaes até ao 1.º domingo depois da Paschoa.—Pequena gala.*

POLEMICA RELIGIOSA

«*A religião,* dizem alguns, *é só boa para as mulheres* e para *as creanças,*» porque são seres fracos; mas quando se chega ao uso da razão, quando se conhece perfeitamente o bem e o mal, já não é precisa para nada.»

Que loucura! Basta observar que quem conhece o bem e o mal, por isso mesmo que o conhece, está em condições muito peiores que as creanças; pois que a consequencia fatal d'esse conhecimento é augmentarem as tentações e os perigos, crescendo assim tambem a necessidade de auxilio sobrenatural, que só da Religião nos póde vir.

A Religião não serve só para fazer conhecer o bem, e aborrecer o mal; dá tambem os meios para evitar este e procurar aquelle.

18 — Quinta-feira — S. Marcello, Pp. M. — S. Simeão, B. M. — S. Theotonio, 1.º Prior de St.ª Cruz de Coimbra.

CONSELHOS E RECEITAS

CONTRA A MORDEDURA DOS MOSQUITOS

Estamos no tempo em que os mosquitos mais incommodam, chegando n'algumas partes a constituir uma verdadeira praga.

Um meio simples de attenuar consideravelmente o inchaço e a comichão resultantes da sua mordedura, é humedecel-a com saliva.

19 — Sexta-feira — S. Conrado, C. da 3.ª O. — O B. Alvaro de Cordova.—*Ind. Plen. para os Irm. Terceiros.*

A actual geração morre por chasquear de tudo o que nós admiramos.

TH. GOUTHIER.

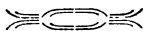
O crime por mais que se esconda, tem lume do inferno que fumega sempre.

CAMILLO.

20 — Sabbado — S. Eleutherio, B.—S. Raymundo de Pennafort, C. — St.ª Paula Barbada, V.—*25.º anniversario da Eleição de Sua Santidade o Papa Leão XIII, (20 de fevereiro de 1878).*

BAROMETRO VIVO

Consegue-se introduzindo uma sanguesuga n'um vidro de crystal que contenha tres quartas partes de agua.

Quando a sanguesúga está quieta no fundo indica bom tempo; quando sóbe indica, variavel; subindo até acima, chuva; e se se meche muito, vento.

LIÇÃO Á JUVENTUDE

HERCULES chegara precisamente á idade, em que se torna necessario ao joven sensato e previdente, estudar a carreira a seguir, no precurso mais ou menos longo da existencia.

Para esse fim, acolhera-se ao deserto, onde ao abrigo da solidão e do silencio interroga a serio a sua consciencia.

Com o espirito occupado por milhares de pensamentos, caminhava a passos vagarosos, quando de chofre, no extremo do pequeno valle, que lhe era todo o abrigo, defronta com dois caminhos.

Por cada um d'elles, vem uma mulher, correndo ao seu encontro: ambas bellas, formosas ambas.

A' primeira impressão uma era tão grave e modesta, como a outra parecia leviana e vaidosa.

Despojada de adornos, trajando um simples vestido, mais branco que a pura neve cahida no cimo das montanhas, — a primeira possuia o segredo de produzir um arroubamento na alma, misturado d'um grave respeito á sua belleza augusta. — A segunda carregada de europeis, toda cheirando a vaidade e soberba, trabalhava cuidadosamente por acarear a attenção e o seu olhar só bastava para lançar a perturbação no espirito. Dirige-se ao joven e assim lhe fallou: — «Galhardo joven, vem após de mim por este caminho bordado de flôres! Anda commigo até lá baixo até aquelles bosques onde formarei uma corôa de rosas e poisar-ta-ei sobre a tua fronte!

Vem! Abunda no meu palacio tudo quanto pode lisongear e embriagar os sentidos! Lá não resoam os ruidos do perpassar continuo da plebe, nem os carpidos lancinantes da desgraça; nem

as vozes invejosas da intriga; —tudo é repouso tudo são encantos, tudo são delicias n'aquella vivenda encantada.»

Emquanto isto se passava, eis que, a passo grave, vem approximando-se a mulher do *vestido branco*. Toma uma attitude nobre e modesta, desprende os labios de carmim e falla tambem:

—«Oh jovem, vem antes commigo! Tu que tens um coração nobre e puro, trilha os meus passos! Esperam-te os combates rudes e os feitos heroicos, todos os soffrimentos que temperam, e engrandecem a alma!»

—Onde me quereis levar, pergunta o jovem indeciso, e quem sois vós?

—«Eu sou a Volupia, respondeu uma: levo-te commigo á região do Prazer!»

—«Eu sou a Virtude, respondeu a outra: convido-te a seguir-me até á patria da Honra!»

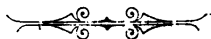
Hercules ouvindo isto, determina-se immediatamente.

Era generoso em demasia para dissipar a juventude em prazeres ephemeros. Lança um sorriso desdenhoso á Voluptuosidade e encaminha-se pela senda aspera e gloriosa da Virtude.

Esta historia, meu caro jovem, é uma fabula, mas esta fabula é ou será a tua historia.

Praza a Deus que em face da grandeza dos sacrificios, nunca vacilles na escolha do caminho, que conduz não ao Prazer, mas á Honra.

A Grecia fez de Hercules um semi-Deus—Deus fará de ti um santo e o Céo um predestinado.

(AMIL).

21 — Domingo (1.º da Quaresma) — St.ª Angela Mericia, V., da 3.ª O. = S. Maximiano, B.—*Ind. pln. para os Irm. Terceiros — Os membros da Confraria do Rosario podem ganhar ind. pln. em duas sextas feiras durante a Quaresma, á sua escolha. — Ind. plen. da Bula.—Nasce o sol ás 6 h. e 34 min. e põe-se ás 5 e 20 min.*

Mais se ganha nos paços ás barretadas, que na campanha ás lançadas.

PACIENCIA

Faz-se com um baralho de cartas.

Tiram-se do baralho successivamente duas cartas de cada vez e voltam-se sobre a meza uma por cima da outra. Sempre que apparece um az põe-se de lado; quando apparece o duque do mesmo naipe põe-se em cima do az, depois o terno e assim successivamente até chegar ao rei. Depois de se deitarem na meza todas as cartas, apanham-se na ordem em que ficaram, voltam-se e recomeça-se do mesmo modo.

Faz-se a paciencia quando se completam os quatro naipes.

22 — Segunda-feira — St.ª Margarida de Cortona, Penitente, da 3.ª O.—*Indulg. Plen. nas igrejas franciscanas* — *Ind. pln. para os Irm. Terceiros.*

SE TODAS AS MÃES FOSSEM ASSIM

Era eu um rapazola dos meus dezoito annos, refere um digno sacerdote, e vindo da escola um dia, proferi, sem pensar no que dizia, uma palavra grosseira em casa, palavra que eu tinha ouvido pronunciar a um meu companheiro por varias vezes.

Passou-se isto na cozinha onde estava minha mãe mui afanada em suas occupações. Ouviu ella muito bem o que eu tinha dito e não fez mais que lançar-me um olhar severo acompanhado d'esta breve reprehensão: «filho, esta palavra nunca mais ha-de sahir de teus labios».

Por aquella vez bem me escapei eu,... inclinei a cabeça e córado de vergonha sahi sorrateiramente do logar.

Depois de jantar, me disse aquella boa mãe: «Zé, vem commigo a meu quarto». Vacilei um pouco, sem saber em que viria a parar aquillo, mas tive de seguil-a, ainda que com pouca vontade.

No aposento de minha mãe havia um grande e muito devoto crucifixo, ante o qual costumava ella ajoelhar-se com frequencia.

Collocou-me defronte d'aquella commovedora imagem e com voz insinuante mas repassada de carinho, dirigiu-me estas palavras: «meu filho, esta manhã offendeste a este Senhor de Summa Bondade com aquella palavra grosseira que sahiu de teus labios. Bem sei que tu ignoras o que ella significa e por isso mesmo não quero castigar-te por esta vez. Porem repara bem no que te digo: nunca mais ha-de sahir de tua bocca esta nem outra palavra similhante! E agora ajoelha-te commigo e pediremos ao nosso Bom Jesus perdão e misericordia por essa palavra feia, rezando cinco Padre nossos em reverencia das Cinco Chagas que padeceu por nós.»

Cahi em joelhos junto de minha mãe e ambos rezamos alternadamente os cinco Padre nossos.

A impressão que em meu coração de criança produziu este modo de reprehender foi tam profunda, que jámais se apagará de minha memoria.

Oh! se tantas mães que se queixam de não poder trazer ao bom caminho os seus filhos, os tivessem corrigido assim desde crianças! Quanta efficacia tem a mais uma reprehensão grave e serena, alliada com a piedade, do que tantas outras cheias de colera juntas a castigos crueis, filhos da ira vingadora mais bem que do zelo?! Estas em vez de conciliar o respeito aos paes rebaixam sua dignidade originando nos filhos o desamor e um odio reconcentrado!

Oh! se houvesse muitas mães cómo esta!...

(De El Mensageiro del Corazon de Jesus).

23 — Terça-feira — A Cadeira de S. Pedro em Antiochia. — S. Lazaro, Monge. — S. Pedro Damião, B. Cardeal e Dr.

Mulheres e perfumes, tudo são fumos.

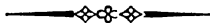
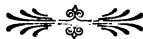
D. Francisco Manoel de Mello.

24 ☽ — **Quarta-feira** — (Temporas) S. Sergio. — *Quarto crescente ás 10 h. e 32 min. da manhã.*

Reis e bellicosos; reis e politicos; reis e deliciosos, quanto quizerdés, mas reis e santos muito poucos.

P. ANTONIO VIEIRA.

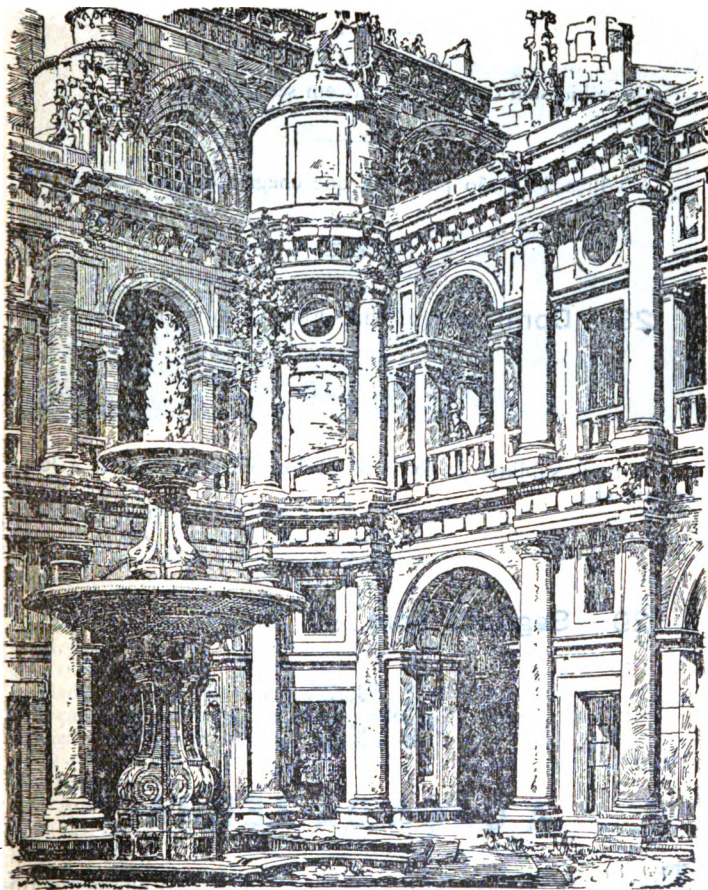
25 — **Quinta-feira** — S. Mathias, Ap. — O B. Sebastião de Apparicio, C. da 1.ª O. — S. Cesario, irmão de S. Gregorio Nazianzeno.

A Providencia não deu barba ás mulheres, porque ellas, nem barbeando-se, se calariam.

26 — **Sexta-feira** (temporas) — SS. Lança e Cravos do Senhor — St.º Ignacio, B. M. — S. Torquato, M., Arcebispo de Braga.

CLAUSTRO DOS FILIPPES

(THOMAR)

Contiguo ao de *Santa Barbara*, amplo, magestoso nos seus quatro lanços com duplas galerias, talhado em soberba cantaria, finamente matisada, constitue a mais opulenta e formosa de quantas obras nos ficaram da architectura da Renascença.

A exhuberancia decorativa das suas multiplas columnas é-lhe,

talvez, prejudicial; comtudo, o claustro dos Filippes tem que vêr e que admirar.

CLAUSTRO DOS FILIPPES (THOMAR)

27 — **Sabbado** — (Temporas) — A B. Eustachia, V. da 2.ª O. — A B. Christina, V.

Um sabio sem obra é uma nuvem sem chuvas.

A educação é tão poderosa que chega a domesticar as féras.

28 — **Domingo** (2.º da Quaresma) S. Romão, Abb.

A mais sublime de todas as philosophias é conhecer a Jesus crucificado.

S. Bernardo.

29 — **Segunda-feira** — B. Thomaz da 1.ª O.

A CAÇA DA ZEBRA

De uma descripção de viagem ao Kilimandjaro altamente importante de M. J. Chanel deprehendem-se curiosos episodios sobre a casa da zebra, ou antes sobre a maneira singular como se

Cidade da Horta (Faial—Açores)

porta este gracioso animal em face do caçador. N'esta região não raro se encontram rebanhos de 200 cabeças para cima; manobram com extraordinaria regularidade como se obedecessem á voz de destro commandante. Quando, porém, de improviso as surprehende o tiro do caçador, em continente começam a saltar desesperadamente, a dar gritos estridentes e selvagens, similhantes ao latido do cão; em seguida põem-se todos em fuga. Se, passados 300 ou 400 metros, não descobrem o caçador, formam de novo esquadrão, como o faria um exercito bem disciplinado. Todas as cabeças estão symetricamente erguidas, e os ouvidos attentos para o logar d'onde viera o tiro. Se se restabelece a calma, recomeçam a pastar; algumas sentinellas, porém, observam de continuo o horizonte.

A sentinella está exposta a ser morta ou ferida. No primeiro caso as zebras, depois de se porem em marcha ordenadamente, param muitas vezes a poucos metros de distancia e vão bafejar o corpo ainda quente do mallogrado camarada. Ficam por instantes immoveis, afastando-se depois mui de passo, a não ser que novo alarme as faça fugir de novo. No segundo caso resguardam o fe-

rido com rara habilidade; se, porém, o novo tiro urge accelerar o passo dois ou tres companheiros o esperam e defendem; os que fugiram, poucos metros andados, porém, olham para traz, e não proseguem caminho, sem que os que ficaram, os alcancem.

Curioso, não acham?

Esta solidariedade entre animaes deixa confundidos alguns homens para os quaes a vida não parece mais que a guerra de um contra todos, como cynicamente ensinava Hobbes.

Março — 31 Dias

Em terras quentes semeia, no crescente da lua, pepinos,
melões, aboboras e alface.
Dispõe buxo e murta, enxerta videiras e arvores serodias.
No minguante semeia flôres e limpa arvores;
lavra os campos, trasplanta roseiras, faz mergulhias e alporques.

1 — Terça-feira — A B. Mathias de Nazareis, V. da 2.ª O. — Santo Adrião, M. — S. Rosendo, portuguez. — *N'este dia nasce o sol ás 6 h. e 23 m., e põe-se ás 5 h. e 27 m. Durante o mês crescem os dias 1 h. e 2 m. — Os que fizeram o mês de S. José, ganham por cada dia 300 dias de indulgencia, e uma plenaria n'um dia qualquer do mês á sua escolha.*

O SEGREDO DOS DOIS

CONTO PARA AS CREANÇAS DO CATECISMO

—Papá, como se chama o menino do vizinho que hontem veio para a casa d'ali?

—E' Julio.

—Então é como eu?

—E', e tem seis annos como tu.

—E tambem lê no livro e sabe rezar?

—Lêr talvez; rezar não porque o pae d'elle nem á missa vae.

—Então é mau, pois não é papá?

—E', meu filho; quem não vai á missa, nem se confessa nem reza, é mau.

—E o menino d'elle sabe jogar o pião?

—Não sei, ámanhã pergunta-lho.

—E eu posso jogar com elle?

—Podes com tanto que não faças maroteiras?

—Eu não sei como se fazem.

—Pois não aprendas com elle; e se elle as souber fazer dis-mo, sim.

—Digo.

Julinho podia jogar o peão; foi o que elle quiz ouvir. Havia dous annos que ficara sem mãe; o mano mais velho sahira de casa para ganhar a vida; a unica casa que havia n'aquelle arrabalde da cidade estava sem inclino á mais de um anno, e o pobre do Julinho passava o dia em casa a brincar com os dedaes e agulhas e

Segredo dos Dois

com os carrinhos das linhas do açafate de costura da avó. Depois de um anno de prisão um companheiro de pião vinha a matar.

Isto passava-se á ceia. No fim da reza o Julinho pegou no pião enlaçou-lhe a baraça e metteu-o debaixo do travesseiro.

De noite quanto não sonharia a creança com pião e creanças ao desafio?..

Ao outro dia os dois Julinhos lá estavam na rua: de cabellos loiros o do vizinho, pretos de azebiche os do outro.

Como se apresentaram, como se fizeram os primeiros cumprimentos, como se convidaram pela primeira vez para o jogo, elles lá o souberam; o pião é que teria sido o pretexto para essa camaradagem.

O certo é que o dos cabellos pretos deitava o pião e o dos cabellos loiros observava a agilidade do companheiro. Depois passou-o para as mãos do Loirinho e ensinou-o a enrodilhar a baraça e a deita-lo.

—Então quem deita melhor o pião.

—O Julinho já quasi que sabe, papá?

—Vamos a ver, meu Loirinho—disse Ernesto passando a mão meigamente pela loira cabelleira da creança.

Julinho, o Loiro, enleou a baraça e arrumou com o pião para aquella rua como se fôra uma pedra.

—Sim senhor, está bem.—E subiu as escadas para jantar que eram horas.

Minutos depois assomava á janella para chamar o seu Julio de cabellos pretos para jantar. Estava a segredar ao ouvido do Loirinho.

— O' minha mãe, —chamou Ernesto parado dentro, —quer ver: os garotos já teem segredos.

—Olha para aquillo!—exclamou a avosinha chegando-se de mansinho á janella.

—Olha os pimpões! Mas não vá, Ernesto, levar a mal a companhia o nosso vizinho; dizem que não é boa rôlha.

—E' fraco christão, mas parece bom homem. E dizem que quanto ao filho, não se importa; desde que lhe morreu a mulher deixa anda-lo ao deus dará.

—Chama-o que está o caldo na mêsa.

—Menino, deixe ficar o pião ao Julinho e venha cá já.

Os dois cochicharam mais uns segredos, e o dos cabellos pretos galgou as escadas d'um pulo.

—Papá, papá!...!

—Que queres? Anda que vamos jantar.

—O papá ha de dar-me outro pião para eu dar ao menino Julio, sim?

—O pae que lh'o compre.

—Elle diz que o pae d'elle que lhe não dá nada.
—Pois sim; trago-to á noite.
—E traz-me tambem baraça?
—Pois sim, filho; trago-te tudo; agora janta que te arrefece o caldo.
—E' que depois jogavamos á galla.
—Não galleis vós a nuca qualquer dia...
Ernesto acabou de jantar, rezou com o pequeno, e sahiu para a typograhia.
—O papá não se esqueça do pião e da baraça, não?
—Não; mas has-de ensinar o Julinho a rezar.
—Pois sim, papá. Então não lhe esquece, não?
—Não esqueço, não homem.
E sahiu.
Os dois dos segredos juntaram-se logo.
Pela tarde a avó do Julinho da cabelleira preta, chamou por elle, tornou a chamar mas não deu fé d'elle.
—Já começam os segredos a fazer fructo—rosnou pouco contente a velha.
Punha-se o sol e o Julinho sem apparecer.
—Foram aos ninhos, ficaram-se pelas bordas aos morangos, mas deixa estar que os segredos...
E a avosinha ascenou com a cabeça ameaçando em sêcco.
Pelo cahir da noite Ernesto ao voltar da fabrica, passando pelo cemiterio, viu os dois dos segredos ajoelhados sobre uma campa de mãos erguidas a rezar.
Parou a observa-los.
Acabaram a reza, e o Julinho da cabelleira preta pegou do hyssope e aspergiu a campa com agua benta. O Loirinho olhava admirado para aquillo.
Ernesto por de traz do tronco d'um arcypreste observava tudo com duas lagrimas nos olhos.
—Como deve alliviar a alma de minha mulher a oração d'este anjo que ella me deixou!—Dizia no seu coração.
Os dois pegaram-se amigavelmente pela mão e sahiram. Ernesto escondeu-se para lhes expiar a conversa.
—Mas para que rezar por tua mãe, se ella já não está viva?
—Perguntava o Loirinho.
—Para que esteja no ceu e para que eu a torne a vêr.
—E se rezares por ella tornas a vê-la.
—O' se torno!...
—Quando?
—Quando eu fôr para o ceu lá estará ella á minha espera.
—E eu tambem posso vêr outra vêz a minha?
—Tambem.

—E aonde posso vê-la?
—No ceu se ella foi boa.
—Se era boa! Muito melhor que meu pae.
—Pois se souberes rezar, e a doutrina, e fôres á primeira communhão has-de vêr tua mãe outra vez. Inda m'o disse hontem o papá.
—E o teu papá sabe da tua mãe?
—Sabe.
—Mas eu não sei rezar, nem a doutrina nem sei ir á primeira communhão!... Então não torno a vêr a minha?
—Mas o Senhor abbade ensina-te. Amanhã vaes commigo ao catecismo e lá aprendes.
—E aonde é o catecismo?
—E' na egreja.
—Mas o papá não me deixa entrar nas egrejas.
—Mas olha—e deitou-lhe a mãosita pelo hombro para lhe falar ao ouvido—amanhã é dia de catecismo; nós de tarde vamos jogar o pião para a tua porta e quando elle sahir, vamos ambos.
—Mas se elle o sabe... mela-me com fueirada; que elle é muito ruim.
—Mas elle não o sabe; tambem não te queria deixar vêr o cemiterio e já lá fomos e elle sem o saber.
—Mas pode sabê-lo, e elle não era como era a mamã.
—Pois o meu é..
Ernesto a estas ultimas palavras deixou correr as lagrimas, e pé ante pé subiu as escadas da casa sem que dessem por elle os dois amigos.
Começava a escurecer. Elle a chegar ao topo das escadas, e a avozinha toda escandalisada.
—O' Ernesto! Olha que o pequeno ainda não appareceu; nem á merenda veio. Não vá ás vezes o do vizinho ou mesmo o pae d'elle ensinar-lhe o que não deve saber.
—Não ha duvida, minha mãe: elles vinham agora do cemiterio com muitos segredos. Não tarda ahi.
—Papá! papá!.....
—O'! ahi vem elle. Já sei o que quer.
E Ernesto metteu a mão ao bolso.
—O pião e a baraça, papá?
—Aqui os tens. Mas já ensinastes o Julinho a rezar.
—Já rezou commigo na campa da mãe, no cemiterio..
—Está bem reza muito por ella.
E virou-se para occultar as lagrimas da viuvez.
Emquanto o pequeno estriava o pião na sala, Ernesto debruçado sobre o encosto de uma cadeira, pensava na felecidade dos que têem uma esposa para tomar o devido cuidado dos filhinhos

e para lhes ajudar a levar o peso da vida de um pae. As lagrimas cahiam-lhe no sobrado duas a duas.

O Julinho dos cabellos pretos pouco se lhe dava das tristezas do pae. Tinha um pião novo; o outro dava-o ao Julinho do visinho; no outro dia depois da missa jogava á galla... estava rico.

No outro dia de manhã lá estavam os dois a desafiarem-se.

Até ao jantar não fizeram outra cousa.

Depois do jantar recomeçaram a faina, mas com certa preoccupação. A's duas por trez lançavam os olhitos para a porta da casa do Loirinho. Estavam á espreita, a vêr quando o papá d'este sahia, para fugirem para o catecismo.

—Talvez já sahisse.—Disse o da cabelleira de azebiche ao ouvido do Loirinho.

—Ainda está a acabar de jantar.

Depois de uma partida mais, abriu-se a porta, e sahiu o homem com o seu fato domingueiro.

—Então o que se faz por aqui? Joga-se o pião? Quem joga melhor?

—E' o Julinho.

—E tu já jogas.

—Ainda jogo pouco.

—Está bem; Não se magoem, nem se sujem, sim?

—Sim, senhor....

Apenas virou costas os dois segredaram qualquer coisa e entraram em casa a correr e sahiram logo com as boinas na cabecita, e por aquella rua abaixo, ó pernas para que vos quero, lá vão em direcção á igreja.

Iam em doido fugir, quando uma voz roufenha de velha,—Onde vais Julio—lhes quebrou a carreira.

—Vamos para o cathecismo, avó.

—Ainda é cêdo.

—E' que o Julinho queria ver a igreja antes.

A um gesto affirmativo da velha avó, continuaram na sua carreira.

O que se passou com os dois no cathecismo elles lá o sabem; o que é certo, é que o Loirinho ficou fóra de si com os santos, com os altares, com as luzes, com os canticos, com tudo o que viu na igreja, onde nunca tinha entrado. A partir d'aquelle domingo sempre que apanhava o pae fóra abalava com o tal collega do pião e ia para a egreja rezar e vêr tudo aquillo de que tanto gostava.

D'ahi em diante os piões foram postos de parte.

A communhão dos meninos era d'ahi a oito mezes, e os dois Julinhos queriam saber a doutrina bem, para fazerem a primeira communhão, para depois irem vêr as suas mamás. Era esta inno-

cente crença quasi o unico mobil de tantos cuidados. Já não havia piões, havia catecismo todos os dias. A' tarde depois da escola o Julinho dos cabellos pretos sentava-se nas escadas que davam para o pateo, e lia o catecismo. O Loirinho ouvia com attenção. Parava o leitor de estantes a estantes e fazia ao companheiro as perguntas pelo catecismo, depois passava o livro para o ouvinte que lhe fazia as mesmas. Estudada assim uma lição passava-se a outra. Este estudo findava com a luz do dia. Julinho o Loiro despedia-se e entrava em casa.

—D'onde vens Julio, a estas horas?

—De casa do Julinho, papá!

—Que tens tu que cheirar todos os dias em casa d'elle.

Julinho ficava-se calado.

Este interrogatorio dava-se todos os dias quando o Loirinho chegava a casa depois do pae. Mas como não passava d'aqui, o Julinho pouco se lhe dava e o catecismo entre ambos continuava cada vez com mais fervôr.

D'entro em poucas semanas não havia entre as creanças da catequese quem melhor respondesse ás perguntas do Senhor Abbade. Todos engraçavam com as duas creanças a quem chamavam irmãos gemeos. Já tinham ganhado muitas medalhas e santinhos em premio.

O pai do Loirinho, andava já desconfiado; tinha dado pela falta do filho em alguns domingos, tinha-o visto algumas vezes vir no caminho da egreja e sobre tudo causava-lhe impressão na mioleira o porte da creança. Desde que começara o fadario do pião e os segredos com o Julio do visinho, o louro ano era muito mais docil e obediente, nada lhe era pesado, não dava uma resposta mal dada, estava sempre prompto para tudo; e de mais a mais pedia-lhe a benção no fim da mesa, antes de se ir deitar e á noite quando chegava da fabrica, coisa que nunca lhe ensinára.

Reparava n'isto o mau christão, mas não se importava; deixava correr, porque afinal tinha outros maiores amores que aquelle filho, embora criminosos.

E o Julinho loiro e o Julinho dos cabellos pretos continuavam a aprender o catecismo, a ser bons e a aprender a doutrina para irem á primeira communhão e verem as mamãs.

O porte das duas creanças a todos captivava e os conhecidos chamavam-lhe os dois anjinhos.

Quanto ao pai do Loirinho era certo que se sentia muito mais affeiçoado ao seu filho que d'antes. Tinha um coração bom e sensivel aos affectos de dedicação e amor e a bondade que o seu anjo loiro lhe mostrava quando o cumprimentava á noite ao chegar a casa, o beijo que lhe poisava na mão trespassava-lhe docemente a

alma. Viu-se obrigado por tanto carinho angelical a mostrar-se grato e um dia trouxe ao pequeno uma flauta de barro.

Julinho ficou como umas pascoas. Ha que tempos que seu pae lhe não dava um bonitinho!

—O papá dá-me a gaita porque eu sou bom, pois não dá?

—Dou meu filho dou. Julinho beijou-lhe a mão em signal de agradecimento. Ernesto curvou-se insensivelmente e sem saber como deu um beijo no loiro Julinho. A creança, doida de contentamento, pois se era o primeiro osculo que recebia de seu pae depois de ficar orphão, pendurou-se-lhe no pescoço, e beijou a face do que agora começava a ser seu pae. Ernesto apertou nos braços tremulos de alegria. O loiro anjinho vendo-se no collo do pae pela primeira vez depois de quatro annos de orphandade continuou na sua conversa de gosto com uma candura seraphica:

—Então eu já sou bom papá pois não sou?

—E's meu filho és—e estorvava com a direita as lagrimas de amor paterno que lhe queriam rebentar dos olhos—por isso te dei esta flauta.

—Então—continuou Julinho passando a mãosita pelas longas suissas do pae—já posso vêr a mamã?

—Onde a queres vêr!—E continuava a reprimir as lagrimas e os soluços que lhe soffocavam a voz.

—No céu; o menino Julio diz que os orphãos bons e que sabem o catecismo e que vão á primeira communhão vão vêr as mamãs. Elle vae vêr a d'elle.

—Pois sim filho, podes vel-a; vae com elle.

—E o papá não quer tambem ir vêl-a?

—Quero, vamos ambos. Ernesto queria chorar á vontade e para se tirar das innocentes interrogações da creança accrescentou.

—Vae experimentar a flauta.

E poisou a creança no chão e retirou-se para o quarto.

—Bem me parecia que aqui andava mais que pião. De pião passou a catecismo...

Feliz creança! Tivesse eu a simplicidade da tua fé para acreditar no céo...—para vêr tua mãe que eu julgava morta para a vida e para o meu coração!

E chorava, chorava muito. Julinho lá fora na sala atordoava tudo com a flauta, e os desconcertados apitos da gaita repassavam como setas o coração de Ernesto. Era um anjo a reprehender um criminoso; a innocencia em doloroso confronto com o remorso.

Este primeiro abalo da graça divina passou. Ernesto ceou, deitou-se e recomeçou a sua vida ordinaria, fiscalizando com tudo os passos do filho mais por curiosidade que por contradizel-o.

Logo na noite seguinte observou que o pequeno se demorava

com a luz accêsa antes de deitar-se, mas não se importou. Na noite seguinte egual demora.

—Hei de vêr o que faz o pequeno.

E foi espreital-o pela fechadura.

O Loirinho levantou o enxergão, tirou um livrinho, ajoelhou-se aos pés da cama, desatou a blusa tirou do seio umas medalhas, beijou-as, abriu o livrinho tirou uns santinhos, beijou-os e pôl-os sobre a cama; tirou do pescoço umas contas e começou a rezal-as. Em seguida rezou algumas orações pelo livrinho. Benzeu-se; depois despiu-se com encantadora modestia, sentou-se na cama, fez o signal da cruz, apagou a candeia e deitou-se.

Ernesto observara o filho commovido e retirou-se com as lagrimas nos olhos.

—Que sonhos celestes não terá este anjo!... dizia comsigo. —Feliz creança! Saborêas fructos que teu pae mal chegou a provar, perdeu bem cedo a innocencia, e consciencia nunca mais a teve...

Deitou-se, fez esforços por dormir, mas as vozes da consciencia não lhe deixaram pregar olho. Nunca suppôz que a vida desregrada era tão amarga como n'essa noite de remorsos.

E revirava-se um milhão de vezes no leito que só agora lhe parecia de pedra.

No quarto fronteiro Julinho resonava placidamente:

—Era a antitese do pai criminoso!—

Depois de um seculo de viravoltas accendeu a luz para vêr as horas. Eram cinco. Levantou-se para ir para a fabrica e como de costume abriu a porta de Julinho, accendeu-lhe a luz e chamou-o para se levantar.

Sahiu, cerrou a porta e poz-se á espreita.

Julinho ergueu-se, sentou-se na cama, fez o signal da cruz, vestiu-se, lavou-se e murmurando quaesquer preces, levantou o enxergão, pegou no livrinho e rezou durante alguns minutos. Depois tornou a fazer o signal da cruz e levantou-se. Ernesto fingiu passear na sala immediata. Julinho sahiu e comprimentou o pae.

—O papá passou bem a noite, e beijou-lhe a mão.

—Nem por isso; Deus te abençoe.

Era a primeira vez que invocava o nome de Deus depois da viuvo. E que havia elle de responder áquelle anjo que lhe pedia e benção? A consciencia dizia-lhe que não era digno de abençoal-o. Deus pois que o abençoasse, pois de Deus era.

—E tu dormistes bem?

—O' se dormi!... E sonhei tanto, tanto com a mãe.

—Então que vistes?

—Via a mãe, e muitos meninos muito lindos com azas e ella

disse-me que em fazendo a primeira communhão que ia para o pé d'ella...

—Está bem,—atalhou Ernesto para não ouvir mais,—vae contar o sonho ao menino do vizinho.

—E o pai vae já para a fabrica?

—Vou, que não é cedo.

O Loirinho sahiu logo para a rua á procura do companheiro do catecismo e do pião.

A avó d'este ao descer as escadas, sentiu-os a cochichar, e ficou-se de traz da porta á escuta.

—Tambem rezastes á noite, e esta manhã pelo livrinho como manda a Senhor Abbade?

—Rezei.

—E o teu pae não viu?

—Não, que eu escondo o livrinho debaixo da cama.

—E trazes às medalhas?

—Trago e nunca as tiro senão elle vê-mas.

—Mas elle já é melhor?

—Quanto melhor! e deu-me hoje outro beijo. Já é mais meu amigo.

—Tens rezado o terço á Mãe do ceu por elle, como te disse a avó hontem!

—Inda esta noite o rezei. Se elle á noite estiver bom como hoje, hei de pedir-lhe que me deixe ir á primeira communhão comtigo e que me dê um fato novo como o teu e um laço de seda e uma gravata branca como a tua.

Depois d'esta entrevista seguiu-se partida de pião, arias revezadas de flauta, aula e lições costumadas do catecismo nas escadas da casa do Julinho da cabelleira preta.

Pelo pôr do sol os paes das duas creanças encontraram-se de volta do trabalho.

Depois dos cumprimentos, o typographo puchou a conversa para a primeira communhão a proposito de um livrinho que estavam imprimindo na typographia, para brinde das creanças. O fabricante tocado pelas reflexões do typographo, abriu-se francamente com o seu vizinho.

—O vizinho é que é feliz; nunca perdeu os costumes dignos, nunca teve outros amores que não fossem a sua esposa e o seu anjo de cabellos pretos.

—E os de Deus e da sua Santa Egreja.

—Sim, mas n'este mundo digo eu. Mas eu... não sei se a maçã ainda tem algum são que se lhe aproveite...

A conversa foi cortada pelas duas creanças, que logo que os presentiram desataram a correr para os cumprimentar.

—Alegre-se, Julinho, disse o typographo para Loirinho, o papá traz-lhe aqui uma linda prenda.

—Traz, papá?—e beijou-lhe a mão.

—Trago... Beija a mão aqui ao nosso bom vizinho que é mais teu pae do que eu. Péga lá; é para lêres aos domingos este catecismo.

—E' papá, é?!—interrogou a creança abrindo o livrinho com grande e alegre ancia.

—E', meu filho, é. Não o estragues.

—Não estrago, papá.

E desatou a correr e mais o companheiro, rua abaixo com alvoroço alegre.

—E dizias que elle te não dava nada,—dizia o dos cabellos pretos, vendo as estampas do livro.—Vê como te dá coisinhas tão bonitas.

—Mas isso é agora; aqui ha tempos era muito mau para mim e batia-me mais e ralhava-me mais que a creada.

—Pede-lhe para te deixar ir commigo á primeira communhão que elle deixa-te.

—Peço-lhe á noite.

Os dois paes, que tinham reatado a conversa, passaram para deante dos dois amigalhotes que se ficaram a cochichar, deram-se as boas noites e entraram para casa.

As creanças entraram logo. O Loirinho galgou as escadas de um pulo.

—Papá, então deixa-me ir no domingo ao catecismo?

—Deixo. E tu sabes o caminho?

Depois de um momento de hesitação:

—O Julinho sabe.

—E tu tambem te não perderias, pois não?

Julinho encolheu os hombros.

—Está bem, sê bom e aprende depressa o catecismo.

—E depois deixa-me ir á communhão com o menino Julio, deixa?

—Isso... falamos depois. Já tocas bem na flauta?

—Já, e o Julinho do vizinho tambem.

—Pois não a quebrem.—E retirou-se para evitar mais pedidos.

Julinho ficou a lêr no livrinho ao candieiro.

Passaram-se dias e o Loirinho sem obter a licença desejada; mas seu pae já era bom e tinha esperança.

Um dia vindo da aula de que se haviam de lembrar as duas creanças?... de ir aos morangos e trazer um raminho d'elles ao pae do Julinho loiro.

O Anjo da Guarda lhes deu tal lembrança.

A' noite logo que chegou da fabrica, as duas creanças subiram

de traz d'elle, e depois de o cumprimentarem entregaram-lhe o presente.

—Bonitos, meus meninos. E elles estão tão bonitos e maduros. O que lhes hei-de dar em paga?...

O dos cabellos pretos de repente:

—Um fato novo como o meu ao Julinho para elle ir á communhão commigo;—e agarrava-se-lhe ás pernas com angelical caricia.—Porque elle quer ir commigo ao céo vêr a mamã.

—E quando é que os meninos vão ao céo?—interrogou para espalhar a commoção da alma.

—Quando commungar-mos, Jesus leva-nos.

—Pois isso ha de se arranjar.

E virou, fingindo ir pousar o ramilhete dos morangos, para occultar as lagrimas.

Os dois amigos fartaram-se de tocar gaita e de jogar o pião na sala, tal era a sua alegria.

Entretanto Ernesto no quarto chorava e pensava na sua vida e no contraste entre a sua consciencia e aquelles folgores innocentes.

Julinho n'essa noite ceou e ficou com o seu amigo, para quem já não havia segredos.

Estava tudo arranjado; os dois amigos contavam todas as horas, os dias que faltavam para a festa.

Um dia Ernesto ao entrar em casa trazia um embrulho debaixo do braço. Desembrulhou e estendeu sobre a mesa. Era uma fazenda, uma gravata branca, e um lindo laço de sêda branca bordado a fio doirado.

—E' para mim, papá, é?—Interrogou ancioso o Julinho, saltando para cima da cadeira e estendendo-se sobre a mesa.

—E' meu filho, não mexas que estragas; é para o dia da festa.

—E o papá não compra para si tambem?

—D'aqui até lá temos tempo.

—Mas o senhor Abbade disse que o papá devia commungar commigo.

—Pois sim, filho, mas n'esse dia estou occupado.

—Mas então quem me acompanha?

—O pae do Julinho acompanha-vos a ambos.

—Mas...—e ficou-se triste como reflexionando.—Mas o pae não quer ir comnosco vêr a mamã? não quer?

—Quero, filho, mas ainda não é tarde. Tu vaes agora, que eu depois... penso n'isso. Guarda isso lá para dentro.

E retirou-se para não ouvir a creança, pois lhe partia o coração, tanta simplicidade e candura.

Chegou o dia do festa. Os dois Julinhos lá se apresentaram. Pareciam dois anjos do paraizo. O povo todo não tirava os olhos d'elles e chamava-lhe os dois irmãosinhos.

Sobre tudo causou admiração a presença do Ernesto á funcção, e mais que admiração, devoção o respeito e recolhimento com que assistia á cerimonia, e espanto o beijo que poisou nas faces do lourinho Anjo quando lhe foi pedir perdão. As lagrimas rebentaram de todos os olhos quando viram aquelle pae cuja conversão todos desejavam, chorar como uma creança por detraz de um andor, onde queria occultar o pranto.

Terminou-se a cerimonia.

Alguem procurou o senhor Abbade:

—Não póde attender ninguem; está em conversa particular com o snr. Ernesto M.

O tempo que durou esta visita não importa sabel-o. O que todos viram foi no domingo seguinte á mesa da communhão, Ernesto M. acompanhado pelo vizinho e os dois Julinhos.

Passou anno e meio depois d'esta cerimonia tocante e de regosijo para todos os conhecidos de Ernesto M.

E Julinho de cabellos pretos, e Julinho o Lourinho, que será feito d'elles?

Ninguem os vê, ha já cinco mezes, a jogar o pião... Iriam vêr as mamãs e não voltaram ainda? Ficariam com ellas?...

Ha quatro mezes mais ou menos que o snr. Ernesto M. vive solitario, e traja de luto.

De um quadro do Coração de Jesus, lembrança da primeira communhão, que tem á cabeceira da cama, pende um laço da primeira communhão, uma pequenina chave com laço preto e uma gravata branca. A sua viagem de recreio são a fabrica e o cemiterio. Não se passa um dia que o não visite duas vezes pelo menos. O sol quando se levanta por detraz da serra, já o encontra de joelhos diante de um pequeno jazigo, e os ultimos raios do poente ao despedir-se das lages dos tumulos reflectem-se nas lagrimas que lhe banham a face. Ernesto ao ir para a fabrica e ao vir vae rezar no *jazigo dos dois meninos da primeira communhão*, como lhe chama o povo, por se levantar á cabeceira uma peanha alta e sobre ella dois meninos da primeira communhão abraçados, em attitude de subirem ao céo.

Uma tarde quiz um curioso devassar o mysterio das lagrimas de Ernesto e entrou a lêr o epitaphio do jazigo onde costumava rezar.

N'um lado da peanha lia-se:

A meu filho Julio, amor, reconhecimento e saudade de seu pae, Ernesto M.

No outro lado:

A meu filho Julio, amor e saudade de seu pae, Augusto C.

Os dois Julinhos tinham sido levados pelo sarampo. Os dois anjos bateram as azas e foram visitar as mamãs ao céo e lá se fica-

ram prendidos com a musica dos anjinhos dos céos, á espera dos paes que na terra os choram.

Que poderoso não é o apostolado das creanças na familia! Uma creança fala com mais eloquencia ao coração perdido de um pae que cem prégadores.

Ensinae as creanças a serem boas, a serem apostolos, e concorrereis para a regeneração de muitos lares paternos.

Redacção d'A VOZ DE SANTO ANTONIO.

P. B. RIBEIRO.

2 — ☻ Quarta-feira — A Beata Ignês de Praga, V. da 2.ª O. — S. Simplicio, Pp. — *Lua cheia ás 2 h. e 13 min. da manhã.*

Entre todas as obras boas, nenhuma ha com que Deus tanto seja adorado, como pela misericordia dos pobres.

S. GREGORIO NAZIANSENO.

3 — Quinta-feira — S. Tito, B. C. — St.º Hermiterio, M. — St.ª Cunegundes, Imperatriz.

O ALCOOLISMO

Em 1873, dizia o *Monitor Toscano*, no seu n.º de 15 de Janeiro:

«Effeitos do alcool no ultimo decenio.

Além das extraordinarias despezas directas e indirectas, que occasionou:

1.º Causou a morte a 300:000 pessoas.
2.º Reduziu a casas de azylo a 100:000 meninos.
3.º Levou á prisão 150:000 individuos.
4.º Produziu a loucura em mais de 100:000 individuos.
5.º Provocou 1:500 assassinatos, e 2:000 suicidios.
6.º Occasionou a destruição de edificios, e mercadorias, no valor de 10:000.000 de pezos.
7.º Deixou 200:000 mulheres viuvas, e 1:000.000 de meninos orphãos.

Taes são os lamentaveis effeitos da arte de destilar.»

4—Sexta-feira—SS. Lençol do Senhor—S. Casimiro, Rei e C.—S. Lucio, Pp. M.

A esmola é só metade de um acto de caridade, o modo de dal-a constitue a outra metade.

Padre SENNA FREITAS.

5—Sabbado—S. João José da Cruz, C. da 1.ª O. S. Theophilo, B.—*Ind. Plen. nas igrejas franciscanas,—e para os irmãos da Immaculada Conceição.*

Adulando um lisongeiro ao Imperador Sigismundo, de sorte que o igualava a Deus, o Imperador lhe deu uma grande bofetada. Exclamou o lisongeiro: *Cur me verberas?* «Senhor, porque me castigas?» Respondeu o Principe: «E tu porque me mordes?» *Tu veró cur me mordes?*

6 — Domingo (3.º da Quaresma) St.ª Coleta, V. da 2.ª O. — St.º Ollegario, B. — S. Marciano, B. M. — *Ind. plen. nas igrejas franciscanas e ind. plen. para os Irm. Terceiros — e ind. plen. da Bulla.*

Para as creanças, dez bons conselhos não valem um bom exemplo.

A violencia não convém senão ao despotismo.

N'uma aula:
O professor:
— O que nos rodeia é uma camada atmospherica; portanto, o que nós aspiramos como se chama?
O alumno:
— São astros!

7 — Segunda-feira — S. Thomaz d'Aquino, C. e Dr. Padroeiro das escólas catholicas. — As St.as Perpetua e Felicidade, Mm.

Assim como a alma é a vida do corpo, assim a caridade é a vida e perfeição da alma...
A salvação entremostra a fé, preluz a esperança, mas só a caridade se dá.

S. Francisco de Salles.

8 — Terça-feira — S. João de Deus, C. português.

TORRE DOS CLERIGOS (PORTO)

A caridade jámais se ha de acabar; ou deixem de ter logar as prophecias ou cessem as linguas ou seja abolida a sciencia.

S. PAULO.

Um discipulo que ensina o mestre.

—Diga-me cá o menino: Eu dou um tiro n'uma arvore onde estão cinco passaros, e mato tres; quantos ficam?

—Tres.

—Não, senhor; ficam dois.

—Eu julgava que ficavam os tres mortos, porque os outros voavam.

9 — ☾ Quarta-feira — St.ª Catharina de Bolonha, V. da 2.ª O.—*Ind. Plen. da O.*—St.ª Francisca Romana, Viuva. —*Ind. plen. nas igrejas franciscanas — ind. plen. para os Irm. Terceiros. — Quarto minguante aos 24 min. da manhã.*

Não ha mais clara linguagem, nem mais poderosa eloquencia, do que a caridade, ainda quando é muda.

Padre João de Lucena.

10 — Quinta-feira — Os Santos Quarenta Martyres (S. Militão e Comp.) *Começa a novena de S. José.*

PROVERBIOS DE SALOMÃO

XXVII—15

A mulher litigiosa
é comparada
aos telhados, que distillam,
quando ha nevada.

XXI—19

E' melhor a habitação
n'um ermo, funda,
que estar com mulher pleiteante
e iracunda.

XXX—30

Gentileza.. Formusura...
é enganador;
Só a mulher que teme a Deus,
terá louvôr.

P. Freitas.

11 — Sexta-feira — As Cinco Chagas.—S. Candido M.—S. Militão e Companheiros.—*Nasce o sol ás 6 h. e 1 m. da m., e põe-se ás 5 h. e 5 m.*

NODOAS DE GORDURA NO PAPEL

Um meio simples de as tirar quando estão frescas é deitar-lhes em cima cal da parede, que se raspa com uma faca, e pôr um peso sobre o papel. Passado algum tempo e repetindo-se a operação uma ou duas vezes, a nodoa sae.

12 — Sabbado — S. Gregorio, I, Pp., C. e Dr.

A castidade sem caridade é lampada sem azeite. Tirae o azeite, a lampada se apagará; tirae a caridade, a castidade perde o encanto.

S. BERNARDO.

13 — Domingo (4.º da Quaresma) — O B. Rogerio, C. da 1.ª O.—A B. Sancha, V., Infanta de Portugal.—S. Rodrigo, M.—St.ª Eufrasia, V.—*Ind. Plen. da Bulla.*

DICTOS E ANECDOTAS

—Venho receber a conta da roupa.
—De que roupa?
—Do fato que o senhor mandou fazer lá na loja.
—Não tenho nada a pagar.
—Ora essa!...
—É assim mesmo. Quando eu lá mandei fazer o fato, combinamos pagar-lhe metade e ficar-lhe a dever a outra metade. Não foi este o ajuste?
—Foi, sim senhor.
—Paguei-lhe a metade, não paguei?
—Pagou; mas o resto?
—O resto não pago. Se lh'o pagasse não lh'o ficava a dever: era contra o ajuste.

14 — Segunda-feira — O B. Pedro de Treja, C. da 1.ª O.—*Trasladação* de S. Boaventura, B. C. Dr. e Cardeal da 1.ª O.—St.ª Mathilde. Rainha.

O fim da religião, a alma das virtudes, o compendio da fé, o resumo da lei é a caridade.

BOSSUET.

15 — Terça-feira — S. Zacharias, Pp. — S. Longuinhos, soldado, M. — St.º Henrique, Rei da Dacia.

Cayo Pompilio, jurisconsulto dos que não eram mui peritos, foi trazido por testemunha em certa controversia; e respondendo, que do que lhe perguntavam nada sabia, lhe disse Cicero: *Putas fortassis te de jure interrogari?* «Cuidas porventura que te perguntam em Direito?»

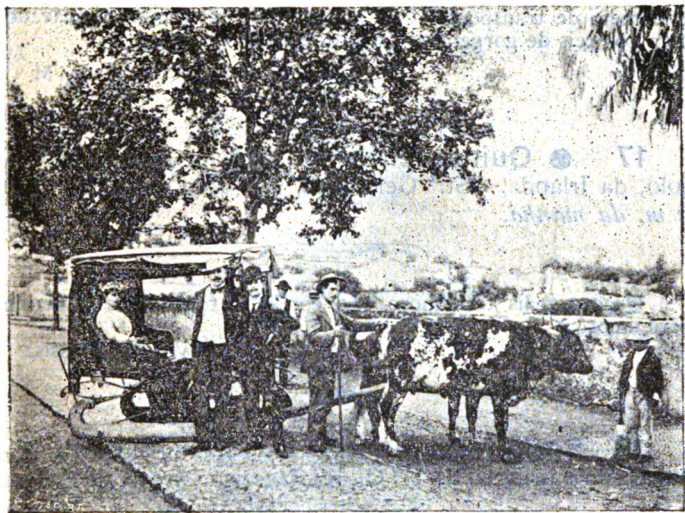
16 — Quarta-feira — B. Pedro de Senna, C. da 3.ª O. — S. Cyriaco, M.

CARRUAGENS DA MADEIRA

Se sobre duas travessas de madeira de nove palmos de compridas, chapeadas de ferro na parte inferior e deitadas horisontalmente em sentido parallélo, posermos duas enormes cadeiras de verga, uma em face da outra, ligadas entre si por frageis taboas que sirvam de escabéllo, teremos um simples carro do monte.

Se, porem, as cadeiras assentarem sobre vergões d'aço dobrados á maneira de mólas e firmemente apoiados nas sobreditas travessas, como se vê na nossa gravura, teremos a mais faustuosa carruagem que possa encontrar-se nas alquilarias do Funchal.

Um tôldo sustentado por quatro columnas de ferro, com cortinas de encerado, de panno de linho branco ou de côres, é todo o resguardo que exigem no verão e no inverno os mais delicados.

Ha alguns carros de titulares, ou para uso das auctoridades superiores, e ainda para pessoas de categoria inferior, que em vez das cadeiras de verga são de madeira polida, o assento e espaldar tem commodas almofadas, o pavimento é tapetado, e até os ha com cortinas bordadas artisticamente a fio de sêda; mas o typo do original trenó madeirense jamais se altera com estes requintes.

UMA CARRUAGEM NA MADEIRA

O officio da lança é desempenhado por um tôsco timão que engata ao carro por meio d'um grosso látego.

Dois bellos garraios da Ilha de Porto-Santo ou dois desageitados bois dos Açôres, afoitados com o aguilhão e á voz do *carreiro* que lhe repete infinitas vezes a consagrada phrase:—*quiá pr'a mein boeiseinho*—troteiam, gallopam mesmo, seguindo fielmente um rapaz chamado *candieiro* que os volta e os segura pelas correias que trazem enfiadas de pequenos buracos na extremidade das pontas. Sem lhes faltar a propriedade de muito firmes, trepam como cabras pelas mais ingremes calçadas feitas de pequenos basaltos polidos na praia pelas ondas do oceano.

Aqui e alem corre o carreiro á dianteira do carro e deita no chão em frente das travessas uma sacca com cêbo afim de diminuir a difficuldade do attrito.

O movimento é sempre tam suave que póde comparar-se ao de um barco deslisando sobre as aguas d'um lago.

Nenhum *touriste* deixa de experimentar este meio de locumoção que encontra sempre proximo do caes de desembarque. Toda-

via os que não teem o bolso recheado não abusam, porque sendo este meio de transporte já de si caro, deve ser sempre aggravado com 100 reis de gorgeta ao carreiro e 50 ao candieiro.

P. M.

17 — ● Quinta-feira — S. Patricio, B. e C. Apostolo, da Irlanda.—St.ª Gertrudes, V.—*Lua nova ás 5 h. e 2 m. da manhã.*

Quanto mais trabalhoso é o combate, tanto mais brilhante será a corôa.

Beato Gil d'Assis.

18—Sexta-feira—Preciosissimo Sangue.—O B. Salvador da Horta, C. da 1.ª O.—S. Narciso, Arceb. de Braga.

AFFLIÇÕES E TRABALHOS

Nosso Senhor disse ao Beato Henrique Suzo: «Quem colhe boninas, não se contenta com uma flôr; antes quando colhe uma, já tem o pensamento nas outras que ha de apanhar. Assim ha de fazer quem padecer por mim; em padecendo um trabalho, desejar outro maior.»

19 — ✠ ✠ Sabbado — S. José, Esposo de N. Senhora e Padroeiro da Igreja Catholica.—*Absl. Geral para os Terceiros Franciscanos. — Ind. Plen. para o Escapulario de S. José; para o Escapulario da Conceição, mais uma para o mesmo.*

PROVERBIOS DE SALOMÃO

XXIX—14

Rei que faz justiça ao pobre
com a verdade,
verá seu throno firmar-se
na eternidade.

XXIX—12

Principe, que á vil mentira
presta os ouvidos
só ao lado tem ministros
impios, fingidos.

XIX—6

Muitos honram a pessoa
do poderoso,
e se affeiçôam áquelle
que é generoso.

P. FREITAS.

20 — **Domingo** *(da Paixão)*—O B. João de Parma, C. da 1.ª O.—S. Martinho de Dume, Arceb. de Braga.—*Ind. Plen. da Bulla.* —*Ind. Plen. para o Escapulario da Conceição e das Dôres, visitando a egreja da confraria.*

ADVOGADOS

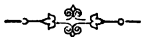
Tendo noticia El-rei D. João II que certo Corregedor da côrte era pouco limpo de mãos, e mui remisso para as partes, lhe disse um dia: «Corregedor, olhae por vós, e da maneira que viveis, porque me dizem que tendes as portas cerradas, e as mãos abertas.»

21 — Segunda-feira — S. Bento, Abb. — *Começa a Primavera — Nasce o sol ás 5 h. e 58 m., e põe-se ás 6 h. e 12 m.—Faz 17 annos o Ser. Snr. D. Luiz Filipe, Principe Real.—Grande gala.*

No tribunal. O advogado á testemunha:
—E elle olhou, assim como eu estou agora olhando para si, por exemplo?
—Tal qual... assim como um parvo.

22 — Terça-feira — S. Benevenuto, B. C., da 1.ª O. — St.º Emygdio, B. M. — St.º Ambrosio de Sena. — *A's duas horas começam as visitas nas egrejas onde esteja o SS. Sacramento, para ganhar o jubileu de ámanhã.*

Um pedia perdão a Marco Catão, pelo ter ferido inadvertidamente, e elle lhe respondeu: *Atqui numquam tu me, quod meminerem, percussisti:* «homem, não me lembra que me ferisses.»

23 — Quarta-feira — S. Pedro Damião, B. C. e Dr. —S. Felix e Comp., Mm.

A VELOCIDADE NAS TECLAS

Ha alguns annos um musico declarou que poderia emitir um milhão de notas com o piano em 12 horas. Tomando um compasso

de 3 oitavas, baixando e subindo as differentes escalas, emitiu 109.296 notas na primeira hora, 125.928 na segunda, 121.176 na terceira, 121.176 na quarta, 125.136 na quinta, 125.136 na sexta, 127.512 na setima, 127.512 na oitava, 44.520 em 20 minutos, prefazendo total de 1.030.392 notas em pouco mais de oito horas, as quaes com os periodos de descanço que se tomou, paravam, passavam uns poucos de minutos das 12 horas convencionadas.

24 — ☽ Quinta-feira — *Abstinencia rigorosa* — S. Gabriel Archanjo. *(Em Portugal e Dominios.* FESTA DA INSTITUIÇÃO DO SS. SACRAMENTO) — S. Marcos, M. — St.° Agapito, M. — *Ind. plen. para o Escapulario da Conceição — Jubileu como o da Porciuncula nas igrejas onde esteja o SS. Sacramento. — Quarto crescente ás 9 h. da tarde.*

Descompondo Lucio Metello injuriosamente no Senado a Tacito, disse este: *Facile est in me dicere, quia responsurus non sum: potentia ergo tua, non mea patientia est accusanda:* «Bem podes dizer o que quizeres, que te não heide responder; e assim a tua potencia, e não a minha paciencia, deve ser accusada.»

25 — Sexta-feira ✠ ✠ ANNUNCIAÇÃO DE N. SENHORA — *Ind. plen. para os Irm. Terceiros, para o Escapulario de S. José, e da Conceição — mais uma para o mesmo — para os associados do Rosario Vivo — para a Confraria do Rosario.*

Madonna de Foligno (Raphael)

CANÇONETA Á VIRGEM

Sois formosa casta rosa
Terna Mãe do Salvador,
Sois a aurora, sois a estrella
a mais bella em resplendor.

Que alegria, quando um dia
vos podermos contemplar,
arfa o peito, suspirando,
só lembrando tal gosar.

Se esse dia, que extasia,
faz a prece alvorecer
A ti, Virgem que nos presas
nossas resas se hão de erguer.

P. R. Ribeiro.

26 — Sabbado — As Dores de N. Senhora.—O B. Rizzerio de Mucia, C. da 1.ª O. — S. Ludgero, B. — S. Braulio, B.—*Ind. Plen. para a confraria do Rosario e para os associados do Rosario Vivo.*

O coração ingrato, assemelha-se a um deserto que bebe ávidamente a chuva cahida do céo e que nada produz.

Salomão.

Os prejuizos são o valor do espirito: encontram-se sómente onde não entra luz.

Bacon.

A dôr mais tremenda do espirito quebranta-a e entorpece-a as lagrimas.

Alexandre Herculano.

27 — Domingo *de Ramos* — S. João Damasceno, C. Dr.—S. Roberto, B.—St.ª Augusta, V. M.—*Ind. Plen. da Bulla.*

DOR E ESPERANÇA!

Ecce elongavi fugiens et mansi in solitudine.
Ps. LIV. 8.

N'um dia em que mais cansado
dos homens, do meu soffrer,
corri ao despovoado,
fui-me em solidão metter.
Não podia por mais tempo
supportar tão vil tormento.
Fugi... fui tomar alento
no solitario viver.

. . . .

Fugi... no solitario monte,
na mudez da solidão,
lá sentado ao pé da fonte
ergui a Deus oração.
Como a rola perseguida
do milhano, e foragida
faz na rocha sua guarida,
era ali meu coração.

Dos homens além se ouvia
estridente barulhar,
e qual pélago, bramia
a meus pés — revolto mar.
A avesinha gorgeava,
de ramo em ramo saltava,
e a corrente deslisava
pela encosta a murmurar.

Meiga a tarde descahia
no horisonte de rubôr,
e o sol no monte extendia,
seu moribundo fulgôr!
oh! que encantos! que magias!
oh! que sons! oh! que harmonias!
Das aves as melodias
revoam, gemendo amor.

Tudo ri... só eu chorava
no serro, fitando os céos...
Lá no fundo, o mar arfava
em altivos esçarceus!...
Eu suppliquei á planura
tapetada de verdura,
que avistava lá da altura,
ouvisse os gemidos meus.

Mas, planura quer só galas,
matizes e lindas côres.
«Peito triste, que te ralas,
— diz — não ouço teus clamores!»
Eu chamei pela avezinha,
que trinava innocentinha,
que viesse na dôr minha
junto a mim cantar amores.

«Sou pequena» — diz um canto,
que pelos ares soou;
«Eu não posso c'o teu pranto.»
Um segundo resoou.
Com o gemer da corrente,
que se roja, qual serpente
pela encosta, um ai plangente
meu coração misturou.

«Não posso, — diz — n'este leito
tantas penas abafar,
E' sepulcro muito estreito
para os teus ais sepultar.»
Meu peito desfallecido
fez novo esforço, e um gemido
mais cortante, e estremecido
dirigiu ao fero mar.

Mas o pélago agitado
fugiu, tomado de horror!!!
E mal tinha elle provado
a taça da minha dôr.
A quem recorrer agora?
Aos céos, alma triste, exora,
escuta Deus a quem chora,
ouve do afflicto o clamor.

Chorava... quando sonora
Voz de esp'rança redemptora
ouvi nos céos:
«Mais um passo, toma alento,
animo que em breve tempo
premio tens ao soffrimento
—lá junto a Deus.—

«Vae-te ao mundo, e quando irado
fôr contra ti revoltado,
—oh! Fita os céos!—
«Recorda a gloria futura,
despe a negra vestidura
da tristeza; olha, ventura,
—só junto a Deus.—

«Quando vires tua fama
arrastada pela lama,
—recorda os céos.—
«O pobre, que despresado
viu seu nome esfarrapado,
senta-se em throno doirado
—junto a seu Deus.—

«Quando fôres sacudido,
pelos homens repellido,
—ala-te aos céos.—
«Oh! Lá te espera um abrigo,
lá encontrarás amigo,
que suffoque o teu gemido!
—Acharás Deus.—

«Vae-te ao mundo, sê constante
no soffrer. Confiança, avante,
—que lindos céos!—
«São premio do soffrimento
ao desfallecido alento;
mais um passo, em breve tempo
—estás com Deus.—

Alentado, o calvo serro
deixei com a solidão.
Eu findei o meu desterro
e calei meu coração.
Corri, novamente ao mundo,
e lá n'esse charco immundo
fiz a minha habitação.

E se os homens revoltados
contra mim rugindo irados
em tumidos escarceus
corriam, fitava os céos.
E se bramem a meu lado,
como leão assanhado,
recordo do descampado
redemptora voz:
«Céos!... Deus!...»

(16—VI—1898).

P. B. Ribeiro.

28 — Segunda-feira — O B. Marcos de Montegallo, da 1.ª O.—St.º Alexandre, M.

DICTOS E ANECDOTAS

Um commendador, recem-chegado do Brazil com muitos contos de réis e muita ignorancia dos usos da sociedade, resolveu deitar grande estadão e mandou mobilar uma casa com todo o luxo e commodidades modernas.

Installado no seu palacio, o nosso homem depois d'almoço foi para a sala ler os jornaes. Um criado, reparando que elle escarrava para o tapete, poz-lhe ao lado uma cuspideira. Elle, quando ia a escarrar outra vez, vendo aquella bonita peça de porcellana, escarrou para o outro lado; o criado, vendo isso, mudou a escarradeira para esse lado. O commendador vae outra vez para

CONTRA A

—Quem diz epidemia, diz bacilo. O melhor, julgo eu, é redactar um memorial sobre o seu exame, seu desenvolvimento, seu cultivo, etc., etc., lel-o depois na academia correspondente, e... esperar os resultados.

—Acreditem os Snrs. não ha como o systema velho; eu com cataplasmas, sangrias e sanguesugas, obtenho optimos resultados. Os meus freguezes que o digam.

—Agua, agua; nada mais que agua; indiscutivelmente é o tratamento mais seguro, e por conseguinte o melhor.

EPIDEMIAS

—Depois de consultar as eminencias medicas da Alemanha, França e Inglaterra, creio que o mais seguro e efficaz é procurar evitar o contagio.

—Não, meus senhores não ha como as fumigações aromaticas e os desinfetantes.

—Não ha que ver, desenganem-se: o ramo de perfumaria offerece especificos sem rival na chimica e na pharmacopeia.

escarrar, mas vê lá a *coisa* e escarra para o outro lado. Torna o criado a mudar a escarradeira; vae o homem para escarrar novamente, mas espanta-se vendo a bonita peça de porcellana, e diz zangado para o criado:

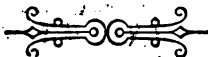
— Tira-me isto d'aqui... quando não escarro-lhe dentro!

29 — Terça-feira — A B. Paula Gambara da Costa, Viuva da 3.ª O. — S. Victorino e Comp., Mm.

Todas as vezes que á sombra da impunidade, o homem abusa do seu póder, a justiça divina apodera-se d'elle e castiga-o com rigor.

30 — Quarta-feira — A B. Angela de Fulgino, Viuva, da 3.ª O. — S. João Climaco.

Perguntando El-Rei Agesiláo, como poderia um homem agradar a todos, respondeu: «Falando bem, e obrando virtuosamente»: *Si dicat optima, et faciat honestissima.*

31 — ☻ Quinta-feira ✠ ✠ (do meio até á manhã) — *Abstinencia rigorosa* — O B. Marcos Tantuco, C., da 1.ª O. — St.ª Balbina, V. — S. Benjamim, M. *Lua cheia ás 8 h. da tarde.*

A' sombra do Sacrario

QUANDO impellido pelas furias das paixões, o meu baixel está prestes a bater sobre os rochedos d'este mar do mundo, levanto a ti ó Jesus na Eucharistia, os meus olhos marejados de lagrimas, e então á sombra do sacrario alcanço a luz para me guiar para a eternidade.

Quando pergunto a mim mesmo como poderei rasgar as nuvens sombrias que se estendem sobre minha cabeça e que me impedem de ver o bello ceu, o firmamento azul-celeste, a mansão dos Santos, dos anjos, de Maria, minha Mãe, de Jesus, uma voz cheia de ternura se ouve na tua prisão d'amor, na Divina Eucharistia, ella diz: «Meu filho á sombra do sacrario descubrirás o Paraizo, que é a tua patria.»

Quando pensamentos medonhos me assaltam em immensos turbilhões, e sinto minha pobre alma esmagada debaixo do pezo de meus crimes, quando a esphynge do desespero se apresenta diante de meus olhos, lá do sacrario resôa a minha alma desfallecida um écco de amor — é uma voz dôce, pura, suave e diz: pobre alma que soffres, que tens peccados, que vives desolada, corre, vem a mim, lança-te em meus braços e eu te consolarei, eu te estreitarei contra meu amoroso coração e depois ficarás em paz!

Bom Jesus, quantas vezes, quando eu te procuro n'essa prizão d'amor, n'esse tabernaculo desolado, n'esse Gethesemani amargurado, quando eu corro junto a ti, ó Pae! quantas vezes não tendes murmurado estas palavras á minha desgraçada alma.

Sim, ó Jesus! a minha alma, é qual barquinho acoçado pelas tormentas da vida; os furacões dos vicios arreigados no fundo d'este coração, despedaçaram os mastros d'este barco, esfarraparam em pedaços todo o velame, e as vagas, as immensas e medonhas vagas passam furibundas por sobre o convez; minha pobre barca vae a sossobrar!... mas eu levanto os olhos para o vosso sacrario e a tua voz de Pae amoroso, murmura baixinho a este infiel coração: «Meu filho sou teu pae; repousa tua fronte afogueada pelas paixões sobre este coração, sou porto seguro. E quando deixo cahir esta fronte sobre aquellle Coração, fornalha de amor, as tempestadas serenam, o cyclone que parecia arrazar a terra desfaz-se, a voz sinistra do trovão emudece pouco a pouco, o sibilar do furacão transforma-se em branda briza, o relampago apenas illumina o horizonte... rasgam-se as nuvens, apparece o firmamento azul, e os raios vivificantes do astro-rei!...

Tu disseste um dia, ó Jesus, chamando por todos os filhos da terra, que o teu jugo era suave e leve, e é junto ao teu sacrario que se sente esta verdade sublime emanada de teus labios divinos.

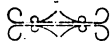
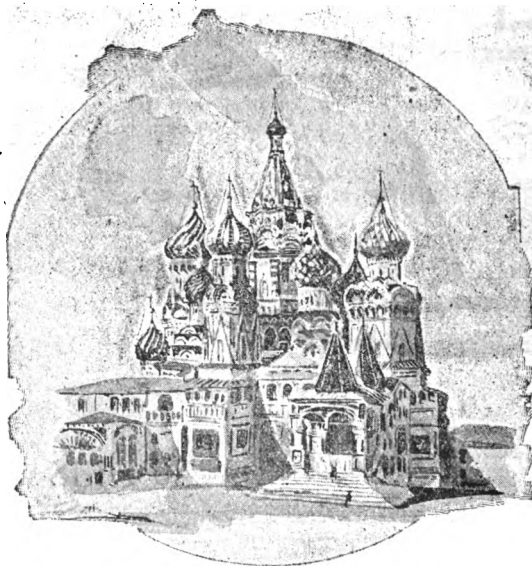
Sim, é lá, que os grilhões pesadissimos, que roxeavam meus pulsos cahem á terra desfeitos em pó; é lá que os espinhos que cingem a minha fronte se transformam em rosas; é lá que este coração rasgado em pedaços pela espada da dôr encontra balsamos para cicatrizar todas as feridas.

Descançarei sempre á sombra de teu sacrario, ó Jesus! e assim como a pomba colloca seu ninho nos ramos da larangeira, assim eu collocarei o meu ninho de terno amor junto a teu Coração, junto á sombra do teu sacrario.

P. Alberto Teixeira.

Abril

30 Dias

No crescente semeia milho, feijão, melancias e melões;
planta toda a casta de hortaliça e enxerta os alamos de escudo,
damasqueiros, pereiras e pecegueiros,
e semeia cravos.
No minguante limpa as colmeias dos insectos
e corta o cizio aos pomares.

1 — Sexta-feira — ✠ (até ao meio dia) — St.ª Martinha, V. M. — S. Macario, Abb. — *Nasce o sol ás 6 h. e 44 segundos e põe-se ás 6 h. e 16 segundos.*

EGREJA DE S. BASILIO (MOSCOW)

A CRUZ

OBSCURECIDA a humanidade pelos erros d'uma philosophia atheista, envolta no immenso tremedal da sensualidade revoltante, avançou a passos agigantados para o abysmo de todas as paixões degradantes.

Gangrenada pelas ondas assoladoras do egoismo, adormeceu nos braços do crime, qual immensa Sodoma ou Gomorrha...

. Foi um somno prolongado como o do cadaver que tem a existencia chumbada no seio do marmore pela mão da morte. Mas de repente a humanidade accordou d'esse somno lethargico. Do alto do Calvario, partiu medonha convulsão, immenso fragor, que fez gemer em seus eixos este continente de lagrimas.

As rochas do Golgotha fizeram-se pedaços e rolaram sobre as muralhas da cidade de Jerusalem; e ao seu fragor levantou-se a

humanidade, rasgou o sudario da morte que a cobria, olhou para o alto do monte dos suppliciados, e, cheia de espanto, viu uma cruz arvorada de cujos braços pendia um condemnado á morte...

Clarões sinistros envolviam então a montanha das caveiras; mortos envoltos em algidos sudarios cercam o patibulo d'onde pende o justo... Um cantico unisono irrompeu d'esses labios mudos, havia seculos, no valle de Josaphat!

Saudaram a cruz! saudaram o glorioso por vir da sociedade.

Passaram-se seculos. Gerações succederam a gerações e todas ellas se teem ajoelhado diante do Calvario e saudado a cruz.

Ao sahir do cenaculo Pedro e os demais apostolos saudam a cruz, e á sombra de seus braços beneficos convertem-se milhares de judeus.

Nas cavernas soturnas das catacumbas, os christãos saudaram a cruz e á sua sombra acharam conforto na dôr.

Ao entrar no Coliseu o martyr saudava a cruz, e ella apparecia em traços fulgentissimos por sobre a arena do combate e á sombra da cruz morria o martyr com o sorriso nos labios.

Saudaram a cruz os reis e os imperadores, as grandes sociedades.

Felizes eram essas sociedades de crentes que amavam a cruz. Fecundados pelo seu amor, avançaram impavidos no caminho da civilisação.

Hoje que importa a cruz, esse pharol de amor e paz?

Ninguem a sauda, sosinha, isolada com o divino suppliciado de seus braços ella vive, a arvore redemptora, ahi no meio d'essa sociedade de descrentes.

Apagou-se no lar o amor porque a cruz não refulge ahi.

Apagou-se o amor na sociedade e deu logar ao egoismo brutal, porque a cruz foi destroçada e feita em pedaços; e por isso as gerações não teem um symbolo em torno do qual se possam reunir fraternalmente.

Restabelecei o amor á cruz na sociedade egoista dos seculos d'hoje e vereis florescer as virtudes dos seculos que foram.

(Sermão sobre a cruz).

P. Alberto Teixeira.

---

2 — Sabbado *(Alleluia) — Abstinencia rigorosa* — S. Francisco de Paula. — St.ª Maria Egypciaca, Penitente.

A mais aprazivel e a mais primorosa de todas as artes é a musica, que foi inventada pelo homem para fazer sentir tudo quanto a linguagem articulada não póde exprimir.

GLUK.

3 — Domingo *(de Paschoa)* — S. BENEDICTO DE S. PHILADELPHO (O Santo Preto), C. da 1.ª O.—S. Pancracio, B. e M.—S. Ricardo, B.—*Absol. geral para os Irm. Terceiros.—Ind. Plen. das Estações de Roma.—Ind. Plen. da Bulla.—Ind. Plen. para o Escapulario de S. José, da Conceição e para o Rosario Vivo.*

Um christão não deve ler maus livros (quando se diz maus livros, diz-se maus jornaes); perde o seu dinheiro em os procurar, o seu tempo e a sua intelligencia em os ler. O seu dever é só este: deital-os ao fogo.

JOSÉ DE MAISTRE.

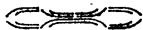
O livro é o campo de batalha onde J. Christo e Satanaz travam uma guerra implacavel.

MGR. GAI.

SONHO

Mil vezes pesadelos me afanaram
Que de máo cosimento effeitos foram.
Demos que eu sonho, que indo de jornada
Se me atravessa, em meio de asp'ra brenha,
Um urso negro—metto mão á folha:
Puxo, puxo, com quanta força tenho,
Na bainha emperrada a ferrugenta:
Autos nullos... Um susto d'improviso

Se apodera de mim, falham-me as forças:
A vista d'olhos, o Urso, cresce em vulto,
Abre uma bocca... (Escancarado inferno!)
Fugir traço: eis que os pés, no chão se arraigam.
Sonho outra vez, que ao vir de larga ceia
Passo junto d'um velho cemiterio...
Eis que se abre um postigo; os gonzos ringem,
Sahe um nariz...—nariz desmesurado!—
Cala-me o pavor na alma. Eis fujo. Eis cercam-me
Espectros que em mim cravam torvos olhos;
Linguas de fogo vão desenrolando
Das esguias gargantas... Longe, longe...
Todo mêdo, me cozo co'a parede
Fronteira:— Uma mão secca rompe subito
D'um buraco, que á vista se occultava...
Mão que gela o sangue, aforoando
O coração entre a camisa e a carne.
No toutiço o cabello se arripia
Baldo é o fugir: vae-se encolhendo a rua,
Mais longo o narigão, e a mão mais gelo.
—Nada é mais trivial do que esses sonhos
Que (certo) mais não são que disparates
Que armam da Noite a sombras lá no cerebro.
Mal que acordaes, adeus narizes e sustos.

FILINTO ELYSIO.

4—Segunda-feira—(✠ ✠) S. Izidoro, Arc. de Sevilha.—S. Zózimo.

PARA OS PETIZES

O pescador que tocava flauta

Era uma vez um pescador muito estupido, que se pôz a tocar flauta á borda do mar. Dizia elle:

—Tanto hei-de tocar, que ha-de vir peixe! Mas tocou e fartou-se de tocar, e o peixe nem sequer assomava!

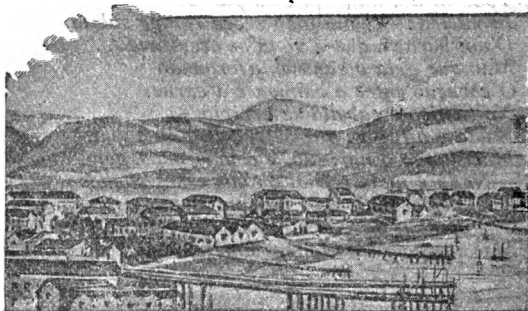
—Ai! os velhacos que não gostam de musica!—Dizia elle.

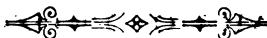
E vae e resolve-se então a deitar a rede, e cahiu peixe em grande abundancia.

Dizia elle depois quando recolheu a rede, e viu os peixes a saltarem na areia:

— Canalhoria! Emquanto toquei não quizestes dançar: — agora que não toco é que dançaes!

— Não via o parvo que com flautas não se pescam peixes, e quem quer as coisas ha de fazer por ellas! —

TRINDADE COELHO.

CIDADE DO MINDELO (CABO-VERDE)

5 — Terça-feira — S. Vicente Ferrer, C.

Passando o Veneravel Padre Pascasio Broéto, da Companhia, por onde estavam uns extravagantes, começaram estes a apupal-o com vaias, chamando-lhe hypocrita, e outros nomes injuriosos: Parou o servo de Deus arrimando-se ao seu bordão, como se quizera lograr uma boa musica, até que elles já de cançados se callaram. E o Padre continuando seu caminho, com rosto alegre, lhes disse, fazendo-lhes o signal da Cruz: «Deus vos abençoe, e faça bem a todos.»

6 — Quarta-feira — O B. Thomas de Tolentino, M., da 1.ª O. — O B. Bentivolio, C., da 1.ª O. — S. Marcellino, M.

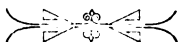
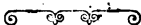
CURIOSIDADES E EXTRAVAGANCIAS

Querem os senhores saber a reproducção dos animaes?

Queiram ouvir o que diz uma revista ingleza:

A mosca põe 144 ovos; a aranha, 107; a rã, 1:000; a tartaruga, 1:000; o camarão femea, 6:000; a ascarina, 10:000.

Quanto aos peixes: uma perca dá 9:843 ovos; um peixe-rei, 25:112; o arenque, 36:000; a carpa, 342:000; a tenca, 382:000; o linguado, um milhão; o esturjão, tres milhões; o bacalhau, cerca de dez milhões de ovos.

As lagostas põem 21:000 ovos, em geral.

7 — ☾ Quinta-feira — A B. Antonia de Florença, Viuva, da 2.ª O. — S. Epiphanio, B. M. — *Quarto minguante ás 5 h. e 18 min. da tarde.*

PHRASES POPULARES

— *A' formiga.* Diz-se de muitas pessoas que seguem na mesma direcção, uma a uma, em linha continuada.

— *A ferir lume.* Zangado, irado.

— *A vêr em que param as modas.* A' espera dos acontecimentos.

— *A' mão de semear.* A proposito: proximo.

— *A' tripa forra.* A' larga.

— *A rego cheio.* Sem restricções. Em toda a plenitude.

— *Ad Ephesios.* Distrahido. Alheiado do caso.

— *Ao cantar do gallo.* Antemanhã.

—*Ao cantar do pisco*. Ao raiar da alvorada.
—*Ao largar da agulha*. Crepusculo da tarde.
—*Andar á lisa*. Não ter real.
—*Andar á tôa*. Sem proposito determinado; sem direcção.
—*Andar á tuna*. Passar o tempo na pandega.
—*Andar com a carinha na agua*. Estar satisfeito; contente.
—*Andar por arames*. Estar muito doente.
—*Andar na dependura*. O mesmo.
—*Andar ás do chão*. Estar muito decahido; por baixo.

8 — Sexta-feira — O B. Juliano de St.º Agostinho, C., da 1.ª O. — St.º Amandio, B.

Caridade d'uma creança

AQUELLE dia o sol rompendo as nuvens rendadas, que pareciam fazer-lhe côrte, dourava aqui e alem os valles, formando um quadro caprichoso que só a natureza sabe desenhar.

As avesinhas começavam, como que a despertar do lethargo, em que todo o inverno tinham jazido, e afinando as suas vozes, gorgeiavam mil hymnos que enviavam como tributo A'quelle que as creou. Toda a natureza sorria; a primavera ia entrar festiva e rompeu o manto escuro com que até então o aborrecido inverno envolvera toda a natureza. Tudo se reanimava, tudo sorria, tudo era belleza e encantos.

*

Entremos na cidade. Que animação por toda a parte! Mettamos por esta rua... Passemos agora para aqui... mais alguns passos ainda... Eis-nos, leitor, chegados ao sitio, onde eu te queria trazer, e onde tu já enfastiado me acompanhaste.

Uma porta baixa, mal e mal aprumada dá entrada para uma casa escura e térrea. Entremos... Duas enxergas, velhas, esfarrapadas, cobertas por mantas ainda peiores; um caixote, algumas

panellas rotas, e outros semilhantes objectos de cosinha, todos em miseravel estado, occupam o unico quarto, que serve de cosinha, guarda roupa e alcova.

N'uma das enxergas jaz um homem dos seus sessenta annos. A barba descurada, o rosto macilento e as rugas que lhe sulcam as faces, mostram evidentemente, que todos os dias a miseria lhe bate á porta, para com a sua mão descarnada o apartar mais depressa dos entes que lhe são caros.

A miseria e a doença, quando casadas entre si vão collocar o seu talamo junto ao leito do homem, fazem vacillar ainda as almas mais fortes!... Tal era o estado do tio Joaquim. O desespero tinha attingido o seu auge. Já desconfiava da Providencia, quando ella a visitou amavel e encantadora...

Era uma creança dos seus nove para dez annos, meiga e sorridente. Pelo trato, trajar, pelas maneiras, pela alvura das mãos e do rosto via-se que devia pertencer a uma das mais illustres familias da cidade. E na verdade assim era. Os seus progenitores altamente collocados na sociedade captavam o respeito e a veneração de todos os que tinham a honra de os conhecer. A creança já não era desconhecida para o tio Joaquim, que já mais d'uma vez tinha estendido a mão á caridade do pequenito. N'aquelle dia porem, foi a Providencia que lh'o enviou.

—Olá tio Joaquim; então ainda a estas horas na cama?...

—Que quer, ó meu menino, sou velho e sinto-me tão doente que me não posso levantar, e demais nem tenho com que me aquecer, nem com que matar a fome.

E uma lagrima deslisava-lhe pela face cavada.

—Então está muito doente, não é verdade?

—Tão doente, meu menino, que creio não me tornarei a levantar da cama...

—E' preciso confessar-se então.

—Eu confesso-me todos os mezes.

—Deixal-o, mas agora ainda se não confessou.

—Não... já.

—Quando?...

—Ainda no dia...

—Mas eu quero que se confesse agora.

—Porque?...

—Porque eu quero. E vou já chamar o padre.

Sahiu, dirigiu-se a casa d'um sacerdote respeitavel, subiu as escadas, bateu á porta do quarto, e entrou.

—Que deseja, meu menino?

—Oh!... queria que viesse confessar o tio Joaquim que está a morrer!...

O semblante da creança era tão triste, a voz tão meiga, o

olhar tão supplicante, que o sacerdote não quiz inquerir mais, lançou a capa pelos hombros e sahiu acompanhado do menino.

Minutos depois estava junto á enxerga do pobre velho, que escondia nos ouvidos do digno sacerdote os seus erros e as privações com que Deus o ia dispondo para as consolações que lhe preparava.

A mesma creança que o tinha feito renascer para a vida da graça, e sentar ao banquete celestial, ia-lhe tambem matar a fome que de dia para dia lhe minava a existencia.

Salvè, caridade christã! exclamarei eu, virtude por excellencia, o maior thesouro que o homem pode possuir na terra! Oh! se todos te comprehendessem, como o mundo seria feliz!... Tu, e só tu podes trazer a verdadeira *fraternidade* ao mundo, tão enaltecida pelos modernos *socialistas!* tu, e só tu podes tornar o mundo á primitiva felicidade!... Oh! se todos te comprehendessem!...

*

A hora de jantar tinha soado. No vasto salão dos paes da meiga creança era servido um opiparo jantar. Todos folgam, todos riem, todos são felizes. Amam a Deus, distribuem com os pobres largamente, teem a consciencia em paz, nada ha que lhes tolde a felicidade.

A creança sentada ao lado da mãe, é a unica que parece preoccupada. Permanece muda e triste contemplando os manjares que tem diante de si.

— Que tens minha flôr? porque não comes?...

— Porque queria antes pedir um favor.

— Então que é?

— Mas a mamã faz-mo?

— Porque não?...

— Queria dar o meu jantar ao tio Joaquim, coitadinho! está doente e não tem que comer!...

E as lagrimas corriam-lhe fio a fio.

A mãe, com uma emoção digna d'uma mãe christã, apertou-o ao seio e beijou-o effusivamente. Sentia-se orgulhosa de ser mãe d'um filho que em edade ainda tão tenra, assim comprehendia os conselhos evangelicos!

— Sim, meu filho, levarás o jantar ao tio Joaquim, mas não é preciso que seja o teu; come que para elle ainda ha. Jantou: e no fim acompanhado pela mãe, foi restaurar as forças ao pobre velho, que desesperava já da Providencia.

*

Alguns dias depois d'esta scena, quem isto escreve, visitou o

tio Joaquim, que no meio de lagrimas lhe contou o que ahi fica escripto, acrescentando que «desde então o seu protector lhe levava todos os dias a comidinha.»

E' assim que o catholicismo sabe educar seus filhos. Querem dar solução a essa chaga da sociedade que se chama pauperismo? Eduquem a sociedade christãmente; façam comprehender a todos, grandes e pequenos as suas obrigações e em breve veremos a sociedade renascer, realisando-se então essa edade d'oiro com que o socialismo sonha, mas que pelas suas theorias nunca se realisará.

PINA.

9 — Sabbado — O B. Arcangelo de Calataphimo, da 1.ª O.

Não te esqueças nunca de que a vida é breve.

PLAUTO.

De que serve a vida, se não vae dar seiva a outra vida?

EMILIO CASTELLAR.

10 — Domingo *(de Paschoela)* — O B. Carlos de Serzia, C., da 1.ª O. — St.º Ezequiel, Propheta.

A tranquilidade da alma é uma magica feiticeira: faz d'um pobre um rico, d'uma cabana um palacio; converte as penas em satisfações, as lagrimas em sorrisos.

Jesus deixou o céo para tomar a cruz: nós deixaremos a cruz para voar ao céo.

M. DE C.

11 — Segunda-feira—S. Leão I, Pp. C. Dr.—*Nasce o sol ás II h. e 33 m., e põe-se ás 6 h. e 27 m.—Acabam-se as ferias.*

DITOS POPULARES

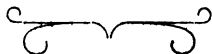
Assarapantado — Aturdido; atrapalhado.

Agua que os passarinhos beberam no ar.—Diz-se da chuva levissima.

As necessidades não são só em setembro—Como que consolação dada a quem se quixa de precisões e apertos por que está passando.

Apenar. — Ordenar. Embargar. Por exemplo: O regedor apenou dous cabos para certa diligencia.

Apenas ardeu a escorva — Successo que podendo ter effeitos terriveis, de pouco ou nada valeu.

12 — Terça-feira — O B. Angelo de Clavasio, C., da 1.ª O. — S. Victor, M. Portuguez. — *Ind. plen. para o Escapulario da Conceição.*

PANORAMA

Como é bella a tarde,
que após longo dia
do estio, declina!...
Que nova poesia,
que summo prazer
innunda meu ser.

Saudando o hemispherio
já o sol cae ufano
na orla purpurina,
que roça o oceano;
e a lua sem véo
campeia no céo.

Deus! Belleza eterna!
Deus, que se retrata
n'um froixo reflexo,
eis quem me arrebata.
Belleza! Meu fim,
oh! vem, reina em mim.

P. Freitas.

13 — Quarta-feira — St.º Hermenegildo, M. — St.ª Euphemia Bracarense.

DIREITO E LIBERDADE

Duas magnificas sentenças achamos em Cicero—O direito é a fonte da egualdade e o fundamento da liberdade. Bellissimo é o commentario que lhes faz Donoso Cortez.

Nas sociedades catholicas o homem obedece sempre a Deus, e nunca obedece ao homem.

Nas sociedades catholicas o filho obedece ao pae, porque Deus quiz que o pae fosse seu representante na familia e porque fez da paternidade uma cousa veneravel e santa.

Da mesma sorte, o povo obedece á auctoridade suprema, porque sabe que, obedecendo, obedece a Deus, que quiz que essa auctoridade o representasse no Estado e que fosse uma cousa sagrada: *Omnis potestas a Deo.*

Ora, onde quer que o homem obedece a Deus, ha liberdade.

*
* *

Como aos nossos olhos apparecem Céo e Terra unidos e distinctos, e a sua união é symbolisada pelo horizonte, assim ao nosso espirito mais ou menos claros, mas distinctos, indivisiveis e fixos, resplandecem dous pensamentos: Natureza e o que a transcende, Terra e Céo, o Natural e o Sobrenatural, eis ahi a vista, eis ahi o pensamento.

Augusto Comte.

14 — Quinta-feira — S. Justino, M. — Os Santos Thiburcio e Valeriano, Mm.—S. Pedro Gonçalves Telmo.

Um sujeito disse a outro no theatro:

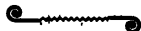
—Que malcreado!

—Isso é commigo? bradou o lisboeta.

—Não senhor; é com aquelle insolente Beneventano, que não me deixa ter o prazer de admirar a linda voz que você tem.

15 — ● Sexta-feira — S. Cyrilo de Alexandria, B., C. e Dr.—Santas Basilissa e Anastacia, Mm.—St.º Eutichió, M.—*Lua nova ás 9 h. e 15 m. da tarde.*

Por mais soberbas que sejam as distincções de que os homens se lisongeiam, a verdade é que todos elles provém da mesma origem.

16 — Sabbado — S. Raphael Archanjo. — St.ª Engracia, V. M. —S. Fructuoso, Arc. de Braga.—*Passa hoje o anniversario do dia em que S. Fraucisco fez a sua profissão religiosa. A todos os membros das suas Tres Ordens que, em memoria d'este facto, renovarem n'este dia a sua profissão, é concedida pela Santa Sé uma* INDULGENCIA PLENARIA.

Morreu um negro muito rico, deixando por tutor de seus filhos a um grande avarento.

—E' preciso comprar luto para estas creanças—disseram ao tutor.

—Ao contrario—respondeu este com presteza—para ficarem de luto rigoroso, o que devemos fazer é despir-lhe o fatinho.

17—Domingo *(2.º depois da Paschoa)*—S. Cyrillo de Jerusalem, B. C. e Dr.—St.º Aniceto, Pp. M.—St.º Elias, Monge portuguez.

O homem para robustecer o corpo precisa alimentos fortificantes; assim o espirito necessita bons livros, boa conversação illustrada, estudo e sciencia, para evitar a molleza do espirito que causa os inuteis, os maus, muitas vezes.

MARIA CHRISTINA ARRIAGA.

18—Segunda-feira—O B. André Hibernon, C., da 1.ª O.—S. Gualdino, B.

Uma menina, vendo que um creado estava a vestir um fidalgo, disse:—O' papá, aquelle homem não tem mãos?

19—Terça-feira—O B. Conrado de Asculi, C. da 1.ª O.—St.º Hermogenes, M.

VICTOR HUGO E OS JESUITAS

No momento actual é proprio reproduzir o que Victor Hugo dizia: «Homens reunem-se e vão viver em commum. Em virtude de que direito? Em virtude do direito de associação. Conservam-se fechados em suas casas. Em virtude de que direito? Em virtude do direito que tem todo o homem de abrir ou fechar a porta de sua casa. Não sahem. Em virtude de que direito? Em virtude do direito de sahir ou de entrar em casa, sem que n'isto seja impedido por ninguem.

Ficando em casa o que fazem? Rezam. A quem? A Deus.

Os espiritos irreflectidos, voluveis, dizem: Para que servem estas figuras immoveis do lado do mysterio? Qual a sua utilidade? Que fazem. Não ha trabalho mais sublime do que o que fazem estas almas. Não ha trabalho mais util. Fazem bem os que rezam para os que não rezam.»

20 — Quarta-feira — O B. Leopoldo de Gaixe, da 1.ª O. — St.ª Ignês de Montepoliciano, V.

O estylo é o homem, o homem um problêma.

O talento não depende do tempo.

A alma é um reflexo da divindade.

Quem pergunta quér resposta.

21 — Quinta-feira — St.º Anselmo de Cantuaria, B.

C. e Dr. — *Nasce o sol ás 5 h. e 58 min. e põe-se ás 6 h. e 12 min.*

André encontra Simão montado n'um burro.
— Onde vão vocês dois?
— Buscar palha para ti.

22 — **Sexta-feira** — Os Santos Sotão e Caio, Pp. Mm. — St.ª Senhorinha, V., portuguesa.

CONSELHOS ÁS MÃES

Cuidai da honestidade de vossas filhas como das meninas dos vossos olhos; não consintaes coisa alguma que possa macular sua consciencia, ou afeiar o candor de sua fronte; não permittais jamais que estejam sós com jovens, ainda que seja com esperança de matrimonio; porque essa esperança, assim profanada, é funesta, e vossa conducta é delicto de responsabilidade immensa diante do Senhor. Deus, Pae de todos, cuidará, se vossas filhas são virtuosas, de deparar-lhes, como a Sára, esposos dignos d'ellas, quando não recebam do Céu mais alta vocação.

Leão XIII.

23 — ☽ **Sabbado** — O B. Gil d'Assis, C. da 1.ª O. — S. Jorge, defensor do reino de Portugal. — *Quarto crescente ás 4 e 18 m. da tarde.*

PIA D'AGUA BENTA (CONVENTO DE SANTA CLARA—PORTO)

PSALMO

De profundis clamavi!...
Domine, exaudi vocem meam!...

Psalmo, CXXVIII

Dos profundos abysmos d'esta vida
eu te invoquei, Senhor;
ouvi d'esta alma triste e perseguida
seu plangente clamôr.

Que em teus ouvidos calem os gemidos
do afflicto coração
dos mortaes, que na terra foragidos,
suspiram por Sião.

Oh! Não esquadrinheis nosso peccado
no crime e o tropeçar.
Então do rosto teu vibrando irado
quem ha-de a luz fitar?!...

Mas vós sois terno pae. Israel gemente
confia em teu amor;
e 'pera na lei, que d'entre a chamma ardente,
vós lhe deste, Senhor.

Desde o romper da matutina aurora
espera em seu Deus
te quando, desmaido o sol descora
e perde os brilhos seus.

Espera em Deus; n'elle piedade abunda;
dentro em seu peito ha redempção fecunda
vem a Israel salvar.

A Israel, que em seus crimes vis se afunda
Deus virá resgatar.

1899 — P. B. RIBEIRO.

24 — Domingo — (3.º depois da Paschoa) — Patrocinio de S. José — *Ind. plen. para os Irm. Terceiros e para o Escapulario de S. José.*

Um escriptor que acabava de recopiar uma das suas mais bellas paginas, com um cuidado particular, exclamou muito contente:
O fim corôa a obra!
Finis corónat ópus.
E, pronunciando estas palavras, péga no tinteiro, em vez do areeiro, e cobriu o seu precioso trabalho com um lágo de tinta...!
Finis corónat ópus!

25 — Segunda-feira — S. Marcos Evangelista. — Procissão das Ladainhas. — *Ind. Plen. da Bula.*

ORIGEM DAS LADAINHAS

A Santa Igreja manda que seus filhos orem incessantemente, pois sempre teem necessidade do auxillio divino. Ha porém occasiões em que precisámos de redobrar as nossas preces. Quando Deus parece esquecer-se da sua infinita misericordia, e descarrega sobre a humanidade os golpes de sua inexoravel justiça, então é que como mãe carinhosa, nos ensina como poderemos desarmar o seu braço justamente irado por causa dos nossos peccados.

Ella chama-nos ao templo n'aquellas epochas em que a natureza está disposta a proporcionar seus fructos a disvellos dos agricultores, e em tempos de grandes calamidades publicas, e exhorta-nos á oração para impetrar da divina clemencia, se não malogrem as esperanças de uma colheita superabundante.

Para isto estabeleceu orações especiaes, isto é, as Ladainhas.

Ladainha é uma palavra grega que significa oração humilde, fervente prece.

Dizem-se *maiores* ou *menores*. As *maiores* que se cantam no dia de S. Marcos, são assim chamadas porque a principio cantavam-se com grande solemnidade em todo o orbe catholico, e em Roma a procissão das Ladainhas dirigia-se á Egreja de Santa Maria Maior.

As *menores* assim ditas por se fazerem com menor solemnidade, e porque a principio ás suas procissões se encaminhavam para as igrejas menos importantes, cantam-se nos tres dias que precedem a solemnidade d'Ascensão de N. S. Jesus Christo.

As Ladainhas maiores, chamadas communmente de S. Marcos, trazem a sua origem d'uma horrivel peste que flagiciou Roma pelos annos de 588, causada pelas aguas do Tibre que sahidas do seu leito invadiram a grande metropole. Uma das victimas d'este grande flagello foi o Summo Pontifice Plagio.

Foi por isso que S. Gregorio Magno, seu successor, ordenou se fizessem preces publicas para suster o braço vingador. Distribuidos, pois, os fieis em sete córos, sahiam das sete principaes Basilicas e percorrendo as sete colinas de Roma clamavam a Deus misericordia.

As *menores* que a Igreja manda se cantem nos tres dias que precedem a Ascensão, teem comtudo uma origem mais remota.

Foram estabelecidas por S. Mamerto, Bispo de Vienna, por causa tambem de grandes calamidades que pelos annos de 469 assolavam aquellas terras.

Esta pratica foi depois recebida pela Sagrada lithurgia que ordena se cantem com os fieis nos sobreditos dias e em tempos de grandes calamidades, para que n'estas epochas de crise venham em nossa ajuda a Santissima Virgem e todos os santos.

26 — Terça-feira — Nossa Senhora do Bom Conselho.—S. Pedro de Rates, M., Arceb. de Braga.—Os Ss. Cleto e Marcellino, Mm.—*Ind. plen. para o Rosario Vivo.*

Ave Marias

(HARPEJOS SACROS)

I

No Olympo cérulo
Vęnus sorri;
tão alva e nitida
eu nunca a vi.

II

Imagem typica
do eterno alvôr,
lá do céo 'splendida
projecta amor.

III

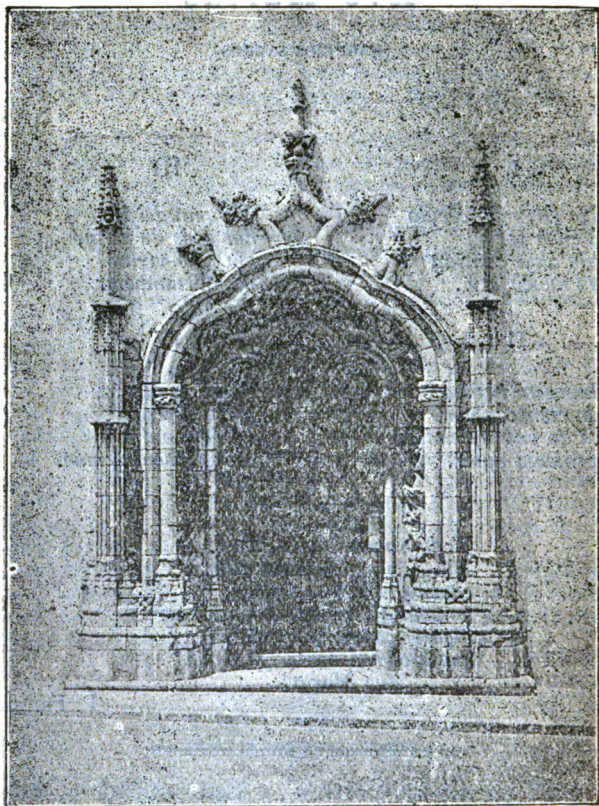
Virgem deifica
dos céos de além,
um raio vivido
me dá tambem.

IV

Salve, ó Maria,
astro divino;
no eterno dia
ouve o meu hymno.

Todo o mundo vos adora!
Eu... p'ra lá da sepultura,
canção infinda e sonóra,
ao som da minha harpa obscura
alçarei com a harmonia,
que a terrra cantar já ouvia!
Ave Maria!

P. FREITAS.

27 — Quarta-feira — O B. Thiago de Bitecto, C., da 1.ª O.—A B. Joanna Maria Maille, da 3.ª O.—St.º Tertulliano, B.—S. Thuribi, Arc. de Lima.

Porta da Egreja de Marvilhe (Santarem)

TEMPO PERDIDO

(ANECDOTA)

Um litterato de polpa, que apanhou o *habito* de dizer mal de toda a gente, e mais de Christo, para metter a ridiculo um seu

collega, perguntou-lhe n'uma sala, com ar de superioridade, em frente de muitas senhoras, para o confundir:

—Dize lá depressa; ó Dias; o que é *tempo* perdido?

—E' o que se gasta comtigo, meu louro.

LUIZ D'ARAUJO.

28 — Quinta-feira — O B. Lucio ou Luchesio, C., e Primogenito da V. Ordem Terceira da Penitencia. S. Vital, M. — S. Prudencio B. — *Ind. plen. para os Irm. Terceiros.*

CONSCIENCIA

A consciencia do justo é um espelho de aço polido, que o sôpro impuro do máu não póde embaciar.

— Uma consciencia pura é o melhor travesseiro, sobre o qual o homem de bem póde repousar sua cabeça.

—O verdadeiro bem não se encontra senão no socego da consciencia.

—A consciencia é o unico espelho, que não lisongêa nem engana.

CONSELHEIRO BASTOS.

29 — ☺ Sexta-feira — S. Pedro, M. — S. Antonia, V. e M. — St.º Hugo, Abb. — *Lua cheia ás 10 h. da tarde. Grande gala. Não ha despacho. Recepção. Feriado.*

O furto... de um gato

O ill.mo Snr. Juiz de paz tinha um gatinho tão engraçado, que era um gosto vel-o; e o barbeiro, ao contrario, tinha uma gata velha, feia e pellada, que era um horror.

— Se pudessemos tomar para nós o gato do Snr. Juiz!... disse o barbeiro á Catharina sua mulher.

— E' no que estava pensando, respondeu-lhe a mulher; é tão bonitinho... Mas o caso não é difficil. Amanhã, emquanto fizeres a barba ao Snr. Juiz, pégo o gato pelos bigodes... e será nosso.

No dia seguinte, emquanto o barbeiro segurava o nariz do Juiz, Catharina foi ter com sua criada, disse-lhe em segredo não sei que, e, aproveitando-se do momento opportuno no qual a dita criada sahira da cosinha para fazer qualquer cousa, toma o gato, deita-o n'uma cesta que para tal fim levara comsigo, e cumprimentando a criada á pressa, no momento em que esta entrava na cosinha, retirou-se. O grande roubo havia sido praticado com a maxima facilidade.

Na hora do jantar não se via mais o gato, como de costume na casa do Juiz.

— Onde anda o gato que o não vejo? Bichano, bichano...

Mas o gato saboreava o jantar na casa do barbeiro, que, para acostumal-o, lhe havia dado saborosa pitança.

—Bichano, bichano... continuavam a chamar o Snr. Juiz, sua veneranda Snr.a e a pobre criada, que já receiava ter de responder pelo desapparecimento do gato.

— Terá fugido?

— Ter-se-á perdido?

— Quem sabe se o não furtaram?

—O' Brigida, porque não tomaste cuidado...

— Tomei, sim, Snr.; ainda esta manhã o gato estava em casa...

—Então?...

E aqui entre o temor e a esperança começaram queixas e lamentos.

*
* *

Mas o remorso, companheiro inevitavel e terrivel do peccado, estava dilacerando a alma do barbeiro e de Catharina, sua mulher.

— Que será de nós, quando o Snr. Juiz souber que lhe furtamos o gato?
— E não tardará muito em sabel-o, porque entra tanta gente na loja...
— Pobres de nós! mettemo-nos em camisa de onze varas...
— Agora vamos tratar de remediar o mal.
— Como?
— Como? Indo ao mesmo Snr. Juiz confessar-lhe o nosso delicto.
— Ai! que tremo só ao pensar n'isso.
— E esse é o caminho mais curto e seguro de sahirmos d'essa embrulhada.

*
* *

Ao anoutecer, o barbeiro e Catharina, sentidos e confusos, com o gato na cesta, foram ter com o Juiz.
— Ah! perdôe-nos! O seu gato era tão bonito... tão interessante... que...
— Então foram vocês...
— Na verdade não fui eu, mas foi... Catharina, minha mulher.
— Sim; fui eu que peguei o gato; mas porque tu desejavas possuil-o.
— Ah! marotos!... commettestes um crime que, segundo o art. 9:999 da lei, devia ser punido com dez annos de prisão.
— Pelo amor de Deus, sr. Juiz! Olhe, estou prompto a fazer-lhe a barba sempre de graça, mas perdôe-nos...
— Sendo assim, considerando que peccado confessado está meio perdoado, e que, pela outra metade, você me fará a barba gratis, perdôo-lhes a pena merecida, restabeleço a paz entre nós e vos deixo o gato... como pensionista, para que o trateis como deve ser tratado o gato d'um Juiz de paz.

---

30 — Sabbado — St.ª Catharina de Sena, V. — S. Peregrino, Servita.

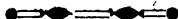
A temperança exerce na vida phisiologica as funcções que a prudencia exerce na vida moral.

Renato.

Jorge recebe um telegramma do Porto, e exclama ao abri-lo:

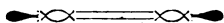
—Que rapidez a do telegrapho! Este telegramma vem do Porto, e ainda está humida a gomma do sobrescripto.

—Vae p'rá casa do diabo, respondeu irado o patrão no jardim.

—Quando você estiver em casa, respondeu o criado.

Os fieis que assistirem ao exercicio publico do mez de Maria, ou não podendo, em suas casas, ganham 300 dias de indulgencia e uma plenaria em qualquer dia do mez á sua escolha.

Maio

31 Dias

Na lua cheia e minguante semeia melões e melancias,
arvores de espinho e palmeiras,
e dispõe alfaces. Na lua nova e crescente dispõe mangericões
e cebolas de angelicas, e limpa as vides de lagartas.

1 — Domingo (4.° depois da Paschoa)—Ss. Filipe e Thiago, Ap.—S. Jeremias, Propheta.—*Nasce o sol ás 5 h. e 12 m., e põe-se ás 6 h. e 48 m.*

MADONNA DAS UVAS

FLOR A MARIA

(RECORDAÇÃO INFANTIL)

Ai! Que saudade me inunda,
quando triste, vôa á mente
a lembrança d'esses dias
da infancia tão sorridente!

Adorava-te eu, ó Virgem,
quando a noite se encobria,
e tu no céo despontavas,
enchendo-me de alegria.

Adorava-te, ó Maria,
quando o bronze do ermeterio
ondulava em sons alegres,
annunciando o teu mysterio.

Adorava-te, ó mãe terna,
quando teus filhos rodeavam
teu altar querido, e as preces
a teus pés depositavam.

Attrahiam-te meus labios,
quando innocentes, saudavam
o teu nome gracioso,
e em pureza te louvavam.

Enlevava-te a candura
d'este ingenuo coração,
porque, simples já te amava
co'a mais terna devoção.

Fui o teu encanto! E agora,
que me resta de alegria?...
Oh! Cobre-me com teu manto,
que ainda vivo, ó Maria!

Mas, lembrando-me essa idade
tão querida ao teu amor,
saudoso inda o peito diz:
—«Já murchou tão linda flôr!»—

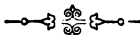
P. FREITAS.

2 — Segunda-feira — S. Athanasio, B., C. e Dr. — A B. Mafalda, V., Infanta de Portugal.

A MAIOR PALAVRA DO MUNDO

E' uma palavra allemã de 77 lettras:

Oesterreichischenamerikanischengummifabrikactionsgesellschaftatbtheilungschef; o que quer dizer: Chefe da administração da Sociedade por acções austro-americana da fabricação do cautchú.

3 — Terça-feira — INVENÇÃO DA SANTA CRUZ. — Os Ss. Alexandre e Juvenal, Mm.—*Ind. plen. para os irmãos da Conceição.*

A prosperidade faz com que appareçam bem claramente as nossas virtudes e os nossos vicios, como a luz faz com que se tornem bem visiveis todos os objectos.

LA ROCHEFOUCAULT.

4 — Quarta-feira — St.ª Monica, Viuva, mãe de Santo Agostinho.—O B. Christovam de Milão, C., da 1.ª O.

N'uma aula de direito Patrio:

—Porque é que D. Affonso Henriques foi o fundador da monarchia portugueza?

—Porque D. Affonso Henriques estava por assim dizer encarregado pela Historia de fundar a monarchia portugueza.

—Tambem póde ser isso.

5 — Quinta-feira — S. Pio v, Pp. C. — St.º Angelo, M.—A Conversão de St.º Agostinho.

Curiosidade arithmetica

Meio facil de fazer fortuna!...

O pobre A... tendo falta de dinheiro pede ao seu amigo B... que lhe empreste 4 tostões.

—De boa vontade, respondeu B..., mas ha de me dar o quadrupulo d'esta quantia; negocios são negocios: tome lá os 4 tostões.

Oito dias depois A... vae pagar sua divida:

—4 vezes 4 tostões, são 16 tostões, (4×4=16); eis os teus 16 tostões!

—O que?! respondeu B... não foi isso que lhe emprestei! foram 40 dez réis que lhe dei, e o snr. tem que me dar o quadrupulo de 40, isto é 40 dez reis vezes 40 dez reis são 1.600 dez reis, (40×40=1600).

Por isso tem que me dar 1.600 dez reis ou 16$000 reis.

6 — Sexta-feira — S. João, *Ante Portam Latinam.* S. João Damasceno.

Aconselhavam, maus estadistas, a Henrique III de Castella que lançasse certo tributo ao povo para sustentar as guerras. O principe responde, castigando o mau conselho, dizendo: «Não me aconselheis tal, que mais temo as lagrimas dos pobres que as armas dos inimigos».

7 — ☾ Sabbado — S. Estanislau, B. M. — O B. Agnello, C., da 1.ª O. — St.º Augusto, M. — *Quarto minguante ás 11 h. e 15 m. da manhã.*

ULTIMA CONDECORAÇÃO

ORRIA o inverno de 1877.

A scena passa-se no secular castello de Fouquerolles entre Dreux e Rogent-le-Royal.

Era noite feita e adeantada. O céo estava toldado de nuvens negras, presagio certo de fortes aguaceiros n'essas longas e frias noites de inverno. Dentro, no castello, jazia no leito da dor um bravo, celebrado em tempos por suas façanhas bellicas e militares; era o quasi nonagenario coronel Chandres. Prostrou-o não tanto a enfermidade, como a velhice e decrepitude; acabrunhado de annos e fadigas esperava-se a cada momento o desenlace derradeiro e fatal. O velho contorcia-se nas ancias do desespero; seus olhos chammejavam fogo, suas faces eram pallidas como a morte, e sua fronte rasgada fazia entrever um genio; e elle era um genio na arte da guerra, na tactica militar. N'este entrementes batiam á porta, carcomida já pela acção devastadora do tempo, o commandante Coulomb e o capitão Lormay, velhos amigos e camaradas do enfermo coronel.

Ao receber a noticia Chandres pareceu rejuvenescer; assomaram-lhe ás faces uns lampejos vagos d'esse facho quasi extincto e mortiço, a que chamamos vida; sua memoria debil e apagada poude, a custo, representar-lhe as glorias d'outras eras. O velho chorou.

Mas não adeantemos. Antes de passarmos á longa e interes-

sante entrevista dos tres velhos amigos, attentemos n'uma sympathica figura, que silenciosa e taciturna está á cabeceira do doente: cobre-lhe um véo a cabeça, pende-lhe da mão um rosario, os olhos estão velados de lagrimas, a sua physionomia toda revela longas e continuadas insomnias; ora segreda palavras de consolação, qual anjo do bem, aos ouvidos do moribundo, ora se levanta com dedicação mais que de esposa para prestar-lhe seus desinteressados serviços; é uma Irmã de Caridade.

Permitte-me agora, leitor amigo, uma digressão, que vem aqui muito em seu logar.

Far-te-ia injuria se te suppuzesse um d'esses catholicos pelo *cerebro e pelo coração*, que de tudo procuram chasquear, e que intentam com risotas sarcasticas e sangrentas depreciar as mais beneficentes e caritativas—lê philantropicas se te apraz melhor—instituições do christianismo. Dize-me, pois, aqui muito á puridade sem rebuço nem paixão: viste já alguns d'esses anjos desvelados? Se não viste, visita commigo esses hospitaes, esses asylos da mendicidade e infancia desvalida. Vamos mais longe ainda; transportemo-nos ao Japão, ás ilhas Sandwich, ás intemperies dos climas africanos; aqui vemol-os tratar as mais asquerosas doenças, vemol-os pensar alli as pustulas mais nauseabundas e repugnantes, acolá catechisam o selvagem, mais além chamam ao caminho da honra a prostituição, esse repellente cancro social, que corróe tantas victimas, que para ahi vivem mergulhadas no lodaçal immundo do vicio e do crime.

E não são em boa verdade crédores da estima e gratidão da sociedade? Ha ahi mais digno apostolado, ministerio mais nobre?

Mas reatemos o fio do discurso não perdendo de vista a boa Irmã da Caridade, que é parte interessante da narração.

Coulomb e Lormay entraram de mansinho no aposento do doente: reinava o mais fundo silencio, que só de quando em quando era quebrado pelo bocejar afflictivo do coronel.

Os tres amigos estreitaram-se n'um doce amplexo e n'esta attitude estiveram largos momentos sem proferir palavra; grossas lagrimas sulcaram as faces lividas do coronel. No entretanto a Irmã de caridade orava pela conversão do moribundo. Vem muito a pello dizer-se que Chandres era um d'esses scepticos practicos, que não querem saber de religião para nada; professava o credo voltaireano, e não obstante os esforços de muitas pessoas não se resolvia a caminhar pela via segura e tão pouco trilhada infelizmente da virtude; já o espectro negro da morte estava sentado no limiar da porta do historico castello e Chandres continuava indeciso; a recordação vaidosa de seus feitos, que afinal fugiram nas azas ligeiras do tempo, o entretinha e embebia todas as suas attenções; e o que é mais, sua alma e sua salvação eram por completo

descuradas n'aquelle momento ultimo e solemne. Eis o porquê das lagrimas e da constante e ininterrupta oração da Irmã de Caridade. Ia-se travar renhida e porfiada lucta, e veremos como a oração é arma efficacissima para vencer combates, para arrostar os mais formidolosos perigos, quaes são as pelejas entre a carne e o espirito.

Mas aonde me levam todas estas considerações? dirá o leitor indiscreto e impertinente. Continuemos a historia, e ver-se-ha sua applicação practica.

A conversação dos tres veteranos cahiu naturalmente, necessariamente sobre guerras; sobre cercos, sobre os perigos que correram, sobre as glorias, de que se revestiram; este recordava o descobrimento de uma traição no mais acceso da refrega, aquelle o aprisionamento do inimigo, aquell'outro a debandada dos contrarios.

Assim se passou a noite; não obstante as chuvas torrenciaes e continuas a manhã raiou serena; dois raios dourados do sol entravam de soslaio janellas a dentro e iam bater no catre, que vira passar já tantas gerações, e no qual jazia o representante d'uma fidalga e nobre familia.

Seriam oito horas da manhã pouco mais ou menos; a conversação continuava animadissima; o coronel parecia reviver para os annos fogosos e cheios de renome da sua mocidade. N'este meio tempo entrava um vulto alto e macilento: era o velho cura da aldeia, que vinha repetir suas visitas diarias, qual medico, que não perde ensejo de dar saude ao enfermo, qual pastor, que procura reduzir ao aprisco a ovelha tresmalhada; sem o querermos biographar diremos ao menos, que era assiduo, como o dever, em proporcionar todos os meios uteis e necessarios para a salvação de seus parochianos; apesar dos seus bons oitenta annos ahi o temos á cabeceira dos doentes prodigalisando-lhes bençãos com mãos profusas e ajudando-os a bem morrer.

O cura tomou parte na conversa a qual continuou ainda sobre coisas militares, escutou-os attentamente, e n'uma dada occasião fez uso da palavra para chamar o doente a assumpto de mais importancia; quiz fallar-lhe de confissão, ao que o enfermo respondeu com um gesto indeciso, incerto.

O velho não queria dar de mão a essas doutrinas voltaireanas, de que estava eivado, e permanecia abysmado n'esse scepticismo medonho, para onde as tendencias do seculo XIX arrastaram tantos espiritos, aliás nobilissimos e illustrados.

Não ha negal-o: se o seculo XIX foi um seculo de progresso e civilisação, foi por egual um seculo de pronunciada descrença, e bem accentuado indifferentismo: os mesmos coripheos do livre pensamento são quasi unanimes em reconhecer a crise, que a so-

ciedade tem atravessado de ha um seculo a esta parte, e são concordes em affirmar a necessidade de reconciliarmos a sciencia com a fé; de feito, sciencia e fé não podem, não devem separar-se, e erradamente, desastradamente, procura o progresso emancipar-se da religião, que é dogma da lei natural, e por conseguinte postulado da razão humana; alem d'isso se lermos desapaixonadamente e sem preconceitos as licções sempre vivas da historia, deparar-se-nos-ha que o catholicismo andou sempre na vanguarda do progredir social, e que desde o individuo até ás mais benemerentes e humanitarias instituições tudo foi influenciado directamente ou indirectamente por elle. Mas fechemos o parenthesis e rematemos a nossa historia.

Vendo o bom cura, que a Irmã de Caridade velava ha tres noites, fez-lhe signal para que fosse repousar. Accedeu a Irmã. Virou-se então para os veteranos e deu em falar-lhes assim:

«Senhores: Muito hei ouvido de vossas passadas glorias e de vossas aventuras militares. A' fé, que adorei em meu coração (?) esses impetos do mais sagrado patriotismo; sois effectivamente credores da admiração dos vindouros, e podeis legitimamente exigir, que vossos filhos acatem vossa memoria; deveis, porém, concordar commigo em que ha outra milicia em nada inferior á vossa, e que teve e tem hoje ainda os seus heroes; pensaes vós que essa Irmã de caridade, que tem assistido a este illustre enfermo, não operou grandes façanhas, que a ennobreçam? Pois é um facto; e, com a ajuda de Deus, está-lhe reservado hoje um novo triumpho; ella, porém, vive ignorada na sombra ao passo que vós prégaes aos quatro ventos os feitos d'outras eras; comtudo está promettida á heroina uma palma que patenteará á luz do sol a grandeza de quem viveu na obscuridade, e de quem *passou fazendo bem* a despeito de criticas mordazes, de dicterios soezes, de calumnias villãs. Concordaes?»

A resposta foi um longo e bem significativo silencio. A face de Chandres transformou-se ao ouvir o elogio da Irmã de Caridade.

A Irmã de Caridade retomou o seu posto de honra; redobrou de esforços e actividade para trazer á via do arrependimento a ovelha desgarrada. Instou, instou, instou... Movía-o a actos de fé, de esperança, de caridade perfeita para com Deus.

O velho reflectiu emfim, e como que allumiado de superna luz, e tocado de invisivel mão significou, que desejava falar a sós com o padre, e momentos andados apparece-nos lavado nas aguas regeneradoras da penitencia o sceptico e voltaireano coronel, para o qual a confissão não passava de simples especulação de padres; de voltaireano e septico eil-o crente fervoroso e apostolo devotado do bem; os olhos vertiam-lhe amargoso pranto, as faces banha-

vam-nas dois rios de grossas lagrimas, era, n'uma palavra, um novo homem. A Irmã da Caridade apertava-lhe entre as mãos o Crucifixo; no entretanto as condecorações rodavam pelo pavimento; abraçado estreitamente com a Cruz, momentos idos, o veterano transpunha os umbraes da eternidade. Os mysterios de alem-tumulo não ha devassal-os; diz-nos, porém, uma bem fundada esperança que, graças á oração da Irmã de Caridade e do bom Cura, Deus se terá amerciado d'elle. Aos já muitos titulos de gloria, que cingiam a fronte do glorioso e valente militar foi alliar-se este inegualavel triumpho: o Crucifixo foi a ultima das condecorações.

FR. ZEFERINO GONÇALVES.

8 — Domingo (5.° depois da Paschoa) — Dedicação da Basilica de Assis, Casa-mãe da Ordem Franciscana.

Homem muito bebedor é pouco vivedor!

(Sabedoria das Nações).

9—Segunda-feira *(Rogações)*—S. Gregorio de Nazianzeno, B. C. e Dr.

N'um restaurante entra um dia
certo freguez abastado.
Senta-se commodamente,
e diz d'est'arte ao criado:

Um copo d'agua! Um palito!
O «Illustrado» *e a* «Nação»!
Fecha tambem essa porta,
e enxota-me aquelle cão!...

C. M.

10 — Terça-feira — *(4.ª depois da Paschoa)* S. Antonino, B. C. — Ss. Gordiano e Epimacho, Mm.

Pensa bem se pódes cumprir o que prometteres.

A lei divina é o pharol, por que nos havemos de reger no mar da vida, para chegarmos ao porto da salvação.

11 — Quarta-feira *(Rogações e jejum)*—S. Anastacio, M.—S. Mamede, M.—*Nasce o sol ás 5 h. e 1 m. e põe-se ás 6 h. e 59 m.*

CONTUSÕES

Dissolve-se em 3 litros d'agua:

Sulphato de cobre (capa rosa), 2 grammas.
Sulphato de zinco, 6 grammas.
Açafrão, 5 decigrammas.
Alcool alcanforado, 25 grammas.
Agita-se bem, deixa-se repousar, e no fim de 3 dias estará em estado de poder ser usado o remedio.

12 — ✠ ✠ Quinta-feira DE ASCENÇÃO — Ss. Nereu e Achileu, Mm. — St.ª Joanna, Princeza de Portugal, V. —*Ind. plen. da Bulla.—Ind. plen. das Estações de Roma. —Ind. plen. para os Irm. Terceiros, para o Escapulario da Conceição, de S. José, Rosario Vivo e Confraria do Rosario.*

A ASCENSÃO DE JESUS

I

Que dia sublime, que dia formoso,
em que se recorda de Christo a Ascensão!
Os crentes mais puros sorriem de goso.
Parece, que os prados mais bellos estão.

Ao templo nos chamam repiques de sinos.
E o sol hoje brilha, sem nuvens, sem véu!
Na mente, escutamos angelicos hymnos
e vemos o Eterno brilhando no Céu!

Os templos se vestem de fulgidas côres!
E os cantos das aves mais graça hoje tem.
Mais bellas parecem dos campos as flores,
e bem mais sonoras as fontes tambem.

E' Hora da Nôa! *Conjuncto sublime,*
o Hymno *recorda divino poder.*
Em Deus trino e uno *mais crenças exprime*
e diz-nos, que n'ellas devemos viver!

Recorda, nos templos, a chuva de flores,
a chuva de graças, que trouxe Jesus.
Do mais puro incenso se gozam odores
e os psalmos recordam victorias da cruz!

II

Jesus, que soffrera martyrio affrontoso,
por todos cumprira terrena missão.
Voltou para o seio do Pae amoroso.
Reinar foi com Elle na eterna mansão!

D'aquelles, que amava, Jesus se despede!
Discipulos meigos já via chorar.
Mas graças divinas, que a todos concede
lhes dizem, que podem ao Céu aspirar!

Ascensão de N. Senhor

Por sua virtude, subira, subira,
ao Monte, onde outr'ora por todos orou.
Em nuvens envolto, depois não se vira
e pavidos todos, que o viram deixou.

Feliz quem pudéra, com intima crença,
em tão santo dia subir com Jesus,
as nuvens transpondo da abobada immensa,
ao reino sublime de mystica luz.

Jesus, tu subiste, mas não desamparas,
no Ceu, os que te amam, que são filhos teus.
Tu vives comnosco. Tu, como falláras
outr'ora, hoje fallas do reino de Deus!

III

Jesus, que na terra foi tão amoroso,
que á patria celeste quiz hoje subir,
julgar todo o mundo virá, magestoso,
dar premio ás virtudes, os crimes punir.

Mas bem mais, que os erros, que nós commettemos,
valor tem o sangue do terno Jesus.
Se formos contrictos, perdão nós teremos,
que as almas á patria celeste conduz.

Rainha das Virgens, excelsa Maria,
ao Ceu, como disse, teu Filho ascendeu.
A Egreja te louva tambem n'este dia
e ao teu patrocinio tambem recorreu.

Que dia sublime, que dia formoso,
em que se recorda de Christo a Ascensão!
Os crentes mais puros sorriem de goso.
Parece, que os prados mais bellos estão.

(Aveiro) RANGEL DE QUADROS.

13 — Sexta-feira — S. Pedro Regalado, C. da 1.ª O. —N. Senhora dos Martyres.—*Ind. plen. nas egrejas franciscanas.*

Prognosticos do tempo

PELAS SENSAÇÕES DO HOMEM

Ha diversas sensações no homem, que lhe pódem servir para reconhecer as mudanças que vão subitamente occorrer na temperatura.

Todo o mundo sabe, por exemplo, que as pessoas que tem callos experimentam n'elles mais dôres quando se approxima a chuva: que as que são nervosas sentem-se peiores nas mudanças de tempo: que as exhalações boas ou más, são mais sensiveis pouco antes da chuva, taes como o cheiro das flôres ou dos estrumes, que é muito mais forte quando vae chover, ou está imminente tormenta: emfim, quando o som dos sinos ou dos instrumentos musicos, o grito do homem, e o latido dos cães, estrugem mais, e de modo mais claro, que de costume, no campo, é signal de menor seccura no ar, e por consequencia aviso de que humidade proxima trará comsigo chuva.

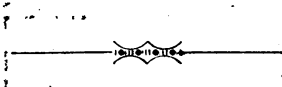
14 — Sabbado — O B. Francisco de Fabriano, C. da 1.ª O. — S. Gil. — S. Bonifacio, M.

Com os meninos e com as pessoas que estamos obrigados a ajudar, lembremo-nos que se obtem mais resultado com uma palavra de animação e com um elogio, que com a reprehensão e exigencia.

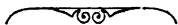
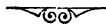
15 — ● Domingo — O B. Benevenuto de Recineto, C. da 1.ª O. — St.º Isidro, lavrador. — S. Simplicio, B. M. — *Lua nova ás 2 h. e 22 m. da manhã.*

UM TIRO BEM

PROVEITADO

N'um mercado de peixe. (A uma velha):
—O' santinha, esta pescada está fresca?
—O' meu rico snr., tão *fresquinha q'inté* está viva.
—Isso não prova nada, porque você ainda está viva e já não está fresca.

16 — Segunda-feira — S. João Nepomuceno, M.— St.º Ubaldo, B. C.—S. Simão Stock.

Jesus é o piloto de vossa alma; abandonae-vos completamente á sua discrição.

B. MARGARIDA.

17 — Terça-feira — S. PASCHOAL BAILÃO, C., da 1.ª O. e Padroeiro das Obras e Congressos Eucharisticos.— S. Possidonio — *Ind. Plen. nas igrejas franciscanas — Ind. plen. para os Irm. Terceiros.*

Um sujeito alugou um quarto por 100 francos ao mez. Como a paga era adiantada o senhorio perguntou-lhe se queria recibo.
— Para que, entre pessoas de bem? Deus vê tudo.
— Vós ainda acreditaes em Deus?
— Certamente, e vós?
— Eu não.
— Então dae-me depressa o recibo.

S. PASCOAL BAILÃO

18 — Quarta-feira — S. Felix de Cantalicio, C. Capuch. — St.º Eurico, rei da Suecia. — S. Venancio, M.

Quem, fazendo o beneficio, o lembra, é vil; quem, recebendo-o, o esquece, é ingrato.

19 — Quinta-feira — St.º Ivo, C. da 3.ª O. — St.ª Pudenciana, V. — *Ind. Plen. para os Irm. Terceiros.*

ANNUNCIOS DE MODA

Chapéus para senhoras de junco.
Sombrinhas para meninas de damasco.
Novidade! Sapatos para meninos de atanado.
Meias para pés de senhoras pequenas.

*

Vestido completo para cocheiro azul.
Fato para homem completo côr de burro.
Selins de passeio para meninas novas.
Correntes e cordões! Aos homens casados!
R. da Pechincha.

20 — Sexta-feira — S. Bernardino de Sena, C. da 1.ª O. — *Ind. plen. nas egrejas franciscanas — Ind. plen. para os Irm. Terceiros.*

IDÉA DE PROVIDENCIA

(EXCERPTOS)

Quando o homem reflectido alonga os olhos para os tempos que já lá vão, e dá de rosto com os monumentos que trasladam as memorias do genio fiel ou prostituto, um pensamento systematico e seguro como a verdade lhe acode para logo ao espirito: *«Os factos são a linguagem da Providencia como os monumentos são a expressão dos factos.»*

Se aos grandes accommettimentos presidiu sempre uma idéa nobre, ás grandes idéas assistiu d'antemão o principio inalteravel que regula os mundos, e que disse ao homem — *crescei e multiplicae-vos.*

Ao abrigo d'esta verdade que projecta luz intensissima por sobre os destinos da humanidade, todo o grande caracter se affirma, toda a nobreza humana se explica. A nobreza do homem é um facto na historiologia dos seres livres, e a operosidade dos povos uma epopeia de grandezas.

Se alguma vez a desgraça e a miseria marcarem a triste sorte d'algum povo ingrato ao seu Deus, ou d'uma oração adulterada da fé, guardemo-nos de expandir fóra o grito de indignação provocado pela perfidia humana, mas aprendamos a vêr no fundo da onda movediça da acção social o pensamento eterno que a determina.

Negaram a Providencia ante a perspectiva do mal como se o mal descendesse de Deus, e Deus não soubesse auferir de grandes males maiores bens.

Quanto a mim desadoro o pensar de perfidos atrabiliarios que proclamam a absoluta necessidade da revolução para obtenção da humana perfectibilidade; mas reconheço convicto que os reviramentos sociaes são correlativos das grandes producções intellectuaes e moraes. A sociedade dos homens como as forças physicas está de continuo sujeita ás leis da evolução que presuppõe a tempestade á bonança, e o movimento ao repouso.

Não foi a idéa humanitaria de liberdade proclamada precisamente quando mão de ferro a tentava encadear ao pêso d'uma dura escravidão?

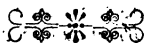
O paganismo, ridiculo como as suas deidades, vergonhoso

como as suas paixões, fero como os seus instinctos, denunciou com teimosia a fraqueza humana: mas não reclamou tambem o braço amigo d'uma Providencia sabia?

A voz de Paulo soaria no Areopago se Athenas não estivesse cançada já da austeridade egoista de seus philosophos e poetas? Roma daria ouvidos a Pedro se elle não fosse a concretação pujante da humildade e da abnegação, da caridade e da misericordia, virtudes tanto mais queridas quanto mais ignoradas da dominadora do mundo?

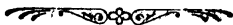
. . . .

Março de 1898.

Fr. A. Motta.

21 — **Sabbado** (Vigilia com jejum e abstinencia rigorosa). S. Venancio, M. — S. Manço, M., 1.º Bispo de Evora. — *Ind. plen. da Bula até ao sabbado seguinte.* — *Nasce o sol ás 4 h. e 53 min. e põe-se ás 7 h. e 7 min.*

Bôas palavras rimádas

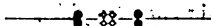
A tristeza vem do inferno,
A alegria vem do Eterno.
Quem padece e nada soffre,
Nada ganha, perde um cofre.

Ama a Deus, a teus paes, ao desgraçado,
Que a felicidade assim terás achado.

22 — ☽ **Domingo** do Espirito Santo — O B. João Forest, M., da 1.ª O. — A B. Humiliana, Viuva, da 3.ª O. — St.ª Rita de Cassia, Viuva. — St.ª Quiteria, V. M. com 8 irmãs portuguêsas. — St.ª Helena, V. — S. Auto B.

português: — *Abs. geral para os Irm. Terceiros — Ind. plen. para a confraria da Conceição — Rosario Vivo — Confraria do Rosario. — Q. crescente ás 9 h. e 42 m. da manhã.*

COSTUMES CHINEZES

Os homens trazem saias e as mulheras calças.
Os homens são costureiras, e as mulheres carregam fardos.
A linguagem fallada não se escreve, e a linguagem escripta não se falla.
Os livros são lidos ao contrario: começa-se no fim da pagina, e no fim das linhas.
A notação faz-se no alto da pagina e não em baixo.
Os chinezes vestem-se de branco para os funeraes e de preto para os casamentos.
No jantar começa-se pela sobremesa, e acaba-se pelo peixe e pela sôpa.
Em vez de extenderem as mãos a um amigo, sacôdem-no em prova de amisade.
Lançam os seus navios na agua, de lado, e montam a cavallo pela esquerda.

Cada terra com seu uso,
Cada roca com seu fuso.

23 — Segunda-feira — S. Pedro Celestino Pp. C. — S. Basilio Arceb. de Braga. — S. Desiderio, B. M.

PENSAMENTOS

Se J. Christo, diz S. Agostinho, fez milagres e estabeleceu uma doutrtna divina é Deus. — Se Jesus Christo não fez milagres, o fundamento de sua doutrina é o maior e o mais portentoso de todos os milagres, e prova que a vontade divina quer que J. Christo seja reverenciado como o unico e verdadeiro filho de Deus.

24 — Terça-feira — N. Senhora Auxiliadora. — St.ª Afra, M. — S. Melicio e Comp. M. — *Ind. plen. para o Rosario Vivo.*

A Nossa Senhora Auxiliadora

Vós sois mãe terna e querida
d'este pródigo teu filho;
sois-me no mar d'esta vida
luz de refulgente brilho.

Não quero na terra
outra mãe fruir,
só quero em teu collo,
descançar, dormir.

Ao que deixou cá da terra
as glorias mundanaes,
dá-lhe, ó mãe, que só aspire
aos prazeres celestiaes.

Ampara teu filho,
estende-lhe a mão,
aquece-o ao fogo
do teu coração.

Dae-me amparo, força, auxilio
contra o inimigo que me agride,
esconde-me no teu seio,
vós, ó Torre de David.

Que eu, mãe, buscarei
teu nome louvar,
tua gloria e brilho
no mundo espalhar.

Da milicia de Francisco
vim a bandeira jurar,
ao novo soldado ajuda
as armas a manejar.

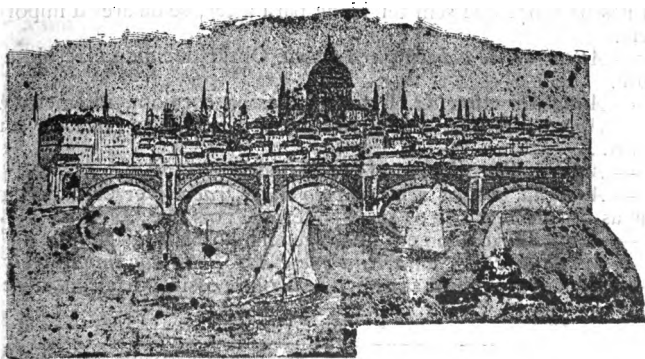
Que as hostes do inferno
não possam vencer
um filho que jura
sua mãe deffender.

Quando o braço já cançado
a peleja recusar,
pegae Vós nas minhas armas
e fazei-as triumphar.

Não vença o inimigo
um filho que é teu;
quem jura servir-vos
não o prives do céo.

(5—v—1900)

P. B. Ribeiro.

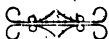
25—Quarta-feira (Temporas com jejum)—A Trasladação do Corpo de S. Francisco. — St.º Urbano, Pp. M.

Londres—Vista tirada do Tamisa

Dôr de dentes

Limpa-se bem o buraco do dente e introduz-se n'elle uma bolinha d'algodão embebida na seguinte mistura:

Essencia de cravo.	10 grammas
Acido phenico crystalisado.	10 grammas
Azeite de meimendro	5 grammas

Agite-se antes de usar, e 5 minutos depois desapparecerá a dôr.

LA BRUYÉRE.

26—Quinta-feira—S. Filippe Nery, C.—St.º Eleutherio, Pp. M.

Ditos populares

— *Ah bom cerquinho!* (carvalho). O mesmo que o seguinte.

— *Ah bom marmeleiro!* Corresponde a desejar-se a alguem que apanhe boa sóva.

— *Anda com a fralda de fóra e já quer ser homem!* Applica-se a pessoa moça que sem ter idade para a ter, se dá ares d'importancia.

— *Atirar-se de cabeça para baixo.* Obrar decidida e resolutamente.

— *Alma até Almeida.* Diz-se de pessoa corajosa, intemerata.

— *Apertar as ilhargas.* Rir-se excessivamente, a ponto de ser preciso...

— *Anno melhorado.* Anno promettedor.

— *A corda quebra sempre pelo mais fraco.* Ter cuidado em jogar as cristas com pessoa mais poderosa, pois que...

— *Argueireiro.* Homem fino, agenciando bem a sua vida.

— *Apega-te com Santa Rita que é advogada dos impossiveis.* Diz-se a quem espera cousa difficil se não impossivel de alcançar-se.

27 — Sexta-feira — (Temporas com jejum) S. João, Pp. M. — S. Beda.

O maior dos infelizes é o que não sabe supportar uma desgraça.

28 — Sabbado — (Temporas com jejum) S. Gregario VII, Pp. e C. — S. Germano, B.

FOGO NA ROUPA

Quando alguma pessoa conhecer que se lhe pegou fogo á roupa, deve tratar de o abafar immediatamente, começando por se deitar no chão e emquanto não lhe accudirem, arrastar-se até chegar a um cobertor, uma cortina ou qualquer objecto em que possa embrulhar-se. Nunca correr porque isso concorreria para inflammar mais o fogo.

29 — ✠ Domingo da SS. Trindade *(1.º depois do Pentecostes)* — O B. João do Prado, M., da 1.ª O.—S. Maximo, B.—*Ind. plen. para os Irm. Terceiros, para a Confraria da Conceição e para o Rosario Vivo.* — *Lua cheia ás 8 h. e 18 m. da manhã.*

Proverbios de Salomão

XX—29

A bizarria nos jovens,
é a fortaleza.
A dignidade nos velhos
é a madureza.

XVII—22

A alegria pura a idade
torna florida.
A tristeza mirra os ossos,
encurta a vida.

XVIII—24

O homem na sociedade
amavel, dado;
mais que um irmão, com amor
será estimado.

P. Freitas.

30 — Segunda-feira — S. Fernando, Rei de Castella, C. da 3.ª O. — S. Felix, Pp. M.—*Ind. plen. para os Irm. Terceiros.*

Um sujeito entréga o cavallo a um gallêgo para lh'o levar a casa, mas desde logo lhe recommenda que não monte, porque o *bicho* é espertinho.

O gallêgo, porém, considera que levar um cavallo á mão e ir a pé era tolice e eil-o a cavallo.

Elle a cavallo e este a partir á desfiláda.

O bom gallêgo trata de se segurar á crina do animal e deixal-o ir sem destino.

Ao passar n'uma esquina, perguntam-lhe uns collégas:
—O' Xuan! p'ra onde *bais*?
—Ainda *Nun xe xabe!* respondeu o outro.

31 — **Terça-feira** — O B. Gerardo de Villamagna, C. da 1.ª O.—St.ª Petronilla, V.

Joris Karl Huismans

(DUAS PALAVRAS SOBRE A SUA OBRA)

Dá-se, em geral, nos espiritos superiores, lucidos e penetrantes, que não se sujeitam a um cego sectarismo, mergulhado no erro, um retorno para a luz da verdade.

Sob a acção da *graça divina*, umas vezes, esse retorno é rapido; outras vezes, segue uma lenta evolução que vae pouco e pouco trazendo ao recto caminho da virtude, que os vae esclarecendo e illuminando, semelhante ás trevas da noite que fogem ante os clarões, cada vez mais intensos, da alvorada.

Foi este ultimo retorno que se deu no grande espirito de Joris Karl Huysmans.

Huysmans, o illustre descendente d'uma familia hollandeza de pintores, na sua phase acatholica, sem que fôsse agressivo para a Egreja, seguiu a escóla de Zola. Mas uma radical differença distanciava estes dois espiritos, então nos abysmos do erro: o espirito de Zola não tinha ideal, ou se o tinha estava adormecido pelo sensualismo dos brutos; Huysmans já, nas suas obras peores, mostrava as tendencias do seu espirito para as concepções superiores do bello e librava a sua potente imaginação d'artista ás regiões do Ideal.

A lenta evolução do seu espirito para a verdade, a sua volta ao seio da Egreja, as luctas intimas e as interrogações do seu espirito atribulado e inquieto, sob a influencia do toque da graça, patenteia-a, elle mesmo nos seus romances, que são, por assim dizer, a historia da sua conversão, especialmente o *En Route*.

Marca o *En Route* já a phase catholica do illustre asylado da Trappa. Note-se que, sob o influxo da Fé, o notavel escriptor adquiriu vistas muito mais largas, grandiosos horisontes se lhe depa-

JORIS KARL HUISMANS

ram sob o calor da crença, expande-se, em todo o seu esplendor, a sua alma de artista.

Exemplo formidavel, extrema confusão d'aquelles que fazem a apologia do romance de montura, é a notavel conversão d'este antigo seguidor do desgraçado auctor do «Lourdes», «Paris» e «Roma».

O «En Route», onde brilha o mysticismo; a «Cathédrale»,

onde se patenteia o symbolismo; e o «Oblato», onde a liturgia sobresahe, formam a corôa de gloria de Huysmans, a luminosa trilogia, onde se apresenta em toda a sua grandeza o acto de fé, sincero e ardente, da sua alma de artista.

Para terminar estas desataviadas linhas só temos de calorosamente felicitar o snr. B. da Costa Pereira, que nos honra com a sua amisade e que foi nosso condiscipulo nos bancos da Academia Polytechnica. Só o temos a animar por ir transladando no mais vernaculo portuguez, vencendo brilhantemente as numerosas difficuldades da traducção, a obra de Joris Karl Huysmans.

E' um relevante serviço que presta, por diffundir uma obra que se recommenda pela sã doutrina que expõe, e perfeição litteraria, já do illustre auctor da admiravel «Vida de Santa Lydwina», já pelo elegante traductor do «A Caminho».

Hoje quem seguir o nobre exemplo do snr. B. da Costa Pereira, é digno de todo o louvor, para contrariar e contrabalançar a nefasta influencia de romances de cano de esgoto e gravuras pornographicas que profusamente se patenteam nas estantes dos livreiros, prevertendo e atrophiando a mocidade.

Na nossa humilde opinião, aconselhamos a leitura das formosas traducções do nosso antigo condiscipulo, da grande obra de crente e de artista, da obra de Huysmans, o notavel converso, asylado na Trappa. (1)

Antonio J. d'Almeida C. Lemos Ferreira.

Tres camponios dirigiam-se um dia á feira na villa mais proxima da sua freguezia; quando no meio do caminho se lhes deparou um lobo monstro.

Pararam estupefactos, e querendo *fazer espirito,* apostaram que pagaria o jantar para todos trez o que peior applicasse uma sentença ao fallecido.

Concordaram.

—Este lobo teve um fado, diz o primeiro, andou mais tempo descalço que calçado.

---

(1) As obras de Huysmans cujas traducções já fôram editados pela Livraria Povoense Editora, do snr. José Pereira da Costa são as seguintes:
Santa Lydwina de Schiedam.
A Caminho
A Cathedrale
O Oblato (a sahir do prelo).

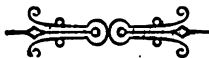
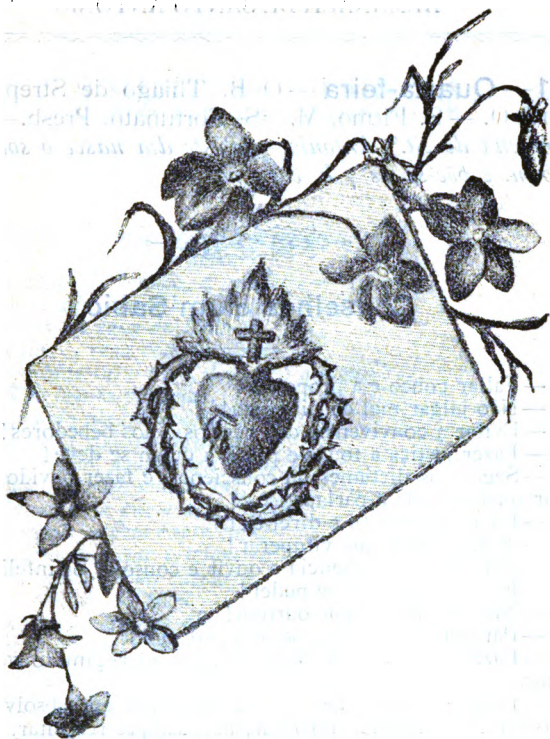
—Este lobo teve uma *briga* comeu mais carne crua do que cosida; ajuntou o segundo.

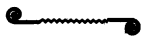
—A este lobo desde que nasceu nunca outra tal lhe aconteceu; acrescentou o terceiro.

Chegados á villa consultam o doutor sobre qual dos tres devia pagar o jantar. Ouvidas as trez sentenças o doutor exclama:—

—Como de feito, como de facto, pagae todos trez, comeremos todos quatro.

Os fieis que fizerem o mez de Junho em honra do Coração de Jesus lucram cada dia sete annos de indulgencia e uma plenaria em qualquer dia do mez, á escolha de cada um.

Os que fizerem a novena em honra do mesmo Sagrado Coração, que começa ámanhã, lucram as indulgencias concedidas ao mez de maio.

30 Dias

No crescente enxerta de escudo as arvores que teem a casca grossa, como figueiras, oliveiras e amendoeiras: e nas terras frias semeia alhos, borragens e hortaliças.
No minguante colhe e malha favas, rega trigo, centeio, cevada, etc.; sacha os milhos, tosquia lã, levanta da terra cebolas de pulitas e deita aves no chôco.

1 — Quarta-feira — O B. Thiago de Strepa, B. C. da 1.ª O. — S. Firmo, M.—S. Fortunato, Presb.—*Começa a trezena de St.º Antonio.—N'este dia nasce o sol ás 4 h. e 46 m. e põe-se ás 7 h. e 14 m.*

Conselhos d'um Sabio

—Fallar pouco e a proposito!
—Não julgar mal de ninguem!
—Evitar a convivencia dos nescios e dos bebedores!
—Fazer justiça a todos e pagar a quem se deve!
—Seguir os dictames da consciencia e fazer ouvidos de mercador quando falla a parlapatice.
—Fugir do dise tu e direi eu!
—Antes louvar que vituperar!
—Dar a todos audiencia e ouvir e consolar os infelizes.
—Fazer o bem que se puder!
—Não trocar a si por outrem!
—Parecer franco, mas sel-o a proposito!
—Fazer com que os nossos actos mereçam louvor e não censura!
—Embora a opinião publica seja facil em absolver nossas faltas nunca a devemos affrontar, mas sempre respeitar.

2 — ✠ ✠ Quinta-feira — Corpo de Deus. — A B. Baptista Varani, V. da 2.ª O. — S. Marcellino, M. — *Ind. plen. para o Rosario Vivo e para a Confraria do Rosario. — Os fieis que assistirem hoje e durante o oitavario seguinte á missa e officio divino ganham muitas indulgencias parciaes.*

O MARTYR DA EUCHARISTIA

(DIALOGO).

—«*Minha mãe, o que era aquillo,*
que deu o senhor abbade
vestido de branco, á grade?»—
—«Falla baixinho, menino...
'stás na casa do Senhor;
cala... resa com fervôr.»—
—«Mas tu, ó mãe, diz-me o que era?...
Tão bonita parecias,
quando alegre recebias
aquella ródinha *branca.»—*
—«Filho, aquillo era Jesus!...
Veio dar ao mundo luz,
'spalhar a paz e a bondade!
Depois, n'este captiveiro,
querendo estar prisioneiro
e fechado n'um sacrario,
escondido só ficou
no alvo pão, que abençoou...
e tu cuidas, que elle dorme?...
Não... sósinho, lindo, infante,
cada dia e cada instante
lá dentro encerrado, vela
por todos, por mim, por ti...
de amor vive preso alli!»—
—«E... pois... ó minha mãe... deixa-me...
Já que elle é tão nosso amigo,
tambem eu quero ir comtigo...»—
—«Filho, não chores... espera...
para bem o receber,
é necessario rever
muito bem a consciencia;
e depois de examinados,
confessar nossos peccados;
Jesus é puro, innocente...
não entra n'um coração
manchado na imperfeição.»—
—«Tambem eu, ó mamá, quero...
confessar os meus peccados;

para serem perdoados...
eu t'os digo já... mas, deixa-me.»—
—«Socega, filho, ao reitor,
quando já fores maior,
então has-de confessar-te...
e depois tão casto e puro
irás commigo seguro;
Jesus bom, candido e meigo
ao teu coração virá
e não mais o deixará.»—
—Mas eu... agora... ó mamã...
deixa-me... vou já comtigo...
o Jesus, que é meu amigo,
me perdôa os meus peccados...»—
—«Cala-te, filho, outro dia;
não ouviste o que dizia
o senhor abbade ha pouco?
ainda és muito pequenino,
não tens idade, és menino;
e é precisa a penitencia...
o soffrer é a nossa cruz...
—«Quero papar o Jesus!... (*)
Hoje... mamã... hoje... sim?...
Não ouves? Chama por mim!»—

*

* *

Jesus no amor *enlevado,*
quando a sós, occulto ouvira
essas vozes de innocencia
p'ra o bello infante sorrira.

Echos de amor *no sacrario*
lhe parecia escutar;
e prestes vôa attrahido,
deixando os umbraes do altar.

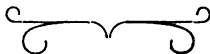
(*) Reproduzindo esta historia, como authentica e verdadeira, aproveito esta expressão, consoante ella brotou dos labios infantis.

E com o amor *impellido,*
a elle se arremeçou;
e qual setta esbrazeada,
no seu peito se cravou.

E logo o amor *vivo, intenso*
ferira o seio infantil...
Jesus colhe fascinado
esta flôr primaveril!

*

Vós, ó mães, lá junto ao berço
cantae, chorae... Mas, se bem
ama Jesus a innocencia,
por ella velae tambem!

P. FREITAS.

3 — Sexta-feira — O B. André de Hispello, C. da 1.ª O.—St.º Ovidio, Arc. de Braga.—St.ª Paula, V. M.

MENDIGOS RICOS

O mendigo mais rico de que se tem noticia, é Simão Oppasich, um austriaco que nasceu sem pés e sem mãos, e cujo aspecto inspirava verdadeira compaixão.

Em 1880, aos 47 annos de idade, tinha reunido uma fortuna de 70.000 duros, que em 1888 tinha augmentado mais do dobro e que na actualidade é o quadruplo, graças ás especulações bolsateis.

O famoso mendigo italiano Tori, morto em 1899, deixou mais de 400.000 duros.

Um mendigo, fallecido em Auxerre (França), ha seis annos, deixou papel de Estado no valor de um milhão de francos.

No mesmo anno de 1895 morreu uma mulher que pedia esmola pelas ruas de Paris, que tinha uma renda de mais de 100$000 reis.

Outro mendigo francez, chamado Marcelino, fallecido em novembro de 1892, deixou um capital de 100.000 duros, que legou metade a seu povo natal (Avignon) e a outra metade á beneficencia publica.

4 — Sabbado—S. Francisco Caricciolo, C.—S. Quirino, B.

A indifferença publica é um mar morto onde navegam com ventos de feição os piratas sociaes.

J. Taibner.

5 — Domingo *(2.º depois do Pentecostes)*—O B. Pacifico de Ceredano, C. da 1.ª O.—S. Marciano, M.—S. Bonifacio, B. M.

RECEITAS PARA AS SOGRAS

Extracto de marmelleiro.............. 6 gottas
Ar livre.............................. 6 Hectares.
Separadamente de semana em semana.

PARA OS COMPADRES

Summo de limão...................... q. s.
Sal.................................. 0,'01
Casca de nabo........................ q. s.
m. e beba 100 leguas longe de casa.
Repita por 60 annos seguidos.

O PRINCIPE CHING

6 — ☾ **Segunda-feira**—St.º Norberto, B. C.—St.ª Paulina, V. M. — *Quarto minguante ás 2 h. e 16 m. da manhã.*

EXCERPTO

(D'UMA ALLOCUÇÃO PRONUNCIADA NA MISSA-NOVA DO MEU CONDISCIPULO MANOEL J. DA SILVA MACEDO, NO TEMPLO DO SAMEIRO)

. . . . Desde aquella noite mysteriosa do Cenaculo, em que Jesus Christo fez a instituição augusta da Eucharistia e, na pessoa do Apostolado, creou o sacerdocio, tem-se desenrolado atravez dos seculos a bandeira tremulante de muitas glorias ganhas no campo do sacrificio e da abnegação, colhidas por entre as lacerações do martyrio: a humanidade tem coberto de bençãos e a historia registado admiravelmente o nome de muitos filhos do Altar, ministros do Senhor.

E que admira!

Esse homem que ahi passa trilhando insultos, macerado de ingratidões, cuspido de escarneos, vestido com a mortalha negra que o ha de acompahar sempre, na vida e morte, é o anjo da Paz e do Consolo, porque é o enviado do céo, mensageiro de Deus.

Do seu coração arranca as flores mais naturaes e espontaneas e vai desfolhal-as pelos caminhos do mundo, a suavisar tormentos, a banir desgraças e a confortar desesperanças.

O calor da sua alma aquece toda a humanidade, porque toda a humanidade é a sua familia:

A esposa — a Miseria.

Irmãos — os Orfansinhos.

Filhos — todos os Desgraçados: os que têm lagrimas nos olhos e dores no coração.

Sem consorte e sem lar, faz-nos lembrar um ser ethereo e divinal absorto na contemplação dos seus ideais queridos!

Traz nos labios sempre o sorriso bom das consolações e espalha-o em feixes de luz, no peito dos infortunados.

Vive no completo esquecimento de si para se lembrar dos outros, até d'aquelles que á sua passagem estralejam as gargalhadas do insulto e cobrem os seus crepes venerandos de insultos hediondos.

Passa um véo escuro nas lembranças mais queridas e nas mais saudosas recordações e vai caminhando por esta via escabrosa de contrariedades, arrimado ao bastão da esperança, d'olhos postos no céo e o coração nas mãos, todo rasgado e cheio de sangue.

E, quando o redemoinhar da phantasia levanta esse véo que lhe encobre os laços do sangue e do coração, suffoca na garganta

um soluço dolorido, enxuga os olhos chorosos e obriga a saudade a um eterno silencio; e a sua alma, purificando-se no cadinho da resignação e da caridade e alando-se nas azas da Fé, vae sempre voando, voando a aproximar-se de Deus cada vez mais.

O ministerio do sacerdocio é entretecido de espinhos, mas de entre espinhos nascem flores.

A corôa de escarneos que a Jesus poseram na cabeça e lhe rasgou a fronte, fazendo-a gottejar sangue nas pedras do Calvario, tra-la o sacerdote no coração.

Mas, cada espinho d'essa corôa floresce em rosas, e elle, compassivamente, desfolha-as nos caminhos onde passam os desprotegidos da sorte, os tristes e os fracos... e até debaixo dos pés dos proprios inimigos, para lhes amenisar as agruras d'esta jornada de exilio.

. . . .

S. Lourenço de Sande.

P. Silva Gonçalves.

7 — Terça-feira — Os Bb. Estevam e Comp. Mm. da 1.ª O.—S. Roberto, Abb.

BOA RESPOSTA

Encontravam-se ha algum tempo em um wagon varios presumidos, d'esses que se mostram como *mofadores de officio*, e estando, como parecia, discutindo entre si, acertou de entrar um sacerdote.

— O' Senhor cura — disse um com muita cortezia—V. Rev.cia sem duvida, saberá a grande noticia?

— Não, senhor—replicou o sacerdote;—eu não leio os periodicos.

— Como não ha-de saber isso, se hoje não se fala de outra coisa?

— Pois francamente lhe digo que não sei a que V.cê se refere.

— Então tenho a honra de communicar-lhe a grande nova... Morreu o diabo!...

— Caramba! — contestou o sacerdote. Sinto-o por V.ces, pois sempre me movem á compaixão os orphãos; receba o senhor esta moeda de dois tostões em prova do meu sentimento.

8 — Quarta-feira—O B. Bartholomeu Pucci, C. da 1.ª O.—S. Sallustiano.—S. Severino, B.—*Ind. Plen. para os Irm. Terceiros.*

O fim de todas as virtudes é pôr-nos na posse da união com Deus no qual consiste toda a nossa dita.

S. João da Cruz.

9 — Quinta-feira *(iejum)* — S. Paulo da Cruz. C.— Os Ss. Primo e Feliciano, Mm.

FRASES POPULARES

Assoe-se agora a esse guardanapo—Frase endereçada a quem sobrevem caso inesperado e contrario que lhe debella as esperanças que punha em determinado negocio.

Aprumar-se—Pôr-se no seu lugar. Dar de mão a familiaridades ou inconveniencias.

A vista faz fé—Vendo-se uma cousa, acredita-se.

Arrumar-lhe com uma bisca—Dar-lhe um bofetão ou um sôcco.

Agora resa-lhe pela alma—Consolação que se dirije a quem porfiava no conseguimento de uma cousa, e a vê ir para outrem.

Andar, andar, morrer á beira—Perder um negocio, depois de muito lidar, e quando tudo fazia esperar seu vencimento. E' o mesmo que *nadar, nadar, morrer á beira.*

10 — ✠ ✠ **Sexta-feira**—S. Coração de Jesus—A B. Jolenta, Viuva, da 3.ª O.—St.ª Margarida, da Escocia. —*Absolvição geral para os Irm. Terceiros.—Todos os fieis que assistirem á festa do Coração de Jesus, ganham ind. plenaria.*

A Caridade

De'onde vens?—Do eterno dia.
Quem te conduz?—A bonança.
Que procuras?—A desgraça.
Que lhe levas?—Uma esp'rança.

Quem te envia?—O Ser supremo.
E onde vaes?—A todo o mundo.
Quem soccorres?—Não escolho.
Quem te espera?—O mal profundo.

Quem te maldiz?—O usurario.
Quem te ignora?—O egoista.
Quem te sorri?—A miseria.
E quem te implora?—A desdita.

Que te cinge?—Luz celeste.
Quem t'a deu?—Foi outra luz.
Quem te guia?—O bem eterno
E' a mão que me conduz!...

Pombal.

* * *

11 — **Sabbado** *(jejum no Patriarchado)*—S. Barnabé, Ap. e os Ss. Felix e Fortunato, Mm.—*Nasce o sol ás 4 h. e 43 m. e põe-se ás 7 h. e 17 m.*

DICTOS E ANECDOTAS

Um camponio vae chamar um medico á cidade para acudir a sua mulher, que estava muito doente. O medico, porém, declarou-lhe que não estava para ir á aldeia se o homem se não compromettesse a dar-lhe uma libra, quer elle curasse quer matasse a mulher.

—Lá por isso não seja a duvida, declarou o camponio. Ou n'um caso ou no outro o senhor receberá a libra.

O medico foi, tratou da mulher, mas esta morreu.

Passa-se tempo e como o camponio não apparecia a pagar, foi o medico a casa d'elle e pediu-lhe a libra por ter tratado da mulher.

—Ora essa! respondeu o outro. Eu não lhe devo nada. O nosso contracto foi dar-lhe eu uma libra se o senhor curasse ou matasse minha mulher, não foi?

—E' verdade.

—Então, diga-me cá: O senhor matou minha mulher?

—Está claro que não.

—Mas tambem a não curou. Portanto não lhe devo nada!

12 — Domingo — (3.º depois do Pentecostes) — O B. Guido de Cortona, C. da 1.ª O. — Os St.os Basilides e Comp. Mm. — St.º Onofre.

INSECTOS MORAES

Despreza os ditinhos e as intrigas, com um litro de paciencia.

Faze que não sentes, nem perguntes para não te incommodares.

Se te perturbares com as picadas... é porque ainda precisas de muita grandeza d'espirito.

13 — ● Segunda-feira (✠ ✠ no Patriarchado) == Santo Antonio de Lisboa, C., da 1.ª O. — *Ind. Plen. para os membros da Pia União, para os Irm. Terceiros e nas igrejas franciscanas. — Lua nova ás 8 h. e 33 min. da tarde.*

S. Antonio da Paz (Falperra)

A SANTO ANTONIO

Antonio illustre, que, na lusa terra
Alçando ousado salutar pendão,
Fizeste ao erro inexoravel guerra
E aos povos deste a luz da salvação!

Inclyto santo, de Jesus amado,
Cuja doutrina proclamaste e lei
Com zelo tanto, só do amor gerado,
Que á Fé trouxeste a transviada grei!

Astro da Lysia, Facho do Occidente
Que illuminaste c'o fulgor sem veu
Da santidade que te exorna a frente
E que mil bençãos nos valeu do Ceu!

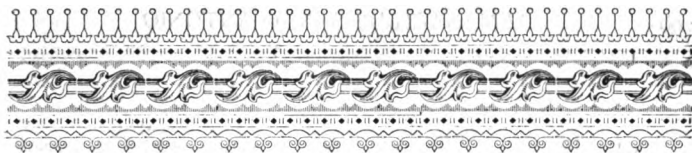
Faze que em vida, d'esse teu exemplo
Seguindo firmes a perpetua luz,
Tenhamos n'alma sempre a paz d'um templo,
Embora pese sobre nós a Cruz.

Faze que o p'rigo oh! affrontando audazes,
Sempre na brecha combatendo o mal,
O Bem plantemos sobre eternas bases
Pelo teu culto caro a Portugal.

Seja o teu nome fulgurante estrella
Sorrindo meiga c'um sorrir sem par!
Seja a bonança na feroz procella
D'este revolto e encapellado mar!

Seja-nos luz e carinhoso amparo,
Iris bemdito de celeste azul!...
Dê-nos abrigo n'este exilio amaro
O manto teu de filigrana e tull'!

Dos males todos que este mundo encerra
Livra-nos, dá-nos a ventura e a paz,
E assim, ó gloria d'esta nossa terra,
Um peito grato sempre em nós terás.

Setubal — NUNES FORMIGÃO.

O SONHO DO TIO LUCAS

(Petição a S. Antonio)

Há quem diga ser a vida pastoril a mais pittoresca innocente e poetica. E não diz mal; em parte não se engana. Comprova-o a natureza, que tão prodiga de enfeites e galas, sorri nas nossas provincias, mormente nas do norte. Attestam-no os nossos pastores, que teem gasto os mais puros enlevos da infancia n'este mister tão cheio de encantos. A belleza d'aquelles sitios, a magia, que os circunda, não já de satyros e nymphas, mas de alados paranimphos celestes, podem-na elles exprimir e contar lá aos peraltas da cidade. Quem ainda não ouviu fallar o pastor, que torneia as nossas cercanias e suburbios, deixe a monotonia cidadã, e vá sentar-se á beira do seu rebanho, repare nas suas phrases rusticas mas portuguezas, fite o seu olhar singello e attrahente, copie-lhe as toadas melancholicas, que lança por sobre os vales e balseiras, e contemple através d'aquelle peito tão alheio a pezares o coração puro e simples, que lhe pullula em meio das alegrias e das bellezas campestres.

Pode ser innocente o pastor; a sua alma pode ser casta e virgem como a natureza, que o rodeia. Longe da amizade traidora, e das seducções preversas: longe do murmurinho da cidade e do tráfego industrioso, a sós com o seu espirito, possue a natureza toda que é como um espelho chrystallino, onde se reflecte sublime e grandioso o throno de Deus, e por ella se eleva continuamente ás regiões dos campos elyseos da eternidade.

*

Mas, não era assim o Tio Lucas, o pastor ambicioso e pouco dado a contemplações especulativas. Antes bem alheio a sensações lyricas, e longe de apreciar o seu torrão tão rico de quadros arrebatadores e scenas surprehendentes, não penetrava no mysterio d'aquelles idyllios, que a orchestra da creação inspira a corações, que se chocam e despedem sacro fogo para cantar o Creador.

O Tio Lucas preoccupava-se pouco com a natureza. O senso pratico ia-lhe até aos ossos levar argumentos a favor, e persuadil-o, que devia angariar melhor officio e de mais pingue rendimento. E lá ia elle n'um bello dia de primavera a costear o monte, gesticulando e dardejando ao mesmo tempo mil pragas sobre o numeroso armentio, que o amo lhe confiara. Andava de mau humor; tudo lhe fazia molestia.

E' uma historia, que merece ser reproduzida, a do Tio Lucas.

—Caia sobre mim a ronha,—dizia elle a um seu companheiro de surrão—se eu tornar outra vez ao pico d'este oiteiro.

—Tu perdestes o siso, ó Lucas... porque praguejas assim?

—Mal haja a minha sorte. Anda aqui um homem todo o dia com estas cabras ao calor e ao frio para ganhar no fim de contas tres vintens!...

—*Antão* tu com tres mezes já te enjôas? E eu, que ha 4 annos não ganho mais que um safado pataco?...

—Mas eu tenho mulher e filhos; e com que os hei-de sustentar? Ainda assim, se o jornal fosse de todos os dias... mas um pouco chove, outro pouco neva; e passo uma semana e duas sem ganhar um real, e a fome a fazer das suas cá n'este corpo. D'aqui a nada caio n'uma sepultura.

—Tem paciencia; não digas mal da Providencia.

—Ora, se ao menos tivesse a *jorna* de *dois... tostões*, como aquelles pimpões, que andam a roçar na *Costeira!*...

E assim caminhava o tio Lucas já perto da povoação, vociferando queixas contra a sua vida.

A' entrada da freguezia destacava-se, pela sua alvura de entre o verdor dos robles e olmos, uma ermidinha dedicada ao bemdito S. Antonio.

O pastor, movido não sei porque instincto, entra n'ella, deixando á porta o surrão e o baculo em signal do respeito, que consagrava ao Thaumaturgo portuguez.

—«Meu santo milagreiro—disse, depois de ajoelhar-se—ó se mexesses lá os pausinhos da roda, e me cahisse a *sorte grande*, eu promettia trajar melhor, e faria por entrar no numero dos roçadores da *Costeira*; assim, havia de ganhar com mais descanso o sustento para a minha familia.

Fôra o Tio Lucas muito devoto das *cautellas*, e tudo o que por ellas lucrava, era logo consummido no jogo, tendo parceiro um seu amigo e visinho, que, como elle, anciava a grande fortuna para dar largas á faina do azar, tolerado então pelo governo.

E esta é a razão da supplica do Tio Lucas, que em todos os sorteios da loteria, ainda os mais baratos, recorria ao santo dos milagres.

*

E prestaria, benevolo, o bemdito Santo Antonio attenção ao Tio Lucas? Não se sabe. O certo é, que ao entrar na povoação, sentiu grande algazarra, em razão de um premio remediado, que tinha cahido ao numero do seu companheiro de batota, com o qual tinha concorrido com metade do preço da loteria. A bôa nova dos seus amigos e conhecidos, fel-o rejubilar; e cada vez se apressava mais em tomar conta do seu quinhão.

Escusado é dizer tambem, se o tio Lucas poz em pratica o seu proposito de mudar de officio, porque ao cabo de poucos dias, seguia todo campeiro a caminho da roça com uma enxada de bicos ás costas, de ha pouco forjada; ia em direcção do monte da *Costeira*. O seu sonho era ganhar os dois tostões diarios, que tinha cobiçado antes aos pobres raçadores. E já não havia mais que pedir, quero dizer, havia muito mais, porque logo o Tio Lucas começou outra vez a dizer mal da sua sorte, invejando a de um seu visinho, que, tendo mercado uma cautella de dois patacos, fôra premiado de sobejo, tornando-se senhor de uma bôa herdade com a competente casa de lavoura e operarios necessarios.

Lucas, o avaro, tão ougado ficou, que todo se ralava ao observar o seu emulo, alheio a minguas e trabalhos, livre de andar, como elle, sempre atravessando barrocas, e palmilhando devezas, exposto ás garras do lobo e ás traças dos ladrões.

E voltou á ermida a pedir de novo ao Santo melhoras de fortuna para de roçador, se fazer tambem lavrador abastado, como o seu visinho; e não é preciso dizer, que o santinho milagroso accedera aos rogos de um compatricio seu, senão que o Tio Lucas, fanando um dia a ponta da enxada ao bater em coisa dura, topára com uma panella de ferro cheia de pintos e peças de ouro, das quaes ia levando para casa até comprar uma quinta, como a do seu competidor.

E meu dito, meu feito. Os povos circumvisinhos estavam pasmados, e toda a freguezia cahia em peso na quinta do tio Lucas para saber como o antigo pastor tinha alcançado tão rendosa fortuna.

*

N'aquelles mezes mais chegados tudo era jubilo e alegria no peito do Tio Lucas; risonho e satisfeito, passeava pela sua espaçosa quinta com maneiras de um grande senhor, olhando por cima do hombro a todos os seus convisinhos. Um dia porem, espraiando a vista pelas cimas da freguezia, deu com os olhos na magnifica herdade do morgado da Portella tão politico, como opulento magnate, e dono da maior parte dos campos e eidos d'aquelle contorno. Aquella sim, que era uma quinta e não a do Tio Lucas, que comparada com as immensas propriedades do morgado, era como um chicharo perdido n'uma eira.

E o pastor, que tinha enriquecido, começou a sentir no seu peito, antes jubiloso, o travo da inveja e da cubiça, e, como tinha de costume, correu á ermida de S. Antonio, e prostrou-se ante a sua imagem, orando lacrimoso:

—«Santo bemdito, concede-me a graça de eu possuir uma quinta, como a do morgado da Portella.»

E após esta oração, se é digna de tal nome a petição manhosa e interesseira do Tio Lucas, voltou outra vez para sua casa confiado na protecção do Santo, que assim como outras vezes fôra soccôrro para as suas pretensões e desejos, feita uma promessa de visitar a egreja do grande Thaumaturgo de Lisboa, lhe havia de succeder o mesmo em dada occasião.

E era interessante, ver como o Tio Lucas ia pelo caminho, lançando as suas contas, e votando calculos sobre o que poderia render uma propriedade, como a do morgado, e, supposta a bôa administração e o seu pujante rendimento, quanto havia de atulhar os cofres e as burras.

Com o que prestes seria o homem mais rico da provincia, e estabeleceria, como tinha ouvido d'outros, uma casa bancaria em Lisboa, aonde o governo recorreria, como á de Rostchild, ou á do Snr. Burnay, e o governo, todo attencioso e agradecido aos favores prestameiros, que fizera, o honraria com o titulo de Visconde da *Costeira*, pelo qual gosaria o direito de ser deputado e par do reino, e quem sabe, se presidente do Conselho de ministros. E n'estes tempos, em que as revoluções por toda a parte parecem ameaçar uma erupção repentina, talvez o traste lograsse ainda escarrapachar-se n'um throno como presidente da republica, até que por um golpe de Estado, como o de Napoleão III, se visse coroado imperador.

E imperador foi elle na sua mente, até que chegou a sua casa, onde o esperava já lusido cortejo de lacaios e o competente chefe preparado com o sceptro e a corôa rematada com uma aguia de duas cabeças.

E, má sina, foi o caso, que, ainda não tinha transposto as valas, que marcavam a extensão da sua propriedade, quando reparou

vir ao seu encontro um dos creados da sua lavoura, que gritava a sete folegos:

— Alerta! Grande cheia! Ai, que nos afogamos todos!...

E effectivamente, as aguas do rio, trasbordando, começavam a inundar a campina, e n'um momento se viu o Tio Lucas em talas no meio de um vasto lago, que foi crescendo, crescendo, chegando-lhe primeiro aos tornozellos, depois aos joelhos, logo á cintura, e ultimamente ao pescoço!

— Santo bemdito — exclamou — salvae-me, que me afogo.

Porem a agua subia, subia, e já lhe falseavam os pés; e como o Tio Lucas era um homem veleirinho, isto é, nadava pouco mais ou menos, como um prego, estava mais tempo debaixo da agua do que em cima; era pena vel-o arquejar em ancias e abrir a bocca, quando a largos tragos sorvia a agua, que lhe entrava ás golfadas, mais do que podia supportar o seu corpo.

E não cessava de invocar o seu santo Patrono com aquellas angustias, que poderá comprehender quem já se viu em taes assados.

— Santo meu — dizia — dou-te a propriedade do morgado, mas salvae-me.

Porem a agua ia subindo.

— O' Santo Antonio da minha alma, — exclamou momentos depois — não só te dou a propriedade do morgado, mas a herdade, que possuia antes.

E a agua a subir, a subir.

— O' bemdito Santo Antonio — gemeu então — pegae tambem nos *dois*... *tões* e na minha enxada de dois bicos, mas livrae-me d'este perigo!

E as aguas sem darem de si.

— Oh! meu advogado: Tudo, tudo te darei, até o meu baculo e o surrão, que deixei á porta da ermida no dia em que te pedi melhorasses a minha sorte.

. . . .

*

Eh... homem de Deus, — diz-lhe o companheiro, chegando á ermida — então ainda aqui está? Você esteve a dormir? Olhe que o sol já cahiu para lá da Costeira. Basta, que vae sendo hora de ir para casa.

O Tio Lucas esfregou as sobrancelhas, remelhou os olhos, e mirou a custo para todas as partes espantado, e depois de um momento de sobresalto, exclamou:

— Já baixaram as aguas?

— Qual agua, nem qual cabaça; aqui não ha mais agua do que

a da pia, que é benta pelo senhor abbade. Benza-se Você, levante-se, enfie o surrão e toca a andar.

O Tio Lucas, cada vez mais pasmado, tornou a olhar para todos os cantos e por fim comprehendeu, que estava na ermida, aonde tinha ido pedir a S. Antonio melhor emprego, e o premio da sorte grande, e que no meio das supplicas e responsos ficára a dormir.

E effectivamente, assim foi; tudo aquillo de converter-se de pastor em roçador, e depois em proprietario, foi somente um sonho, de que se ergueu confortado o Tio Lucas para resignar-se com a sua sorte, e ainda conduzir com alegria a manada de cabras, que por muito favor lhe confiaram, convencido de que as riquezas não trazem comsigo a felicidade.

E tomem d'aqui sentido os avarentos e cubiçosos; quando se virem, como o Tio Lucas, não extranhem, nem maldigam a sua sorte e contentem-se com o pouco para não ficarem sem nada. Esta mazella já é muito antiga; lá dizia o Aristoteles: «a cubiça das riquezas, vae até ao infinito», da qual sentença um poeta nosso tirou este anexim:

A saccóla do avarento,
nunca diz:
—basta, basta, que arrebento.—

14—VII—903.

P. Freitas.

14 — Terça-feira — S. Basilio o Grande, B., C. Dr. St.º Eliseu, Propheta.

FÓRA COM OS FRADES!

— Mas porque?

— Porque são inuteis, ociosos.

— Seja assim; mas então fóra tambem com as mulheres ricas —e são tantas!—que só cuidam da toilette, de se ornar para agradar a estes e áquelles.

— Estão na sua liberdade, podem fazer o que quizerem.

— E não o estarão as religiosas, e religiosos para amar, louvar e glorificar a Deus?

— Fóra com os frades e freiras!

— Porque não dizeis antes: fóra com os saltimbancos, os comediantes, os emprezarios dos cafés concertos, etc., etc.?

— Porque estes são do agrado, têm a approvação de muita gente.

— Se essa é a razão, calae-vos, porque os frades e freiras são respeitados, estimados, e amados pelo que ha de melhor na sociedade. E' uma enorme injustiça dar-se liberdade para tudo o que pode prejudicar a sociedade, animar a vaidade, fomentar o vicio —como são as casas de má nota, as tabernas, as casas de jogo, a imprensa pornographica, etc., e negar-se aos religiosos e religiosas, que se dedicam ao ensino, que se consagram ao allivio das miserias humanas!...

SOLDADOS CHINS DO YUN-NAN

15 — Quarta-feira — S. João de S. Fecundo. — Os St.° Vito e Modesto, Mm.

UNS NA THEORIA, OUTROS NA PRATICA

Mr. Sturnel, nas suas *Souvenirs* de 1881—falla d'um socialista francez, refugiado em Genebra—um energumeno que para ganhar a vida começou a publicar um semanario petroleiro intitulado *A divisão*.

N'elle, dividia a terra em pedaços, e a riqueza em partes eguaes, e applicava-lhe a sua maxima favorita: *A propriedade deve ser repartida por egual.*

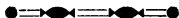
Quiz a sorte do socialista que lhe morresse um parente deixando-o herdeiro de 15:000 francos.

No numero seguinte do periodico o nosso homem continuava a exposição de suas theorias com esta ligeira variante: *A propriedade deve ser repartida por egual... quando passar de 15:000 francos.*

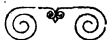
16—Quinta-feira—N. Senhora do Soccorro.—S. João Francisco Regis.—St.º Aureliano, B.—St.ª Germaua.—*Ind. Plen. para o Rosario Vivo.*

AMOR DE MÃE

O melhor amor do mundo
Mais forte e mais persistente;
Puro eterno omnipotente,
Amor sem mácula profundo.
Capaz de tudo arrostar,
Que morre pelo seu bem;
E' mui facil d'encontrar
E' o amor da nossa mãe.

17 — Sexta-feira — S. Bonifacio, B. M. — A B. Teresa, rainha de Leão, portuguesa. — S. Manoel e seus Irmãos, Mm.

Um inglez que ia ser enforcado com um seu camarada, vendo que este chorava, diz-lhe:
— Poltrão! Tu não es digno de ser enforcado.

18 — Sabbado — St.º Agostinho de Cantuaria.—Os Ss. Marcos e Marcellino, irmãos, Mm.

O professor, ácerca da revolução de 24 d'agosto de 1820:
— Qual foi o grito d'esta revolução?
— Foram as côrtes constituintes.
— Não, senhor.
— Então foram os brados enthusiasticos de «Viva a liberdade!»
— Tambem não. Veja bem qual seria o terrivel grito...
— Ignoro-o...
— Oh! senhor! foi a junta provisoria...

19 — Domingo — (4.º depois do Pentecostes) — A B. Michelina, Viuva, da 3.ª O. — Os Ss. Gervasio e Protasio, Mm.—*Ind. Plen. nas egrejas franciscanas.*

PARA QUE SERVE A CONFISSÃO?

E' a égide da perseverança e da virtude. E' a casca, aspera e rude, mas a casca protectora que conserva intacto este fructo ma-

ravilhoso que se chama a consciencia. A confissão conserva, e restitue a paz ao coração, previne e repara uma multidão de crimes, e desgraças. Recorda aos filhos, a mãe, ao pae, a todos o cumprimento dos deveres mais sagrados. Faz restituir o bem injustamente adquirido; corrigir os defeitos mais graves e mais leves; praticar as virtudes as mais heroicas, e, segundo a bella expressão de S. Francisco de Sales, concerta o relogio da alma.

E' sobretudo uma confissão cincera, que consola o moribuudo prestes a apparecer diante do seu Deus e seu Juiz.

ABB. GARNIER.

20 — ☽ Segunda-feira *(Oitava de Santo Antonio).* — S. Silverio, Pp. M. — *Quarto crescente ás 2 h. e 34 m. da tarde.*

JOGO DO ANNEL

As crianças, de pé, formam róda, tomando nas mãos um cordel em que se enfiou um annel e cujas extremidades se atárão.

Uma que fica ao centro trata então de agarrar o annel onde o vê parado; mas as outras imprimem-lhe um movimento com as mãos, segurando sempre o cordel, de modo que se torne difficil agarrar o annel.

A roda deve ser larga.

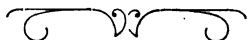
A que, por falta de habilidade, deu causa a que o annel fosse agarrado, passa para o centro.

F. ADOLPHO COELHO.

21 — Terça-feira — S. Luiz Gonzaga, C. — *Nasce o sol ás 4 h. e 41 m. da manhã e põe-se ás 7 h. e 19 m.*

S. José foi eleito guarda dos thesouros de Deus, que são Jesus e Maria.

S. Bernardino de Senna.

22 — Quartafeira — St.ª Juliana de Falconeri, V. — S. Paulino, B.

Não se deve lêr na cama

E' inconveniente a leitura na cama porque provoca uma forte tensão do nervo optico; sobretudo quando a luz é escassa, oscillante e muito afastada. As pessoas que teem este mau costume devem lavar as palpebras com agua salgada; mas o melhor seria que perdessem este mau habito.

23 — Quinta-feira — S. Vicente de Paula, C. — S. João Sacerdote. — St.ª Edelrudes, rainha da Bretanha.

RATICES AMERICANAS

Na cidade de Providencia realisou-se ha pouco uma experiencia que teve consequencias absolutamente inesperadas. Uma multidão consideravel comprimia-se em uma grande casa recentemente construida, a fim de assistir ás experiencias de um ascensor de novo modelo. Este, segundo o inventor, em logar de resvalar podia cahir do quinto andar até ao rez do-chão,—mais de 20 metros

d'altura,—sem que, graças a um apparelho proprio para amortecer a queda, as pessoas que o occupassem sentissem o menor mal.

Para provar a excellencia do systema collocaram no ascensor uma cesta d'ovos e um copo d'agua. Mas, enthusiasmados, o presidente da Sociedade dos Inventores, um *reporter* e o empreiteiro da construcção tomaram logar ao lado dos ovos e do copo d'agua. A um signal dado o empreiteiro cortou resolutamente o cabo, e o ascensor cahiu com rapidez vertiginosa. Quando se abriu a porta do ascensor para se ver o resultado, dois dos experimentadores estavam litteralmente esmagados no meio de uma abominavel omeleta d'ovos e de restos do copo. Só o jornalista estava vivo, mas gravemente ferido.

Só na America!

24 — ✠ ✠ **Sexta-feira** — S. João Baptista. — *Ind. plen. para os Irm. Terceiros e para os da Conceição.*

Infancia de Jesus

Jesus e S. João

CERTO dia passando Jesus menino pelos arredores de Nazareth teve sêde. Não lhe faltavam fontes de crystallinas aguas a gemer bem perto, mas o Salvador não quiz beber; sentado á sombra da idosa palmeira soffreu securas d'aquella dolorosa sensação.

E' chorou.

Passaram as visinhas, cujo enlevo era Jesus, e as caritativas nazarenas, vendo o pranto do amor da sua alma, choraram com Elle, e correram a trazer-lhe agua, mas Jesus não acceitou, não quiz beber.

Continuou a chorar.

Vieram as aves da selva, pipitaram-lhe mil canções amorosas, passaram-lhe as astas pelo rosto para lhe enxugar as lagrimas, trouxeram-lhe agua nos bicos, instaram com mil caricias, mas enxotou-as, não quiz beber. Ficaram-se as avesinhas chilreando tristes sobre a palmeira.

Jesus chorava com ellas.

Chegaram-se os cordeirinhos, alvos como as flôres de Jericó, que pasciam perto, coçavam-se uns aos seus pés outros puxavam-lhe pela tunica, outros guiando á fonte chamavam-no com ternos balidos, mil astucias amorosas, innocentes, mas Jesus não se levantou, não foi beber.

Deitaram-se-lhe aos pés balando, chorosos.

Jesus chorava com elles.

Sopraram, frescas, balsamicas, dulcisonas brisas, encurvaram-se-lhe sobre o collo os ramos da palmeira prenhe de namorados fructos, e balançando-os sagazmente perante o rosto lacrimoso tentavam-n'o a cortal-os. Jesus nem os viu, não quiz matar a sêde.

A brisa começou a suspirar melancholica pelo palmeiral.

Jesus com ella gemia.

Desceram anjos do céo, com crystallinas taças de celeste bebida para dessedentar o seu Rei e Senhor, mas despediu-os, não quiz matar a sêde.

Os paranymphos do empyreo, cobriram o rosto com as azas de neve, e voltaram chorosos ao Paraiso.

Jesus ficou a chorar.

Maria, a mãe extremosa, que tudo presenceára de traz de uma palmeira, levou agua a seu filho, que lhe morria á sêde. Mas Jesus fez-lhe um aceno negativo e não quiz acceitar.

A Virgem Mãe, para quem não era nova aquella triste scena, retirou-se com as lagrimas a borbulhar dos olhos, e o pranto de Jesus continuou a regar o tronco da palmeira secular.

Jesus chorou... chorou.

Com elle suspirava a Virgem dolorosa e triste; pranteavam os anjos, carpiam as nazarenas com lastimas o menino de Maria, a quem estremeciam como mães, balavam tristezas os cordeirinhos, trinavam melancholias as aves, murmura suspirante mil queixas a brisa, e a mesma fonte gemia amarguradas canções.

Tudo chorava com Jesus.

E não havia quem lhe chegasse aos ardidos labios uma agua de que gostasse, que lhe matasse a sêde que parecia assal-o.

Jesus chorava ainda...

Instantes depois, passava ao largo S. João Baptista, em direcção da casa do seu divino primo de Nazareth.

Jesus chamou-o.

S. João correu para o primo da sua alma.

Chegou, e ao vêr correr-lhe dos olhos pisados tantas lagrimas, deitou-se-lhe ao pescoço, n'um abraço prolongado deu-lhe muitos beijos, e com as lagrimas nos olhos—pois o amava tanto, tanto—perguntou-lhe o que lhe doía.

Jesus em resposta pediu-lhe agua.

N'um abrir e fechar de olhos o Baptista apresenta-lhe a sua escudella de viagem a transbordar.

Jesus bebeu então e saciou-se. Deu em paga a João um demorado abraço poisou-lhe nas rosadas faces dois divinos osculos e não mais chorou.

Ambos abraçados irmãmente dirigiram-se para Nazareth.

Os cordeirinhos pularam de contentes e foram para o pasto, as avesinhas acompanharam o divino par, chilreando alegres de palmeira em palmeira, a brisa pelo arvoredo era uma harmonia festiva ininterrupta, nos céos ouviam-se coros de anjos, os caminhos eram um tapete de mil florinhas bellas, as arvores tinham mais flô-

res, mais aromas os lyrios e açucenas, mais murmurios os regatos, mais suavidade, musica, extasis a natureza.

Toda a visinhança da casinha de Nazareth abraçou e beijou cem vezes os dois primos, rivaes em graças e innocencia.

Jesus passou o resto da tarde entretido com S. João, e n'aquelle dia não chorou mais.

*

* *

Ouvistes creanças innocentes? Reparastes educadores?

E' para vós ambos esta parabola; penetraste-lhe o sentido?

A sêde de Jesus não era effeito de calores ou fadigas, não era secura de labios, era sêde que lhe queimava o coração, que lhe repassava de calor o intimo da alma.

—Era a sêde da innocencia.

Maria e os anjos não lh'a puderam matar, por que são creaturas do céo, e Jesus tem sêde das almas innocentes dos seus irmãos da terra.

Esta sêde que nasceu com elle no berço, que, morreu com elle na cruz, mitigada apenas, só os innocentes lh'a podem matar.

Creanças, em cuja alma não fez abrolhar ainda o crime os espinhos lacerantes do remorso, Jesus tem sêde da vossa candura, da vossa simplicidade, da vossa pureza de coração,—da vossa innocencia—quereis dar-lh'a? Jesus pede-vos com lagrimas esse refrigerio para o seu coração sedento, quere s matar-lhe a sêde?

Quando vossa mãe, sedenta de amor, vos estendeu os braços, para vos apertar ao coração, negastes-lhe um abraço?

Quando vosso pae, faminto, de um beijo de vossos labios vos offereceu o rosto não lho poisastes nas faces? Quando os vossos familiares e visinhos, fascinados pela vossa sympathica candura, vos offertaram collo e afagos, negastes-lhos? Não.

Mataste-lhes a sêde do coração—o amor que vos testemunhavam tão francamente.

E a Jesus, que tem sêde de vossa innocencia, que chora por ella, não lha matareis, dando-lhe o vosso coração immaculado?

Dae, innocentes, dae essa esmola a Jesus, que elle saberá recompensal-a: cá com uma vida socegada, sem remorsos, nem duvidas cruciantes de consciencia, lá no Paraiso com os hymnos dos anjos, com a felicidade eterna.

E vós paes de familia, lembrae-vos que Jesus exige de vós a innocencia dos filhos que vos deu. Entregou-os innocentes aos vossos cuidados, á vossa educação, e quere-os receber innocentes. Entregou-vos uns anjos sem mancha, não quer receber uns devassos, uns criminosos.

Concorrei, com este dever do vosso estado, para o refrigerio do coração sedento de Jesus.

Recordae-vos tambem vós, educadores, quem quer que sejaes, recordae-vos continuamente que Jesus tem sêde das almas innocentes, que dos braços da mãe sahiram para a vossa casa, para o vosso collegio; que Jesus quer os abaços as caricias d'esses innocentes. Recordae-vos que perpetraes um sacrilegio e iuaudito furto, se roubardes a esses corações esse dote que é o seu enlevo, a sua graça a sua unica grande riqueza. Que esses botões mimosos entreabertos aos raios da graça divina, que as mães confiaram ao vosso acreditado zelo, que transplantaram para o vosso jardim, não percam as côres e os attractivos, não murchem, não lhe cáiam as petalas mimosas na lama. Que não sáia do vosso aposento criminoso, quem entrou um anjo.

B. Ribeiro.

25 — Sexta-feira — S. Guilherme, Abb. — St.ª Febrodia, V. M. — S. Tude.

Entre mulheres:

— Mas a ser certo o que me contas, essa tal mulher é um verdadeiro horror!

— A ser certo, dizes tu! Imaginas acaso que eu, a sua melhor amiga, seria capaz de a calumniar?...

26 — Domingo (5.º depois do Pentecostes) — Os Sts. João e Paulo, Mm. — S. Pelagio, M.

O TROVADOR

(A. P. B. R.)

Dejad pasar al trovador errante;
Dejad que á sombra del paterno techo
Gondrina que vuelve, anid y cante.

ZORRILLA.

Abre a manhã esplendida
seu manto virginal,
que á terra mostra o magico
fulgôr aurorial.
Na franja do horisonte
o sol ridente e loiro
começa a face d'oiro
alegre a desvendar.
Ali junto á balseira verde e vicejante
ouve-se em melodioso e tremulo descante
das aves o acordar.
Apraz-me aqui o olhar, nos longes espargir
monstro giganteo, o mar ao largo eil-o a bramir,
revolve-se furioso aos ares vomitando
ondas de pura prata,
que em 'spuma após desata
n'um rancor execrando.

Sobre o seu dorso horrendo
lá vae uma barquinha;
sobe, afunda, caminha.
E em timido balanço, agita-se tremendo;
um vulto se descobre
reclinado na prôa;
escuro manto o cobre,
e a barca deixa ir sobre as aguas, á tôa.
Parece inda dormir,
ou é, que dôr atroz, minando-lhe as entranhas,
permitte-lhe esquecer do oceano as bravas sanhas,
e deixa-o assim languir.

— Quem será,
que n'este mar irado,
torvo monstro inflado,
navega socegado
em tão linda manhã?...—
Perguntei eu aos ceos,
ao vento, aos escarceus.

Eis que do mar, brincando perfumada aragem,
deslisa mansamente, e beijando a folhagem,
nos meus ouvidos pára. Envolta em seu pudôr,
diz-me timidamente: — «aquelle é o trovador.»—
—O trovador?!—repito imerso na surpreza,
— Aquelle é o trovador? —
A aragem indefesa,
resposta não me deu; fugiu para a verdura,
que em seu manto lustroso acolhe com ternura.

Então mais fixamente olhando aquelle vulto,
cheguei a descobrir-lhe sob o manto occulto
um antigo alaúde.
As faces descarnadas
pendem em languidez aos braços recostadas,
e triste, lá por dentro em luto ruminava
a dôr, que o coração então lh'excruciava.

Ao vel-o n'esse estado, ergui a minha voz,
rogando ao pego undoso, levasse nas aguas
estes sentidos sons, a affugentar-lhe as maguas,
ou sequér, minorar-lhe aquella dôr atroz.

—«Sobre o oceano indomito
ó trovador a esta hora?
não vês, que nasce a aurora,
oh! trovador!

—«O mundo em jubilo ergue-se,
alenta e revigora;
e tu não surges fóra,
oh! trovador!

—«Cantor das auras tépidas,
o teu rosto descora,
diz, que dôr te devora,
oh! trovador!

—«A etherea luz esplendida
o azul do ceo colóra,
ergue-te, surge fóra,
oh! trovador!

—«Que duro fado, rispido
assim te desadora?!...
Ai! o teu vulto chora,
oh! trovador!...

. . . .

Ergue-se então em pé. No pallido semblante
lia bem claramente a minha vista errante
as afflicções crueis, a livida amargura,
que lhe cravava n'alma a crua desventura;
erguendo assim ao céo os olhos lacrimantes
d'um brilho encantador, saudosos, fascinantes,
empunha o alaúde, e ergue um cantico á dôr.
Assim cantou:
ouvi, é a voz do trovador:

*

—«Manhãs de casto enleio,
vertei-me no meu seio
a paz, a quietação,
ondas do mar errante,
quanto é mais revoltante
a dôr, que ora lacéra este meu coração.

Correi profusamente, ó bagas do meu pranto,
as faces me inundai, que o meu soffrer é tanto!

—«O' auras murmurantes,
que, ternas, sussurrantes,
nos ramos suspirais,
vós tendes quem mitiga
a dôr, que vos fustiga,
só não ouve ninguem os meus languidos ais.

Correi profusamente, ó bagas do meu pranto,
as faces me inundai, que o meu soffrer é tanto!

—«Lua, primor das pérolas,
as tuas queixas quérulas,
attende-as, meigo o sol;
mas eu no meu tormento
não tenho, astro d'argento
sobre a terra ninguem, que na dôr me consol'.

Correi profusamente, ó bagas do meu pranto,
as faces me inundai, que o meu soffrer é tanto?

—«O' tu, ultima estrella,
que alem scintillas, bella
quem ama teu pallôr?!...
Ninguem?... ó sorridente
meu pranto alviritente
acolhe no teu seio, e ligue-nos a dôr.

Correi profusamente, ó bagas do meu pranto,
as faces me inundai, que o meu soffrer é tanto!

—«Os homens sobre a terra
movem-me crua guerra,
mais bravos, que leões;
oh! se a ventura existe,
não é para mim, triste;
Só fervem contra mim negras accusações

Correi profusamente, ó bagas do meu pranto.
as faces me inundai, que o meu soffrer é tanto!

Callou-se o trovador.
Após alguns instantes.
trouxeram-me ainda a custo as brisas sussurrantes
uns sons entrecortados,
dolentes, soffreados:

—«Senhor, o mundo ingrato
assim me deixa ao trato
d'esta afflicção atroz;
em vão a natureza
invoco, ella em surpreza
escusa-se attender a minha triste voz.

Correi profusamente, ó bagas do meu pranto,
as faces me inundai, que o meu soffrer é tanto!»

*

E fez-se ao largo a barca. O mar horrivel
balouçando-a nas ondas furiosas,
levou-a ao longe... e o trovador prefere
á terra ingrata, as vagas alterosas.

Homens em cujo peito mora o affecto
sincero, dedicado, puro e amante,
ide acolher—«ao trovador errante,
deixai, que á sombra do paterno tecto
andorinha, que volve, aninhe e cante.»—

(30—VII—1899. SILVIO PASSOS.

27 — **Segunda-feira**—O B. Benevenuto de Eugubio, C., da 1.ª O.—*Lua cheia ás 7 h. e 48 m. da tarde.*

Experimentareis menos pezares na hora da vossa morte, se a vossa consciencia estiver tranquilla.

CONFUCIUS.

28 — **Terça-feira** *(jejum)* — S. Leão II, Pp. C.

Um sujeito que fazia gala da sua valentia, estando uma vez a contar um caso, confessou que tinha apanhado um murro.

— Mas isso teve com certeza consequencias graves? disse alguem.

— Gravissimas! Fiquei com dois dentes partidos e andei com a cara inchada mais de oito dias.

29 — Quarta-feira ✠ ✠ S. Pedro e S. Paulo, App. — *Ind. plen. para os Irm. Terceiros, para os da Conceição, para o Rosario Vivo.*

Cidade de Macau

DOIS MINUTOS DE MISSA

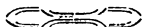
Chegaram dois compadres á egreja para ouvir missa em um dia de festa, e como o sacerdote já estivesse a dar a benção, disse um d'estes grandes *talentos:* caramba, compadre, se nos descuidavamos mais um pouco, ficavamos hoje sem missa.

Se estes *mestres* em catecismo soubessem que antes da benção já o sacerdote tinha dito «Ite, missa est», que quer dizer, «está acabada a missa» entenderiam melhor a obrigação que tinham de ouvir outra, pois d'aquella não ouviram nada.

D'aqui a obrigação que incumbe aos paes e mães de familia de educar seus filhos nos mysterios da religião, leval-os em sua companhia para que assistam desde pequeninos aos divinos officios e

ESPERANDO ESMOLA

para que depois quando jovens não se envergonhem de manifestar as suas crenças respeitando a egreja e os sacerdotes seus ministros.

30 — Quinta-feira — Commemoração de S. Paulo, Ap. — S. Marçal, B.

Um inglez vendia na sua loja vassouras a dois vintens. Um dia estabeleceu-se outro defronte d'elle e começou a vender a vintem aquelle artigo. Grande admiração do primeiro, que lhe disse:

—Eu para vender as vassouras a dois vintens roubo a palha, o cordão e o pau; como arranja você o seu negocio?

—Eu? roubo-as já feitas!

Em Epsom, perto de Londres, realisou-se ha pouco um casamento em circumstancias curiosas.

Os noivos eram cyclistas enthusiastas; e tanto elles como os padrinhos e convidados foram para a egreja em bicycleta e depois da ceremonia partiram todos do mesmo modo para um restaurante a nove milhas de distancia.

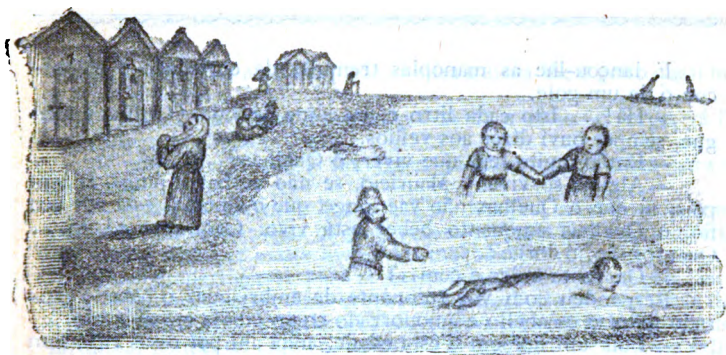
O mais interessante, porém, foi que, sendo o noivo muito novo e imberbe e estando a noiva vestida com o trage de ciclysta, muito semelhante ao d'elle, o *clergyman* viu-se tão embaraçado que se dirigiu aos dois, dizendo:

—Perdão... Qual dos dois é a noiva?

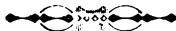
Nas cinzas do cemiterio
Pensemos um pouco a serio.

O que occulto nos convem
Não se descobre a ninguem.

Tem a alma apparelhada
Para a eterna jornada.

ALVES D'ALMEIDA.

Julho

31 Dias

No quarto crescente guarda os craveiros á sombra, limpa as sementes. No minguante recolhe legumes, amendoas e outros fructos, e ceifa trigo.

1 — Sexta-feira — S. Theodorico, Abb. — *N'este dia nasce o sol ás 4 h. e 37 m. e põe-se ás 7 h. 16 m.*

NÃO BEBO

Entre os frequentadores da taberna do Mauricio, não havia para vinho como o Quelhas. Todos os garotos d'aquella cidade o conheciam.

— Mais um litro, ó Mauricio. Quantos já lá vão?

— Uns oito.

— A pipa leva mais; venha de lá outro.

Mais outro. Isto são dois goles.

E lançou-lhe as manoplas tremulas da ebriedade e emborcou-o de um gole.

—Ha!... Isto cada litro é um anno de vida. O vinho é sangue, sempre ouvi dizer aos velhos.

—Então muito tens que viver, ó Quelhas?

—Alguns só vivem, Mauricio, se não acabar a pinga. Dizem pois, ai que o Quelhas não vae longe, que o Quelhas está por um fio, o Quelhas emquanto beber está vivo. Com esta edade... Quantos são, ó Jorge?

—Quarenta e dez e cem...

Respondeu com voz resonante de embriaguez o bebado estirado sobre o escabello e amodorrado como giboia em digestão.

—Pois um homem d'esta edade, anda ahi por essas ruas sem ir a terra e os outros vejo-os sempre para ahi de lombos na rua.

E esforça-se por se pôr em pé, mas tremelica e senta-se de golpe.

—E se não fôra esses palacios e montes fugirem-me como comboios, e faltar-me a terra debaixo dos pés, não haveria homem mais firme.

—Mas afinal Quelhas, tu já te não tens em pé.

—Como um rapaz novo.

E agarra-se ao bordão e firma-se com a esquerda ao mostrador para se pôr a pé.

—Eu não sou ali como o Jorge que se vae a terra com qualquer meia duzia de litros.

E ao virar para apontar para o do encobelo, entra de tremelicar, tatea com os pés e mãos e senta-se desamparado.

—E's um valentão para vinho, mas não aguentas mais.

—Não leva mais?...

E sahiu meio de gatas, agarrado á parede, e pé na soleira da porta e pé fora, mette os dedos á bocca e

—Grrró... grrró—E carga para a rua que parecia uma pipa arrombada a largas horas. Pela bodega espalhou-se um fartum azedo.

—Mais vinho, Mauricio; a pipa ferveu e trasbordou; leva cá muito vinho. Mais um litro, Mauricio.

E vinha entrando firmado com a direita ao varapau e a esquerda á parede.

—Você é um valente, seu Quelhas. Olhe que côr tentadora.

—Cá em vinho não ha outro como o Quelhas.

E levantava a caneca que lhe tremia como uma pandeirêta nas mãos de dansarina hespanhola.

—A' tua saude, Mauricio.

Procura levar a caneca aos beiços mas entorna-se-lhe o vinho, que lhe cae pelas suissas enxovalhadas com um mastigado côr de

vinho, ensopa-lhe a desabotoada camisa e alaga-lhe o peito quasi nú e sujo do vomito.

—Ha!... o vinho é sangue, é amor e vida. O' Jorge, vá lá mais um quartilho...

E afinca-lhe o pau á barriga e dá-lhe um solavanco para o despertar.

—Mais um quartilho homem. E's um palha, vaes ao chão com um dedal de vinho; olha cá para o Quelhas com uns doze nas tripas e aqui tezo que mette inveja aos moços.

Quer empertigar-se para se fazer forte, afinca-se ao pau, perde o equilibrio, atira com o bebado do escabello a terra e cae de narizes sobre elle. Volteia no chão terreo coberto de espinhas de sardinha, pontas de cigarro, cascas de fructa e de tremoços e salivas e escarros purolentos; e agarra-se ao Jorge que só então é que acorda com muita placidez.

—Já é dia ó Quelhas... a noite hoje foi d'um pulo; não ha para dormir como o vinho; tu tambem já acordastes.

E agarrava-se ao escabello para se levantar, de traz agarra-se-lhe o Quelhas e lá vae o escabello por cima de ambos. Quer levantar-se o Jorge, agarra-se ao Quelhas, cae Quelhas e Jorge; quer levantar-se o Quelhas, afinca-se ao Jorge, afocinha Jorge e Quelhas.

No meio do vozear rouco e surdino da embriaguez ouviu-se um profundo arrôto. Era o Jorge que vomitava para cima do Quelhas uns residuos estomacais mal cozidos de broa, cascas de tremoços e caroços de cereijas.

—Encha Jorge, encha outra vez a pipa que já esvasiou.

Dizia o Quelhas tentando erguer-se, e revolteando por cima do vomito que cheirava a azedo que trezandava, sem mostrar desagrado.

N'este entretanto viu-se uma cabeça feminina que espreitava para dentro, firmando-se sobre os dois como pretendendo conhecêl-os. Depois de alguns momentos de hesitação entrou uma mulher palida e triste. Trajava lenço de malha ruço do uso, mantilha roçada dos anros com uns pedaços de renda aqui e ali soltos ao vento, saia de côr indecisa e feitio fidalgo; nos pés umas velhas alpercatas—os emprestimos da caridade—Era mendiga, mas o seu porte e semblante resignado, as suas maneiras recommendavam-na á piedade e attenção publica.

—O Senhor Mauricio para que dá vinho a estes desgraçados? Não vê que concorre para a ruina d'elles e das familias?

—Deixe lá; o vinho é que dá vida a seu marido; se não fôra a pinga o seu Quelhas já não era ninguem.

Elle diz e diz bem, que o vinho é sangue; olhe como elle ahi

está quentinho, com o sangue na guelra como um rapaz novo e alegre como umas paschoas.

E gesticulava com as manapolas, que parecia uma dobadoira; e arremelgava uns olhos avinhados e escumava que mettia medo.

Uma creança de calção e perna e pés nus, cabeça ao sol e quasi em mangas de camisa olhara estranho para os dois que ainda gatanhavam no chão. A pobre conhecendo o estado do vendeiro, pegou pela mão á creança lançou um olhar fugitivo sobre os dois e saiu com duas lagrimas nos olhos.

Quando d'ahi a pouco tornava a passar em frente da bodega do Mauricio, já o Quelhas ia pela rua abaixo rodeado de garotagem.

—O' Quelhas levas as calças velhas; ó Quelhas que vinho levas...

E puchavam-lhe pelo fraque ruço, e empurravam-no e punham-se-lhe em peso sobre os tamancos por de traz, para que afocinhasse, e lama e pedras e areia para cima do envinhado, e saltos, e apupos e gargalhadas de arrebentar e... um inferno em volta do pobre bebedo.

—Ha! meus... que vos faço em... que vos escangalho...—

E levantava o passo e queria ir-se atraz d'elles, mas tremelicava e zás, costados a terra. A rapaziada saltava com hilaridade crescente sobre o pobre como vespas sobre o desgraçado que as pisou.

—O' Quelhas que vinho levas... O' Quelhas que agora levas.

E depenincam-no todo, como um bando de galinhas a uma minhoca.

A pobre senhora,—que pelos modos o parecia,—passou de largo lançou um olhar lacrimoso sobre aquella comedia acenou com tristeza profunda e seguio caminho com a creança pela mão, olhando de vez em quando para traz com anciedade, até desapparecer.

—Olha que desgraça, filho, que coisa tão feia é um homem com vinho!...

—Mas elle não trazia nenhum, mãe, senão entornava-o.

—Trazia filho e muito; bebeu demais, perdeu o juizo e fez aquillo que vistes.

—E aquillo é peccado, é mãe?

—E' meu filho; é um peccado muito grande e muito feio para com Deus e perante os homens.

Vês como vem roto e sujo? Pois era rico, muito rico. Mas entrou de beber de mais e esbandalhou tudo, deixando a mulher e um filho, a morrer de fome.

—E o menino d'elle mãe? quem lhe dá de comer.

—Anda a pedir por essas ruas com a mãe.

—Então é como nós?

—Como nós meu filho...

E as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos. Depois de uma pausa continuou limpando os olhos.

—Olha filho nunca sejas assim não?

—Não mãe, que é feio e o Senhor ralha que é peccado.

Rua de S. Paulo (Brazil)

O Quelhas lá ficou com o rapazio em redor e a pobre senhora empurrou uma velha porta que rangeu e abriu sem difficuldade, e entrou na casinha terrea, mal alumiada pelo sol que pela porta entrava. A um canto duas enxergas cobertas com alguns pedaços de manta cozidos, servindo de colchas ao outro alguns cabacos, uns pucaros e um pequeno lar; um quadro pequeno do Coração de Jesus encaixilhado á cabeceira de uma enxerga, á da outra uma imagem defumada do Coração de Maria, uma cadeira já sem encosto, era toda a mobilia d'aquêlle tugurio.

Passaram-se annos. Já não se topava o Quelhas na bodega do Mauricio. Dizia-se que morrera de uma queda envinhado como um lagar, e as boas almas d'aquelle bairro lamentavam a sua desditosa sorte. Dizia-se tambem que a sua pobre e triste viuva, que elle desgraçara com o vinho não tardava muito que o não seguisse, que já tinha sido ungida.

N'uma linda manhã de outomno, a rua d'aquelle arrabalde appareceu juncada de alecrim e flôres até á entrada de uma habitação terrea e baixa allumiada pela luz que lhe entrava por uma porta baixa e fendida em muitas partes. O curto recinto d'este

aposento estava forrado de lençoes de alvissimo linho, recamados de flôres pregadas sem ordem, nem escolha: Ao meio d'esta branca e improvisada capellinha erguia-se um pouco o leito de uma enferma, coberto com uma colcha branca, já usada, que descia dos lados e pelos pés a lamber o pavimento tosco convertido agora em alcatifa de rosmaninho e malmequeres. A' cabeceira da enferma uma pequena mesa coberta com um pedaço de chita, em cima um crucifixo antigo e duas velas accesas.

As outras habitações tinham ás janellas luzes e jarras de flôres,

Esperava-se o Pai do Ceu. Por alta manhã começou de ouvir-se ao longe o *Bemdito*.

As luzes das janellas accenderam-se. Passados minutos a procissão do Sagrado Viatico apparecia no principio da rua e entrava n'aquella casinha armada com o emprestimo da caridade.

A moribunda commungou. O povo dispersou-se e depois de alguma demora sahiu tambem o senhor Abbade.

Antes da tarde, aquella cheirosa e branca capellinha, honrada com a visita de Jesus, voltara á sua primitiva pobreza.

Ficou a pobre agonisante só. Vigiava-lhe á cabeceira uma creança de dez annos sentada n'uma cadeira desconjunctada e sem encosto.

Cahia a tarde, e começava a anoitecer n'aquelle tugurio.

A luz das pinhas que crepitavam entre dois pucaros a um canto sobre uma lage que servia de lar, alumiava bastante. A creança ergueu-se, tirou de um buraco da parede um phosphoro, raspou no assento da cadeira e accendeu uma candeia de petroleo, pendurada á cabeceira da doente.

—Accende, meu filho, accende, que é a ultima vez que m'o fazes... Antes que m'a apagues...

E rolaram-lhe pelas faces duas volumosas lagrimas que lhe embargaram a voz.

—Então a mãe morre hoje?

—Morro, filho, se Deus o quizer. Sinto a morte chegar-me ao coração. Has de chamar a nossa vizinha para me rezar e encommendar a Deus. Mas antes, senta-te que te quero uma coisa.

O pequeno sentou-se na meia cadeira.

A mãe pegou-lhe nas mãositas, apertou-as entre as suas e começou a falar-lhe com voz tremula e pausada.

—Olha, filho, vou morrer. Deixo-te em testamento o coração e com elle a resignação com a vontade de Deus. Tua mãe não possue outros teres. Para a eternidade só levo um espinho atravessado na alma; e tu pódes tirar-mo. Fazes-mo Miguelinho, meu filho da minha alma.

As lagrimas da creança responderam ás da mãe.

—Olha, conheces teu pae?

O pequeno alagado em pranto acenou negativamente.

—Conheces esse bebado infeliz, o Quelhas, que morreu aqui á mezes desgraçadamente?... Pois era teu pae e meu...

As lagrimas não lhe deixaram acabar. Depois de uma pausa reatou o seu testamento.

—Era meu marido. Fomos muito ricos, filho, e a grande quinta d'essas senhoras, nossas visinhas, que tanta esmolinha nos teem dado, era nossa; na cidade tinhamos muitos e bonitos predios, deu-nos o Senhor muito, mas tudo esbandalhou teu pae com o vicio do vinho.

Pois filho, o espinho que levo atrancado no coração para a eternidade é a lembrança de vires a ser como elle.

E chorava como uma fonte.

—Promettes a tua moribunda mãe que o não farás assim? que morrerás pobre mas honrado como tua mãe?...

Miguelinho caiu de joelhos, chegou as mãos da mãe aos labios e banhou-lhas de lagrimas, de muitas lagrimas. A mãe puchou para si o rosto da creança, esforçou-se por suerguer a cabeça e pousou-lhe um demorado osculo.

Era o ultimo que dava em seu filho. Sellava com elle o seu pobre mas honrado testamento.

Pela madrugada expirava.

Miguelinho, n'esta manhã e tarde chorou sobre a campa de sua boa mãe.

Viveu da esmola da caridade até que alguem apiedado do seu infortunio lhe alcançou logar na tripulação de um vapor.

Tinha doze annos mal começados quando assentou praça.

Já em dois dias de gromete os collegas marujos intenderam que já podiam começar-lhe o noviciado.

—Para que não digas que não somos amigos, vá lá, gromete, um golo de parati.

—Obrigado, não bebo.

—Não gostas do licor, da vida do marinheiro?!...

—Gosto, mas não bebo; obrigado.

—Pois ou bebes parati ou não serás marinheiro. Vá lá; deixe os escrupulos lá da aldeia, meio copo ao menos.

—Muito obrigado, não bebo.

—E não sae da sua. O rapaz é teimosissimo, é necessario escoval-o. O marinheiro quere-se sem pêllo.—O' meu capitão, temos aqui um gromete peludo dos peludos, nem pelo demo quer beber parati.

—Ora essa! Tragam-mo cá.

Miguelinho foi levado á presença do capitão.

—Vá; beba, e d'um golo e sem empiscar.

E apresentava-lhe um copo da celebre aguardente brasileira, a trasbordar.

—Desculpe, meu capitão, mas não bebo.

—Não bebo?!...

E n'um ai lança-lhe a esquerda ao cachacho e com a direita põe-lhe aos beiços o copo e faz por obrigal-o a beber. Mas não conseguiu nada. O gromete fechou os labios e o licor entornou-se todo. A maruja ria ás gargalhadas.

—Não queres beber? Não?

—Desculpe o meu capitão, mas não bebo.

—Pois então espera-lhe pela volta. Rapazes, açoitem-no bem açoitado; as ordens de um capitão, não se discutem.

Os marinheiros malharam no pobre gromete sem dó, nem piedade. Apiedados do choro do infeliz orphão levaram-no outra vez ao capitão.

—Pega, anda, bebe agora.

—Desculpe meu capitão mas não bebo—Respondeu a creança com os olhos rasos de agua.

—Ai, não bebes pois ou aprendes a obedecer ou morres.

Pega-lhe pelas orelhas e leva-o até junto do mastro grande.

—Sobe, vamos e nem ai, que passarás lá encima a noite á fresca.

A creança levantou um demorado e lacrimoso olhar para o mastro. Nunca tinha andado sobre o mar, as ondas eram como serras, o frio regelava e a creança hesitou.

—E' muito alto é, e o mar não está para festas, e vai uma noite de congelar o sangue, se não queres morrer lá em cima, anda beber o parati.

O pequeno ficou-se por um pouco. Depois benzendo-se.

—Subirei antes.

E subiu. O capitão retirou-se, ceou e dormiu despreoccupado como nos mais dias.

Na manhã seguinte passeava na coberta do vapôr, fumando no seu cachimbo e esfregando as mãos enluvadas.

—Bons dias, meu capitão saudou-o um marinheiro embuçado, de cachimbo acceso.

—O rapaz ainda lá está em cima. Já será demais meu capitão. Elle agora ha-de-lhe beber com vontade.

Aquillo hão-de ser escrupulos de algum abbade rabugento a quem se confessou antes de vir.

—E' verdade, já me tinha esquecido do pobre rapaz.

—O' lá de cima! Vamos descer.

Mas nem nada. Não se ouviu resposta.

—Não ouves. Toca a descer, vamos.

Nem um unico signal de movimento.

—Estará morto capitão??

—Nada; não era caso para tanto. Com tudo manda subir um gromete.

O gromete veio e subiu.

O pobre Miguelinho enregelara com o frio da noite; os braços e pernas empedernidos ficaram agarrados ao mastro como uma estatua de bronze á cruz de um mausoleu.

Desceram-no. O pequeno mal respirava. Frixionaram-no fortemente até que veio a si.

—Vá lá agora um copo, anda homem que te faz bem.

E o capitão apresentava-lhe um copo do parati.

A creança ficou perplexa por alguns instantes.

—Anda deixa-te de escrupulos, as ordens de um capitão são sagradas, e necessitas de calor.

—Desculpe meu capitão mas não bebo.

O capitão esbravejou.

—Pois ou bebes ou morres.

A creança encolheu os hombros e inclinou a cabeça.

—Paciencia...!

E dos olhos pretos do Miguelinho corriam dois fios de lagrimas que teriam partido o coração humano mais duro, se corações humanos tal vissem.

—Pois bem has-de escarmentar. Mettam-no no beliche e dêem-lhe uma só refeição diaria de pão e agua.

Foram cumpridas as suas ordens.

Passaram-se tres mezes. O infeliz orphão chupado pela fome já se não tinha em pé e esperava de um para outro dia a derradeira hora. Bem teimou com elle o que lhe servia de carcereiro para que bebesse a aguardente, mas não sahia do seu proposito.

Miguelinho não iria muito longe.

—Meu capitão, aquelle rapaz mette-me dó. Morre de fome e tem uma historia de partir o coração. O meu capitão vá-me ouvil-o que elle pede para lhe falar.

—Pois sim.

O gromete que fazia de carcereiro retirou e o capitão foi.

—Então amigo, como lhe vae? Queria-me alguma cousa?

—Queria, meu capitão.............

—Algum copo de parati!

—Não, meu capitão, isso não. Queria antes de morrer pedir-vos perdão do meu proceder para comvosco. Não foi, nem é por perrice ou por maldade para comvosco; foi por cumprir uma promessa solemne que fiz.

—Mas não sabes que quando um capitão manda não ha votos nem promessas, sejam a que santo forem que lhe ponham barreira ás suas ordens?

—Ai, meu capitão! mas uma promessa feita á cabeceira de uma mãe moribunda, selada com o ultimo beijo dos labios já frios de uma mãe agonizante...

E soltaram-se-lhe as lagrimas. Chorou.

O capitão commoveu-se. Era talvez a primeira vez que aquella alma fria como a agua salgada do mar, sobre que nascera, se enternecia com as lagrimas humanas.

Miguelinho limpou os formosos olhos pretos e esforçou-se por continuar.

—Sou actualmente orphão, não tenho mãe...

E as lagrimas voltaram-lhe aos olhos.

—Foi á sua cabeceira quando agonizava, que soube que meu pae tinha sido um bebado, muito afamado, que eu via muita vez estendido na rua, quando com minha mãe mendigava de porta em porta o pão; que tinhamos sido muito ricos, mas que tudo desbaratara com o vinho o meu desgraçado pae.

Antes de dar o ultimo suspiro pediu-me com as lagrimas nos olhos... pediu-me minha mãe moribunda, meu capitão...

E as lagrimas não o deixaram continuar.

—Basta, meu heroe. Já sei tudo.—Disse o capitão profundamente commovido.—Juraste a tua mãe moribunda que nunca serias como teu pae, que nunca beberias alcool.

E levantou-o nos braços e abraçou-o com ternura demoradamente.

—Desculpa os castigos que te dei. Porque me não contastes logo tudo isso?

Mandou logo preparar um lauto jantar e no fim d'elle deante de toda a marinha pediu desculpa ao heroico gromete que com tanta coragem se sustentou fiel á palavra dada á sua mãe moribunda.

—Depois entregou-lhe um envelópe.

—Toma e onde quer que necessites de mim podes apresentar este bilhete meu.

O pequeno inclinou-se para lhe beijar a mão.

O capitão levantou-a e abraçou-o cordealmente.

Ao abrir á noite o envelope do capitão, Miguelinho encontrou dentro o seu cartão embrulhado n'uma lettra de um banco inglez, do valor de 120 francos.

O vapor continuou viagem.

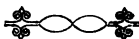
Não se soube mais noticias do bom e heroico Miguelinho. Mas feliz d'elle se permaneceu fiel á promessa jurada á cabeceira de sua mãe agonizante.

5—7—903 P. B. Ribeiro.

2—Sabbado—A Visitação de Nossa Senhora.—St.ª Marcia, M.—*Ind. plen. para o Rosario Vivo—para a Confraria do Rosario.*

AVÉ MARIA

Avé Maria
Cheia de graças mil, Deus é comtigo,
fulge em teus olhos a divina luz.
E's bemdita entre todas as mulheres,
bemdito o filho teu, doce Jesus!
Santa Maria, que de Deus és Mãe,
agora e quando findem nossas dôres,
roga pede por nós, os peccadores.
Amen!

THOMAZ RIBEIRO.

3—Domingo (6.º depois do Pentecostes)—PRECIOSISSIMO SANGUE—S. Jacintho, M.—St.º Heliodoro, B.

Ir buscar lá...

Um official de cavallaria, que montava muito mal, passava em frente da Havaneza, onde estava um grupo de rapazes seus conhecidos.

Um d'elles, querendo mettel-o a ridiculo, acercou-se do cavalleiro, e disse-lhe:

—Sabes o que succedeu a Balaão?

—O mesmo que a mim, replicou o official, sahiu-lhe um burro ao encontro e fallou-lhe.

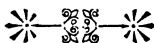
4—**Segunda-feira**—Dedicação de Todas as Igrejas das Tres Ordens de S. Francisco.

Respeita o catholicismo
No santo do christianismo.

Mal haja o que sobre a terra
Primeiro fallou em guerra.

Elege um governo crente,
Mais recto que transigente.

Alves d'Almeida.

5 — ☾ **Terça-feira**—St.° Antonio Maria Zacharias, Fundador. — St.° Athanasio, M.—*Quarto minguante ás 10 h. e 18 m. da tarde.*

CONTRA O BICHO DOS PASSAROS

Quando um passaro começar a entristecer, a erriçar as pennas e a metter a miudo a cabeça debaixo da aza, catando-se tambem frequentemente, é quasi certo que está atacado de bicho em grande quantidade.

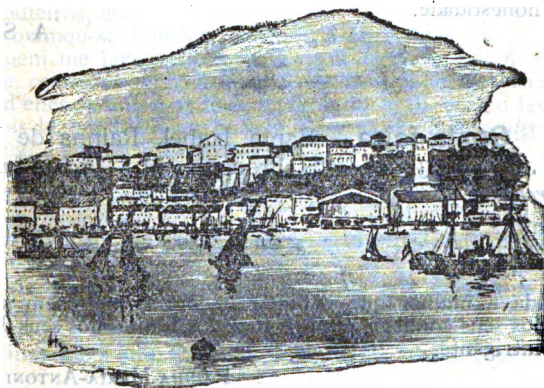
Para o livrar d'elle, um remedio simples, é pôr-lhe á noite um panninho branco na gaiola, sendo possivel em contacto com elle. Passado algum tempo tira-se o panno, para o qual tem passado um certo numero de bichos, que se matam. Repete-se a operação os dias e vezes necessarias para que o passaro recupere o seu estado habitual.

6 — Quarta-feira — St.ª Domingas, V. M.

ADVERTENCIA UTIL

Muitas pessoas, não pensando nos effeitos que podem produzir as flôres, n'um recinto fechado, esquecem-se de retirar do quarto de dormir, durante a noite, as flôres que lá collocaram, cuidado que nunca devem esquecer.

As emanações que exalam são d'um effeito toxico muito energico e se forem muitas e o quarto pequeno, podem causar a morte.

Ordinariamente a entoxicação apenas se manifesta por violentas dôres de cabeça.

VISTA DA BAHIA (BRAZIL)

7 — Quinta-feira—S. Lourenço de Brindis, Capuch. — St.ª Pulcheria, V. — S. Claudio e Comp., Mm. — *Ind. Plen. nas egrejas franciscanas e ind. plen. para os Irmãos Terceiros.*

INQUERITO

Qual a primacial qualidade da mulher?
A virtude.

B. R.

A primacial qualidade da mulher é a belleza; é esta a opinião insuspeita d'uma mulher feia.

D. Branca.

Qual a primacial qualidade da mulher?
Para o libertino, a formosura; para o calculista, a fortuna; e para o digno e verdadeiramente amante, a virtude.

P. P. B.

Qual a primacial qualidade da mulher?
A honestidade.

A. Sette.

8 — Sexta-feira — Santa Izabel, Rainha de Portugal, Viuva, da 3.ª O. — S. Procopio, M.—*Ind. Plen. para os Terceiros.*

Toda a mulher que voluntariamente se mette em negocios acima dos seus conhecimentos e fóra dos limites dos seus deveres, é uma intrigante.

Rainha Maria-Antonietta.

Não será antes uma abelhuda?!

9 — Sabbado — Os Ss. Nicolau e Comp. Mm. Gorgonienses da 1.ª O. — S. Cyrillo, B. M. — *Ind. Plen. nas egrejas franciscanas.*

N'uma aula de Direito Civil, o professor da
filhos posthumos:
São os infelizes que tiveram a desdita de vê
ainda no ventre de sua mãe.

10 — Domingo (7.º depois do Pentecos
Irmãos, Mm. — St.ª Amelia, V.

CONTO ARABE

Havia um homem ambicioso que sempre escarnecia dos outros. Um dia comprou um cesto com objectos de vidro, copos, garrafas, candieiros, etc.

Approximou-se d'uns carregadores e disse-lhes:

— Quem me leva este cesto? Eu sou *dérviche,* (monje mahometano) e, como não tenho dinheiro, ensinar-lhe-hei tres maximas.

Um d'elles levantou-se logo e pegou no cesto, para o levar.

Depois de ter andado um bocado, o carregador disse ao *derviche:*

— Qual é a primeira maxima?

— Aquelle que te disser que mais vale ter fome que estar farto, mente, disse o ambicioso monje.

— Bem.

Andaram mais um pouco e o carregador pede-lhe que diga a segunda maxima.

— Sim. Aquelle que te disser que mais vale andar a pé que a cavallo, mente.

— Bem.

Continuaram a andar até que se approximaram da casa do *dérviche:*

— Dize agora a terceira maxima.

— Sim. Aquelle que disser que ha carregador mais burro do que tu, mente.

O carregador calou-se, andou mais um bocado, e atirou com tudo ao chão, dizendo:

— Aquelle que disser que ficou no cesto alguma coisa inteira, mente.

11 — **Segunda-feira** — *(Oitava da Dedicação de todas as igrejas Franciscanas).* — S. Pio I, Pp., M. — S. Sabino. *Nasce o sol ás 4 h. e 46 min. e põe-se ás 7 h. e 41 min.*

CONCEITOS ÁCERCA DA MULHER

Nós somos a razão da humanidade; vós, mulheres, sois o coração d'ella.

D. Antonio da Costa.

*
* *

Mas quantas vezes não é a mulher a razão, e o homem o coração?!...

Mas quantas vezes não é a mulher, simultaneamente, coração e razão e o homem desvario e loucura?!...

12 — **Terça-feira** — S. João Gualberto, Abb. — Os Sts. Felix e Nabor, Mm.

COLUMBA MEA

(AO P. A. T.)

Quis mihi dabit pœnas ut columbae?...
et volabo et requiescam.

Pombinha, dá-me as azas que eu perdi!...
Implumes, por ditosas primaveras,
altearem-se nos ceos não mais as vi...
vamos, pomba innocente, porque esperas?...

Quero as azas d'um anjo como as tuas,
brancas, nitidas, bellas; e da terra
contigo irei ao ceo; de lá, se duas
pombas virem, ambas transpôr a serra,

outro bando de pombas a librar-se
em gracioso espiral, amplo cortejo
fará ás exiladas; com disfarce
ha de olhar-nos o mundo então sem pejo!

Acima, ao alto... é tempo de nos ceos
poisar, fruir descanço; vamos, pomba...
ai! grato symbolo es dos annos meus!...
E quem diz na alva á flôr, que á tarde tomba?!...

Mas, que importa? Ainda dura a primavera
talvez da ultima quadra da innocencia;
voemos, pomba, avante!... Sobre a esphera
que alem passa, oh quam triste é a existencia.

E ás minhas azas fendem os espaços,
adejam sobre a gaze em veos de anil;
e as minhas azas bellas vão sem laços
já transpor-me ás campinas d'outro abril.

Eu amo as azas, que a pombinha solta
longe do limo da mesquinha terra;
eu amo as azas, que a minha alma envolta,
aos campos rouba onde fluctúa a guerra.

Eu amo as azas, que me deixam triste,
a sós pensar nos mundanaes haveres;
eu amo as azas, quando n'alma existe
doce alegria de infantis prazeres.

Eu amo as azas, que me elevam, ageis,
do mundo vario á mansão da paz;
eu amo as azas, que dos homens frageis
me afastam logo, e de paixões tão más.

Entremos, pomba. abriu-se o paraizo;
avante... gozo infindo nos espera;
Junto a Deus, mais dois anjos, um sorriso
lançarão sobre a eterna primavera.

(IV—1903.) P. FREITAS.

13 — ● Quarta-feira — St.º Anacleto, Pp., M. — *Lua nova ás 4 h. e 50 min. da manhã.*

OS DOIS CAMARADAS

(DE TOLSTOI)

Dois amigos passeavam na floresta; appareceu um urso e lançou-se sobre elles.

Um trepou a uma arvore e escondeu-se, emquanto o outro ficava no caminho. Deixou-se cair e fingiu-se morto. O urso approximou-se e cheirou o homem; mas como este retinha a respiração, o animal julgou-o morto e affastou-se. Quando o urso estava longe, o outro desceu da arvore e perguntou, a rir, ao seu camarada:

—Que te disse o urso ao ouvido?

—Disse-me que *aquelle que abandona o amigo no perigo é um cobarde.*

14 — Quinta-feira — S. Boaventura, Dr. e Cardeal da 1.ª O. — *Ind. Plen. nas igrejas franciscanas — ind. plen. para os Terceiros.*

No amor sem affeição
Actua... o sentir do cão.

Toda a guerra, toda a paz,
Termina por: «Aqui jaz.»

Para o namoro... pureza,
Para o marido franqueza.

Mulher gorda e pequenina,
Formosura conimbrina.

«Se queres o cão de caça
«Procura-lhe a boa raça.»

ALVES D'ALMEIDA.

15 — Sexta-feira — A. B. Angelina de Marsciana, Viuva da 3.ª O.

— Manoel! Já deitaste outra agua na redoma dos peixes?
—Não, minha senhora!
—Então porque?
—Saberá a senhora que elles ainda não beberam a que eu lhe deitei hontem!

16 — Sabbado — Nossa Senhora do Carmo. — S. Sizenando, M. = *Ind. plen. para os Irmãos do Carmo. — Jubileu como o da Porciuncula, para os mesmos, nas igrejas das Carmelitas.*

"AD TE CLAMAMUS,,

Vós que dos mortaes sois guia
O' Maria
Pomba de meiga candura
Sêde alegria e manto
Em seu pranto
E conforto n'amargura

Ouve, Mãe doce e clemente
Prece ardente
D'estes filhos que te invocam
Lança piedosa os olhos
Aos escolhos
Dos mares que nos suffocam.

Na arena da existencia
Com clemencia
Guia teus filhos, Senhora
Levae-os por santa via
O' Maria
Pois que d'elles sois aurora.

Tu, Senhora, lá dos céos
Filhos teus
Vê com brandura e amor
Encaminha, ó Maria
N'esta via
Os tristes filhos da dôr.

Nós n'este mar velejamos
Caminhamos
Entre a esperança e o temor
E assim vamos caminhando
Supportando
O vaivem de triste dôr.

Eia, pois, ó Mãe bondosa
E amorosa
Dá-nos a tua protecção
Não esqueças os mortaes
Que entre ais
Luctam sempre na afflicção.

Fr. C. Rodrigues.

17 — **Domingo** (8.º depois do Pentecostes)—S. Aleixo, C.

BOM SENSO E BOM EXEMPLO

Um cultivador de Niérre dirigia-se a uma parochia da diocese de Sens para assistir a um casamento. Logo que lá chegou disseram-lhe que o casamento não era na igreja mas sim era casamento puramente civil. Então o convidado cumprimentando os noivos disse-lhes:

«Soube agora que o vosso casamento não é religioso. Lastimo-o. Ora como podeis dispensar Deus não vos custará muito dispensar-me tambem a mim.»

Empregam-se todos os esforços para o resolver a ficar pretextando mil coisas a que elle responde:

«Não, não quero com a minha presença mostrar que approvo um acto que a minha consciencia reprova.»

E poz-se a caminho.

Ora muitos dos convidados até então mudos como penedos arrastados pelo seu exemplo, resolvem a imita-lo. Então o pae do noivo que tinha dado o seu consentimento com a condição de que o seu casamento fosse civil vendo que ficava sem convivas renunciou á insensata pretensão e d'ahi a alguns instantes todos se dirigiam á egreja.

Exempla trahunt.

18 — **Segunda-feira** — O B. Simão de Lipnica, C. da 1.ª O.—St.ª Symphorosa e seus 7 filhos, Mm.—S. Frederico, B. M.—St.ª Marinha, V. M.

O TABACO

O distincto medico hespanhol dr. Santillan, tem a respeito do tabaco a seguinte opinião:

«O tabaco não só causa enfermidades do corpo, senão tambem do espirito. São as seguintes as doenças que resultam do seu uso:

«Envenena a saliva, ataca os sentidos do gosto, olfacto, vista e ouvidos; estraga o estômago, produzindo dispépsia; faz amiudadas vezes perder o appetite; ataca o coração produzindo palpitações; debilita os musculos, produzindo tremuras; excita os nervos e paralysa o cérebro».

19 — ☽ **Terça-feira** — O B. João de Duckla, C., da 1.ª O. — As St.as Justa e Rufina, Mm. — *Quarto crescente ás 8 h. e 12 min. da tarde.*

A descrença é um tyranno
Que detesta o genero humano.

«Cumpre á risca o teu dever,
«Succeda o que succeder.»

Não busques satisfação
Onde não ha perfeição.

ALVES DE ALMEIDA.

20 — **Quarta-feira** — S. Jeronymo Emiliano, C. — St.ª Margarida, V. M. — S. Elias, Propheta.

LEÃO XIII

LUMEN IN COELO

(20—7—903)

Morreu!... Velou-se a Luz que illuminava o mundo
E o mundo em treva ao golpe que o pungiu tão fundo
Estremeceu de dôr.
De pranto amaro um rio inunda ainda a terra,
Que o letheo oceano um pae lhe arrebatou e encerra
Nas ondas de furor.

Morreu! Seu nome augusto repercute ainda
Em funebre murmurio de saudade infinda
No ceu, na terra e mar.
Choram mil peitos que ficaram na orphandade,
Inconsolavel chora inteira a humanidade
Seu coração sem par.

O cedro da montanha, altivo e venerando,
Que destroncado cede ao golpe formidando
De irado furacão,
Não faz, ruindo, taes destroços nas vertentes
Como os que a dôr causou nos corações dos crentes
Da morte de Leão.

E' que da senda amargurada da existencia
Aos filhos do Calvario sem cessar a ardencia
Lenia—Astro no ceu,
Da Barca eterna firme sustentando o leme,
Qual nauta ousado que defronta mas não teme
A furia do escarceu.

Agora dorme. O corpo inerte encobre a lousa
E o grande espirito liberto já repousa
No páramo eternal,
Entre as delicias perennaes d'um goso santo
A' gloria de Jehovah erguendo excelso canto,
O canto do immortal.

Mas enxuguemos nossos prantos, que a ventura
E' d'essa Luz que um fogo ethereo alli depura
Esplendido crisol:
Se d'antes era n'esse espaço qual estrella,
Hoje refulge, embora occulta, inda mais bella,
Mais bella do que o sol.

Setubal. NUNES FORMIGÃO.

LEÃO XIII

Fallando ao desditoso proletario
as mais ternas palavras carinhosas
perfumou-lhe a aridez do seu calvario
com a fragrancia das mais puras rosas.

*

Ha-de aquelle sorriso casto e brando
cheio de amor e cheio de clemencia
ficar eternamente illuminando
a triste cerração d'esta existencia.

*

A ineffavel doçura das caricias
d'aquella voz amiga, etherea e mansa
ha-de-nos envolver sempre em delicias
de sonhos côr de rosa e de esperança.

*

A ardente chamma de sua alma dôce
deixou tamanho luminoso rastro
no seu peregrinar como se fosse
feita dos vivos lampejos de um astro.

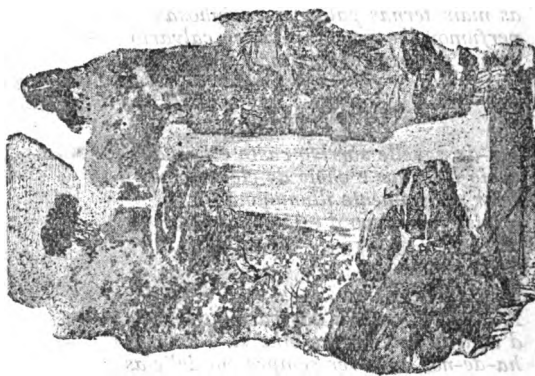
*

Prégando o Amor e a Paz cantava,
em jubilosa ardencia de propheta,
a redempção da humanidade escrava,
—a sua aspiação mais predilecta.

*

Seu vulto airoso e branco surge agora
cercado d'uma aureola de bondade
gosando o esplendido festim da aurora
d'esse dia de Eterna Claridade.

P. SILVA GONÇALVES.

21 — Quinta-feira — *(Oitava de S. Boaventura)* — S. Praxedes, V. — *Nasce o sol ás 4 h. e 53 min. e põe-se ás 7 h. e 7 min.*

A Cascatinha (arrabaldes do Rio de Janeiro)

A' PORTA DO COLLEGIO

Julia era filha d'uma familia muito estimada no mundo mais por suas riquezas que por suas virtudes. Tanto seu pae como sua mãe visitavam os salões mais concorridos da capital, onde se faziam notar pela elegancia no vestir e pela desenvoltura com que saltavam na Polka.

Não tinham o minimo sentimento religioso e Amelia (mãe de Julia) até algumas vezes tinha escripto nos jornaes as mais violentas diatribes contra os padres e a egreja catholica em geral.

Não curava da educação de seus filhos, mas seguindo a moda hoje tão generalisada, desde o primeiro dia, que viam a luz, entregava-os a uma aia, para mais livremente se poder entregar aos seus divertimentos quotidianos.

Tal era a familia de Julia que vou apresentar aos meus leitores.

Julia era então uma menina dos seus doze para treze annos, branca de cabellos e olhos pretos, com o sorriso brincando-lhe sempre nos labios, folgazã e até algumas vezes um pouco estouvada.

Havia pouco mais de dois annos que sua mãe cedendo a um impulso do coração, a tinha mandado para educar n'um collegio catholico dos de mais nomeada.

E' ahi que nós a vamos encontrar falando com sua mamã, que lhe vem fazer uma d'essas visitas, que as mais das vezes prejudicam tanto como deviam aproveitar.

Entre mil despauterios, que a intelligencia menos illustrada repelliria como incentivos á novella, veiu-lhe a perguntar:

—As tuas mestras são muito zangadas, não é verdade?

—Não mamã, são muito boas, tratam-nos com muito carinho.

—Umas santas, que se podem pôr no altar? Não te parece, Julinha?

A menina impallideceu, vendo a fina ironia que feria a quem desde ha muito se tinha acostumado a respeitar, e não respondeu.

Amelia calou-se tambem, como que arrependida de ter ferido a filha n'um dos sentimentos mais nobres do seu coração: o amor.

—Trago-te uma caixa de doces, só para ti; entendes?

—Obrigada; quanto custaram?

—Seis tostões.

—Pois se a mamã o não leva a mal, vendo-l'hos; antes quero o dinheiro que os dôces...

—Mas... mas para que queres tu o dinheiro?

—Ora!... para comprar doces, não é...

—Não compro sem saber para que queres o dinheiro.

—Então vá lá... E' para dar a uma pobre mulher que tem cinco meninos pequeninos, e não tem pão para comer!... E duas lagrimas rolaram-lhe pela face.

Amelia tão descuidada toda a sua vida, e que jámais tinha deixado cair um obolo nas mãos dos desamparados da fortuna, sentiu, como que accender-se em seu peito a chama da caridade, e n'um extasi d'amor maternal apertou-a affectuosamente ao coração, exclamando:

—Não, minha filha, não será assim, comerás os dôces que são para ti, e para os pobresinhos aqui tens 2$500 reis.

*

Esta scena que pouco tempo ha, teve logar no locutorio d'um recolhimento, fez com que aquella mãe emendasse a vida frivola, que até então tinha levado.

PINA.

22 — Sexta-feira — St.ª Maria Magdalena.

CONTRA AS QUEIMADURAS

O melhor remedio para curar queimaduras é applicar á parte queimada *sabão amollecido* em agua quente, correr em seguida azeite de linhaça, e espalhar depois sobre a queimadura farinha de flôr de trigo.

Quando estiver secca, torna-se a correr azeite de linhaça, e polvorisar com flôr de farinha; e repete-se esta operação 3 vezes, ao cabo da qual cria uma crusta impenetravel que faz desapparecer toda a dôr, e pouco tempo depois a ferida estará curada.

23—Sabbado—S. Apolinario, B. M.—S. Liborio, B.

Quando entrares na Igreja
Que o respeito em ti se veja.

A Dança é um incentivo
Ao appetite... lascivo.

Se não queres ser iniquo
Olha o pobre como o rico.

A flôr mais casta e bella
E' o «pudor da donzella.»

Amor que para o bem pende
Não macúla nem offende.

Belleza sem instrucção
E' plumagem... de pavão.

O amor é casto lyrio
Que Anteros torna em martyrio.

ALVES D'ALMEIDA.

S. Francisco Solano O. F. M. o Apostolo da America

24 — **Domingo** (9.° depois do Pentecostes) — S. Francisco Solano, C. da 1.ª O. — St.ª Christina, V. M. — *Ind. Plen. nas igrejas franciscanas.*

OS LOBOS

Ha annos realizaram-se em França diversas montarias aos lobos, chegando-se a suppor que se achava extincta ali esta raça de animaes.

E' certo, porém, que só no anno passado foram mortos em França, segundo consta da respectiva estatistica, 115 lobos, pelos quaes se deu razoavel recompensa. Só por uma loba gravida foram pagos 200 francos a quem a matou a tiro.

Em Portugal têem-se realizado nos ultimos annos differentes caçadas aos lobos, algumas d'ellas com bom resultado.

Deve estar ainda na memoria de todos o facto heroico, praticado ha poucos mêses por um valente trabalhador portuguez, que depois d'uma lucta terrivel com um lobo de extraordinarias proporções, conseguiu mata-lo a golpes de machado.

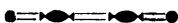
Ha annos contaram os jornaes um outro caso verdadeiramente assombroso. Um pastor, rapaz de 15 annos apenas, viu-se atacado por um lobo quando andava a guardar um rebanho de gado, n'uma povoação proxima da guarda.

O valente pastorsito não perdeu a coragem, e sem ter com que defender-se da fera, agarra-lhe a lingua e segura assim o animal emquanto grita por soccorro, que não se demorou.

Feitos d'estes são raros, mas ha ainda quem os pratique no nosso paiz.

25 — ✠ **Segunda-feira** — S. Thiago, Ap. — S. Christovão, M. — St.ª Valentina, V. M.

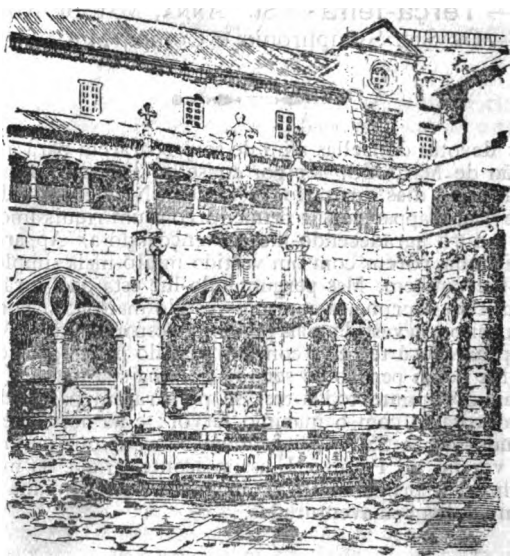
Marido—Forma-se das palavras *mar ido* pela similhança que ha entre casar-se e deitar-se ao mar.

26 — Terça-feira — St.ª ANNA, MÃE DE NOSSA SENHORA. — Os Sts. Symphronio e Comp., Mm.

Trez devotas donzellas afim de se prepararem para a festa da Purificação de Maria SS.ma e por conselho de seu confessor rezaram durante 40 dias o rozario da Virgem. Na vigilia da dita festa a Mãe de Deus appareceu á primeira com um riquissimo vestido bordado a ouro agradecendo-lhe e abençoando-a. Appareceu depois á segunda porém com um vestido muito mais simples, agradecendo-lhe tambem. Mas perguntando-lhe esta qual a razão porque apparecêra á primeira com um vestido mais rico? porque ella lhe havia feito um vestido mais precioso, respondeu a Mãe de Deus. Depois appareceu á terceira com um vestido muito grosseiro pelo que esta lhe pediu perdão de ser tão tibia na sua reza.

No anno seguinte todas tres se prepararam para a dita festa resando o rosario com o maximo fervor; e na noite precedente, apparecendo-lhes a SS.ma Virgem avisou-as de que na manhã seguinte a veriam no Paraizo. E assim aconteceu que na manhã seguinte á hora de prima foram acompanhadas pela Rainha das Virgens á patria dos bemaventurados.

27 — ☺ **Quarta-feira** — A B. Cunegundes, V., da 2.ª O.—S. Pantaleão, medico, M.—*Lua cheia ás 9 h. e 5 min. da manhã.*

28—Quinta-feira—Os St.os Nazario e Comp. Mm. — O B. Nevolio, C., da 3.ª O. — St.º Innocencio, Pp.

Estando um cardeal proximo á morte por effeito de um grande incommodo que se reputava incuravel, vê entrar no quarto o seu macaco, coberto com o chapeu d'elle cardealista! riso o dominou, que lhe arrebatou um abscesso interior que era o seu mal, e assim escapou á morte.

Claustro do Silencio em Santa Cruz de Coimbra

29 — Sexta-feira — St.ª Martha, V.—S. Felix e Comp. Mm.—St.º Olavio, rei da Noruega.

Fazer a nossa fortuna não é synonymo de fazer a nossa felicidade. Esta póde, comtudo, desenvolver-se com aquella, quando regida com bom criterio.

Todo o contentamento dos mortaes, é mortal.

30 — Sabbado — S. Camillo de Lellis, C. — Os Ss. Abdon e Sennen, Mm.—S. Rufino, M.—As St.as Maxima e Donatila.

Aurora de Sião

—Levavi oculos meo in montes,
unde veniet auxilium mihi...
—Auxilium meum a Domino.

Ps. CXX. V. 1, 2.

(Ao poeta P. B. R.)

Sião! Grato Sião!...
Monte sublime, altivo promontorio!
Da saudade, mysterio de meu seio,
mansão querida, celica morada!
Meus olhos vagos, tristes, lá de longe
ó meu Deus, que de vezes no teu cume
brumoso, embaciado, sem alento
eu fitei! Remontado, saudoso ermo,
densos nimbos velavam-te de roda,
coroavam-te as nuvens. Transpar'cendo
de entre um véo desmaiado, só te via
no espaço confundido, sem esp'rança
de o teu solo pisar! E quantas vezes
após a fera e rispida procella
o teu céo bronzeado incendiando,
e o trovão despedindo pelos vales
até repercutir-se no meu peito,
arco-iris de bonança tão jucundo
de aureas côres, brilhando no horisonte
sobre o teu dorso eu vi pairar com 'sp'rança!

E tu, caro Sião!
dourada cathedral de minha mente,
phantastico Thabôr, lá só nos longes,
na cerração espessa transluzias
sem fanal, cujo brilho me alentasse!...
De minha cruz pesada sob o jugo,
de funda magua, triste, possuido,
fallecêra! Da cara juventude
os bellos, aureos dias consumindo,
da vida na vereda pedregosa,
perto, junto ao regato, que os queixumes
unia á minha dôr, eu vacillára
opprimia-me a cruz! Ao duro solo
atirando meu corpo languecido,
tão só, sentado na orla do caminho,
do alaúde soltando accentos tristes,
meu canto ao ceo erguera...

*

Dos rios de Babylonia
sobre as margens sussurrantes
entre flebil pranto e lugubre,
Sião! como agonisantes
nos reclinamos ahi,
recordando-nos de ti!
E pendentes nossas cytharas
dos salgueiros, saudosas,
as toadas amorosas
aguardaram para si.
E para longe da patria,
nos, proscriptos, exilados,
palavras, canções jucundas
nos rogaram mui irados,
e disseram: «de Sião qu'rida
cantae-nos um hymno, um cantico.»
«Em terra desconhecida,
oh! Como cantar com jubilo
o hymno,—sem dôr,—
que é do Senhor?»
Se eu me esquecer de ti
ó Jerusalem ditosa,
fique inerte a minha dextra,
minha lingua jubilosa
emmudeça para eterno,

se de ti perder memoria;
e, Salem, falleça terno
o meu cantar
se não te amar!
No dia nefasto e triste
de Jerusalem, Senhor,
dos preversos de Edom
relembrae-vos, com ardor
elles dizem: «vós, violentos,
n'ella até os fundamentos
eis, derrubae,
desbaratae!»
Pobre filha, Babylonia!
oh! Bem haja quem a sorte,
com que agora nos fadastes,
contra ti verter em morte!
Bem haja quem teus filhinhos
de encontro ás pedras, tenrinhos
fôr triturar,
despedaçar!...

. . . .

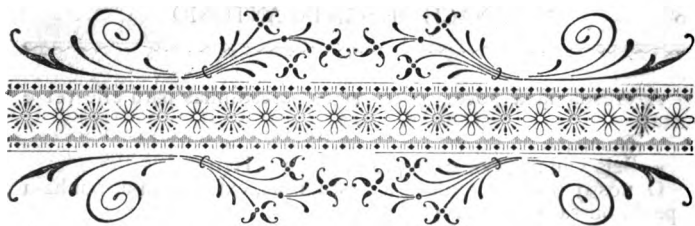
Mas, confio, Senhor! Em ti eu 'spero!
Do meu peito lanceado surja embora
a dôr minaz e lenta. Tenho esp'rança!

E a aurora sorridente eis que desponta,
já no ceo claro e bello reapparece;
de Sião sobre o cume, roseo brilho
o firmamento doura; fresca aragem,
propicia viração, mistica esp'rança,
dentro em meu peito exhausto, diffundindo,
a cruz tão longa e dura; jubiloso
a arrastar sobre os hombros me reanimam.
E tu, Senhor, bem hajas, que do afflicto
e pobre viador, os seus lamentos
quizeste ouvir, piedoso, e de meu pranto
acolher tantas lagrimas amargas!
Era errante! mas sob as tuas azas
este ser debil, fraco, dirigias;
e a minha cruz, já leve, o anciado norte
seguia então, ó Deus, que me apontavas.
Bem hajas, ó Senhor, que me acolhestes!

E tu, Sião, Sião! Oh! quanto és bello;
tua luz esplendente a minha fronte
inundada em suor amaro e frio,
banhando radiosa, me deu vida.
Meu peito outr'ora exangue, sem conforto
agora frue o jubilo, a alegria,
respira amor, saudade!
Salve o Sião amado!

(5—V—1900).

P. FREITAS.

31 — **Domingo** — (10.° depois do Pentecostes) — St.° Ignacio de Loyola, C., Fundador da Companhia de Jesus.—*Ind. plen. para os Irm. da Conceição.*

A HISTORIA DA PESCADA

AQUI ha annos, morava na rua da Rosa, um sujeito que quasi todos os dias realisava o milagre, quasi inconcebivel, de comprar por um vintem ou trinta reis a mais formosa e volumosa pescada do alto que corria as ruas de Lisboa, nas canastras das varinas.

Como fazia elle isso?!

D'um modo muito simples, muito engenhoso, e, até certo ponto, porque fazendo-o, ganhava elle um bom par de vintens e não fazia perder cinco reis a ninguem.

O caso parece incomprehensivel, mas não é.

Lá vae a explicação.

O sujeito da rua da Rosa ia pela manhã á ribeira do peixe e comprava uma pescadinha marmota, não muito pequena, uma pescadinha marmota, já começada a entrar na adolescencia.

Custava-lhe um vintem, trinta réis ou um pataco quando muito: trazia-a para casa, punha-a n'um prato e elle punha-se á janella.

Passava uma varina com peixe.

Elle mirava attentamente a canastra.

Se iam lá dentro algumas pescadinhas d'essas de partir ao meio para frigir chamava a peixeira.

A creada ia á porta, e trazia as pescadinhas para elle ver e ajustar.

—Quanto é?

—Seis vintens, por exemplo, pedia a peixeira.

O nosso homem tomava a pescadinha, examinava-a, punha-a ao pé da outra que trouxera da ribeira.

A da varina era maior os seus dois centimetros.

—Nada, diga-lhe lá que dou um vintem por ella. A creada levava a pescadinha no prato e offerecia um vintem.

A varina furiosa, por lhe offerecerem tão pouco, agarrava malcreadamente na pescadinha, atirava-a para a canastra, rogando pragas, e cantarolando na sua voz aveirense uma formidavel descompostura.

E ia rua abaixo, desempenada, roncando palavrões intercalados, pelo pregão tradiccional:

—Fresqué! Fresqué!

Entretanto o sujeito voltava para a janella esfregando as mãos de contente: o *tour* estava feito.

A marmota que a creada levára á peixeira e que esta deitára furiosa na canastra, quasi sem olhar para ella, não era a mesma que dera á creada, era a que o homem trouxera da Ribeira e era mais pequena dois centimetros.

Mas uma peixeira fula dá lá pela differença de dois centimetros n'uma pescadinha que um segundo antes tirára da canastra!

D'ali a nada vinha outra peixeira.

Repetia-se a mesma scena; a pescadinha que o homem trouxera da ribeira havia já crescido quatro centimetros.

Feita esta sorte vinte vezes, o que é facilimo, a pescadinha que o homem da rua da Rosa comprara por um vintem tinha mais já 40 centimetros, meio metro quasi.

E aqui tem como o homem da rua da Rosa, realisava todos os dias esse milagre improvavel de comprar por um vintem uma pescada que custava seis ou sete tostões.

GERVASIO LOBATO.

No crescente estruma os campos e arranca as cebolas;
e, em chovendo, semeia tremoços,
rabanos, repolhos, nabos e couves tardias.
No minguante desfolha as vides, colhe fructos, guarda sementes
e semeia cravos.

MÃE DE PIO X

1 — Segunda-feira — S. Pedro *ad Vincula*. — Os Ss. Martyres Machabeus. — Os Martyres de Chelas. — *N'este dia nasce o sol ás 5 h. e 3 m. e põe-se ás 6 h. e 59 m.*

A DUVIDA SOBRE O INFERNO

(ANECDOTA HISTORICA)

PELA quaresma de 1870, um pobre operario, por nome João, entrando pela manhã na egreja de Santa Maria de Alcoy, em Hespanha, avisinhou-se do confessionario do P. Mariano Juliá, franciscano exclaustrado, sacerdote de muita popularidade, de todos bemquisto, que pelo seu fervor e esmolas angariadas, tornára-se o principal provedor da Casa de Beneficencia. Mal João dobrou o joelho deante do confessor, disse-lhe:

—P. Mariano, desculpe V. R. a minha ousadia, mas não venho confessar-me.

—Então, a que vens?

—Ha tempos, que minha mulher me anda prégando, que hei-de confessar-me como nos annos anteriores, zumbindo-me aos ouvidos todos os dias com a mesma cantilena, averbando-me de herege e excommungado. Como sempre, armamos um *charivari* medonho, um *banzé* insoffrivel, resolvi-me vir ao confessionario de V. R. para q'ella vendo-me alli estar de cocaras, se callasse d'uma vez para sempre, e d'esta fórma haja paz e não guerra em casa.

—Mas, ó João, dize-me cá, porque, tendo nos demais annos procedido como bom christão, vens agora fazer de comediante?

—P. Mariano, já que V. R. m'o precisa, falarei sem rebuço. Saiba V. R. que na Religião o que mais vivamente me impressionava, obrigando-me a ser honesto é honrado, era o *temor* do inferno, onde, segundo V. dizem, os homens atrabaliarios e impios, padecem horrivelmente, em companhia dos demonios. E como agora está averiguado que não ha inferno, disse de mim para commigo: Eu confessar-me? Para quê? Basta não fazer mal a ninguem, como diz a moral universal, que nos prégou o marquez de Albaida.

—E como podeste averiguar a não existencia do inferno?

—Lendo o folheto de Roque Garcia e outros papeluchos que no Club se dão gratis.

—E tu crês nas babuseiras e sandices d'aquelles *papeis-trapos?*

—Sim, senhor; n'elles está a verdade e o evangelho do povo, que mais illustram que os sermões dos curas.

—Obrigado pelo obsequio que me fazes. Sabes tu quem são Roque Garcia e os seus apaniguados que taes mentirolas te dizem?

—São homens tão sabios como V.

—Embora; dize-me, são mais sabios que S. Agostinho, S. Thomaz, S. Boaventura, Scoto, Balmes e os grandes philosophos de vinte seculos que crêram e defenderam o dogma do inferno?

—Isso não sei; mas dizem que são sabios que bem podemos dar-lhes fé.

—Acaso disseram-te que eram tão virtuosos e santos, que, por não dizer uma mentira, se deixavam matar, e que haviam feito milagres em prol de suas doutrinas?

—Isso ninguem avançou ainda.

—Então para que has de prestar mais credito a esses charlatães, que aos Santos e Doutores da Egreja, aos Apostolos e ao mesmo Jesus Christo, Filho de Deus Infallivel?

—Eu não tenho que lhe dizer a este respeito; mas asseguro-lhe que temos ouvido já tanto contra os curas e contra o inferno com tanta copia de razões que é impossivel que V. tenham razão.

—Quaes são as razões?

—Agora não as tenho presentes, mas apresental-as-hei n'outra occasião, e V. talvez se capacite de que o inferno não é senão uma antigualha indigna dos nossos tempos.

—Pois olha, filho, interesso-me mais que tu por este novo descobrimento; porque bem sabes que nada lucro com estar horas inteiras, de manhã e de tarde, gastando saliva, exgotando a paciencia, como um Job. Nada cobro tambem em ir confessar os empestados da Casa de Beneficencia e os tuberculosos do Hospital; e se sou chamado a deshoras para auxiliar algum infermo, não colho outro

salario senão algum nojento escarro ou um ataque pulmonar, como me succedeu ha tres mezes, quando fui, entre o gelo e um turbilhão de vento que se desenroscava do despenhadeiro do Zinc, confessar uma pobre creatura agonisante. Porisso, ficas incumbido de te assenhoreares bem das razões allegadas, e vem domingo, afim de que eu tambem dê balanço á vida, pois se te assiste o dever de te confessares, mais me cumpre a mim o confessar-me e confessar os outros.

—P. Mariano, fala-me a serio ou a brincar?

—A serio, João; que interesse tiro eu de confessar e de mentir? Apenas te recommendo uma cousa, é que não venhas com duvidas; porque bem sabes que em caso de duvida sobre se ha ou não inferno é preciso tomar o partido mais seguro, longe de nos arriscarmos a que o demonio nos *empalme*, assando-nos nas grelhas esbrazeadas, depois de nos ter amolgado a cabeça nas caldeiras de Pedro Botelho.

—Esteja tranquillo; perguntarei ás pessoas mais illustradas que eu o que ha de certo, omittindo tudo o que fôr duvidoso.

—Pergunta-lhes as cousas seguintes:

1. Provem claramente que J. Christo (que tantas vezes nos falou do inferno) não foi senão um enganador e embusteiro?

2. Provem que foram uns embusteiros e embaúcadores da plebe, os Apostolos e todos os Santos Doutores da Egreja, como tambem os sabios philosophos que ha dois mil annos ensinam o dogma do inferno.

3. Demonstrem, alem d'isso, que todos os milagres feitos para provar a verdade catholica relativa á existencia do inferno, foram puras mentiras e embustes.

4. Demonstrem se é ou não contrario á razão e á justiça que os malvados d'este mundo, impunes durante a vida, soffram eternamente no *carcere* de fogo.

5. Provem, finalmente, que Roque Garcia e Companhia teem mais auctoridade para definir o assumpto, e merecem maior credito que os Apostolos e Doutores e sabios do Catholicismo?

—Não sei, P. Mariano, se poderei com tantas provas, que são tantas como os dedos das mãos; chegando a casa, hei-de escrevel-as para me não esquecer.

Oito dias depois, João, apezar de haver matutado, repassado o folheto de Roque Garcia, mortificando os amigos, reptando-os a que respondessem, compareceu deante do P. Mariano e disse-lhe: nunca temi tanto o inferno como n'estes dias. Ninguem é capaz de aventurar as provas terminantes que V. exige.

Interpellei os amigos do club, que faltos de razões, responderam-me com uma estridente gargalhada, zombando de minha pessoa, do inferno e dos demonios.

Mas, como entendo que não basta rirmo-nos do inferno para evital-o, e...

O P. Mariano abraçou ternamente o pobre João, dizendo-lhe:

—Pois bem, filho, que deve fazer um homem que está em horrorosa duvida sobre se ha ou não inferno, se se condemnará ou não?

O pobre João confessou-se, e viu-se livre dos temores, ficando satisfeito e radiante de alegria.

*

Quantos operarios não ha por esse Portugal alem, cheios de preconceitos contra a religião, sempre na pista para atacar os dogmas sagrados, trazendo á *baila* argumentos de *cacaracá*, futeis arrazoados, que nos causam engulhos de morte? Eram dignos de bem melhor sorte esses pobres operarios que prezam mais o dinheiro que tilinta na algibeira—lucro escasso dos dias de suor que a religião augusta, sobre que versavam as conversas de seus paes nos tempos de mais fervor religioso. Lamentamos esses parias da sociedade—verdadeiras machinas de trabalho—absorvidos soffregamente no labutar da industria, sem sequer poderem dar folego ao coração ancioso de repouso.

Que miseria! O nosso operario não só está enbrutecido intellectualmente, pois ignora o cathecismo catholico, a unica arma de combate, mas, nos dias de liberdade, vae desenfreadamente atascar-se nos antros da crapula, da abominação e hediondez.

Pelas ruas vemol-os passar com o rosto ferreteado pelo crime vergonhoso, cambaleando irrisoriamente, sem a virilidade de sua raça. E são estes os elementos do socialismo? E são estes os que nos atordoam os ouvidos com os reclames de promessas douradas? E são estes os leitores constantes dos jornaes hybridos e anti-catholicos? E são estes os *agitadores*, os *grevistas*, que alvorotam as multidões d'uma estupidez detestavel? E são estes os escravos dos patrões que não albergam um atomo sequer de espirito christão? E são estes os oppositores da causa catholica, que tem por lemma: Pela *Patria* e pela *Egreja?* E são estes os vermes nauseabundos que, com o seu veneno, nos salpicam e mancham o traje? E são estes os que desdenham de pertencer á cathegoria dos campeões do Bem e da Liberdade catholica?

Pobresinhos! Falta-lhes o pão d'alma—a educação.

OLYMPIUS.

Hoje das duas horas por diante começa o grande Jubileu da Porciuncula que pode ganhar-se nas seguintes igrejas:

1) Em todas as igrejas da 1.ª Ordem de S. Francisco.

2) Em todas as da 2.ª Ordem (freiras clarissas).

3) Nas da 3.ª Ordem *regular* (ou com votos solemnes).

4) Nas das religiosas da 3.ª Ordem com votos simples, não só para as mesmas religiosas, mas para todos os fieis (Padre Monsano Collect. (Indulg., n.º 340 e seg.)

5) Nas da 3.ª Ordem secular que sejam propriedade da mesma Ordem; n'este caso, porém, deverá solicitar-se da Santa Sé a oportuna autorização, apresentando préviamente documentos comprovativos de que effectivamente está em legitima posse da igreja.

6) Finalmente em outros templos que tenham alcançado da Santa Sé um rescrito de concessão particular, concessão ordinariamente temporaria e reduzida.

Podem lucrar esta singularissima indulgencia todos os fieis nas condições seguintes: devem confessar-se e commungar, visitando depois algumas das igrejas a que por direito ou privilegio foi concedida a indulgencia, e ahi devem rezar alguma oração, segundo as intenções do Soberano Pontifice.

A confissão, para ganhar a indulgencia deve fazer-se desde o dia 30 de Julho; mas as pessoas que teem o louvavel costume de se confessar todas as semanas não precisam de repetir a confissão.

A communhão feita no dia 1 d'agosto é sufficiente para os dois dias; como tambem se podem fazer as visitas no dia 1 e commungar no dia 2.

Entre uma visita e outra não é preciso interpôr grande espaço de tempo; basta saír e entrar logo. Não está prescrita uma oração certa e determinada; basta, por exemplo, um *Padre Nosso*, ainda que seja para louvar o uso de algumas pessoas que rezam uma estação a cada visita. Advirta-se no entanto, que a cada uma das visitas deve repetir-se a oração, nem vale rezar de uma vez por todas as visitas.

Os Terceiros seculares que moram em logares onde não haja igreja, que tenha ou por direito ou por privilegio a concessão do jubileu, podem ganha-lo na propria igreja parochial.

2—Terça-feira—NOSSA SENHORA DOS ANJOS.—St.º Estevam, Pp., M.—A B. Joanna de Aza, mãe de S. Domingos.

A irmã da caridade

Na terra, como a luz, ou lyrios entre abrolhos,
Ha uns entes sem par em bem da humanidade;
Deus chama-lhes talvez o enlevo dos seus olhos,
E chama-lhes o mundo irmãs de caridade.

Cercada de ouropeis, no seio da opulencia,
Onde o vicio existir, onde morar o crime,
Não julgueis encontrar esse anjo de innocencia
Essa aurora de paz, essa mulher sublime.

Buscae-a no hospital, coberta de sarcasmos,
Curvada sobre um leito onde pairar a morte,
Aspirando do enfermo os putridos marasmos,
Olhos fitos no Céo como aguardando a sorte.

E a sorte oh! quantas vezes a sorte é o contagio,
E a morte então lhe estende o seu terrivel braço,
Ou tambem quantas vezes um misero apanagio
A obriga a succumbir exhausta de cançasso!

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA.

3 — Quarta-feira — Invenção do corpo de St.º Estevam, Protomartyr.

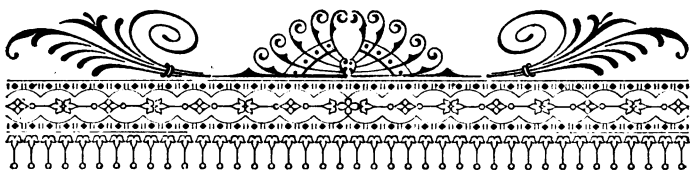
SYMBOLO DA ESPERANÇA

Os antigos poetas a figuravam na imagem de uma mulher moça, (porque da mocidade é propria a esperança), vestida de *verde*, encostada a uma *ancora*, e rodeada do arco-iris. Nas mãos, um pavão.

Outros a representavam vestida de amarello (ouro) côr propria d'aurora, que é a esperança do dia, o principio d'alegria; davam-lhe azas nos hombros, e em acção de abraçar o Amor, que alimenta no peito quem espera conseguir o objecto dos seus desejos.

HESPERITANO.

———

4 — Quinta-feira—S. DOMINGOS DE GUSMÃO, C. fundador da Ordem dos Frades Prégadores. — *Anniversario da eleição de Sua Santidade Pio X.*

PIO X

QUEM em 1859 viajasse por Treviso, diocese de Italia, encontraria, a caminho da escola, entre Riese e Castelfranco uma gentil creança, com os livros de primeiras lettras n'uma sacola e n'outra polenta fria para a merenda.

O pequeno José Sarto e Sanzoni que teria n'essa época 10 annos, distinguia-se entre os companheiros pelo progredir diario na leitura e escripta e mais ainda pela bondade e innocente candura dos seus modos e costumes infantis.

— Que bom padre que dava! — diziam muitas vezes os vizinhos.

Mas seu pae, João Baptista Sarto que vivia do modesto officio de official de deligencias que mal lhe ganhava o pão para os seus nove filhos, não podia realizar a vocação do seu caro José Sarto, nem os seus grandes desejos.

Valeu-lhe o cardeal Jacopo Monico, Patriarca de Veneza, que serviu de Mecenas ao seu pequeno, alcançando-lhe entrada e estada gratuita no seminario de Padua.

José Sarto era admirado por todos os seminaristas, quer pela applicação e progresso scientifico, quer pela madureza de costumes e rara piedade.

Completou com applauso do professorado e condiscipulos o

curso litterario e scientifico aos 23 annos, sendo ordenado de presbytero a 18 de dezembro de 1858.

Pouco depois foi nomeado parocho de Tombolo e em 1867 de Salzano.

Os meritos relevantes do Padre José Sarto na administração parochial e os seus talentos e instrucção revelados muitas vezes captivaram o bispo de Treviso que o nomeou conego, secretario provisor, e *sede vacante* vigario capitular da sua Sé. Exerceu ainda o cargo de director espiritual do seminario, professor de religião e examinador synodal.

Os talentos do Padre José Sarto iam-se salientando cada vez mais. Leão XIII conhecedor dos seus meritos nomeou-o Bispo de Mantua.

Uma anecdota occorrida n'esta occasião revela ao vivo a modestia do novo dignatario.

Alguns dias antes da sua consagração episcopal, dirigiu-se a Padua, para visitar o seu antigo Bispo, Monsenhor Callegari.

Entrou no templo de S. Justina para dizer missa.

Mas como trajava muito modestamente, o reitor da egreja ao ver aquelle sacerdote desconhecido e sem insignias dignatarias e de mais a mais sem carta do seu prelado duvidou d'elle.

—D'onde sois?

—De Treviso.

—Que fazeis na diocese?

—Nada.

—Nada! Não sois paracho, ou coadjutor, capellão...?

—Nada d'isso, não faço lá nada.

—Pois admira isso, porque em Treviso ha escacêz de sacerdotes!

—Apesar de tudo não faço lá nada.

—Se V. R. quer, o recommendarei ao seu prelado? Entretanto celebrai.

—E sahiu, recommendando ao sacristão que vigiasse pelo sacerdote que ia celebrar.

Terminada a missa o sacristão disse ao Reitor:

—Celebrou com muita piedade, não parece intrujão.

—Ainda bem.

Terminada uma longa acção de graças, o sacerdote recemchegado pediu o livro da celebração das missas e escreveu:

José Sarto, Bispo eleito de Mantua.

Imagine-se a confusão do Reitor da egreja.

O governo da diocese de Mantua era difficilimo n'aquella epocha, já pela má imprensa, já principalmente pela decadencia scientifica e religiosa do clero.

O zeloso Bispo reuniu synodos diocesanos, assistiu a muitas

reuniões do clero fundou um seminario, para elevar o clero de Mantua á dignidade moral e scientifica do seu estado.

A sua bondade para com todos, a sua piedade fascinadora conquistava os animos, que se deixavam levar á mercê dos seus desejos.

—Bem se lhe podia dar o epiteto de—reformador de Mantua.—

D'aqui foi chamado a Roma muitas vezes por Leão XIII que gostava immenso de o consultar.

Sarto era o conselheiro intimo de Leão XIII que lhe votava grande e intima amizade; o que provou elevando-o a cardeal de S. Bernardo nas Termas, e a Patriarcha de Veneza em 12 de junho de 1893.

Iam brilhar intensissimamente n'esta dignidade as suas faculdades de coração e de intelligencia, mais que nunca.

Introduziu grandes reformas na organização do palacio e serviços officiaes, abateu a auctoridade illimitada de alguns personagens, corrigiu doce mas efficazmente os costumes do clero, e «iniciou, diz uma revista italiana, aquella acção sabia e discreta que deu a Veneza uma Administração Communal, a que anda unido o amparo dos interesses materiaes dos povos e o amor e respeito á Religião.»

Era popular, simples caritativo para com todos. Vêl-o tratar os pobres com mil caricias e fallar meigamente aos gandoleiros dos canaes da cidade, fazia lembrar Jesus no meio das multidões dos enfermos que lhe pediam cura.

Os pobres tinham-lhe particular affeição. Quando ia a Roma via-se obrigado a pedir dinheiro emprestado para repartir pelos indigentes da capital que o rodeavam aos centos, ao descer do carro. Chegou a empenhar-se em 20:000 liras, mais de quatro contos.

Na ultima visita feita ao fallecido Papa pediu de emprestimo 2:000 francos.

Era tal a veneração do povo para com o bondoso prelado que um dia, certo pobre altercando no meio dos outros acerca, de padres, dizia: «Não sou amigo de padres, mas com respeito ao Patriarcha, por elle me lançaria a uma fogueira se fosse necessario».

O seu modesto palacio era franco a todos: pequenos, grandes, politicos de todas as côres e para todos tinha palavras doces e trato franco e bondoso, motivo porque todos, democratas e borocratas sem excepção notavel o amavam.

O mesmo Victor Manoel tinha-lhe afeição particular, o que provou em maio ultimo visitando Veneza, mandando que o Patriarcha fosse o primeiro a ser admittido a sua audiencia. E como o Patriarcha tardasse, nem por isso alterou suas ordens, mas esperou conversando entretanto com o pessoal da sua corte até que

Pio X

se apresentasse o Amigo dos gondoleiros, attenção que nunca teve para nenhum cardeal italiano.

Para apreciar a alta e geral sympathia do Cardeal Sarto em toda a Veneza, basta lembrar a imponente despedida que lhe fizeram a nobreza e povo d'aquelle patriarchado.

Muitas pessoas nobres entre as quaes D. Carlos de Bourbon e sua esposa adiaram a sua saida de Veneza, para tributarem ao seu amado Patriarcha mais uma prova de respeitosa homenagem.

Ouçamos um correspondente de Veneza:

«Para se formar uma ideia exacta da popularidade que gosava Monsenhor Sarto entre os Venezianos, seria preciso ter presenceado as manifestações que acompanharam sua partida para o Conclave. Uma multidão immensa accudiu á Estação do Caminho de Ferro muito antes da sahida do comboyo, para saudar e despedir-se do Patriarcha.

Um presentimento geral dominava todos os espiritos: voltaria Veneza a vêr o seu amado Pastor?

Não podiam tolerar a ideia de o perder; com tudo gritavam de todos os lados:—Permitta o sacro collegio que Vossa Eminencia não volte.—

Homens, mulheres e creanças, gente de toda a edade, sexo e condição, n'uma onda vertiginosa, atropellavam-se n'uma revolta confusão para se acercarem do seu prelado.

Todos o queriam vêr de perto e beijar-lhe o anel episcopal para recordação d'aquelle a quem perdiam para sempre.

Todos gritavam: A Vossa benção! Queremos a Vossa benção papal antes que sejaes eleito Papa.

O Patriarcha entregou-se por alguns momentos ás commoções da multidão; e quando, não sem grande trabalho conseguiu subir para a carruagem deu a seu amado povo a triplice benção.

Ao partir a carruagem rompeu vam como um clamor formidavel as ultimas vozes de despedida: «Adeus Eminencia!—Exclamavam todos—Não vos tornaremos a vêr mais!»

O Patriarcha muito commovido continuou abençoando as suas ovelhas e ao desapparecer da vista o comboyo, a multidão permanecia immovel no mesmo sitio, abismada em dôr extrema. Muitos sensibilisados diziam chorosos:—Vão nomeal-o Soberano Pontifice, porém nós perdemos para sempre o nosso pae.»

São presagios os corações amantes. Não se enganavam.

—Se o nosso Patriarcha fôr eleito Papa abre-nos as portas do ceu só para nos tornar a ver, diziam uns entre os outros.

E' a unica ideia que ficou consolando a magoa da perda de tão bom pae.

O Cardeal José Sarto tem as chaves de S. Pedro na mão, a Igreja chama-lhe o Seu Pae Pio x, póde implorar de Deus a graça

de no dia ultimo da humanidade, não se apartar de nenhum dos seus filhos venezianos.

*
* *

Pio x é de alta estatura. O magestoso de seu porte une-se á simplicidade das suas maneiras e a sympathia que irradia do seu semblante attrahe as attenções de todos.

O olhar dos seus olhos claro-azues é bondoso mas firme indicio de não ceder perante os principios verdadeiros.

Sobre a espaçosa fronte caem-lhe os longos e brancos cabellos. O seu caracter brando e affavel captiva a todos os que o tratam. Nutre grandes enlevos pela musica. Perosi deve-lhe a actual carreira artistica.

A sua rectidão de caracter é proverbial entre quem o conhece.

Despedindo-se de Pio X depois de cerrado o conclave, um dos serviçaes seus, para voltar a Veneza em razão do seu officio, perguntou ao novo Papa o que queria para o seu sobrinho, parocho em Veneza.

—Nada. Dizei-lhe que continue sendo virtuoso como até aqui e entrega-lhe a minha benção.

Diz-se no Vaticano que este sobrinho do Papa subirá muito na gerarchia ecclesiastica, mas Pio x tem dado manifestas intenções do contrario; acha indigno da sua dignidade favorecer membros da sua familia.

A sua modéstia e humildade não póde amoldar-se á alta dignidade a que Deus o elevou.

Tres dias depois da sua eleição dizia a um seu camareiro.

—Não me posso acostumar a ser papa. Esta manhã acordei perguntando a mim mesmo onde estava e se era papa ou se acordava de um sonho. Olhei e vi junto do leito uma sotaina branca, duas sandalias pontificias... era papa não havia duvida. Não posso acreditar n'esta ideia que me entristece e acabrunha.—

Pouco depois da sua eleição o esculptor Giovaruscio, de muita nomeada em Italia pediu para se demorar com o novo Papa afim de ser o primeiro a lhe esculturar o busto. O Papa demorou-se perante o artista vinte minutos. Chegaram-se mais alguns artistas; o Papa julgava-se ainda em Veneza e conversava affavelmente com os artistas e outros personagens ácerca de seus irmãos, dos seus caros venezianos.

Adiantava-se o tempo e o Papa metteu a mão por entre a botoeira da batina e tirou o relogio—um relogio de niquel comprado em qualquer tenda de feira.—

Vendo a admiração dos que o rodeavam escondeu-o nova-

mente e ao vêr-se rodeado de tanta gente exclamou com sincera admiração.

—Tanto personagem illustre para servir um homem insignificante!

As ideias democraticas de Leão XIII tiveram sempre em Cardeal Sarto um propagador. Nas cerimonias pomposas da sua coroação deu provas d'isso.

Perguntaram-lhe quantas tribunas queria que se armassem para a sua coroação.

—Duas sómente. Uma para o Corpo Diplomatico e a outra para a nobreza romana fiel servidora dos Summos Pontifices.

Alguem lhe advertiu.

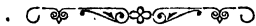
—Foi sempre costume destinar alguns logares distinctos para varios dignatarios, viajantes illustres etc...

—Só duas replicou o Papa; os outros cabem bem no templo. Perante Deus todos hão-de ser eguaes.

Segundo correspondencias romanas dignas de credito, Pio X tem grandes similhanças em piedade e sciencia com o seu venerando e saudoso antecessor Pio IX. Os catholicos esperam muito em Pio X e os mesmos liberaes têem-se mostrado contentes com a escolha do cardeal José Sarto para successôr de Leão XIII.

Os Redactores do *Almanach de Santo Antonio* ficam implorando ao grande Thaumaturgo Portuguez a sciencia e fortaleza neccesarias ao novo successor de Pedro para o difficilimo cargo a que Deus se dignou eleval-o.

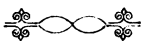
P. B. RIBEIRO.

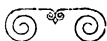
5—Sexta-feira—Nossa Senhora das Neves.—*Ind. plen. para o Rosario Vivo.*

SAUDAÇÃO Á VIRGEM

Quero saudar Maria,
se ri no ceo a aurora;
quero saudal-a á hora
em que declina o dia.

Dulcissima Maria
és minha mãe do ceo,
sempre dos labios meus
teu nome brotará.

P. Freitas.

6—Sabbado—A Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Christo. — Os Sts. Xisto e Comp., Mm.—S. Thiago, eremita.

DIFINIÇÕES

Cégo—Enfermo, a quem nunca falta um magro cão e puras vistas.
Eclipse—Jogo das escondidas entre o sol, a lua e a terra.
Experiencia—Pobre cabana construida com os destroços d'esse palacio de oiro e marmore chamado «nossas illusões».
Suffragio universal—A estrada publica.
Medecina—Arte de coveiro.
Vida—Viagem em que não se compra bilhete de volta.
Musica—Linguagem universal dos homens e animaes.
Economia—Arte de ser rico.
Egoista—Homem que só pensa n'uma coisa: em si mesmo.
Flagrante delicto—Garganta de Adão.
Recommendado—Termo que nem sempre é synónymo de recommendavel.
Suicidio—Cumulo de loucura.
Boato—Pombo correio.
Lobinho—Peccado callejado.

7 — Domingo (11.º depois do Pentecostes)—S. Caetano, C. — S. Donato, B. M.—St.º Alberto, C.—S. Severino, M.—*Ind. Plen. para os Irm. da Conceição.*

O DIA DO SENHOR

Isto disse o Senhor: Guardae vossas almas, e não queiráes levar cargas no dia do Senhor nem as metaes pelas portas de Jerusalem.

E não façaes tirar cargas de vossa casa no dia do Senhor, e não façaes obra nenhuma: santificae o dia do Senhor como mandei a vossos paes. E assim santificareis o dia do Senhor sem fazer obra alguma.

Será para sempre povoada esta cidade. Mas se não me escutardes para santificar o dia do Senhor, acenderei fogo nas suas portas; devorará as casas de Jerusalem e não se apagará.

JEREM. C. XVII.

8 — Segunda-feira — Os Ss. Cyriaco e Comp., Mm. — S. Severo, Presbyt.

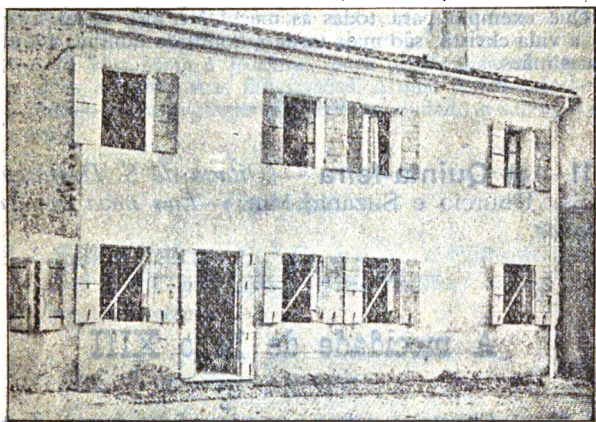
D. Amelia dispõe-se a sahir á noite, beija Bébé que fica brincando em casa com uma gata e um gatinho.

— Muito feliz é o gatinho, diz Bébé chorando, a mamã d'elle não vae ao baile.

9 — Terça-feira — O B. João de Alverne, C. da 1.ª O. — S. Romão, M.

«O desespero dos povos que já não têm mais que perder é deveras para recear.»

Carta escripta por Jeronymo Bonaparte a seu irmão imperador. Pouco tempo depois rompia a campanha da Russía e a fortuna do grande general, que tambem havia dito: «na guerra um grande desastre indica sempre um grande culpado», atufava-se nos gelos do norte.

10 — Quarta-feira — S. LOURENÇO, M.—St.ª Philomena, V. M.

CASA ONDE NASCEU PIO X

UMA MÃE CHRISTÃ

Um dia, um missionario encontrou ás portas de Laval um menino tranquillamente sentado. O menino olhava-o com olhos cheios de intelligencia e sympathia. O missionario approximou-se, e perguntou-lhe:

—«Meu menino, sabes fazer bem o signal da cruz»?

O menino sorriu-se e não deu resposta. Mas a mãe ouviu a pergunta e disse:

—«Perguntae-lhe, meu Padre, um pouco de catecismo, e vereis que vos responde».

Com effeito o menino respondeu sobre as principaes verdades da Religião e sobre os principaes deveres da vida christã, muito melhor que alguns bachareis.

—«Mas que edade tem este menino? perguntou o missionario admirado.

—«Padre, ha de fazer breve tres annos.

—«Tres annos! Como é que póde ensinar-lhe tudo o que sabe?

—«D'esta maneira, meu Padre: Quando tenho meu filho no regaço, quando o visto, quando lhe dou comida, ensino-lhe a Religião; e repetindo-lhe assim as coisas, consegui que as aprendesse.»

Que exemplo para todas as mães! Merinos assim formados para a vida christã, são mais tarde a honra da familia, e a alegria de suas mães.

11 — ● **Quinta-feira** — *(Oitava de S. Domingos)* — Os Ss. Tiburcio e Suzana, Mm. — *Lua nova aos 21 m. da tarde.*

A mocidade de Leão XIII

A *Revue Eldesteinc*, refere o seguinte facto da vida do Soberano Pontifice, na sua juventude:

«Nos primeiros dias das ferias do verão os alumnos do Collegio dos jesuitas de Viterbo sahiram a passeio pelos bellos arredores da cidade, e, na occasião em que merendavam em uma hospedaria situada á margem de um barranco, em cujo fundo corria um profundo arroio.

—«Pecci, disse um dos mais velhos, recita-nos uma das tuas poesias em latim.»

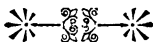
—«Com muito prazer, replicou o interpellado, mas com a condição que cada um por sua vez, ha de exhibir sua aptidão no que fôr de sua especialidade.»

E logo começou a declamar, com vigor e accentuação, uma das poesias que tinha por costume compor nas horas de lazer.

—«Bravo! exclamaram todos, applaudindo-o, apenas havia terminado. Sendo, porém, o calor intenso demais, dentro de casa, sahiram fóra, e por instancia de todos, Humberto, intimo amigo de Pecci, dispoz-se a recitar um discurso, para cujo effeito se collocou no alto do barranco á beira da corrente; mas, tão mal se houve, que quando exclamava, extendendo os braços e reclinando a cabeça para traz: «Athenienses!...», perdeu o equilibrio, e foi parar no fundo do rio.

Em presença de um accidente tão imprevisto, estavam todos consternados e attonitos, quando Joaquim Pecci, despindo a roupa, se atirou á agua, e com muito custo e não menor perigo de afogar-se, conseguiu suspender pelos cabellos a seu querido companheiro. Vendo-os salvos, soltaram seus companheiros outro bravo mais estrepitoso que o que haviam merecido seus versos, como testemunho de admiração, alegria e reconhecimento, e todos se acercaram de Humberto e Joaquim, para prodigalizarem áquelle seus cuidados e a este suas felicitações, o qual prostrando-se de joelhos, rendeu a Deus graças por lhe ter ajudado a salvar o seu querido amig .

. . . .

12 — Sexta-feira—St.ª Clara, V. e Primogenita da 2.ª O. — *Ind. Plen. nas egrejas franciscanas.—Ind. Plen. para os Irm. Terceiros.*

Saudade

(A José Ribeiro Braga)

Quando se desfazem, vaporosamente, as alegrias que nos enfloravam a alma, vêm-se estender em nosso peito sombras tristes, baixando dos encantados horisontes onde nos sorriram jubilos e encantadoramente nos acenaram esperanças.

Se nos desvia o destino do pedaço de terra, onde se embalou o nosso berço, lá de longe, olhamos para aquelle ponto do céo, que o cobre, e ficamos quietos, extaticos, absortos, em uma contemplação muda e extra-terrena, na evocação da felicidade da nossa despreoccupada infancia; a conviver com as creanças amigas, que brincaram comnosco; a prender os mesmos braços, a calcar as mesmas flôres, a correr os mesmos campos, a subir os mesmos oiteiros — a imaginação a voar n'um céo azul, com azas leves de arminho e seda...

. . . .

Despertamos da atonia doce d'um viver despreoccupado e vamos, embarcados na galera verde da esperança, pelo mar do Sonho, demandar a terra... da Illusão.

Ha tempestades no mar. As vagas enfurecidas fazem pedaços o batel.

Agarrados a uma taboa, lá andamos perdidos, arriscados, no fluxo e refluxo da inconstancia, de olhos fitos nos tenues bruxoleamentos da esperança.

Na travessia d'este mar gosamos as sensações deleitosas do incitamento que nos conforta e sentimos as decepções amargas do desengano que nos punge.

E afinal, nos braços das ondas, ás vezes somos arremessados contra os recifes agudos que nos espicaçam o coração e outras vezes cuspidos n'uma praia deserta:—longe do pharol que nos guiava, do lado opposto á estrella que nos attrahia.

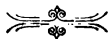
Sosinhos, a estender o olhar pela extensão do largo oceano que nos separa da objectividade das nossas esperanças queridas, a nevoa fria da saudade enlucta-nos a alma e vemos tudo atravez d'um crepe negro.

. . . .

E, na praia deserta dos desenganos, a contemplar o céo esfarrapado das illusões, só vem a Saudade conversar comnosco. Mas é então quando mais crentes ajoelhamos: é n'esta soledade do coração quando a alma verte mais ardentes lagrimas ao pé da cruz—lagrimas que são lenitivo santo... se a desgraça não partiu ainda uma por uma todas as cordas do sentimento e estancou o desafogo do pranto.

Ah! felizes das almas saudosas que ainda podem chorar.

S. Lourenço de Saude, 25 d'outubro de 1902.

P. Silva Gonçalves.

13—Sabbado—*(jejum)* O B. Pedro de Molleano, C. da 1.ª O.—Os Sts. Hypolito e Cassiano, Mm.

No palacio da princesa de Lorena havia frequentemente tertulia composta das pessoas mais distinctas da alta sociedade. Certo dia foi tambem convidado o celebre D'Alembert. Passados poucos momentos gaba-se este publicamente das suas opiniões anti-religiosas dizendo:—Eu sou o unico n'este palacio que não creio nem adoro a Deus:—Justamente offendida a princeza pela imprudencia tão descarada do seu hospede lhe replicou:—Não, senhor, não é V. o unico n'este palacio que não adora a Deus.—Então quem é mais, minha senhora?—São todos os cavallos e mulas, etc., que tenho na cavallariça.

Os fieis que commungarem durante cinco domingos seguidos, a partir de amanhã, em honra das cinco chagas de S. Francisco (a 17 de setembro) ganham indulgencia plenaria em cada domingo visitando qualquer igreja.

14—Domingo—O B. Sancho, C. da 1.ª O.—St.ª Athanasia, Viuva.

O nosso dever social

Quantos operarios ha que morrem antes do tempo! Morrem, victimas da sua miseria, victimas do seu trabalho, victimas do abandono a que os votam deshumanos patrões. E d'esta desgraça hade Deus pedir contas a muitos; póde dizer como a Cain: dá-me contas d'aquelles teus irmãos, infelizes no corpo e na alma!

«Senhor, respondereis, não fui eu que os matei.» «Mas foste tu, dirá Deus, que os deixaste morrer.»

Não será injusta a accusação de Deus: morreram pela *inercia* dos bons, morreram pelo despreso dos ricos, morreram pela apathia do clero, morreram pela indifferença das classes elevadas. Todos, uns com o seu dinheiro, outros com seu conselho e direcção, outros com seu trabalho, os podiam soccorrer, levantar da miseria, e nada fizeram.

A inercia das vontades é hoje um grande mal social.
A inercia, como diz um publicista, em muitos casos é um crime.

15—Segunda-feira ✠ ✠ = Assunção de Nossa Senhora. — *Ind. plen. para os Irm. Terceiros—para os da Conceição—do Rosario Vivo—de S. José e do Carmo.*

A ASSUMPÇÃO DA VIRGEM

Casta mãe de Jesus, a tua morte
foi como um somno brando! O Ceu fitáste
e no teu pensamento ao Ceu voaste
com prazer e com intimo transporte.

Os effeitos da morte não sentiste.
Teu rosto não deixou de ser formoso.
E mostraste, antevendo o eterno goso.
que a morte para ti não era triste.

Os fieis, que tiveram a ventura
de te verem morrer, como choraram!
Mas logo com prazer se resignaram
vasia vendo a tua sepultura.

Morreste! E um côro de anjos desce á terra
e ao throno te elevou de altiva gloria.
— Tu na morte alcançaste mais victoria,
do que todo o poder, que o mundo encerra!—

No Ceu te collocára sobre a fronte
diadema brilhante o Padre Eterno.
E Jesus te sorriu com amor terno
e de graças te fez perenne fonte!

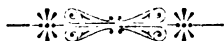
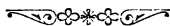
Como Esposa do Espirito Divino
poder maior tu acceitar podeste.
E, de prazer, na habitação celeste,
em tua honra se escutou um hymno!

Tu pagaste o tributo á natureza.
como paga a infeliz humanidade,
mas, depois que subiste á immensidade,
tens, ao pé da Trindade, alta grandeza!

E por isso te louvam hoje os crentes
e a Santa Egreja te consagra cantos.
—Tu sabes enxugar na morte os prantos
aos, que passam a vida descontentes.

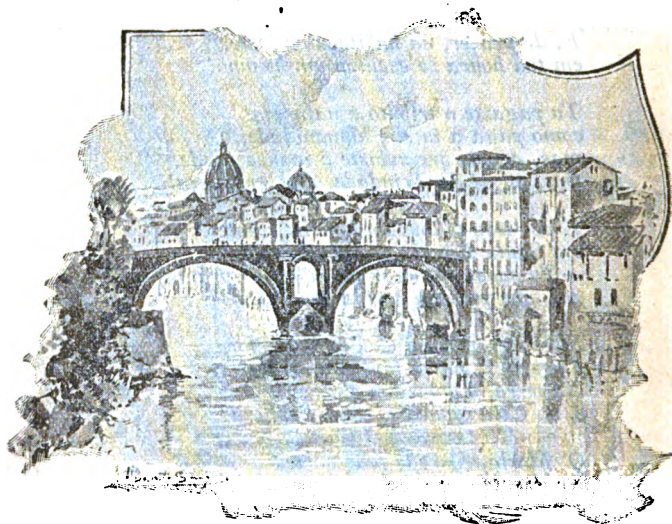
Morreste, mas no Ceu és protectora
d'aquelles, que te invocam, ó Maria.
Na terra, o nome teu é nossa guia:
e, no Ceu, reinarás, como Senhora!

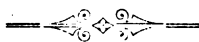
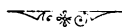
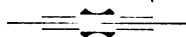
O' Maria, concede feliz sorte
aos crentes, que em ti sempre confiarem;
e, para eternamente te louvarem,
que tenham, como tu, serena morte!

(Aveiro) RANGEL DE QUADROS.

16—Terça-feira—S. Roque, C. da 1.ª O.—*Ind. plen. para os Irm. Terceiros.*

Um sub-inspector visitando uma escola faz algumas perguntas de Historia Sagrada.

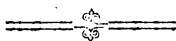
—Com que arma matou Sansão os philisteus? Os meninos não atinam com a resposta.

—Mas eu sei que os meninos sabem.—Vamos lá attenção (e, ao mesmo tempo apontava para a sua região dental).

Os rapazes levantando-se de repente esvozeam estrepitamente:
—Com a queixada d'um burro...!...!

VENEZA

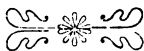
17 — Quarta-feira — S. Mamede, M. — A B. Emilia V., Dominicana.

A desconfiança excessiva, attrae muitas vezes os males, que se desejam evitar.

18 — ☽ Quinta-feira — St.ª Helena, Imperatriz. — St.º Agapito, M. — *Quarto crescente ás 9 h. e 50 min. da manhã.*

—Sabeis, perguntava na Camara dos deputados o conde de Montalembert,—sabeis o resultado d'esta perseguição ao Catholi-

cismo?—O resultado é augmentar mais em nós o amor fecundo e fervoroso a essa Religião que insultaes.

19—Sexta-feira—S. Luiz, Bispo de Tolosa, Protector da Juventude.—*Ind. plen. nas igrejas franciscanas—e para os Terceiros.*

Quem com mau visinho ha-de visinhar, com um olho ha-de dormir e com o outro vigiar.

20—Sabbado—S. Bernardo, Abb. e Dr. da Igreja.

Seguia montado no seu bégueiro um camponio aragonez, pela linha do caminho onde em poucos minutos havia de passar o comboyo; ouve a distancia os silvos da locomotiva, mas não se preoccupa! Porém quando estava prestes a ser victima d'aquelle desenfreado cavallo arreda-se para a valleta e furibundo lhe diz:

Vaya!... porque te não retiras tu?!...

21—Domingo—St.ª Joanna Francisca de Chantal, Viuva.—St.º Anastacio, M.—St.ª Umbellina.—*Nasce o sol ás 5 h. e 22 m. e põe-se ás 6 h. e 38 m.*

O ROUXINOL, CANTOR DA CREAÇÃO

Quando os primeiros silencios da noite e os ultimos rumores do dia se emulam á porfia nas encostas, á margem dos rios, nos bosques e nos vales; quando os arvoredos emmudecem e não suspira uma folha, nem um fio de musgo; quando a lua esplende no firmamento, e os ouvidos do homem estão attentos, o rouxinol, cantor da Creação, entôa os seus hymnos ao Eterno.

Ao principio, os brilhantes accordes do prazer despertam os echos. A desordem apossa-se do canto. O artista salta do grave ao agudo, do brando ao forte: faz pausas, é lento, é vivo, é um coração inebriado de alegria.

Mas, de repente, a voz cae, a ave cala-se. Recomeça. Como os sons differentes na ternura d'aquellas melodias! Ora, são modulações languidas, posto que variadas; logo é um canto monotono como o das velhas xacaras nacionaes, primores de simplicidade. O canto exprime tão facilmente a tristeza como a alegria. A ave que perdeu os filhitos canta ainda, gemendo as endeixas da dôr.

E' possivel perseguir os hospedes dos arvoredos, roubar-lhes os ninhos, dar-lhes caça, feril-os a tiro ou em boizes, fazel-os soffrer, emfim, mas nunca forçal-os ao silencio. Mesmo a despeito da nossa vontade, é preciso que cumpram as ordens da Providencia; e a sua voz abençôa incessantemente as maravilhas do Creador.

CHATEAUBRIAND.

22 — Segunda-feira — *(Oitava da Assumpção)* — S. Timotheo e Comp. M.

Esperança! Estrella brilhante que de longe nos fita; balsamo consolador que attenua as agruras da vida; mãe carinhosa, protectora dos infelizes.

J. FRAGOSO.

Palacio Pat

23 — Terça-feira —
berato e Comp., Mm.

A' semilhança do occeano que os nossos olhos vêem, ha outro invisivel, cuja existencia só pelos resultados se manifesta.

Parece immovel no começo, principia logo a agitar-se, a estender-se, ambicioso d'abranger o mundo, e oxalá que algum dia o abranja, para ventura de todo elle. Este occeano é a caridade.

Congenita ao coração humano, formulou-a o Nazareno como virtude e preceito.

D. ANTONIO DA COSTA.

24—Quarta-feira—S. Bartholomeu, Ap.—S. Romão, B.

NA TUA AUSENCIA

(A UM POETA E AMIGO)

Poeta melifluo
e meu doce amigo,
oh! Dá-me um abrigo
no teu coração;
anda, abre-me o seio;
eu sou a andorinha,
que vago sosinha
em negra solidão.

Teu canto módulo
desprende n'est'hora
ó ave canóra,
ó brando cantor.
Teu suave murmurio
semelha o das aguas,
dizendo ás fragoas
segredos d'amor.

Minha alma em doce extasis
está mergulhada,
se a voz maguada
lhe fazes sentir:
ser-te-ha uma cythara
o meu duro peito,
se estiver afeito
a ver-te sorrir.

Oh! vem, pomba quérula,
vôa a meu regaço,
prende-me no laço
de teu casto amor;
Em sonho apparece-me,
gemendo, amorosa,
cantando, mimosa
teu hymno d'amor.

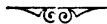
N'este ninho tépido,
em ledo folguedo
dir-me-has o segredo
d'essa inspiração.
Jubiloso cantico
aqui entoaremos,
e ambinhos teremos
um só coração.

E á no tabernaculo
dentro da nossa alma
Será paz e calma,
celeste prazer.
Mas seja-nos bussola
durante esta vida
a estrella luzida,
que já vês nascer.

Poeta melifluo,
e meu terno amigo,
oh! Dá-me um abrigo
no teu coração;
anda, abre teu peito
a esta andorinha,
que fica sosinha
em negra solidão.

A. DOS SANTOS.

7—2—1901.

25 — Quinta-feira—S. LUIZ REI DE FRANÇA, C. da 3.ª O. e Patrono dos Terceiros seculares. — *Absol. geral para os Irm. Terceiros.*

AS DUAS BOLSAS

(ECONOMIA)

Para ensinar a economia praticamente a suas filhas, M.me Cécontey deu a cada uma uma bolsa economica, onde deviam guardar as mesadas para o toucador.

Maria sempre tinha dinheiro, porque poupava; Adelia, raras vezes chegava ao fim do mez com um franco.

Ora tendo adoecido gravemente a visinha Carlota, amiga dedicada das meninas, mandou esta pedir uma esmola á casa das visinhas.

Maria, que tinha *economias*, pediu licença á mãe para soccorrer a sua amiga com parte do que ella tinha poupado, accrescen-

tando que depois ella mesma lavaria as luvas e não compraria um novo par. Deferido.

Adelia, porém, nada possuia, e pediu á mãe lhe emprestasse um franco, para mandar á visinha.

—Não, filha, respondeu severamente a mãe; *a caridade é dôce é meritoria para quem se priva do que possue para dar a quem precisa; mas quando se gasta totalmente, como tu, não se merece o prazer de fazer um bem.*

26—☻ **Sexta-feira**—S. Jacintho, C.—S. Zeferino, Pp. M.—*Lua cheia aos 25 m. da manhã.*

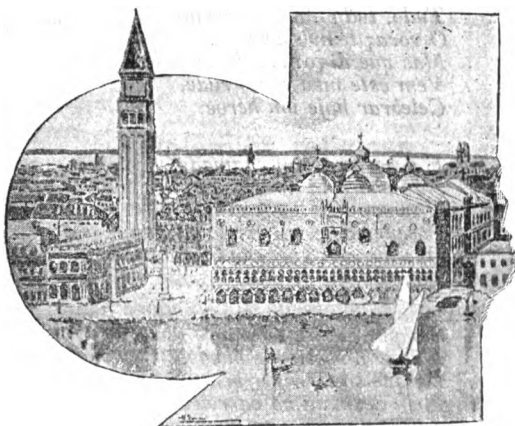
Os grandes futuros têm ninho na escola.

CASTILHO.

27—**Sabbado**—S. José de Calazans, C.—O B. Timotheo de Monticulo, C. da 1.ª O.—S. Rufo, B. M.

A teima não é mais que a energia da tolice.

DESCURET.

28—**Domingo** (14.º depois do Pentecostes)—St.º Agostinho, B. C. e Dr.—S. Hermes, M.—*Ind. Plen. para os Irm. da Conceição.*

VENEZA

Anniversario illustre

(A UM AMIGO)

Vinte e seis annos... do viver escasso,
Eis um pedaço, que lá fica atraz;
Curto é verdade, mas da curta vida
Para a medida, grande peso faz.

Que em vida assim, cheia de mil enganos,
Vinte e seis annos, sempre se hão-de amar;
Não só porque esta quadra seja bella,
Mas é porque ella não pod'ra voltar.

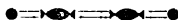
Esse tempo do passado,
Ou bem ou mal empregado,
Passou-se não volta mais.
Onde estão trabalhos tantos,
Onde essas dôres e prantos,
Onde os suspiros e ais?

Tudo lá vae com o vento
Tudo, tudo n'um momento
O voraz tempo destroe.
Mas que digo?... da virtude
Vem este meu canto rude,
Celebrar hoje um heroe.

E o heroe assim chamado,
Não chora lá do passado,
O tempo que lhe fugiu;
Porque elle é um brado constante
Que lhe está lembrando ovante
caminho que seguiu.

Sempre alegre e sempre forte,
Não tem receio da morte,
Porque soube viver bem;
Nem desmaia na carreira,
Segue a esperança lisongeira,
Que lhe aponta para lem.

J. J. Souza Martins.

1898.

29—Segunda-feira—Degollação de S. João Baptista—St.ª Sabina, M.—S. Basilisca M. Portuguêsa.

—Um allemão pachorrento teve a lembrança de sommar todos os desastres de que, durante um anno, teve noticia; depois, munido d'esse numero que era o 9:948, procurou os dias da semana responsaveis pelo maior numero de desastres. E encontrou que a sexta feira era extremamente calumniada; é um dos dias mais innocentes e inoffensivos da semana.

Desconfiemos, por exemplo, da segunda feira que figura á frente de todos com a bonita somma de 1:647 desastres.

Quanto ao domingo, entre cavalleiros, velocipedistas, caçadores e outros não chegam a um total de 300.

30 — Terça-feira — St.ª Rosa de Lima, V. — S. Felix e Comp., Mm.

Polemica religiosa

TUDO ACABA COM A MORTE

Quem fallar assim não se distingue d'um animal senão pela pelle e figura; vale menos que um animal porque este corre mais, vê mais longe, exige menos cuidados.

Não; em nós ha algo mais que materia, porque pensamos, porque raciocinamos, porque inventamos, porque progredimos.

Não temos alma, tudo acaba com a morte.

Meu Deus! A que terriveis, e espantosas consequencias nos arrastaria este principio! Se assim fosse, estavam legitimados os maiores, e mais horrorosos crimes.

Vós que lamentaes a perda d'um amigo virtuoso, dizia Robespierre n'um discurso celebre, gostaes de pensar que a sua mais bella parte escapou á morte!

«Vós que choraes sobre a tumba d'um filho, d'uma esposa, podeis sentir consolação, lembrando-vos que d'elles nada resta senão pó?»

Quem, deante dos despojos inanimados d'um ser adorado, será capaz de exclamar: Deus, justiça, amor, immortalidade, são palavras vazias de sentido!»

Assim dizia *O. Feuillet*—auctor moderno depois da morte d'uma pessoa querida.

31 — Quarta-feira — S. Raymundo Nonato, C. e Cardeal.

UMA HISTORIA JAPONEZA

Ha no Japão um peixe chamado *fugu* que é excellente mas que nem sempre se pode comer porque tem a particularidade desagradavel de ser venenoso em certa epocha do anno. E o peor é que se não determina com certeza quando principia a epocha em que elle é venenoso nem quando acaba.

Sabe-se que é do verão mas não se sabe mais nada.

Um dia certo japonez muito rico que tinha a jantar muitos convidados recebe de presente um magnifico fugu. Mostra-o ás visitas, lamentando não saber se seria perigoso comel-o ou não nem como verificar o perigo. Uma das visitas lembra então que alli passa todos os dias um mendigo; cozinha-se o *fugu* muito bem dá-se um pedaço ao pobre e como o veneno d'esse peixe mata em duas horas espera-se o resultado.

A ideia foi acolhida com enthusiasmo e logo que appareceu o mendigo, deram-lhe uma boa porção de peixe, com um pão que elle foi comer para um canto. Da janella o ricasso e as visitas seguiam com anciedade todos os movimentos do pobre.

Passam duas, passam tres, passam quatro horas e elle cada vez mais cheio de vida.

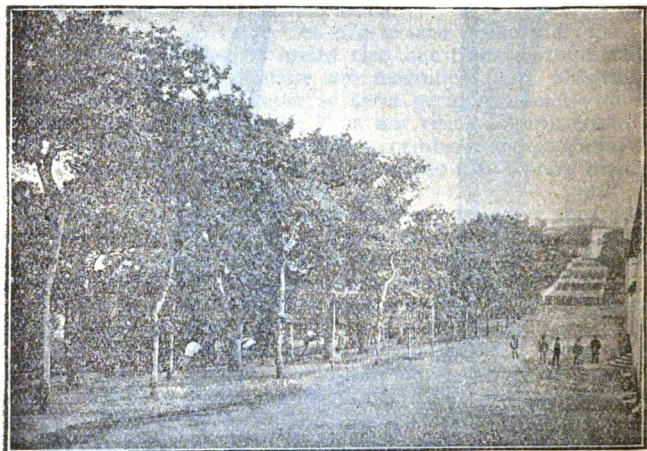
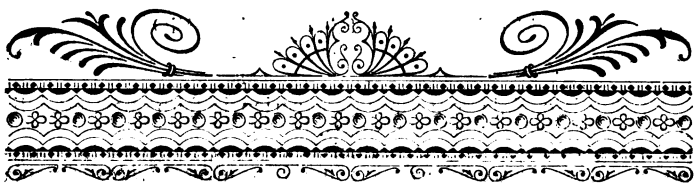
Não ha perigo decididamente. Vamos ao fugu. E dito e feito saltam no petisco acompanhando-o de uns copinhos de *saké* licor bastante alcoolico muito usado ali. No fim da refeição um pouco exaltados pelas libações lembram-se de contar ao mendigo a partida que lhe haviam feito. Elle ouve-os com todo o socego e no fim diz-lhes:

—Ah eu logo conheci o peixe pelo cheiro e percebi a ideia com que m'o davam. Por isso só comi o pão, o *fugu* guardei-o aqui na sacola. Agora estou á espera de vêr o effeito que elle lhes produz e se d'aqui a duas horas não estiverem mortos, salto n'elle que é um regalo...

Setembro

30 Dias

No minguante e na lua nova semeia pecegos,
ervilhas, favas, tremoços e couves;
faz os alporques dos craveiros, estruma as terras e abre minas
e poços. No crescente vindima e séca uvas.

1 — Quinta-feira — A B. Isabel (irmã de S. Luz, rei de França), V., da 2.ª O.—St.º Egydio, Abb.—Os Ss. Doze Irmãos, Mm.—S. Constancio, B.—*N'este dia nasce o sol ás 5 h. e 31 m., e põe-se ás 6 h. e 26 m.*

ALAMEDA DO MONTE DA FALPERRA

Na Falperra

ALPERRA! Legendaria estancia que faz acudir á mente negras tragedias sinistras, porque a tradicção conta scenas canibaes de bandidos que, solapados na extensão do ermo, assaltavam os viandantes a ferro e fogo.

E, no espirito de quem nunca logrou ver isto, desenha-se então a Falperra medonha serrania pavorosa de brenhas espessas entre penedias escarpadas; picos soberbos; barrancos profundos; abysmos insondaveis; precipicios tenebrosos.

Conseguintemente innacessivel, intransitavel, obscuro e selvagem lugar abandonado, á hora em que a luz do progresso se esbate limpida, clareando a terra, beneficiando omnimodamente a sociedade.

Completo engano.

A Falperra não é o que na phantasia assim se emmoldura.

Herculano, sobre a reputação terrorista de que esta formosa altura goza, conta no *Panorama*, que, ao passar aqui, lhe deu vontade de «metter na mala a Falperra» e de a levar para Lisboa a fim de ter a cada momento a representação clara do «que são e o que valem as reputações em Portugal....»

Sobre isso, falla com saber de experiencia feito quem estas linhas escreve, desataviadas, insulsas.

Ha tempo que estas carvalheiras annosas, ramalhando confusas em dias e noites hibernaes, gemem aos meus ouvidos a litania das solidões.

E, para mim, sedento da paz embaladora que se goza longe do barulho estonteante dos povoados; para mim, avesso ás bisbilhotices vãs dos pequenos centros ociosos; para mim que vivia na aspiração anciosa da melancolia do ermo, foi a quadra mais triste do anno — o inverno, a que mais doces enlevos trouxe á minha alma sequiosa de tranquilidade, anhelante de imperturbavel socego.

Mas, eu, que idealisava na Falperra um eremiterio encantado onde reconfortasse o organismo com ar puro e, no refugio das inconstancias da vida, temperasse o caracter na inquebrantavel constancia da meditação e desprezo das vaidades do seculo, avivasse a intelligencia e enrigecesse a vontade para a lucta que me propuz travar braço a braço com o mundo, eu vi desfeito o meu ideal querido.

A Falperra, longe de ser o *monstro horrendo* que se afigura a muitos, é um sitio ameno, cheio de paisagens deliciosas, com recortes surprehendentes por onde se côa a luz em mil gradações cambiantes, d'onde se desfructam panoramas bellissimos, de longinquos e largos horisontes, variados conforme as ondulações e outros accidentes da montanha, que na sua maior altitude mede 562 metros.

Sendo assim aprazivel, embriagantemente delicioso: cheio de luz e ar terrificante, lavado e sadio este arrabalde sobranceiro á augusta Braga, não admira que, nos dias de sol de primavera e verão enxameiem por aqui excursionistas em cavalhadas, em trens e a pé, a toda a hora, constantemente: — collegiaes que põem notas de alegria ignorada n'este remanso largo, correndo á vontade e bebendo, soffregos, o ar bom do deserto, no fraterno convivio descuidado da linda quadra de illusões; proletarios que nos dias de descanço fogem ao surdo rumor que os atormenta nas fabricas e procuram este agreste e confortavel retiro; a *elite* que traz variados tons elegantes e prazenteiros, em piqueniques ruidosos, tudo faz a transformação do eremiterio sonhado em colmeia agitada, boliçosa, onde zumbe a inquieta e variada *coterie* mundana fugida dos salões, dos theatros, dos cafés e dos clubs.

*
* *

No alto do monte, que é em forma de esplanada, anda a mesa da Irmandade de St.ª Maria Magdalena construindo um hotel sobre

os escombros do antigo convento fundado por frei Antonio de Jesus, celebre franciscano que falleceu em Mofreita em 1841.

Aquellas apertadas cellas monachaes com as suas janellas a olhar para o nascente; os corredores e salões onde entrava a luz velada, serena, com medo de profanar o silencio religioso d'aquelle recinto, tudo, tudo tão suggestivo de piedade e crença, emocinava a alma do forasteiro, deixando-o por ventura menos humano —porque lhe infundia a idéa do *Alem* na consideração intensa do ***vanitas vanitatum*** de Salomão—deixando-o menos humano, quer dizer menos carnal, menos preso á terra, enlevava-o na contemplação d'um mundo supra sensivel, prendia-o mais ao Creador, aproximava-o mais de Deus, enchendo-lhe mais e mais o coração —só com a idéa da austeridade dos monges que suggeria logo a de quanto são caducas e vãs as coisas do mundo, de apparencias faustosas, deslumbrantes, mas ephemeras.

Porem, d'isto nada existe já.

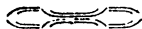
A rajada procellosa do gosto moderno profanou, destruiu aquella memoria que, mesmo batida do tempo, abalada, enegrecida, musgosa, havia de ser agradavel, de um agrado delicioso, estranho e salutar ás almas que possuem o mysterioso dom communicativo da sympathia affectuosa, terna pelas coisas venerandas.

Assim, dentro em pouco, favorecido este pittoresco local por commodas vias de communicação com a cidade e concluidas as obras em projecto:—substituidos os encantos e as bellezas montesinhas: o aroma das flores agrestes, o sussurro das arvores e das aguas correntes, a luz meiga e serena do luar e das estrellas pelos elegantes globos luminosos e arcos voltaicos, pelos sons do pianno, pelas verduras desmaiadas das plantas de estufa, pelos *boudoirs* cheios de esquisitas essencias artificiaes:—substituida a natureza pela arte, dentro em pouco a Falperra será um dos mais ***bellos*** refugios vernaes e estivos da predilecção do mundo elegante e ***touriste***.

O ***brilho*** de alegrias falsas ha-de aqui ostentar-se a par de ridiculas velleidades.

Humorismos picantes, sediços hão-de profanar estes lugares saudosos.

E a alma anciosa de paz ha-de fugir d'aqui batendo as azas como pomba amedrontada pelos negrores do escarcéo...

P. SILVA GONÇALVES.

2 — Sexta-feira—St.º Estevam, rei de Hungria.—S. Arocardo, C.

UM MENINO DE PRIMEIRA COMMUNHÃO E UM PASTOR PROTESTANTE

—Então tu acreditas que na Hostia está Deus em corpo e alma?
—Creio, sim, senhor.
—Ora dize-me. Sabes o Padre Nosso?
—Sim, senhor.
—Dize lá.
—Padre Nosso que estaes no céo...
—Então já vês que, se está nos céos, não póde estar na Hostia.
O pequeno ficou um bocado perplexo, mas logo replicou:
—O senhor sabe o Credo?
—Sei, já t'o digo: Creio em Deus Padre, todo poderoso...
—Basta. Que quer dizer: Todo poderoso?
—Que póde fazer tudo o que quizer.
—Então se Deus quizer estar na Hostia sem sair do céo, tambem o poderá fazer.

O pastor deu o dialogo por terminado e continuou o seu caminho.

3 — ☾ **Sabbado**—Os Bb. João da Perusia e Pedro de Xaxoferrato, Mm., da 1.ª O.—St.ª Eufemia, V. M.—*Quarto minguante ás 2 h. e 22 m. da manhã.*

«Os annos são marcos na senda da vida,
Nos quaes o viajante costuma parar
E os olhos volvendo na estrada corrida,
As scenas passadas lhe apraz recordar.»

HESPERITANO.

4 — **Domingo** — Santa Rosa de Viterbo, V., da 3.ª O.—St.ª Candida.—*Ind. Plen. nas egrejas franciscanas e ind. plen. para os Irm. Terceiros.*

O DUELLO

M. Paulo de Cassagnac, é um duellista *pratico:* inumeras vezes se tem batido em desafios d'este genero.

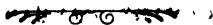
Interrogado recentemente por M. Chanvelin, a emittir seu autorisado parecer a respeito do procedimento do conde de Elbée, que desafiado pelo dito Chanvelin, se negara a acceitar o repto, alegando sua qualidade de catholico; respondeu-lhe Cassagnac:

«Estou em que me permittireis, não me intrometter n'um assumpto que me não viza: comtudo não vos negarei a minha opinião acerca do desafio em geral.

«Considero-o um absurdo e algumas vezes uma iniquidade; e estou bem longe de me vangloriar d'este absurdo, sob o ponto de vista social e principalmente religioso; apezar de não poucas vezes ter n'elle incorrido: e talvez, pelo facto mesmo do conde se ter negado a acceitar vosso repto, mostrando um valor, do qual difficilmente me julgo capaz, é que vos não nego a minha opinião sincera.

«Devemos sempre admirar nos outros ainda aquillo que nos não sentimos capazes de imitar, quando mesmo a isso nos impeça o bom senso e as crenças religiosas.»

Que logica a dos farçantes dos duellos!

5—Segunda-feira—O B. Gentil de Mathelica, M., da O.—St.º Antonino, M.

—A parte mais nobre e mais alta do ser humano, a alma, tambem padece (e bem crueis) as suas fomes, as suas sêdes, as suas dores, os seus desamparos, as suas nudezas, os seus captiveiros.— ***Visconde de Castilho (Julio).***

6—Terça-feira—Os Sts. Cyrillo e Methodio, Bb. Cc.—O B. Vicente d'Aquino.

Do latim: O mau quando pretende passar por bom, torna-se pessimo.

7—Quarta-feira—S. Lourenço Justiniano, B. C.—S. João, M.—St.º Anastacio, M.

Contra as moscas.—Os talhos dos marchantes de Genebra estão quasi sempre abertos, vendo-se nas paredes exteriores grande quantidade de moscas, mas nem uma só dentro dos referidos estabelecimentos.

Deve-se isto ao facto dos marchantes terem o interior dos talhos pintado com oleo de bagas de louro.

A mesma receita é applicada para evitar que as moscas poisem nas molduras dos espelhos, quadros, etc.

8—✠ ✠ Quinta-feira—NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA.—St.º Adriano, M.—St.ª Regina, V.—*Ind. plen. para os Irm. Terceiros—para os da Conceição—de S. José—do Rasario Vivo—da Confraria do Rosario.*

Salve Regina

Salve, ó Rainha
Mãe dos peccadores
Doce esperança minha
N'este mar de dôres.

Dos mortaes abrigo
N'este mar profundo
Livra-me do p'rigo
D'este triste mundo.

Dae-me a bonança
Sede meu auxilio
Sede minha esperança
N'este meu exilio.

Ouve, Mãe Clemente
Ouve lá do céo
Esta prece ardente
D'este filho teu.

'Strella matutina
Ouve quem te implora
Guia na campina
Quem pranteia e chora.

A mim que entre escolhos
Lucto só na dôr
Mãe' volve esses olhos
Só de paz, de amor.

Quando finde o dia
D'esta escassa luz
Mostra-me ó Maria
Esse teu Jesus.

Mãe clemente e pia
Roga a Deus por mim
Que eu consiga um dia
Meu ultimo fim.

C. RODRIGUES.

9—● Sexta-feira—A B. Serafina Sforzia, Viuva, da 2.ª O.—S. Georgino, M.—S. Sergio, Pp.—*Lua nova ás 8 h. e 6 m. da tarde.*

10—Sabbado—S. Nicolau Tolentino, C.—S. Paciente.

O olho do dono engorda o cavallo.

O pé do dono é o melhor estrume.

A boa diligencia é mãe da boa ventura.

11—Domingo—St.º Afforso Maria de Ligorio—*Ind. Plen. para o Rosario Vivo.*

Estudos physionomicos

SOCCORRO MUTUO

POR CAMILLO CASTELLO BRANCO

O incredulo do christianismo e da associação, ao passar na sua carruagem, assaltado de cuidados, pela porta do operario, sente-se affrontado pelas risadas alegres, que lá vão dentro d'aquelle sotão raso com o chão. Tal homem não possue o capital que mais felicidade produz. Não sabe que a religião e o soccorro mutuo são o incentivo do trabalho. Comprehende apenas, que o trabalho é o capital unico do proletario. Julga elle que o artifice, alquebrado de vigor, no fim do dia atira com o corpo ás palhas do repouso para mentir no somno aos flagellos do dia futuro. Não sabe que o amor em todo o tempo, em todas as idades, e em toda a hora do dia, é quasi um exclusivo do pobre. Não sabe que o artista é pae, é esposo, é christão e possue um thesouro d'affectos que o deixam á beira do tumulo para entrarem no seio de Deus, como paga de um emprestimo contrahido para adoçar as amarguras da terra. Não sabe que o soccorro mutuo derivado do trabalho faz a tranquillidade do homem laborioso.

12—Segunda-feira—Os Ss. Apollinario e 39 Comp., Mm., da 1.ª O., no Japão.—St.ª Anta, V. M.—S. Juvencio, B.

A MULHER

QUEM é essa nobre figura, que depois de ter animado com seu sangue o recem-nascido, o cria, o acaricia, lhe sorri, e o ensina a balbucear, a caminhar e a orar?

E' a mulher *mãe*.

Quem é essa bella figura, graciosa e embellezada no espirito e no corpo, cuja perfeição revela a Omnipotencia da creação; essa

alma pura, que ás vezes sacrifica seus impulsos naturaes, porque crê que este sacrificio lhe é necessario para alcançar a perfeição?

E' a mulher *virgem.*

Quem é essa sublime figura, terna companheira do homem na adversidade e na ventura, que o aconselha, guia, alenta, commove, sujeita e ama, que vive n'elle e para elle, cheia de amor e abnegação?

E' a mulher *esposa.*

Quem é essa affectuosa figura, que se instala á cabeceira do ancião, allivia suas dôres, suavisa suas largas horas de soffrimento, suppre seus olhos, que já não vêem, seus ouvidos que já não ouvem, sua bocca, que já não fala?

E' a mulher *solteira.*

Quem é essa heroica figura, que atravessa os campos da batalha, semelhante ao anjo da paz, para recolher os moribundos, sem reparar nas balas que sibilam, nem no canhão que ruge; essa figura que sempre se acha onde ha enfermos a cuidar, meninos a instruir, dôres a mitigar e lagrimas a limpar?

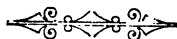
E' a mulher *irmã de Caridade.*

Quem é essa perfumada flôr, fragil, delicada, angelica; essa effigie veneravel que adquire pela fé a força sobrenatural, e entôa canticos ao Senhor no meio dos mais crueis supplicios, sabendo morrer por seu divino Mestre, afim de renascer para a eternidade?

E' a mulher *martyr.*

Quem é a unica privilegiada que um Deus se dignou fazer consubstancial sua; a figura que esse mesmo Deus, ao fazer-se homem, e por uma anthitesis mysteriosa, escolheu de toda a humanidade para conceder-lhe a suprema honra de ser filha, mãe e esposa da divindade?

E' a ***Mulher por excellencia.***

13—**Terça-feira**—St.ª Veronica de Juliani, V., da 2.ª O.—S. Filippe, M.—*Ind. plen. para os Irm. Terceiros.*

O homem, ainda o mais depravado pelos prejuizos e falsidades d'este mundo, nem sempre se dedigna de ouvir falar da felicidade que dão a natureza e a virtude.

14—Quarta-feira—Exaltação da Santa Cruz.—S. Cornelio, P.—*Ind. plen. para os irmãos da Conceição.*

A CRUZ

Estrellas
singelas,
luzeiros
fagueiros
Esplendidos orbes qu'o mundo aclaraes,
Desertos e mares, florestas vivazes
Montanhas audazes qu'o sol rastejaes!
campinas
divinas
cavernas
eternas!
extensos
espaços
celestes
rochedos
bravios!
Abysmos
sombrios!
Ergastulos frios!
Infernos terrestes!
Sepulchros e berços, mendigos e grandes!
Curvae-vos ao vulto sublime da Cruz!
Só ella nos mostra da gloria o caminho!
Só ella nos fala das leis de Jesus!

15—Quinta-feira—S. Nicomedes, M.—S. Domingos em Soriano.—St.ª Militana, M.

O ALCANCE DA VOZ HUMANA

Por algumas experiencias feitas no Colorádo, provou-se que a voz humana propaga-se a uma distancia de 30 kilometros.

Um homem collocado no cimo d'uma montanha, gritou o nome de «Bob», e ouviu-se distinctamente a uma distancia de 4 léguas e meia.

Mas o alcance da voz humana não é uniforme: varía segundo as regiões e com o clima. Foi assim que o tenente Foster, membro d'uma expedição ao pólo Norte, fallou com um companheiro que estava a 2 kilometros de distancia.

Sir John Franklim sustenta a opinião de que a voz humana não póde ser ouvida mais que a 500 metros.

O doutor Young diz que em Gibraltar a voz humana estende-se a 16 kilometros. Na agua, porém, a voz humana é ouvida a 140 kilometros.

16—Sexta-feira—Os Ss. Cornelio e Cypriano, Mm.—St.ª Euphemia e Comp., Mm.

Quem não faz o que aconselha:
Ao que mente se assemelha.

Na sabença que não crê
Mora o cêgo que não vê.

O monarcha não altera
A lei da morte que o espera.

Quem não sonda o pó da cova
Não segue o sol da lei nova.

ALVES DE ALMEIDA.

17—Sabbado—AS CINCO CHAGAS DE N. SERAPHICO PADRE S. FRANCISCO.—S. Pedro Arbues, M.—St.ª Comba, V. M.—*(Ind. Plen. da O. e Abs. Ger. para os Terceiros Franciscanos).*

VISÃO DE JESUS

E dezembro ainda; c'rôa o Burgo a neve.
Mas Jesus dorme, dorme ledo e bello
no colo de Maria; a brisa em gelo
roça-lhe as faces puras ao de leve.

Jesus sorrira emfim, d'um sonho em flôr,
e em dezembro tão frio sente calma!...
Ante a visão, que lhe revôa na alma,
um heroe divisou roubar-lhe amor.

No Empyreo resôam ledos hymnos
de gloria e paz sobre o zagal da serra;
quando elle viu a luz, tambem na terra,
Jesus derrama canticos divinos.

Em vil enxerga, repoisou, nasceu:
e em vida pela Cruz enamorado,
com Jesus foi tambem crucificado;
e o novo Seraphim voou, morreu,

Quem não viu o tugúrio da Judeia
onde Jesus sonhou no heroe de amor;
quem não viu seu Calvario de dôr,
côrra á Umbria, ao Alverne; é lá a Judeia.

(1897).

P. FREITAS.

---

18 — Domingo — S. JOSÉ DE CUPERTINO, C., da Ordem dos Frades Menores Conventuaes. — *Ind. Plen. para os Irm. Terceiros.*

Vingança

Um dia um menino da missão, discutindo com outro, chamou-lhe hippopotamo. Achando-se gravemente offendido, o outro não respondeu nada, mas em presença do seu insultador péga d'uma navalha, põe o index na soleira da porta, e diz:

«Estamos em casa do Padre, olha.»

E d'uma só vez cortou o index e veiu pacificamente pedir ao Padre um remedio para cicatrizar a ferida.

Ao vêl-o exclamou o Padre: «Desgraçado, quem te fez isso?» Fui eu, respondeu-lhe. «Escuta: disseste que não era bom dar facadas nos outros, como acontece nas aldeias pagãs; tambem disseste que era mau bater nos companheiros. Aquelle chamou-me hippopotamo. Que outra cousa podia eu fazer para lhe provar quanto sentia a affronta que elle me fez?»

19 — Segunda-feira — S. Januario e Comp. Mm. —St.ª Constança, M.

Voz mysteriosa

Na Allemanha, um homem cahiu em peccado grave. D'um lado a vergonha que o impedia de se confessar; d'outro os remorsos, que não podia supportar, resolveu deitar-se a afogar; mas chegado á margem do rio não ousou precipitar-se, e pediu a Deus com effusão de lagrimas que lhe perdoasse sem confissão. Uma noite durante o somno, sentiu bater no hombro, e ouviu uma voz que lhe dizia: *Vae-te confessar*. No designio de lhe obedecer, foi á egreja; mas não se confessou. Na noite seguinte, ouviu a mesma voz. Voltou á egreja; mas sempre embaraçado pelo temor: antes quero morrer, disse, que confessar este peccado. Entretanto, antes de sair, foi orar deante d'uma imagem de Maria. Apenas se ajoelhou sentiu-se logo mudado; levantou-se, chamou um padre e fez confissão inteira de seus peccados com grande abundancia de lagrimas; e depois confessou que a satisfação que sentira era superior á que experimentaria se possuisse todo o ouro da terra.

20 — Terça-feira — St.º Eustachio e Comp., Mm.

Duclos estava a banhar-se no Senna. Passou uma senhora n'um trem. Este volta-se e a senhora enche-se de lama. Duclos corre a ella, estende a mão para a ajudar a levantar, dizendo-lhe:

«Minha senhora, estou sem luvas, mas V. Ex.ª decerto desculpa esta incivilidade.»

21—Quarta-feira—*(Temporas com jejum)*—S. Matheus, Ap. e Ev.—S. Ephigenia.—*Ind. plen. da Bulla.*

A LIBERDADE

«Palavra magica que transporta as multidões, a liberdade não se tornou uma realidade senão pelo Evangelho.

«Foi Jesus Christo, diz Lacordaire, que introduziu no mundo a egualdade civil, e com ella a liberdade politica, que não é senão uma participação de cada povo no seu governo.»

Mons. Parisis diz: «só a Egreja pede liberdade para todos, porque só a Egreja nada tem a temer d'ella, e d'ella tudo pode esperar.»

Em todas as plagas em que a Egreja se restabelece, o seu primeiro cuidado é proclamar a liberdade, e egualdade dos homens, gritar a todos que o Evangelho os libertou para formar uma grande familia de irmãos. Emquanto a voz da Egreja se ouviu nunca o povo foi opprimido.»

LEON HARMEL.

22 — Quinta-feira — S. Thomaz de Villanova, B., C.—S. Mauricio e Comp., Mm.

JESUS

O Nazareno, o santo Crucif'rario,
a transbordar de mel o coração,
ia avançando ao cume do Calvario.

Alli affixo á cruz promette á humanidade
restar perpetuamnte o emblema da amizade.

E foi, que o sangue que verteu, dizia:
«sou vosso amigo, oh homens, porque um dia
«desci dos céos onde era o rei potente,
«ao virginal sacrario de Maria,
«desci do tudo ao nada, ao nada, ao pó,
«para de vós que tantos ereis, tantos,
«fazer apenas um coração só,
«um jardim bello com flôres e cantos!»

Bem hajas, oh divino sangue de Deus,
que transformaste a treva em rebrilhante luz!

Mas hoje tudo jaz no feio esquecimento,
ninguem se lembra já, que o Martyr se finou
para fazer da terra um aureo firmamento
onde essa Estrella santa que uma vez brilhou,
a todos luzirá eternamente.

(Extracto)

EMILIO AUGUSTO CONDE ROBERTINE.

23 — Sexta-feira—Invenção do Corpo de St.ª Clara, V., da 2.ª O.—St.ª Tecla, V. M.—*Ind. Plen. da Bulla.*

MEIO DE ENCONTRAR AGUA

A Gazeta Agricola informa que ha um meio de conhecer a existencia da agua em um terreno qualquer e a que profundidade, accrescentando que a melhor epoca de fazer a experiencia é quando a terra não estiver demasiadamente secca, nem muito humida. A formula é a seguinte, que offerecemos aos lavradores, que luctam com a falta d'este elemento creador:—Juntem-se dez grammas de enxofre, cem de verdeto, egual porção de cal viva e outro tanto de incenso branco; reduza-se tudo a pó, misture-se bem e lance-se n'um vaso de barro novo e vidrado, pese-se e enterre-se n'uma cova que tenha trinta centimetros de profundidade.

Passadas 24 horas, tire-se e pese-se outra vez; se houver diminuição de pezo, não existe agua ali; mas dando-se augmento, é este prova infallivel de que se encontrará agua. Se o augmento fôr de 40 grammas, estará a agua a 21 metros de profundidade, se fôr de 80, achar-se-ha a 14, se de 120, a 10, se de 160, a 7, e se fôr de 200 grammas, a agua apparecerá a 3 metros.

24 — **Sabbado**—S. Pacifico de S. Severino, C. da 1.ª O.—S. Geraldo, B. M.—*Ind. Plen. nas Igrejas franciscanas—ind. plen. da Bulla—Lua cheia ás 5 h. e 13 min. da tarde.*

Para sua emenda deve ter cada qual de nós ou um grande amigo ou um grande inimigo. Este nos descobre as falhas e aquelle não as approva.

Amador Arraes.

25 — **Domingo** — Nossa Senhora das Mercês.—S. Firmino, B. M.—St.º Herculano, soldado, M.—*Começa a novena de S. Francisco a que estão concedidas muitas indulgencias—Ind. plen. para o Rosario Vivo.*

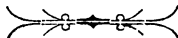
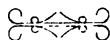
MAGDALENA

Era o fim do banquete; e n'isto entra na sala
esta mulher formosa, cuja fronte afflicta
se verga pela dôr, mas cuja alma bemdita
sorri de santo amor, que o coração lhe embala.

Pisa os finos tapetes, mas não olha a gala;
entre os demais convivas logo a Jesus fita,
e passa, como um anjo, em ancia infinita,
cabellos soltos, olhos tristes, muda a falla.

E emquanto o Phariseu, lingua de fé, murmura,
ella chora contricta aos pés do Salvador...
Enxuga-os com as tranças... beija-os com ternura;

E o Christo augusto e santo, á vista de tal dôr,
sorri enternecido, e diz-lhe com doçura:
«mulher, eu te perdôo; immenso é teu amor!»

P. Nunes Tavares.

26—Segunda-feira—A B. Luzia de Calatajerone, V., da 3.ª O.—Os St.os Cypriano e Justina, Mm.

—Em que condições hygienicas se encontra esta rua! em optimas—contesta o dono de uma casa que tinha quartos para alugar.—Em vinte annos não morreu aqui senão uma pessoa.—Quem? Um medico.—E de que morreu?—De fome!

27—Terça-feira—S. Elzeario, C., da 3.ª O.—S. João Marcos. B., M.—*Ind. Plen. para os Irm. Terceiros.*

S. Elzeario e S. Delfina

O LAR DOMESTICO

Um esforço devem empregar todos os homens de boa vontade, é reorganisar a familia, reconstituir o lar. A familia, o lar, não serão o que podem e devem ser emquanto a mãe passar o dia na fabrica ou na officina.

Para obstar a este mal, teem-se creado creches, azylos, patronatos, e outras obras; mas, mais vale, diz o abbade Nandet, permittir a dez mães que cumpram seu dever em casa, que guardar na creche os filhos de vinte.

Injustiça social. Nós cooperamos de vontade na injustiça social por negligencia ou contemporisação. «Assim, pensamos nos carregadores, e outros empregados do correio, quando pomos nas caixas as nosssa cartas e encommendas? Que precauções tomamos para evitar, na medida do possivel, augmentar o trabalho do domingo? A questão de saber se o exemplo será seguido pouco importa; o que importa é cumprir com o dever.»

(Abbade Nandet).

Um interessante episodio

(COM VISTA Á IMPRENSA)

Typo mexicano (vendedor d'agua)

GUTTEMBERG passa commumente por inventor da imprensa. Não ha quem desconheça o grande ascendente para que era fadada tão prestante invenção, e o muito, que devia actuar nos costumes do povo. Um jornal póde ser fóco de grandes bens, mas póde outrosim (e uma lamentavel experiencia nol-o comprova) implantar os germens da immoralidade, que arruinam tantos espiritos. Não ha negal-o.

Pois conta-se um bello episodio, que damos a titulo de curiosidade, o qual acompanhou o invento, que dizemos imprensa.

Guttemberg embebido na sua obra collossal, passava noites e dias inteiros na composição dos typos. Um dia, era noite morta e adeantada, que estava elle trabalhando despreoccupadamente, tocou alguem á campainha. Abriu, e deparou-se-lhe um jovem, que, a julgar pelas apparencias, não teria mais dos seus vinte e cinco, mas que era velho, velho... Fizeram-se os cumpri-

mentos do estylo, (o tal jovem-velho conhecia, de feito, todas as regras da etiqueta), e entraram em amigavel mas animada conversação.

Falou-se demoradamente de coisas e loisas, e de modo particular do novo invento, que collocaria Guttemberg no pantheão da historia, e insculpiria seu nome com caracteres irrefragaveis nos fastos da sociedade. A horas tantas metteu-se a propheta o *nocturno* visitante.

«Amigo, dizia para Guttemberg com ares de satisfação, tua obra é de grande e transcendental alcance. Não saberás talvez o bem que pódes, e vaes incontestavelmente fazer-me. Eu t'o explico. Tenho por officio *caçar almas*. Até hoje têm sido poucos, pouquissimos até os meios, de que poude dispor: sete peccados mortaes, uma meia duzia de mandamentos e... mais nada. São, porém, já gastos em demasia, uma *tropa fandanga*, rota e indisciplinada; tinha precisão de algo mais efficaz, e, a meu ver, nada mais proficuo e farto de praticas vantagens, que a obra a que tão sabiamente pozeste mãos. Dir-me-has mais tarde o que ha de verdade em minhas palavras.»

Typo mexicano (trajo de egreja)

No entremente escutava-o Guttemberg silencioso e pensativo. Seu rosto alterára-se por vezes, e a medo, por entre dentes, murmurou:

— Quem és?

— Isso de nomes é uma accidentalidade, amigo, respondeu-lhe o funebre propheta.

— Ainda não percebi bem o porquê de tua visita a estas horas tão fóra d'ellas, torna-lhe Guttemberg.

— Sabel-o-has; mas vamos ao nosso proposito.

— «Como eu dizia és um grande amigo, que tenho, bom ou mau grado teu. De feito, attento o meu officio de *caçar almas* não póde ser d'outra sorte. Pois não te parece? Até aqui para fazer

uma caçada fructuosa, era-me necessario... eu sei lá o quê?! Agora não preciso grandes fadigas; virá o jornalismo, que com a rapidez do relampago corre mundo, o folheto, que captará os incautos, as folhas soltas, que correrão velozes de mão em mão e, com boas artes, hão-de ir fazendo germinar as hervas do mal, e suffocar as plantas virentes da virtude. Virá o romance, que, filho bem vezes das paixões, ha-de produzir necessariamente um bem immenso um pró da causa, que tenho a peito; fará morrer na alma do joven inexperto o amor da verdade, e leval-o-ha a dar largas á corrente da voluptuosidade e prazeres. Será um facto, verás. Ha, porém, um contra, um deploravel senão, que é difficil, impossivel mesmo, em que me pese, vencer por completo. Se a imprensa (não sei se o propheta a chamou já assim) está para servir-me de poderoso auxiliar, sel-o-ha tambem de meu mais figadal inimigo da religião. No entretanto muito ha-de fazer-se.»

Guttemberg continuava cabisbaixo, e entregue a profundas cogitações; na solidão de sua alma passava-se o que quer que é de anormal e inexplicavel. Com olhos desconfiados olhava o propheta de quando em quando, e tremia. A's furtadellas benzeu-se; o estranho visitante desappareceu n'um abrir e fechar d'olhos.

Assim reza a tradicção.

Quem era? Não nol-o diz a historia. Fica ao criterio do leitor adivinhal-o.

Para onde se sumiu? A historia cala; perguntae-o a Guttemberg, mas não saberá dizer-vol-o.

Quanto á prophecia está, nem é dizel-o, verificada.

Fr. Z. Gonçalves.

28 — Quarta-feira—O B. Bernardino de Feltro, C., da 1.ª O.

UM TRUC POLICIAL

ESTA scena passou-se na Russia, mas nem por isso deixa de ser uma bella historia para ensinamento dos policias de varios paizes.

Um homem compra um cavallo por vinte rublos, paga-o e diz ao vendedor que o leve a casa. O vendedor assim faz, mas quando entrega o cavallo exige os vinte rublos allegando que os não recebeu.

Debalde o comprador protesta, o outro insiste e a questão vae ao juiz da aldeia.

Este vê-se atrapalhado na decisão. Parece-lhe evidente que o comprador pagou e que o vendedor é um patife, mas não ha provas.

—Então você affirma que pagou os vinte rublos?

—E' a pura verdade.

—Tem testemunhas?

—Não senhor.

—Tem recibo?

—Tambem não.

—Então tenha paciencia, ficará sem o dinheiro. Eu estou convencido que você tem razão, mas é impossivel que o outro a não tenha tambem. Talvez elle perdesse o dinheiro depois de o receber, que o mettesse n'algum sitio onde o não encontra. Em todo o caso não se lhe pode valer. Mas como você parece homem honrado a quem hão de fazer muita falta os vinte rublos que tem de dar outra vez, proponho que se abra entre nós uma subscripção para o indemnisar um pouco. Eu dou cinco rublos.

E voltando-se para o vendedor accrescentou:

— E você dá alguma coisa?

—Dou sim, senhor, disse o homem generosamente; dou tres rublos.

E estendeu uma nota ao juiz.

Este olhou para ella, e de repente soltou um grito:

—Pouca vergonha! Esta nota é falsa. Prendam este homem!

—Falsa! exclama o homem atrapalhadissimo, não pode ser!

—E' falsa, repito: Hei-de-o mandar para a Siberia.

—O' senhor juiz, eu não sou moedeiro falso.

—Então quem lhe deu esta nota? Diga.

O homem atrapalha-se, balbucia, mas afinal vendo que o caso é serio, exclama:

—Pois co'a breca! Ir para a Siberia é que não. Quem me deu essa nota foi esse patife que ahi está quando me pagou o cavallo.

O juiz tranquillamente:

— Pois bem me parecia que elle já tinha pago. Podem-se ir embora. A nota é excellente.

29 — Quinta-feira — S. Miguel Archanjo.

PROVERBIOS DE SALOMÃO

XX — 1

O preguiçoso c'o frio
não quiz lavrar;
em vindo o estio, ha-de em vão
ir mendigar.

XV—1

A resposta doce, amai-a,
confrange a ira;
palavra dura, enfurece
a quem a ouvira.

XXIII—24

Pae condescendente, o filho
lança em desdem.
mas o que sempre o corrige
quer-lhe o seu bem.

P. Freitas.

30 — Sexta-feira — S. Jeronymo, C. Dr. Festa em Belem.

D. BOSCO E A SUA OBRA SOCIAL

SE o alvorecêr do seculo XIX trouxe dias amargurados á Europa, como consequencia dos principios proclamados pela Revolução no ultimo quartel do seculo XVIII, no meado do seculo XIX desponta na Italia uma nova época que trazendo á sociedade a reforma da familia pela reforma do operario christão, nos aponta um homem unico, um outro S. Vicente de Paulo em todas as manifestações da caridade, prevendo e remediando todas as necessidades humanas, pobre e soccorrendo todos os desgraçadinhos, sem meios de fortuna e enviando os seus missionarios a todas as nações da Europa e até á America do Sul, á Terra-do-Fogo e Patagónia; este homem, vós bem o sabeis, foi *D. João Bosco.*

Fortalecido pelas mais abundántes bençãos do Ceu, illuminado pelo fulgôr das suas virtudes, o seu zelo pela gloria de Deus não tem limites. E assim, lança os fundamentos d'essa admiravel obra que vem tão de molde no seculo XIX: a Pia Sociedade Salesiana, destinada a difundir-se por toda a parte.

O seu fim é o *exercicio das obras de piedade e caridade e particularmente o cuidado pela educação da juventude pobre e abandonada,* de que depende certamente o futuro feliz ou funesto da sociedade.

Haverá obra que inspire maior sympathia que esta,—a de salvar de uma queda inevitavel as pobres crianças lançadas pela ignorancia ou pelo abandono á influencia do mal?!

D. Bosco recolhia essas crianças, fazia-lhes ensinar um officio; e, instruidas nos principios da Fé, tornavam-se mais tarde homens uteis a si e á sociedade. Mais ainda:—fazia-lhes conhecer a belleza immortal da sua alma feita á imagem e semelhança de Deus que ultrajaram, sem O conhecerem; e, por ultimo, elevava alguns d'esses filhos do povo *á mais alta das dignidades sobre a terra*—o Sacerdocio!

D. Bosco, fundador dos Salesianos

Nasce este grande apostolo a 16 d'agosto de 1815, e, consagrado desde logo por sua mãe á Santissima Virgem, manifesta depois decidida vocação para o estado ecclesiastico, no qual entra por disposição divina a 5 de junho de 1841, tendo 26 annos de edade.

Destinado a visitar os presos no carcere de Turim, encheu-se

de tal compaixão para com as creanças, tão cêdo corrompidas pelo vicio, que, ao seu espirito observador, vem logo o convencimento de que, entrando ellas na cadeia, sahiam d'ahi mais pervertidas pelos maus exemplos.

Preoccupa-o então a idéa de moralisar essas creanças, que infestavam a cidade de Turim, apartando-as do erro e conduzindo-as ao conhecimento e amor de Deus; e para isso, dá começo aos Oratorios Festivos dos Domingos, ensinando o catecismo, o canto, e variados jogos para entreter os rapazinhos.

Esta obra começou aos 8 de dezembro de 1841, e em 1847 abre um internato com 7 alumnos, posto que a escola e oratorio já eram frequentados por mais de 800 creanças!

Em 1857 contava 15 sacerdotes, seus auxiliares, que carinhosamente havia educado desde creanças.

Em 1872 funda a *Obra de Maria Auxiliadora*, para estimular e favorecer as vocações para o estado ecclesiastico.

A par d'esta obra de tanto alcance, funda a das *Irmãs de Maria Auxiliadora*, para amparar as filhas do povo e depois a *Obra dos Coo-Salesianos*, a que quasi todos que me escutam já pertencem — que é uma especie de Ordem Terceira da mesma congregação, merecendo que Pio IX em 1874 approvasse definitivamente a Constituição da Pia Sociedade Salesiana.

A' morte d'este veneravel sacerdote contavam-se 600:000 creanças educadas nos Institutos Salesianos!

O prestigio das suas virtudes vale mais que a eloquencia dos melhores discursos.

Nunca se viu homem mais admiravel no amor para com as creanças nem que soubesse attrahil-as tanto para Deus, como D. Bosco; e por isso, quanto maior era o abandono das mesmas creanças, tanto maior a caridade e affecto com que as acolhia. O seu brazão era a Cruz: o livro onde aprendia tanta sciencia o Crucifixo: o logar de seu retiro o Coração de Jesus. Era padre nas horas de trabalho e de repouso, no meio do mundo, e no retiro de seu aposento, ou lendo ou estudando, ou orando, ou prégando! Operario da vinha do Senhor, trabalhou sempre: viveu com a inteireza de sacerdote e morreu com o merito de santo!

«Deixae vir a mim as creancinhas»: *Sinite parvulos venire ad me*, era a phrase divina que sempre repetia: «Dae-me almas para Deus e ficae com o resto» — *Da mihi animas, cœtera tolle* — era a phrase que fluia de seus labios.

A' semelhança do Divino Mestre que para todos deixou um seguro asylo no seu coração quando dizia: *Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis*... «Vinde a mim todos os que trabalhaes e estaes onerados...» D. Bosco só procura por toda a parte edificar collegios, levantar officinas e casas de abrigo para a infancia

desvalida. Morre abençoado pelo povo que lhe entregava seus filhos para os educar na religião e no trabalho.

Durante sua vida fundaram-se na Italia 24 casas salesianas, duas das quaes, Alassio e Turim, tive eu a ventura de visitar na companhia do proprio D. Bosco. Na França, desde Marselha a Pas-de-Calais, fundaram-se 7. Os filhos de D. Bosco abriram diversas casas, ainda na vida de seu fundador, na Hespanha, na Austria, na Inglaterra, na Belgica, na Suissa e até na America do Sul.

E' que a Obra Salesiana, meus senhores, não tem outros recursos alem dos que lhe são fornecidos pela caridade, nem outro fim que não seja dilatar o reinado social de Jesus Christo—e *preservar* a juventude do vicio e da queda a que arrastaria fatalmente uma educação sem Deus.

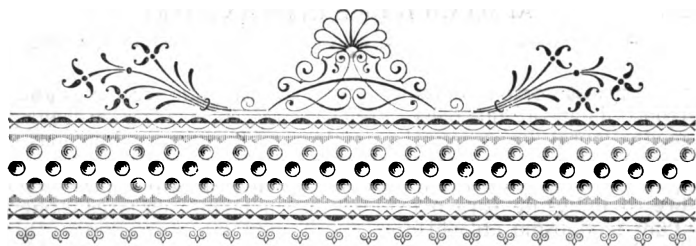
P. SEBASTIÃO LEITE DE VASCONCELLOS.

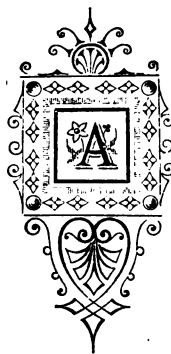
Outubro

31 Dias

No crescente semeia cevada, centeio, trigo, favas, ervilhas, e coentros; alporca os craveiros e semeia caroços de fructas, pevides de arvores de espinho e linho. No minguante recolhe frutas e milho.

1—Sabbado—A B. Luiza de Saboia, Viuva, da 2.ª O.—S. Remegio, B., C.—Os Sts. Verissimo, Maxima e Julia, irmãos, Mm. portuguêses.—*N'este dia nasce o sol ás 6 h. e 10 m., e põe-se ás 5 h. e 50 m.*

Bruxellas—Palacio do Municipio

O ROSARIO

(FRAGMENTO)

BRAMOS a historia do Rosario. Estamos no seculo XIII, no seculo de Francisco de Assis, Antonio de Lisboa e Domingos de Gusmão. Foi a este admiravel athleta da verdade que a Virgem do Rosario escolheu para o propagar pela Europa insurreccionada contra a invasão no manicheismo albigense, que por toda a parte semeava a discordia e a revolução nas ideias e nos espiritos contra a Santa Egreja. Esta fulminava os mais terriveis anathemas sobre os heresiarchas, mas nada se lograva com repressão tão peremptoria.

Os cruzados bandeavam-se unidos pela mesma bandeira para combater a seita formidavel que lavrava fundo no coração da Europa.

Os sabios e controversistas desembainhavam a espada temivel d'uma dialecta invencivel.

O colosso, porem, não quebrava pela base; retalhado estrebuchava ainda, e parece que revivia, quando do sangue que golphava de suas veias fazia arma para salpicar as faces dos combatentes.

Furiosa como a torrente de lava infernal que secca e estiola o tronco da arvore que baba, a seita levára a sociedade a um rebaixamento moral, insusceptivel litteralmente de reformas humanas.

Os ricos e os pobres odiavam-se ferinamente; o rico, em quem luzia o oiro e a prata, tinha sob seu despotico imperio o pobre, o indigente para o explorar a seu talante na larga esphera d'um feudalismo atrophiante.

Maria inventa a panacéa que ha-de curar esta enorme chaga social. Apparece a Domingos n'uma nuvem de aspecto deslumbrante e falla-lhe.

Que lhe dirá? Recruta os mais valentes soldados da Europa, concentra as forças militares mais aguerridas, consulta os gabinetes dos sabios de primeira linha, invoca a vingança dos elementos colligados contra a onda que vos submerge no cahos. Diria assim?

E' muito aquem d'isso o que a historia nos relata.

«*Ó Domingos*, diz Maria, *prégа o meu Rosario*, e renovarás a face da terra!» Eis o remedio.

Domingos vae restaurar a sociedede que caminhava fora da linha recta do dever catholico. Por todas as nações faz ouvir a sua voz argentina, como a d'uma trombeta e clama repetindo as palavras de Maria: «*Rezae o Rosario.*»

Esta voz foi um como raio que feriu aquelle povo adormecido no peccado. A Europa começa a respirar e a atmosphera torna-se menos densa. O reinado do Rosario é desde essa faustissima data o pharol a illuminar os extraviados do porto de eterna salvação.

Eis o primeiro triumpho do Rosario.

Qual o segundo?

Estamos no seculo XVI.

Vae uma tal fermentação diabolica que não tenho tinta nem pincel para carregar no quadro os desmandos d'este seculo desgraçado.

O protestantismo ergue-se coruscante de raiva, serpenteando por entre todas as camadas sociaes.

O Alcorão empunha o bacamarte, e tenta conquistar esta bella Europa, creada á sombra do pontificado civilisador. Aquelle—aborto de Luthero—emancipa a sociedade do centro da auctoridade divina e lança os povos no abysmo da perdição eterna.

Este abalroa e afunda as esquadras christãs no roteiro de o atacar imperterritas. Mas o Rosario vence. O Concilio de Trento esmaga a hydra do protestantismo e Lepanto ficará na posteridade famoso pela batalha sangrenta.

Pio V alcança de Veneza e Hespanha uma numerosa esquadra. Esta, capitaneada pelo valente João de Austria, filho do imperador Carlos V, avança para o foco das arremettidas do atrevido Selim II. Trava-se a lucta, a terra junca-se de cadaveres, o ini-

migo recrudesce, o sangue corre a jorros, mas o Rosario, sob cuja protecção se milita, vence. O inimigo deserta do campo e os christãos entoam o hymno da victoria.

O' sublime victoria do Rosario! O Rosario *venceu*, o Rosario *venceu!*

Que espectaculo tão imponente, tão grande! Nunca, diz um historiador, pesaram sobre as aguas do oceano esquadras mais furiosas pela valentia e pelo numero; nunca o mediterraneo viu nem verá mortandade mais horrivel e mais obstinada.

O Rosario fez retroceder a Meia-Lua na senda vertiginosa com que se abalançava a uma conquista universal. O orgulho da «*Sublime Porta*» foi abatido e Constantinopla aprendeu a temer esta Europa, centro de toda a civilisação operada pelo christianismo indefesso.

Foi n'esta gloriosa peleja que o insigne Cervantes perdeu o seu braço esquerdo. Tambem elle, o principe dos litteratos hespanhoes d'aquella epocha d'oiro, sentia em seu coração o amor ardente á causa do Rosario. O Rosario foi e será sempre o refugio dos povos e ancora de salvação social.

Rosario de Maria—*eu te saudo!*

26—VII—903 OLYMPIUS.

2 — **Domingo** — Os Ss. Anjos da Guarda.

Os bens d'este mundo, como são corruptiveis, ainda que não haja quem os furte, elles mesmos se nos roubam; porque as roupas, por preciosas que sejam, come-as a polilha que nasce das mesmas roupas, e os metaes, ainda que sejam ouro e prata, roe-os a ferrugem que nasce dos mesmos metaes. Tudo o que nasce na terra, o sol ou a chuva o cria; mas o mesmo sol, se é demasiado o queima; e a mesma chuva, se é muito continuada o afoga; para que acabemos de nos desenganar da pouca firmeza, ou segurança, que pode haver nos bens que são da terra, pois as mesmas causas que os dão, os tiram, e as mesmas causas que os produzem, os matam.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

3 — Segunda-feira — Os Ss. Cosme e Damião, irmãos, Mm. — Trasladação do corpo de St.ª Clara, V. da 2.ª O.—S. Candido M.—S. Maximiano, B.

4 — Terça-feira — SOLEMNIDADE DE N. SERAPHICO PADRE S. FRANCISCO DE ASSIS, Fundador das Tres Ordens Franciscanas.—*Pela tarde, ao pôr do sol, hora em que S. Francisco voou d'este mundo á gloria, commemora-se o seu glorioso* TRANSITO. —*Ind. Plen. para os Irm. Terceiros.*

S. Francisco de Assis

ERA uma noite bella, essa que escondeu em suas sombras o destroço do asceta penitente de Assis.

A lua, que pouco a pouco se tinha elevado sobre os montes da Umbria, jorrava torrentes de doce e tranquilla claridade sobre a velha cidade que dormia um pesado somno no seu berço secular, embalado pelas brizas nocturnas que perpassaram vagarosamente por entre a ramagem das oliveiras que cobriam a encosta do monte.

Lá ao longe, levantava-se um gigante castello feudal. A luz escoava-se pallidamente das setteiras, descobrindo apenas um rochedo escarpado que servia de alicerce ao gigante colosso.

Lá dentro havia festa. Os cantos dos menestreis perdiam-se nas arcarias gothicas pouco a pouco semelhando cantico funereo; o patinhar da dansa enfraqueceu, as libações do Falerno tinham arrastado ao somno os habitantes do castello... Deixemol-os entregues a esse repouso de devassos...

E' meia-noite. Hora solemne em que se passam dramas mysteriosos sobre a terra, e em que as larvas do cemiterio veem pousar sobre o peito dos criminosos em horrendos pesadelos.

Tudo dorme?... Não.

Quem a essa hora solemne descesse por a encosta do monte

até ao fundo do valle descobriria uma pequenina capella, erma, sósinha, abandonada ao repouso tranquillo, que só era perturbado pelo voltejar continuo de borboletas nocturnas que em phantasti-

S. Francisco de Assis (Murrillo)

cas espiraes doudejavam em volta do *lampadarium* antigo, que allumiava a imagem da Virgem da Porciuncula.

E a capella dormia sósinha, erma!... Não.

Lá dentro ouvem-se gemidos d'um penitente, gemidos de

amor... Entrae de mansinho na ermida; não accordeis do seu extase amoroso ao asceta penitente. Que faz elle ahi a essas horas caladas da noite? Ora. Pede o pão do espirito, o amor, a cruz!...

Escutae as suas palavras: «Meu Deus e meu tudo»!... Não vedes como as lagrimas correm abundantes por sobre seu rosto emmagrecido pela fome voluntaria, pelas vigilias e penitencias?!...

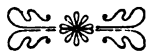
«Meu Deus e meu tudo», continua o asceta; e seu rosto começa a illuminar-se por um explendor celeste que nimbou na fronte d'uma aureola do céu!...

«Meu Deus e meu tudo», continua o penitente, e a luz era cada vez mais brilhante, e o coração palpitava com anciedade dentro do peito abrazado...

«Meu Deus e meu tudo» e n'um impeto de amor o penitente ergue-se das lages frias, e avança com rapidez para um grande crucifixo diante do qual estava ajoelhado. Abraça-se ao crucifixo, gritando «meu Deus e meu tudo», repousa a fronte sobre o peito ensanguentado de Jesus!... Mas, ó prodigio de amor! o braço direito do crucifixo desprega-se da cruz e aperta a fronte d'esse penitente contra seu coração!... e Francisco, eis o seu nome, dormiu toda a noite sobre o peito de Jesus!...

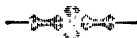
Quando raiou a manhã, um penitente, com um habito grosseiro, cingindo os rins com uma corda de esparto, atravessa as ruas de Assis, gritando «o Amor não é amado! o Amor não é amado!» As multidões cercaram a Francisco e diziam: está louco!... Estava louco, mas louco de amor de um Deus.

E desde esse dia Francisco de Assis foi todo amor para Jesus, até á consummação do Amôr no alto do Alverne em que o Christo do seculo XIII foi assignalado com os estigmas da Paixão do Redemptor.

P. ALBERTO TEIXEIRA.

5—Quarta-feira—O B. João da Penha, C., da 1.ª O.—S. Placido e Comp., Mm.

Bismark entendeu sempre que o esforço da vontade era sufficiente para se resolverem os conflictos da vida. Foi um dia á caça com um amigo seu, homem gordo e pezado, o qual cahiu no meio d'um atoleiro.

— Venha em meu auxilio, Bismark.
—Saia o senhor.
—Mas...
—Creio que o meu amigo nunca mais poderá safar-se d'ahi, e como me horrorisa vel-o morrer afogado, vou metter-lhe uma bala na cabeça, para lhe evitar tão prolongada agonia. E com a maior tranquillidade fez a pontaria.
—Amigo! gritou o outro assustado.—Se não quero morrer afogado, tambem não quero morrer d'um tiro.
—Pois saia promptamente, continuou Bismark com a arma na mesma posição.
E o pobre diabo taes esforçes empregou que se sacudiu do lodo.
—Já vê, concluiu o principe, que eu tinha razão. Muito pode quem quer.

6—Quinta-feira—St.ª Maria Francisca, V., da 3.ª O.—*Ind. Plen. da O.—Ind. plen. nas igrejas franciscanas—Ind. plen. para os Irm. Terceiros.*

O rico não é rico para si mesmo, mas para os pobres.

PADRE BOURDALOUE.

7—Sexta-feira—St.º Henrique, Imperador, C.—S. Marcos, Pp. C.

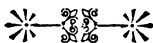
—Um abysmo chama outro abysmo.
—Nas lagrimas, ha um certo gozo; as lagrimas alliviam as penas.
—O fructo colhido depois de muitas difficuldades, é mais doce.

8—Sabbado—St.ª Brigida, Princeza, Viuva.—St.ª Pelagia, Penitente.

Timeu de Locres, philosopho antigo da Italia, e que morreu antes de Socrates, foi discipulo de Pithagoras, ou, pelo menos, como alguns querem, pertenceu á sua eschola. Escreveu uma obra intitulada *Tratado da natureza do mundo.*

Tem de notavel esta obra, entre outras coisas, o affirmar aquelle philosopho gentio a crença do peccado original. Elle mesmo lhe chama a *falta primitiva dos nossos primeiros paes.*

Certamente Timeu tirou esta crença da tradição universal, e talvez ainda da leitura da Escriptura Sagrada dos hebreus, que era bem conhecida dos philosophos pagãos.

E depois tambem notaremos que aquelle tratado de Timeu serviu de thema a uma obra de Platão.

9—● Domingo—(20.º depois do Pentecostes).—Maternidade de N. Senhora.—Os St.ºs Diniz e Comp. Mm.—Os St.ºs Andronico e Athanasio, Mm.—*Ind. plen. para o Rosario Vivo.—Lua nova ás 4 h. e 48 min. da manhã.*

AVE MARIA

Ave preclara Maria!
casto lyrio d'Israel!
Vos saudo n'este dia
como outr'ora Gabriel.

Cheia de graça, tão pura
como lympido crystal;
das mãos do Eterno feitura,
amais bella e genial.

Desde sempre, em sua graça
o Senhor Comtigo é,
nosso amparo na desgraça
Virgem Santa de Jessé.

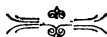
Entre as mulheres bemdita,
Tu és, Rainha dos Céus!
Pois d'ellas foste a dita.
Mãe dos homens, Mãe de Deus!

Mãe de Deus, bemdito fructo
do Teu ventre immaculado,
Jesus, d'um povo corrupto
o Martyr crucificado.

SANTA MARIA *das dôres!*
Nossa Mãe e Mãe de Deus!
roga por nós peccadores
a Teu Filho lá nos ceus:

O perdão no seu amor
que dos ceus nos venha agora,
esse perdão redemptor
da nossa morte na hora.

P. F. DA SILVA.

10—Segunda-feira—S. FRANCISCO DE BORJA, Padroeiro do Reino e Conquistas.—S. Luiz Beltrão, C.

Quando Mgr. Charbonnel foi preconizado Bispo por Pio IX, o Summo Pontifice offereceu-lhe como lembrança um calix ou uma pyxide á escolha. O novo Bispo que tinha grande necessidade de vasos sagrados para a sua Diocese escolheu primeiro a pyxide, depois fitando o Papa lhe disse: *Quid retribuam domino pro omnibus quae retribuit mihi? Caliceu salutaris accipiam...*—tomando assim os dois vasos sagrados. Pio IX riu-se da ingenhosa occorrencia, offerecendo-lh'os ambos da melhor vontade.

11—Terça-feira—S. Firmino, B.—*Nasce o sol ás 6 h. e 23 min. e põe-se ás 5 h. e 37.*

O mundo é mar, a ambição é sêde. Não me espanto que o ambicioso se não sacie com os bens do mundo; porque a agua salgada não apaga, antes accende as seccuras. Impossivel é apagar, bebendo, a sêde que nasce de beber; e satisfazer, possuindo, a cubiça que nasce de possuir.

PADRE M. BERNARDES.

12—Quarta-feira—S. Seraphim, Capuch.

A' ULTIMA HORA

(SEM TOM NEM SOM)

Ao meu amigo P. Seraphim Pedreira,
missionario africano, no seu dia onomastico.

Queria dar-te hoje uns versos,
mas versos p'ra um Seraphim
convinha viessem do céo,
e isso não é cá p'ra mim.

Inda que eu tivera um genio,
que offuscasse o de Camões,
e as musas viessem prodigas
inspirar minhas canções;

ou soubera colher flores
da poesia no jardim;
não soubera tecer c'rôa
que servisse a um Seraphim.

Alem de que, bem o sabes,
vou pessimo de saude,
e estas molestias prohibem
afinar o alaúde.

Mas, apesar de tudo isto
tomei-o p'ra o dedilhar:
dei-lhe, redei-lhe á c'ravelha,
não foi capaz de tocar.

Raspei-lhe as cordas com força,
como eu nunca fiz assim,
pois não quis, tinha vergonha
de cantar um Seraphim.

Mas inda que entre poetas
eu seja baixo fedelho,
ouso, como teu amigo
dar-te hoje em verso um conselho:

Olha: tens um nome lindo,
foste-o escolher ao ceo;
certo, que não ha na terra
nome bello como o teu.

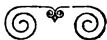
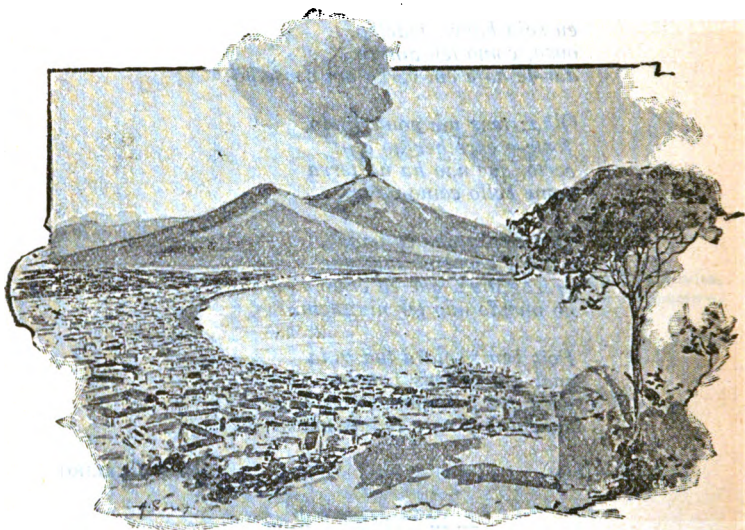
Dos Seraphins és irmão,
e dos Cherubins tambem,
prerogativa, que eu creio
no mundo não ter ninguem.

Pois bem: seja a tua vida
qual é a de teus irmãos,
para que possam na morte
darem-te p'ra o ceo as mãos.

(12—X—1899). P. B. RIBEIRO.

13—Quinta-feira—Os Sts. DANIEL E COMP., Mm. da 1.ª O.—*Ind. Plen. nas igrejas franciscanas—ind. plen. para os Irm. Terceiros.*

Quantas vezes as nossas acções não desmentem as nossas palavras?!...

14—Sexta-feira—S. Calisto, B., M.—S. Gaudencio, B. M.

NAPOLES

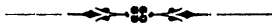
UMA LIÇÃO APROVEITAVEL

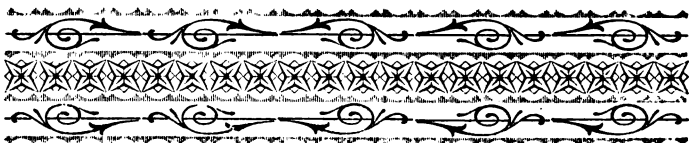
Para um litterato de bom senso e grande saber dizia uma senhora que queria figurar de philosopha e livre pensadora: A religião é boa, não póde negar-se; mas para que serve o culto exterior, para que servem as ceremonias da Egreja, o incenso, a cêra, as genuflexões, etc.? Se Deus é espirito não carece de coisas materiaes nem é mais venerado porque lhe queimam o incenso e cantam hymnos e louvores.

E seguia o seu discurso n'este teor.

O interlocutor, porém, da philosopha, enfadado com os disparates, quiz dar-lhe uma lição. Despiu o casaco, descalçou as botas, acendeu o cachimbo e encostou-se regaladamente na cadeira, com grande surpreza da livre pensadora, que, indignada, lhe disse: «O senhor está-me insultando, não tem educação! Como se atreve a portar-se tão grosseiramente com uma senhora respeitavel?»

—Desculpe, minha senhora, respondeu o litterato, tenho a maior consideração por V. Ex.ª, mas segundo as suas theorias, entendi desnecessario prestar-lhe culto exterior, bastava o respeito interior que lhe professo.
Imagine-se com que cara ficaria a philosopha.

15—Sabbado—Santa Theresa de Jesus, V., reformadora das Carmelitas. -*Ind. plen. para os Irmãos da Conceição.*

—Um padre rico e avarento, não sabendo onde guardar o seu dinheiro, escondeu-o em um logar da sachristia e escreveu em cima:
«Dominus est in ipso loco!»
(O Senhor está n'este logar).
O sachristão tirou d'ahi o thesouro, deixando a seguinte inscripção:
«Ressurrexit non est hic!»
(Ressuscitou, não está aqui)

16 - ☽ Domingo—(21.º depois do Pentecostes)—PUREZA DE N. SENHORA —S. Wenceslau, M.—S. Martiniano, M.—S. Gallo, Abb.—*Quarto crescente ás 5 h. e 18 min. da manhã.*

Saude dos enfermos

(TRADIÇÃO)

I

ão longe da antiga côrte do califado do occidente, n'um dos cumes da serra, ergue-se um pequeno santuario dedicado á Rainha dos Anjos, sob a invocação de Nossa Senhora da Saude. A devoção da gente d'aquelles contornos para com a veneranda Imagem, que existe na ermida, e a fama de seus milagres e mercês, trazem a seus pés grande numero de devotos que lhe levam suas offertas e dirigem para ella suas preces.

Nós tivemos occasião de visitar o pequeno santuario, e nunca se nos poderá varrer da imaginação as impressões que produziu em nossas almas.

Situado n'um logar agreste e selvagem, com sua modesta cruz de pedra e sua campainha engastada na parede, destacava-se pela côr escura de seus muros sobre a neve que cobria o campo, vendo-se brilhar, como a estrella polar ou como um pharol, que dirige o navegante ao desejado porto, a luz, que allumia a bemdita Imagem.

O aspecto que nos apresenta, traz-nos á memoria os cantos de Zorrilha e os contos de Antonio Trova, em que tantas paisagens semelhantes nos pintam com inspirada penna e em que se respira, por assim dizer, o ar das montanhas, e se gosa dos simples costumes do povo.

No interior da ermida é indiscriptivel o affecto que enche a alma.

Grande e magestosa é a vista dos nossos templos, grandes e magestosas são a nossos olhos as luxuosas egrejas e as magnificas cathedraes com seus pavimentos de marmore, suas elevadas torres, suas paredes revestidas de cortinados de damasco e sêda, seus doirados arcos a formar as capellas e os formosos altares de rica tapeceria adornados com lustres e grinaldas, onde apparecem as sagradas imagens de Jesus e Maria, revestidas com preciosos pannos de veludo e enriquecidas de esplendidas joias; o perfume do incenso, a harmoniosa e robusta voz do orgão que verte caudaes de notas, ora doces como a harpa d'uma virgem de Sian, ora tristes como os lamentos da Mãe do Nazareno junto da cruz de seu Filho, já, fortes e inspirados como os cantos de Débora, já, emfim, desmaiadas como o suspiro que exhala o justo, quando sóbe d'este mundo enganador ao eterno repouso. Dentro d'ellas nos sentimos cheios d'um santo recolhimento e parece que algo superior pesa sobre nosso espirito, não nos atrevendo a levantar os olhos para as sagradas imagens: a alma comprehende a grandeza do Creador.

Não menos imponentes, porém, são as pequenas ermidas com suas paredes nuas e branqueadas, seus singelos bancos de madeira e seu modesto altar adornado com um perfumado ramo de flôres campestres e uma lampada de azeite que allumia o Crucifixo e a imagem de Maria, modestamente servida e sem adornos.

Aqui a alma se approxima mais da divindade, o silencio dos campos e a simplicidade que nos rodeia fazem que nosso animo, affastando o temor, não hesite em chegar a seu Deus e que nossos olhares se fitem nas augustas imagens; aqui as pulsações do nosso coração são pulsações de amor, fé e esperança.

Na cathedral para estarmos vendo o Deus do Sinai, admiramos a grandeza e poder do Omnipotente; Maria é o altivo cedro do Libano, a poderosa Rainha e Senhora de tudo.

Na ermida contemplamos e adoramos aquelle Deus que veio ao mundo para dar sua vida pelo homem, que prégou sua doutrina, que consolou as mulheres, restituiu a saude aos enfermos, e acariciou as creanças; na Mãe Santissima, em taes capellinhas, frucro da devoção popular, a perfumada rosa de Jericó, a humilde violeta, o modesto lyrio e a mais sublime e perfeita incarnação da caridade.

Nosso coração dilata-se, nossa alma enobrece-se e eleva-se até ao throno em que se assenta a Trindade bemaventurada.

Com amor e confiança contemplamos a figura da celeste flôr, em que resplandece a poesia do Catholicismo, d'aquella que é aclamada continuamente por milhões de seres que imploram seus favores e a amam ternamente.

Na verdade: qual é a mulher, qual é a mãe, que, vendo correr perigo o objecto do seu amor, ou o filho de suas entranhas, não o encommenda á Virgem, em fervorosa supplica? Qual é o homem, que, tendo a dita de ser educado por uma mã christã, não sente nos dias tristes da vida desejos de elevar a Maria suas preces?

Qual o marinheiro que não roga á Mãe de Jesus, entre o sibilar do vento e o rugir das vagas, quando se desencadeia formidavel procela?

Qual o escriptor ou poeta christão que lhe não dedica uma de suas poesias ou de suas obras?

Qual o musico, que não lhe consagra um hymno sublime e arrebatador, em que louve e cante suas glorias e maravilhas?

Ella é o sol que illumina nossa esperança e o astro que com sua luz e calor vivifica a grande fabrica do universo.

Muitas imagens de Maria, que se veneram em nossos altares, são objecto de poeticas tradições, taes como *Loreto*, em Italia, *La Salete*, em França, *La Virgen de Almudena*, na capital da Hespanha e *Nossa Senhora de Nazareth*, em Portugal. A do santuario de que falamos tambem tem uma lenda de ternura que vamos referir aos nossos leitores.

II

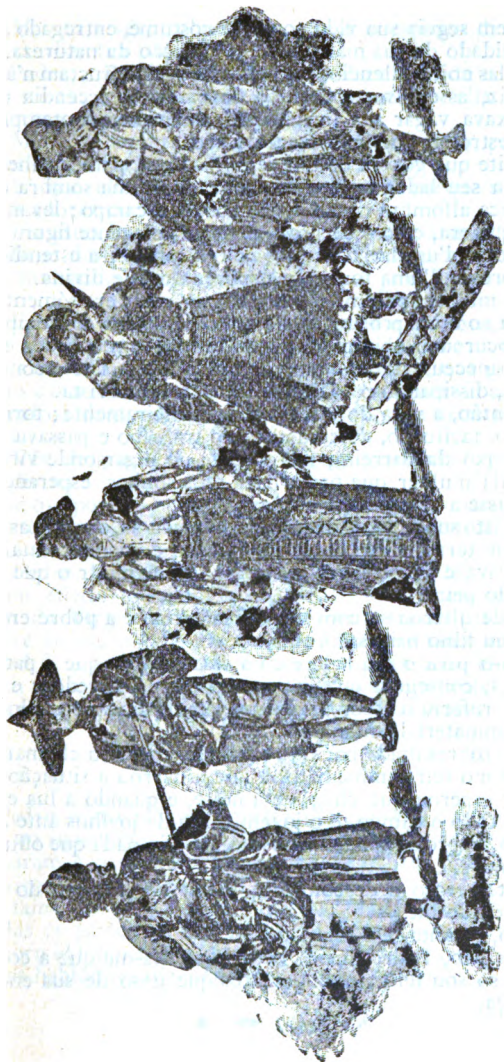
Pelo meado do seculo passado, havia no sitio que hoje occupa a ermida, uma pequenita habitação, a cuja entrada prestava sombra uma formosa parreira, que com suas verdes folhas quebrava a monotonia da agreste paisagem, dando-lhe uma nota agradavel e risonha.

Habitavam a casa uma anciã paralytica e um seu filho, jovem de vinte e cinco annos, juntamente com uma criada encarregada do cuidado da enferma e da limpeza da casinha.

A anciã adorava seu filho; todos os seus desejos se dirigiam a um mesmo fim; ella queria vêr feliz a seu filho; mandava-o assistir ás festas e romarias das proximidades e costumava dizer-lhe:

—Trabalhas muito, meu filho; nunca me déste o menor desgosto, e temo deixar-te só, quando saír d'este mundo; meu maior desejo, é que encontres uma companheira virtuosa que me substitua junto de ti.

—Não me afflija, minha mãe—respondia o jovem—só a minha mãe amo, e ninguem a póde substituir a meu lado.

PERSA — CHINEZ — HINDU — SAMOIEDE — ARABE

Typos de Populações Asiaticas

E o jovem seguia sua vida como de costume, entregado ao trabalho, ao cuidado de sua mãe e á contemplação da natureza.

N'aquellas noites silenciosas e bellas que se disfructam n'aquelle delicioso paiz, assentava-se debaixo da parreira, accendia um cigarro e deixava vagar sua imaginação, emquanto contemplava o campo e as estrellas que brilhavam no céo.

Uma noite que gosava de tão venturosa paz, pareceu-lhe ouvir um suspiro a seu lado; ergueu a cabeça e viu uma sombra escura sobre a branca alfombra de neve que cobria o campo; levantou-se para vêr o que era, e com surpreza divisou a elegante figura d'uma mulher envolta d'um largo manto, com a cabelleira estendida sobre os hombros e d'uma formosura sobrenatural e divina.

Aquella mulher, porém, não era um ser real; era sómente uma figura que a sombra projectava no solo. O jovem contemplava-a absorto; procurou o objecto que a produzia, sem o poder encontrar, e permaneceu extatico ante ella, até que a lua se escondeu, e a escuridade, dissipando os objectos, lh'a tirou da vista.

Desde então, a vida do jovem mudou inteiramente; tornou-se melancholico, taciturno, descuidou-se do trabalho e passava a vida sentado debaixo da parreira, fixa a vista no lugar onde vira a figura d'aquella mulher que perturbava seus sonhos, esperando que a lua a tornasse a representar na neve.

Quando isto succedia, o jovem approximava-se, cruzava as mãos, prostrado por terra, adorava-a com extasis; e quando a lua se escondia, chorava e desesperava-se, sem poder explicar o que lhe ia por dentro do peito.

Sua saude alterou-se com os soffrimentos, e a pobre enferma temeu que seu filho baixasse á tumba.

Chamou-o para o seu lado e com essa ternura que é patrimonio das mães, conseguiu que lhe confiasse seus segredos; e então o jovem lhe referiu o amor purissimo que devorava sua alma por aquelle ser immaterial, intangivel.

A anciã, sobresaltada por tal revelação, mandou chamar o velho Prior do mosteiro immediato, a quem narrou a situação.

O Prior esperou que chegasse a noite, e quando a lua encheu de claridade todo o campo, e o jovem cahiu de joelhos ante a adorada imagem, approximou-se ancioso e não viu nada que offuscasse a alvura da neve.

Então, temeroso e desconfiado, tocou no hombro do pobre mancebo, dizendo-lhe:

—Pedro, levanta-te e segue-me.

—Agora não, Padre, agora não. Permitta-me que a contemple, porque só sou feliz nos momentos que goso de sua encantadora presença.

— Mas não vês, pobresinho, que é o espirito das trevas que vem perturbar tua paz?

— Padre, não blasphemeis; tal belleza só póde residir em sêres celestiaes; uma adoração tão pura que por ella sinto, só se póde ter por alguma coisa divina.

— Mas essa sombra existe só na tua imaginação, porque eu estou aqui, e nada vejo.

— E' que ella só se deixa ver de mim, porque só eu sou capaz de a adorar como adoro.

— Tu estás louco, ou preso das redes de Satanaz!

— Deus das alturas — exclamou Pedro desesperado — fazei brilhar a immaculada mulher que adoro, e juro dedicar-vos minha vida!

— E como se Deus escutasse a supplica e acceitasse o juramento, um forte vento fez tremer as paredes da casa; a parreira cahiu ao sôpro do furacão e uma enorme pedra, que poisava sobre ella veio cahir no sitio em que Pedro via a figura da apparição.

Vendo-a desapparecer, o jovem dando um grito precipitou-se para ella.

— Vês, desgraçado — disse o monge assustado — provocas-te a colera divina!

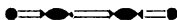
Ambos, porém, emmudeceram de surpreza, quando viram sahir, correndo agil e cheia de saude, á anciã paralytica, que gritava cheia de alegria:

— Pedro, Padre! Ali, ali está a Virgem! Vêde.

Com effeito, ao cahir a pedra deixára patente uma formosa imagem da Virgem da Saude, cujo rosto ferido pelos clarões da lua, apresentava na parede a figura ideal que tanto adorava o jovem Pedro, e este, sua mãe e o Prior, ajoelharam, entoando para a saudar as mesmas palavras que muitos seculos antes pronunciou o Anjo em Nazareth quando annunciava a Boa-Nova.

III

Pedro e sua mãe não quizeram ficar sem a sagrada imagem, venderam suas terras e com o producto d'ellas derribaram a casa e construiram a pequena ermida que hoje existe, vivendo dedicados ao serviço da excelsa Senhora.

A fama dos milagres da Virgem extendeu-se por todo o orbe. De todas as partes vinham romeiros prostar-se a seus pés e a pequena ermida é a tocha que mantem vivo o fogo da fé nos corações dos habitantes d'aquella privilegiada comarca.

17—Segunda-feira—St.ª Hedwiges, Viuva, Duqueza da Polonia.

As doenças do espirito são peores do que as do corpo. —A esperança é o sonho da pessoa acordada.

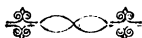
18—Terçafeira—S. Lucas, Evang.

—Ha occasiões, em que nada podemos dizer; ha outras, em que podemos dizer algumas coisas; não ha nenhuma, em que possamos dizer tudo.

19 — Quarta-feira — S. Pedro d'Alcantara—*Ind. Plen. nas igrejas franciscanas.* — *Ind. plen. para os Irm. Terceiros.*

O imperador Valente, ariano, prohibiu sob pena de morte aos catholicos de Edessa, onde elle se achava então, que praticassem em publico actos da sua religião; mas os catholicos, longe de obedecerem, continuaram as suas reuniões no logar costumado. Sendo informado d'isto, o imperador ordenou ao prefeito que fosse no dia seguinte ao logar da assemblea acompanhado dos soldados e que matasse todos os que encontrasse. O prefeito, que não era cruel, ao ouvir esta ordem estremeceu e mandou informar em segredo os catholicos da ordem que tinha recebido e que não podia deixar de executar. Este aviso, em logar de os atemorisar, fez com que na manhã seguinte apparecessem todos com grande alegria, por terem occasião favoravel de dar a vida por Jesus Christo. O prefeito, escoltado pelos soldados, poz-se a caminho e na estrada que conduzia ao logar da reunião encontrou uma joven que levava pela mão um menino.

—Onde ides com tanta pressa?—perguntou o prefeito.

—Vou para onde vão os outros christãos,—respondeu ella.
—Esperae, replicou o prefeito, não sabeis que o Imperador deu ordem para serem mortos todos os que se achassem na reunião?
—Bem sei, respondeu ella, e por isso mesmo me dirijo para lá com meu filho, o unico que Deus me deu, para ter a felicidade de morrer com elle pela fé de Jesus Christo.
O prefeito ao vêr tanta constancia, voltou para traz e chegando junto do Imperador, disse o que tinha feito á vista da resposta d'aquella joven.
Valente, confundido e não podendo deixar de admirar a coragem dos catholicos, ordenou-lhes que saissem d'aquella cidade, deixando assim em paz os discipulos do Salvador.

20—Quinta feira—S. João Cancio, C.—St.ª Iria, Portuguêsa, V. M.

Os avaros de louvores provam que são pobres de merecimentos.

PLUTARCHO.

A liberdade conquista-se, não se pede.

CASTELLAR.

21—Sexta-feira—St.ª Ursula e suas Comp., Vv. Mm.,—St.º Hilarião, Abb.—*Nasce o sol ás 6 h. e 25 min. e põe-se ás 5 h. e 25.*

A familia é o sanctuario, a familia é a officina, a familia é o paraiso.

LEÃO XII.

22—Sabbado—O B. Ladislau de Gielniow., C., da 1.ª O.—Dedicação da Real Basilica de Mafra—St.ª Maria Salomé.

HORACIO VERNETE

TEMPESTADE

Longe, no verde-cérulo
das aguas palpitantes,
lobrigou por instantes
rubea aurora a assomar.
«Scena d'um dia, ephemera!
Eis lá se esvae,—murmura,—
e envolta em nuvem 'scura
se afunde no alto mar.»

Fugindo os raios ultimos,
nas franjas prateadas
as tintas iriadas
se viram desbotar;
d'um seio no latibulo
em commoção occulta
a esp'rança ahi sepulta
tambem foi desmaiar.

E receioso e timido
aperta o nauta o leme,
olhando o ceo, que freme
lá do horisonte alem;
presága, a noite lúbrica,
lutando com o dia,
o chaos annuncia,
que prestes sobrevem.

«E' só o barco!...»
Trémula,
no fanal já latente
refrange a luz somente;
não a enxerga ninguem.
E no farilhão turbido
os echos da tormenta,
que verbéra violenta,
perpassam n'um vaivem.

«E' só o barco!...»
—dissera, rouco, o nauta,—
e perigam-se as vidas!
do mar as nossas lidas
o ceo verá somente e o fundo abysmo!»
Como em negro sendal,
que estende o vendaval,
subito se encobrira a nau pejante;
e já no ethereo espaço
recusando igneo traço,
por longe, os ceos de bronze incendiava;
e visinho, defronte,
rolava no horisonte
o carro do trovão; após, das vagas
pendêra a nave solta
na procella revolta.

Sobre as gáveas, ao sôpro do aquilão,
que lá, rispido brama,
a turba se une, clama.
E sereno a mirava com desdem
obscuro navegante;
no pallido semblante
e nos turbados olhos se revela
do seio o ignoto arcano;
'spirito sobrehumano,
o genio da procella o arrebatára,
«Vem,—diz,—desce, marujo,
basta, cesse o roteiro;
eis, guinda-me ás antennas, ao sublime,
eu do mastro real
voarei ao ideal!»

E firme, resoluto, após instantes,
como senhor do mar,
por sobre aquelle azar,
que envolve a natureza n'um mysterio,
myxto de sentimento,
o genio, o pensamento
remonta ao infinito, como a aguia,
que de alta região
desdenha o furacão.

Mas logo chora o artista! A bella scena
não sabe retratar!

Sublime a natureza! acima da arte
se vira triumphar.

(Roma—1901). P. Freitas.

23—Domingo—(22.º depois do Pentecostes).—S. João de Capistrano, C., da 1.ª O.—S. Romão, B.—S. João Bom.—*Ind. Plen. nas igrejas franciscanas.*

CAMARA DE LOBOS

Depois de ter deitado ferro n'uma extensa e bella bahia, de ter explorado uma clareira povoada de funcho entre denso arvoredo, de ter lançado a primeira pedra nos alicerces d'uma florescente cidade, reentrou Zarco no seu fragil barco, tomou o rumo oeste seguindo a costa, e, com vento fresco pela pôpa, chega em 30 minutos á ponta mais meridional da ilha da Madeira. Era em julho de 1419. Collocada uma tos a cruz n'aquelle rochedo, que ficaria para sempre a *Ponta da Cruz*, prosegue a sua derrota em direcção a uma enseada que já avista a algumas milhas de distancia.

Verificando que era seguro ancoradouro, com muita facilidade saltou em terra toda a marinhagem e começaram a procurar com afan qualquer vestigio de seres viventes.

O silencio da morte reinava em toda a parte. Apenas se ouvia o surdo ruido das ondas que, umas atrás as outras, se erperguiçavam sobre os roliços e pequenos basaltos da praia, o ramalhar monotono do arvoredo levemente agitado pela bisa, o echo que repetiam as colinas admiradas ao ouvir pela vez primeiras vozes humanas... Cançados recolhiam já a bordo os companheiros de Zarco quando junto ao mar descobrem uma caverna com claros signaes de ser frequentada.

A' mingua de melhor intrepretação concluem os bravos argo-

Camara de Lobos (Ilha da Madeira)

nautas ser alli o local onde vinham retouçar os lobos marinhos que abundavam n'aquelles mares... Ficou pois baptisado o sitio:—Camara de Lobos—...

Os colonos, desde os primeiros tempos, souberam aproveitar-se d'aquelle torrão feracissimo e fizeram de Camara de Lobos centro de producção saccharina e a principal adega da Madeira.

E em tanta estima teve o descobridor e donatario a nova povoação, que adoptou para si e seus descendentes o appelido de Camara que ainda hoje juntam ao de Zarco as nobres Casas Ribeira e Castello Melhor.

Camara de Lobos é uma parochia de 6:200 habitantes.

E' cabeça d'um concelho de quinze mil almas n'uma área de 6:800 hectares. Está para o Funchal quasi como Cascaes para Lisboa pela pequena distancia que as separa, pelas faceis e regulares communicações por terra e mar, e ainda mais porque lhe pode abastecer o mercado. Não tendo homens de grande representação

social, tem muitos homens de bem, porque é de todas as terras da Madeira a mais religiosa.

Tirado um pequeno e rasoavel caes de desembarque, nada ha alli que não seja de iniciativa local.

Teve um convento franciscano desde 1450 a 1834 onde entre muitos padres de virtude floresceu em santidade o leigo Fr. Pedro da Guarda, conhecido ainda hoje pelo Santo Servo de Deus. São-lhe attribuidos muitos prodigios e de toda a ilha vão devotos a Camara de Lobos pedir graças ou agradecer beneficios recebidos pela intercessão d'este veneravel.

Que elle seja junto de Deus e santo tutelar d'aquelle bom povo!

P. M.

24—☺ **Segunda-feira**—St.º Eduardo, Rei da Inglaterra.—S. Fortunato, M.—*Lua cheia ás 11 h. e 19 min. da manhã.*

A coisa mais duvidosa
E' o «pudor da vaidosa.»

Quem ultrajar o contendor
Não tem honra, nem valor.

Se queres sorrisos lhanos,
Desposa a graça aos doze annos.

«Antes cazar, que abrazar»,
Diz um grande luminar.

«Quem quer, vae; quem não quer, manda;
Porque a mensagem desmanda.»

ALVES DE ALMEIDA.

25—**Terça-feira**—S. Francisco Calderola.—1.ª O. S. Crespim e Crispiniano, Mm.

AS ANDORINHAS

Não causeis damno ás andorinhas. E' este um preceito universal. As andorinhas o sabem, e vôam sobre nossas cabeças; passam sem ruido ao alcance de nossa mão; fazem seus ninhos sobre nossos telhados ou entre as vigas de nossos caramanchões; são as nossas melhores amigas.

No fundo de tudo isto ha, além de um pouco de egoismo, uma tradição popular.

As andorinhas são-nos uteis, pois diariamente destroem milhares de insectos, e são objecto de culto, pela seguinte lenda popular:

—Dizem que a andorinha, estando Jesus cravado na Cruz redemptora, quiz quebrar com seu bico os durissimos cravos que prendiam as mãos e os pés do Redemptor do mundo.

Conta a tradicção, que passado pouco tempo depois que fôra levantada ao alto a Cruz de que pendia o divino corpo de Jesus Christo, e quando só restavam ao pé do sagrado madeiro a Virgem Santissima, a mãe de Cleóphas e Maria Magdalena, viu-se vir em direcção ao Calvario uma nuvem de andorinhas, que começou a voar em torno do lenho sagrado, sem atrever-se a acercar-se do Senhor, que estava agonisante. Mas, pouco durou a indecisão das avesinhas. O bando dividiu-se em quatro partes, e uma atraz da outra todas poisaram sobre a cruz, e começaram a picar nos cravos que seguravam os pés e mãos do Senhor, e na corôa de espinhos, que, por escarneo, lhe puzeram os verdugos.

E era digno de vêr-se o ardor febril e verdadeiramente louco com que as ternas avezinhas intentaram tirar os pungentes ferros e arrancar os agudos espinhos que feriam os pés, as mãos, e a fronte do Filho de Deus, que n'aquelle momento redimia a humanidade de todas as suas culpas e peccados.

As andorinhas não cessavam; cançada uma, outra occupava immediatamente o seu logar. Trabalho, porém, inutil! Nada podiam conseguir com todos os seus esforços!

Só uma andorinha tinha permanecido quieta e affastada das demais, sem tomar parte no arduo e improbo trabalho de suas companheiras. O Senhor notou-a, e com voz dulcissima lhe disse:

—Porque não te chegas a mim? Não me julgas, accaso, digno de ser soccorridô?

—Não digaes isso, Senhor! —respondeu com tristeza e tom lastimoso a avezinha. — Vêde, Senhor, que estou cega! Um homem deshumano logrou colher-me e me tirou os olhos. Graças á cari-

dade de minhas companheiras posso viver, e ellas me guiaram para este monte onde Vos achaes.

—Quanto dera eu, Senhor—juntou com voz debil—por poder vêr-vos!

—Não necessitas d'isso—respondeu Jesus—basta que creias em mim.

—Tendes razão—disse a andorinha—os olhos do corpo de nada valem se os da alma estão fechados. Olhos tinham vossos juizes, e vos condemnaram, sem vêrem vossa omnipotencia, vossa alteza, e vossa suprema bondade.

N'este momento o bando tornou a acommetter com novo brio o trabalho de descravar o corpo do Redemptor. Porém este lhe disse:

—Cessae com vosso desejo: o que está escripto, cumprir-se-ha. Deixae que o Filho do Homem morra na Cruz como o mais infame dos malvados.

—Bem, Senhor—disse a andorinha cega—cumpra-se a vossa vontade; porém, dae-nos ao menos uma prova de vossa inexgotavel bondade.

—Tomae, disse o Senhor.

E inclinando a cabeça, deixou cahir sobre as avezinhas algumas gotas de sangue, do que corria por sua purissima fronte, sangue que lhes salpicou a plumagem, e ellas, tomadas de maior alegria, começaram a piar, dando graças ao Todo-Poderoso.

Duas gottas d'aquelle sangue redemptor do Crucificado cahiram sobre as orbitas da avesinha céga, que logo recobrou a vista perdida.

Essa mancha em vossa plumagem—juntou o Senhor—será desde hoje vossa salvaguarda. A morada do homem será desde hoje em diante vossa morada, e todos vos respeitarão, pois é esta a minha vontade.

E desde então trazem as andorinhas na cabeça e no peito umas manchas encarnadas, e todo o mundo, jovens e anciãos, as respeitam, querem e veneram.

Podem ellas ter melhor defeza?

26—Quarta-feira—S. Lino, Pp. M.—St.º Evaristo, Pp. M.—S. Luciano e Comp. Mm.

LEI INGLEZA

A maior parte das nossas leitoras sabem já que as leis inglezas não são codificadas. D'ahi se segue que os magistrados, podem quando lhes appetecer, folhear nos archivos judiciarios para ahi desencantar uma porção de leis postas de parte, cahidas em desuso.

A proposito de uma d'estas applicações feitas muito recentemente por um magistrado de uma «countrycourt» a «Schoolmistress» acaba de exhumar um curioso «act of parliament» promulgado em 1670, no reinado de Carlos III. Esta lei diz:

«Todas as mulheres, seja qual fôr a sua edade, posição, profissão ou classe social, sejam virgens, casadas ou viuvas, que imposerem ou induzirem a casamento subditos do sexo masculino de sua magestade, por emprego de essencia, caracterisação, cosmeticos, dentes artificiaes, cabellos postiços, espartilhos achumaçados, sapatos de saltos altos, incorrerão na penalidade das leis em vigor contra os bruxos e bruxas e o seu casamento será declarado nullo.»

Esta lei não tendo sido revogada, expõe todas as filhas de Jonh Bull a serem condemnadas ámanhã como bruxas e a vêrem dissolver o seu casamento.

27—Quinta-feira—S. Bruno, C.—Os Martyres de Evora.—St.° Estevão, Imp. da Ethiopia.

E' tão facil conhecer o inimigo do pobre quanto é difficil conhecer o verdadeiro amigo do rico.

Perde-se mais em adular o rico do que em dispender com os pobres.

28—Sexta-feira—S. Simão e S. Judas Thadeu, Ap.

PHRASES POPULARES

Andar a raposa aos grilos.—Lançar-se mão de pequenos recursos e proveitos á mingua de outros maiores.

Andar com a barriga chegada ás costas.—Cheio de fome.

Andar para traz como o caranguejo.—Correrem os negocios mal, e de mal a peior.

Andar na desanda.—O mesmo.

Andar n'uma roda viva.—Diligente; açodado.

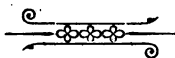
Agarrar com ambas as mãos.—Segurar uma cousa.

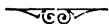
Arder em pouco fogo.—Atrapalhar-se; atarantar-se com pequena cousa.

Azedo como rabo de gato.—Cousa muito amarga.

Ainda lhe não nasceu o dente do siso.—Applica-se a pessoa pouco ajuizada apesar de ter idade para o ser.

Aos pares como os frades.—Diz-se de duas pessoas que andam sempre juntas.

29 — Sabbado—A B. Paula de Mantua, V., da 2.ª O.—Trasladação de Santa Isabel, Rainha de Portugal, Viuva, da 3.ª O.—S. Feliciano, M.—St.ª Eusebia, V. M.

O general Flabert, governador da praça de Sedan extranhou certa occasião que o não saudava um sacerdote seu conhecido ao passar por elle; mas não tardou em saber que aquelle sacerdote levava o Viatico a um enfermo occultamente para evitar os insultos dos calvinistas que eram mui numerosos n'aquella cidade. Approximando-se então do ministro do Senhor com a cabeça descoberta lhe disse: — Rev. Padre, podereis esperar ao menos meia hora? — E ante uma resposta affirmativa, ajuntou:—Tende a bondade de entrar na egreja de S. Lourenço.—E depois de o acompanhar ao templo, mandou formar a guarnição para acompanhar o SS. da egreja a casa do enfermo, levando elle mesmo uma tocha na mão que tambem sabia manejar a espada.

30—Domingo—(23.º depois do Pentecostes)—O B. Theophilo de Curte, C., da 1.ª O.—S. Quintino, M.

MAXIMAS D'UM REI MAHOMETANO

O reino do Decan, na India, foi até ao anno de 1312 da nossa era, habitado por gentios sujeitos aos reis do Canadá, passando em seguida para o dominio d'um rei do Dely que lá estabeleceu uma dymnastia que durou até ao periodo das nossas conquistas na Asia. Um dos reis mais notaveis do Decan foi Soltão Piros, que fundou uma cidade a que deu o nome de Xar Bedar, que quer dizer cidade sem medo, no sitio onde, andando á caça, uma lebre resistiu a um cão que a perseguia.

São d'este rei philosopho e moralista as maximas seguintes, que Diogo do Couto, na Asia, diz que devem envergonhar os reis christãos:

«Com os grandes ser temeroso,
Com os pequenos amoroso.
Os pequenos me dão do seu.
O grande sempre quer muito,
O pequeno folga com pouco.
Os peixes, que andam no mar,
Os homens que andam na terra,
Aos pequenos fazem guerra.
Aos pequenos se ha-de ter amor,
Que aos grandes não falta favor».

No tempo de Diogo do Couto, ainda andava na tradição o nome d'este rei moralista com o nome de pai dos pobres e o celebre historiador affirma que, ao tempo em que escreveu as suas Decadas, ainda se podiam vêr estas maximas gravadas na porta de seus templos.

31—☾ Segunda-feira—*(jejum com abstinencia rigorosa).*—O B. Thomaz de Florença, C. da 1.ª O.—S. Quintino, M.—*Quarto minguante ás 10 h. e 48 min. da tarde.*

UM PADRE IGNORANTÃO

Ao anoitecer d'um lindo dia de verão, passeavam juntos por um dos jardins publicos de Roma dois casquilhos e alegres estudantes, levesinhos de cabeça e com uma lingua de alto lá com ella!...

Depois de haverem vagueado ao acaso e aventura, como se diz, por varias alamedas, pegou cada um no seu charuto e foram sentar-se a fumar junto d'um sacerdote que descansado sobre um banco rustico, resava com toda a attenção o officio divino.

O sacerdote era já adiantado em idade; a batina indicava que mais de dois tinha ella de existencia e os sapatos bastante velhos estavam resolvidos a deixar fugir os dedos em breve se uma tomba não os resguardasse. Isto não era propriamente falta de asseio n'aquelle sacerdote, era mais uma especie de descuido negligente, muito proprio a quem pensa mais nas coisas do espirito do que nas que nos prendem a esta miseravel materia.

Os nossos jovens casquilhos, pensaram logo que tinham ao seu lado algum pobre parocho da aldeia, falto de instrucção e de intelligencia, e decidiram passar um pouco de tempo divertindo-se á custa do pobre sacerdote.

Começava então o ceu a adornar-se com as primeiras estrellas da noite, as quaes refulgiam com uma luz encantadora lá no fundo azulado do firmamento.

Um dos jovens dirigindo-se ao padre:

—Ha! que parece a vossa Reverencia, este espectaculo que se desenha sobre nossas cabeças?

—Admiravel, magnifico, contestou o padre, magnifico como todas as obras de Deus. *Cœli enarrante gloriam Dei.*

—Oh! e se V. R. soubera o que são as estrellas... então é que ficaria assombrado deveras!...

—Certamente, contestou com profunda humildade o sacerdote, quanto mais nos profundamos no conhecimento das coisas, mais e mais admiramos a eterna sabedoria de Deus.

—Pois, sim senhor, disse o outro caloiro;... a sciencia moderna tem feito muitas descobertas... e esteja V. Ex.ª descansado, que hoje não comemos as tolices que nos impingiam os padres ignorantões e os jesuitas... porque o mundo marcha, como disse Pelletan, e passou já da moda a theocracia e o obscurantismo.

—Pois olhem, meus caros jovens, eu até hoje acreditei que a Igreja protegera sempre as sciencias, e na classe a que indignamente pertenço parece-me haver sabios de todas as classes e condições;

porem se V. Ex.as dizem o contrario é porque o conhecem muito bem... Ora vamos a ver.—contem-me, contem-me o que diz a sciencia moderna a respeito d'essas maravilhas celestes que nos assombram.

—Em primeiro lugar, diz que tudo isso que vemos não foi creado do nada por Deus, como dizem os ignorantões dos padres, mas que tudo isto foi produzido por uma constante evolução de materia eterna...

—Muito bem, muito bem, replicou o sacerdote: até agora acreditavamos que nada pode criar-se a si mesmo, e que o corruptivel e composto não pode ser eterno, porem V. Ex.as que são tão sabios, dizem o contrario... E que mais?

—E que esses astros não são estrellas de oxaláta cravadas no ceu, mas mundos como o nosso, e com tudo como o nosso n'uma palavra.

—Anda, burro! E eu acreditava que eram umas estrellitas de prata cravadas n'uma abobada de crystal azul... Oh! mas quanto se aprende fallando com estes sabios!

—Continue, continue meu sabio joven.

O mais audaz dos dois *estudantilhos*, chegou-se ao ouvido do companheiro e disse-lhe a meia voz:

—Parece-me que este jesuita está a fazer escarneo de nós! Porem vais ver como lhe dirijo uma piada de embatucar.

—Pois, sim senhor, disse o estudantelho audaz, vocês os catholicos, como não estudam senão esses latins que para nada servem, não sabem uma palavra de sciencias positivas que são as unicas sciencias, e até ignoram o *intermedio de hypoteuma com a parabola do pericardio.*

—Estou assombrado de o ouvir, e comprehendo que nós os amigos do latim nada sabemos d'isso que V. Ex.a diz.

N'este ponto começaram a tocar os sinos d'uma egreja chamando os crentes á oração.

O sacerdote poz-se em pé, rezou o *Angelus Domini* e depois dirigindo-se áquelles emeliantes, disse:

—Sinto muito que seja tarde já, e que por essa circumstancia não tenha o prazer de os continuar a ouvir a dissertar sobre o hypoteuma e sobre o pericardio.

Porem qualquer dia nos tornaremos a ver, e V. Ex.as continuarão a illustrar-me com as prelecções sobre a sciencia moderna.

Por isso fiquem com Deus, e disponham d'este pobre sacerdote.

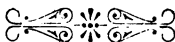
Se em alguma coisa lhe posso ser prestavel... eu me chamo Angelo Secchi, sou jesuita, e na minha casa é a casa dos senhores.

Aquelle pobre padre, era com effeito o P. Secchi, o grande

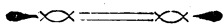
astronomo cujas descobertas e estudos causaram e causam a admiração de todo o mundo.

Os dois estudantilhos, ficaram estupefactos e boqueabertos, querendo n'aquelle momento que a terra se abrisse para os tragar; mortos de vergonha balbuciaram uma louca desculpa, apressando-se a fugir d'aquelle lugar temendo que o P. Secchi se risse á sua custa.

(Do hespanhol).

Braga.—24—10—902. P. ALBERTO TEIXEIRA.

Novembro

30 Dias

No crescente deita mergulhias, alporcões e planta alhos, castanheiros e carvalhos; semeia trigo serodio e ervilhas; planta arvores de bacêlo e roseiras, e acaba de plantar as raizes bulbosas. No minguante faz salmoeiras e limpa ou corta madeiras.

1 — Terça-feira — Festa de Todos os Santos. — — *N'este dia nasce o sol ás 6 h. e 45 m., e põe-se ás 5 h. e 13 m.* — *Ind. plen. para os irmãos da Conceição, do Rosario e do Rosario Vivo.* — *Os fieis que fizerem o mez das almas ganham cada dia sete annos e sete quarentenas e uma plenaria em qualquer dia do mez á escolha de cada um.*

A Peccadora

(A J. RIBEIRO BRAGA)

UNTO ao mar de Tiberiades—tantas vezes celebrado no Evangelho com os prodigios de Jesus, havia um formoso castello, resguardado por altivas torres, circumdado de jardins extensos, luxuriantes, onde as palmeiras e os terebintos abriam seus frondosos ramos formando deliciosos caramancheis.

Os magnificentes salões do sumptuoso palacio, artezoados de caprichosos labores, rescendendo aromas exquisitos eram abertos frequentemente á juvenil sociedade elegante que vinha disputar os olhares e os sorrisos da liberal dona d'aquelle eden encantado, que era moça e rica, gentil e formosa.

A esbelta castellã recebia os seus enamorados hospedes com luxo variado e surprehendente: trajava os melhores enfeites que eram o primor industrial da Phenicia; perfumava-se com as essencias mais caras do oriente e mandava servir aos seus admiradores lautos banquetes onde appareciam os mais deliciosos vinhos de Ephraïm e de Eugaddi. (1)

Quando as ultimas claridades do dia vagamente lampejavam, em dubios tons, ao longe, nas copas frondentes dos cedros do Li-

---

(1) Ephraïm:—ao sul da planicie de Jesraël, a intervallo medio do Jordão e do Mediterraneo.

Eugaddi:—sobre o Asphaltite, ao occidente: montes de uberrimo solo, productores de famosos vinhos.

bano, a senhora do Castello, donairosa e triumphante, acompanhada de creadas e convivas ebrios do encanto da sua belleza, descia ao jardim a gozar, entre delirantes ovações, a emanação balsamica das flôres que a briza da tarde baloiçava nos canteiros.

E, quando a noite estendia o triste véo de pesada sombra na amplidão, a folgazã comitiva subia ao palacio onde os mais preciosos crystaes brilhavam phantasticamente ao reflexo da luz dos candelabros.

E então a festa era mais viva com o enthusiasmo da dansa, com o doido phrenesi em que as harmonias da musica e da poesia embriagavam a assembleia.

No fim, quando os convivas, encantados, desciam as escadas do castello, soberbamente engalanadas, a jovem castellã adormecia e sonhava com novas diversões com que havia de surprehender os seus apaixonados.

Ao outro dia, como a sua paixão dominante era a de bem parecer, fazia-se acompanhar dos seus domesticos, enfeitada no requinte do luxo, ostentando o collo adornado de perolas, coberta de perfumes e passeava pela Galiléa despertando attenções, emocionando os corações frivolos e famintos de commoções mundanas, e deixando na sua passagem, por toda a parte, um surdo rumor, que em breve tempo resultou aberta murmuração de escandalo.

Porém, uma noite, quando no castello de Magdalo terminou o festim, se apagaram as luzes e fecharam as portas, a altas horas de silencio e de paz, quando apenas se ouvia o brando suspirar das aguas do mar de Genezareth e a leve agitação das frondosas palmeiras, á luz branca do luar d'aquella noite formosa distinguia-se, recostado ao peitoril d'uma janella, um vulto airoso de mulher gentil, esparsas pelos hombros as cômas loiras a que a luz da lua dava um aspecto magico e deslumbrante. Os seus olhos scintillantes, n'um scismador enleio, perdiam-se na amplidão, sem fixar um ponto certo. O pensamento d'aquella solitaria da noite vagueava longe d'alli, bem longe, dorido de saudades talvez... ou nem seria a coisas do mundo que ella se prendia então.

E esteve horas e horas, n'aquelle scismar dolente, embebecida em mysterios, a linda mulher de cômas loiras esparsas como fios de seda e oiro; e, ao erguer-se d'alli, d'aquella prostração contemplativa, soltou um suspiro maguado, profundo, e de certo chorou, porque o pranto, como disse alguem, é a respiração da alma abafada pela dôr.

Essa mulher formosa, que, áquella hora socegada da noite, devera repoisar da alegria folgasã da mocidade, embalada em sonhos de esperanças de ventura, alheia a maguas e a tristezas; aquella mulher melancholica e triste que procurou o silencio da noite para se embrenhar em largas meditações profundas é a volu-

vel Magdalena, a elegante dona do palacio, a rainha das festas, a invejavel soberana dos salões que subjuga a todos, com seus admánes senhoris, realçada a natural formosura pelos adereços brilhantes de joias caras e preciosas.

E' que ao final dos esplendidos festins em que ella dominava pela seducção, rodeada de pompas, cheia de gallas, sorridente, encantadora, triumphante, o seu coração acordava do lethargo do prazer sensorio e a triste Magdalena reconhecia que dentro de si havia alguma coisa mysteriosa á qual não satisfazia o ruido das festas nem o luxo das gallas—os prazeres e as vaidades do mundo.

A sua esbrazeada imaginação de oriental já tinha esgotado a inventiva dos mais exquisitos adornos, dos mais invejaveis confortos, das mais variadas e caprichosas ostentações.

Pois bebendo soffregamente a aurea taça das mais requintadas delicias sentia-se cada vez mais sequiosa. Era como Tantalo: rodeada de amor e prazer e não podendo nunca saciar-se de amor e sentindo sempre, cada vez mais forte, o proprio prazer a cavar-lhe o abysmo do coração.

E' que a nossa alma tem sede do infinito e só o infinito lh'a póde apagar.

E a Magdalena, em silencioso retiro nocturno, ao vão d'uma janella do seu palacio,—theatro de dissipações e objecto de escandalos, sósinha concentrada na consideração da sua vida de mundanalidades, meditava no que ouvira contar, na ultima tarde, acerca d'um jovem Nazaréno que andava pelos arredores, seguido de grande turba de homens descalços, de mulheres e creanças, prégando uma doutrina carinhosa a que humanos ouvidos não andavam affeitos.

De temperamento vivo e impressivel, Maria Magdalena só esperou que os primeiros clarões da aurora surgissem no horisonte para sahir do castello e procurar a Jesus, afim de lhe ouvir a doce moral cuja fama corria por toda a Galiléa.

Foi a conversão da Peccadora.

P.e Silva Gonçalves.

2 — Quarta-feira — Commemoração dos Fieis Defuntos.—S. Victorino, M.—*Ind. Plen. para os irmãos da Conceição e do Rosario Vivo.—A primeira missa de hoje é privilegiada.*

CEMITERIO DE FREGIM (AMARANTE)

"REQUIESCANT IN PACE"

Que em paz descance, quem a negra sorte
Lançou nas trevas d'um eterno olvido,
Quem perdeu tudo—a grandeza, as glorias,
D'algida lousa com o vão 'stampido.

Que em paz descance, quem ousou outr'ora
Com fragil lenho, valor mais que humano,
Cruzar os mares, conquistando glorias,
Domando as furias d'esse vasto oceano.

Descance em paz, o que morreu cantando,
De Portugal, e victorias;
Descance em paz, e a mudez da campa
Tribute ás cinzas as devidas glorias.

Paz e repouso aos que soffreram tanto!...
Havendo sempre as armas por mortalha:
Descanço eterno a quem morreu pugnando
Pela patria nos campos da batalha.

Descance agora quem no frio tumulo,
Sob essas folhas, que soltou o outomno,
Já longe e livre dos vaivens da sorte,
Repousa e dorme seu eterno somno.

Que o nauta ousado, que morreu nas aguas
E em ondas tristes, solitario jaz,
Descance agora, já de tantas maguas,
Repouse e durma n'uma eterna paz.

E a mãe saudosa que adorou seus filhos
E jaz agora solitaria e só,
Descance e durma n'uma paz tranquilla
Lá n'essa campa de gelado pó...

Fr. Casimiro R.

3—Quinta-feira—S. Malaquias, B. Primaz da Irlanda.

Para o pobre que soffre em doloroso abandono, não ha esmola mais suave, que uma phrase de consolação, proferida por um verdadeiro amigo.

Fluminense.

4—Sexta-feira—S. Carlos Burromeu, Arceb. Cardeal.

O amor não é o prazer, não é o egoismo do gozo, não é a illusão d'uma paixão brutal.

Quem ama dá-se antes de tudo: o ultimo termo do amor é o sacrificio.

—A doçura é uma força conquistadora.

Henrique Perreyve.

5—Sabbado—O B. Raynerio, C., da 1.ª O.—A. B. Helena, V., da 2.ª Ordem.—S. Zacharias e St.ª Isabel, paes de S. João Baptista.

—Olá! quantos são hoje?
—Conte pelos dedos.

6—Domingo—24.º depois do Pentecostes).—A B. Feliz Meda, V., da 2.ª O.—S. Severo, B. M.—S. Leonardo.

MÃE

(MADONNA DE RAPHAEL)

Já vi o amor, como em pérolas
cair de olhos crystallinos;
astros cadentes.. divinos...
par'ciam... a vir do ceo.
Já vi a dor, como em gúttulas
de myrrha verter o pranto;
rocio era, amaro... tanto,...
qual nunca erguera o escarceu.

. . . .

Quando meigo o somno placido
adejava sobre o infante,
cessa o mavioso descante,
já se não ouve embalar.
Junto do berço, entre jubilos
era a mãe... e n'este enlace,
eis, lhe oscúla a eburnea face,
e de amor fica a chorar!

Já vi o amor, como em pérolas
cair de olhos chrystallinos;
astros cadentes... divinos....
eram estes, a raiar.

*

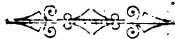
Quando, tarde, sobre um féretro
viu pairar sombras de morte,
geme! E ao ver do filho a sorte,
cae na tumba a soluçar!
Como a violeta do cómoro
sobre a campa está pendida,
sobre o filho a mãe dorida,
com a dôr jaz a penar!

Já vi a dôr, como em gútullas
de myrrha, verter o pranto;
rocio era, amaro... tanto...
qual só ergueria este azar.

*
* *

Mãe do Ceo! oh! assim lagrimas
outra mãe não choraria;
eras tu!... doce agonia,
ai! calava a tua voz.
Perto do berço, do tumulo.
o amor, *a* dôr *te ferira,*
e em Jesus pranto caira;
—Mãe! chora tambem por nós!—

(Roma—IX—1901. P. Freitas.

7 — ● Segunda-feira — O B. Bernardino de Fossa, C., da 1.ª O.—S. Florencio, B.—*Lua nova ás 3 h. da tarde.*

«Ha muito quem faça bem,
«Assim elle houvesse a quem.»

A informe ingratidão
Morde a mão que dá pão.

«Quem não quer que o mundo falle,
«Não vagueiá... pelo valle.»

O mundo sem seus amores
Era um jardim sem flôres.

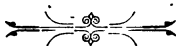
Mulher que não toca o solo,
Se a tens... é trazel-a ao collo.

ALVES DE ALMEIDA.

8—Terça-feira—*(Oitava da Festa de Todos os Santos).*—Os Sts. Coroados, Mm.—S. Severiano e Comp., Mm.

Dedicai-vos á pratica de estas duas grandes virtudes: doçura e humildade.

S. MAGDALENA DE PAZZI.

9—Quarta-feira—Dedicação da Basilica do SS. Salvador (em Roma).=St.ª Theodora, M.

O verdadeiro fim da sciencia é distinguir o bem do mal.

10—Quinta-feira—St.° André Avelino.—S. Florencio, M.—Os Sts. Tryphon e Comp., Mm.—*Ind. plen. para os irmãos da Conceição.*

TRISTES

A mãe sentada á lareira,
Vendo os filhos com ternura,
Chorava a pobre Maria,
Que estava na sepultura.

E quando ia ao cemiterio
Enfeitar-lhe a campasita,
Dizia sempre: Que sonho!
Morta já e tão bonita!

A morte não tem remedio
E' somno eterno, infinito;
Somno que para uma mãe
E' como um somno maldito!

JOSÉ VICTORINO.

11—Sexta-feira—S. Martinho, B., C.—St.ª Menna, M.—*Nasce o sol ás 6 h. e 57 min. e põe-se ás 5 h. e 13 min.*

Alimento é da culpa a lisonja, como o oleo é nutrimento da chamma.

12—Sabbado—*(jejum)*—S. Diogo, C., da 1.ª O.—S. João da Paz, C., da 3.ª O.—*Ind. Plen. nas igrejas franciscanas.*

O homem mais quer ser lisongeado com mentira, que reprehendido com verdade.

13—Domingo—(25.° depois do Pentecostes).—Patrocinio de N. Senhora.—St.° Eugenio, B. de Toledo.—S. Martinho I, Pp., M.—*Ind. plen. para o Rosario Vivo.*

MELANCHOLIA

Oh luz da noite, oh lua!
Que luz suave a tua!
E como se insinua
Na alma que fluctua
De enganos em desenganos!
Oh creação sublime!
A tua luz reprime
As tentações do crime,
E á dôr que nos opprime
Abre-lhe um oceano!
Será o ceu um lago,
E tu reflexo vago
Na alma onde o afago,
Na alma onde o aspecto!
Oh luz do dia!
Que mystica harmonia
Ha n'essa luz tão fria,
E a sombra que me guia
N'este areal deserto!
Embora as nuvens tragam
Do dia outra roupagem,
O sol de que és imagem
Não tem outra roupagem
Não tem essa linguagem
Que encanta, que enamora!
Mira-te a gente, estuda,
Sem medo que se illuda,
Essa linguagem muda;
O teu olhar ajuda,
E a gente sente e chora
Ah sempre que descrevas
A orbita que levas,
Confia-me o que escreves
De quanto vez nas trevas
Que a luz do sol encobre!
As victimas que escutas
De raças mais astutas
Que as d'essas feras brutas...
E as lagrimas, as luctas
Da orphã e do pobre!

João de Deus.

14 — ☽ Segunda-feira — O B. Gabriel Ferreti, C. da 1.ª O. — O B. Nicolau Tavilei, M. da 1.ª O. — *Quarto crescente ás 11 h. e 58 m. da tarde.*

Lê taes materias que te deem mais compunção que occupação.

KEMPIS.

15 — Terça-feira — St.ª Gertrudes, V. — Dedicação da Real Basilica do Coração de Jesus. — *Ind. Plen. para os irmãos do Carmo.*

BRIGA ENTRE CAVEIRAS

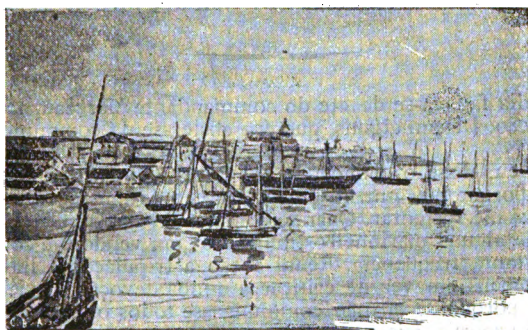
O Guardião d'um certo convento querendo ter mais presente o pensamento da morte levou para a sua cella uma caveira. Os demais religiosos seguindo-lhe o exemplo levaram tambem cada um a sua, mas em vez de as tirarem do cemiterio onde se enterravam só religiosos, alguns as tomaram do adro da egreja do logar visinho.

Aconteceu, porém, que estando á noite no refeitorio para tomar a sua frugal refeição sentiram um desusado estrondo pelas cellas e corredores do convento. Continuaram a sua collação emquanto dois religiosos dos de mais coragem foram saber da causa d'aquelle estrepito. Mas, qual não foi o espanto d'aquelles corajosos monges quando viram que as caveiras se moviam d'umas cellas para as outras e se chocavam mutuamente enraivecidas! Tremulos ainda lá se poderam, posto que com difficuldade, tornar ao refeitorio dar conta do acontecido. Reinou o pavor por alguns minutos n'aquella communidade. Mas oh! notavel acontecimento! quando se apressava a descer o primeiro degrau do subterraneo topa com duas fillas de caveiras, estando as dos religiosos á direita e á esquerda as que tinham sido tiradas do adro da freguezia, prestes a apresentar combate.

Vendo pois que aquillo era sobrenatural, determinara voltar á oração com os seus subditos para que, com o auxilio divino, podesse desvendar o mysterio. Acabada a qual concordaram todos de que a causa d'aquellas anthipathias entre os craneos era: que tendo sido tirados alguns do cemiterio da visinha freguezia, onde tambem se sepultavam homens amigos de brigas colericas e que raras vezes ou quasi nunca frequentavam a egreja do convento, e occupassem os logares mais reconditos do mosteiro, indignados os dos

santos e pacificos religiosos que alli tinham vivido e morrido com fama de santidade, quizeram mover-lhe uma atrocissima guerra. E tanto isto era verdade que postas as caveiras no seu antigo logar, cessou o ruido.

Por este facto quiz Nosso Senhor mostrar que nem na sepultura os maus devem ter parte com os bons.

16—Quarta-feira—St.ª Ignês d'Assis (irmã de Santa Clara), V., da 2.ª O.—S. Valerio, M.—*Ind. Plen. nas igrejas franciscanas.*

Cidade de Moçambique

Se a loucura meditasse
Talvez que um dia acabasse.

Da criminosa descrença
Provem a torpe licença.

O sabio ensubercido
E' um louco envilecido.

Alves d'Almeida.

17—Quinta-feira—A B. Salomea, V., da 2.ª O.

Para diminuir a febre

Fazer fricções d'agua fria, no corpo, amiudadas vezes, e beber agua ou limonada aos poucos.

18—Sexta-feira—Dedicação da Basilica dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo.—S. Romão, M.

Um dia fallava-se deante do commandante Marceau, acerca da communhão. Diziam alguns, que era abster-se da communhão por respeito.

Pois eu, disse o commandante, se commungo tão amiudadas vezes, é porque sou um miseravel. Careço de um remedio quotidiano para me sustentar. Quando commandava a Arca da Alliança, soube que alguns marinheiros murmuravam, vendo-me commungar com tanta frequencia. Reuni então a tripulação e lhe disse: «Meus homens em vez de criticar a minha devoção, devieis allegrar-vos, porque se eu não commungasse todos os dias, á menor coisa que fizesseis, irieis todos de cabeça ao mar.

E o valente e piedoso marinheiro continuou a commungar toda a sua vida, chegando assim a vencer completamente o seu caracter irascivel.

19 — Sabbado — Santa Isabel, Rainha da Hungria, Viuva, da 3.ª O. e Padroeira das Religiosas da mesma Ordem. — S. Ponciano, Pp. M. — *Ind. Plen. nas egrejas franciscanas.—Absol. geral para os Irm. Terceiros.*

Santa Izabel d'Hungria

Recortamos de uma curiosa estatistica o seguinte: Em todo o globo, morrem cada anno 33 milhões de individuos, o que perfaz a media de 91:544 por dia, 3:730 por hora e 42 por minuto. A duração média da vida humana é de 38 annos proximamente. A quarta parte da população morre antes de chegar aos 7 annos, a metade antes dos 17. Em 100:000 pessoas ha uma apenas que viva 100 annos. Por cada 1:000 pessoas que chegam aos 70 annos, 43 pertencem ao clero ou á politica, 40 á agricultura, 33 á classe operaria, 32 á militar, 29 advogados ou engenheiros, 28 professores e 24 só medicos.

20 — **Domingo** — (26.° depois do Pentecostes) — S. Felix de Valois, C.

Em saber e fidalguia
Ha muito alarde hoje em dia.

Não ensines a ninguem
O que a ti te não convem.

Cá sobre a esphera mesquinha
Tudo ao nada se encaminha.

ALVES DE ALMEIDA.

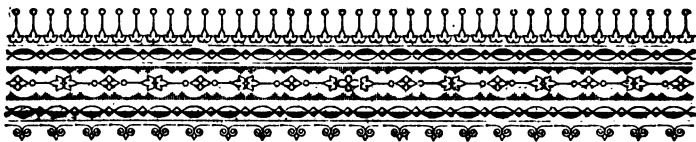
21 — **Segunda-feira** — Apresentação de Nossa Senhora—*Nasce o sol ás 7 h. e 6 m. e põe-se ás 4 h. e 54 m.* —*Ind. Plen. para o Rosario Vivo.*

Ao terminar a sanguinolenta batalha de Forbach, entrada a noite, um capitão do exercito francez chegou á ambulancia, com alguns soldados, muito poucos. O capitão, um dos bravos da Italia e da Argelia, cujo rosto estava coberto de pó e sangue, approximando-se do pessoal da ambulancia, exclama com animação:

—Vêde o que resta da minha companhia. De todos os meus soldados, são estes os unicos que restam. Eu, accrescentou o mili-

tar, não sei se vós tendes fé, porém devo dizer-vos, que todos os que voltamos, traziamos o escapulario da Virgem; e todos cremos que foi Ella a que nos salvou.

E desapertando o uniforme, o velho capitão, mostrou com tal fé e piedade o escapulario, que despertou admiração em todos os assistentes.

22 — Terça-feira — St.ª Cecilia, V. M.

O LAÇO DA PRIMEIRA COMMUNHÃO

Que alegre e feliz foi a vespera do dia em que Gregorio e Filippe fizeram sua primeira communhão!

Eram dois amigos que se conheciam no collegio desde pequeninos; trocaram muitas vezes suas estampasinhas e brinquedos, e nunca lhes passou pela imaginação que teriam de separar-se algum dia.

—Olha, dizia Gregorio, quando fôrmos maiores, tu serás meu ajudante de camara, e estaremos sempre juntos, sem nos separarmos nunca, nunca...

—Já ouviste o que nos disse o P. Antonio—replicava Filippe: —os meninos que fazem juntos a primeira communhão são irmãos, e têem uma mesma mãe, a Santissima Virgem Maria.

—E como nós somos tão bons e nos amamos tanto, não nos custará muito sermos irmãos.

—Eu vou pedir a Deus que me faça um S. Luiz Gonzaga.

—E eu, além disso, pedir-lhe-hei que teu papá encontre um saquinho de dinheiro; com elle poderás comprar a defeza de Pozo-Negro, que está á beira da minha, para que vamos todas as primaveras tomar leite de vacca juntos.

—Porém, se disse o P. Antonio que essas coisas não se pédem...

—Sim, tonto; mas deve ajuntar-se sempre: «se convem».

—Falemos da festa de ámanhã, respondeu Filippe.

—Que bonitos estaremos com nosso vestido novo! A mim estão-me fazendo uns sapatos brancos, e vou estreiar um chapeu.

—A mim, respondeu Gregório, me está fazendo minha mamã um laço branco com fios de oiro.

—Estaremos, portanto, juntos todo o dia, e repartiremos no convento de S. Francisco o pão aos pobres com o irmão Raphael.

— E minha mamã nos dará dôces e brinquedos.
— E beijaremos a mão ao P. Antonio, que nos confessou.
— E...

A campainha do collegio veio interromper o pueril dialogo; todos os collegiaes se dirigiram á capella para ouvir a ultima practica que lhes fazia o Padre Antonio.

Na manhã seguinte, a capella do collegio, ricamente adornada, tendo o altar illuminado, com profusão de luzes, e com um artistico arco de flôres em volta da imagem de Santo Antonio, titular do collegio, apresentava um aspecto grandioso.

Chegou o momento da Communhão. O padre Antonio, lendo o «Amado de Jesus», de Ferrer, inspirava affectos amorosos e desejos vehementes aos meninos que pela primeira vez se acercavam da sagrada meza, excitando-os á dôr de suas faltas e ao desejo de receber em seu peito o Cordeiro sem mancha; aquelles coraçõesinhos desejavam por momentos que chegasse a hora do divino convite.

Depois da elevação reinou um silencio sepulchral; a voz, um tanto bronca, do padre Antonio, veio interrompel-o ao proferir aquellas desejadas palavras: «Corpus Domini nostri etc.» O' momento supremo, vida verdadeiramente celestial! O' regosijo santo e consolador que tão breve passas!

Desoito annos haviam decorrido, quando, encontrando-se o padre Antonio em sua humilde cella, folheando um antigo livro de pergaminho, chegou o irmão porteiro, annunciando-lhe que um cavalleiro o esperava no receptaculo.

Desceu o padre, e encontrou-se com um homem pobremente vestido, em cujo semblante estavam retratados todos os vicios. Não pôde deixar de extranhar uma visita d'este genero, e tratou de averiguar o motivo.

—Perdoae-me, meu padre!—exclamou o jovem, lançando-se a seus pés. Eu sou Gregorio Fernandes e Gonçalves, filho do conde Sierra Pino...

—Gregorio Fernandes, filho do conde de Sierra Pino?—exclamou estupefacto o bom padre Antonio, que, levantando-se, lhe disse:—Como vieste a esta situação, meu filho? Conta-me, porque estou prompto a escutar-te.

—Depois que sahi do collegio, replicou Gregorio soluçando, meus paes me mandaram estudar a Madrid; alli comecei a juntar-me com uns perversos companheiros, e desde então minha vida não tem sido mais que uma cadeia não interrompida de escandalos. Passados tres annos depois que fui para Madrid, morreu meu pae, e quebrado o freio que me continha, se apossaram de mim todos os vicios e libertinagem d'aquella corrompida cidade.

ESTUDOS

PHYSIONOMICOS

Depois casei-me, contra a vontade de minha mãe, com uma jovem que me igualava em fortuna, porém que me sobrepujava em prodigalidade. Ella com seu luxo, e eu com o maldito vicio do jogo, destroçamos toda a minha fortuna, e sendo insupportavel sua presença, separei-me d'ella por meio do divorcio.

Vendo-me perdido e sem vintem, voltei para a minha povoação. A pobresinha de minha mãe, já anciã, vendo-me n'aquelle deploravel estado, foi tomada d'uma tal tristeza e melancholia, que por ella foi levada á sepultura. Como havia muito tempo que me tinha apartado das praticas religiosas, e é na religião que se encontra o unico consolo, em vez de soffrer com resignação aquelle terrivel golpe, entreguei-me á desesperação, e seguidamente lembrei-me do suicidio; n'aquelles momentos, meu padre, a vida me era insupportavel, principalmente quando me recordava dos meus primeiros annos; apresentavam-se á minha imaginação meus queridos paes, mortos quando eu d'elles mais necessitava; estas recordações augmentavam mais minha desesperação.

Decidi pôr fim á minha vida; para isso quiz servir-me de uma arma de fogo que tinha meu pae em uma gaveta.

Entre os caixões havia um de minha mãe, e abri-o por curiosidade, e ao abril-o experimentei uma extranha impressão quando vi uma multidão de brinquedos que me lembravam os felizes dias dos meus primeiros annos, e ás vezes serviam para lançar-me em rosto o crime que ia fazer. Entre aquelles brinquedos vi um pequeno pacote, envolto em um papel de sêda côr de rosa, abri-o, e repentinamente appareceu ante meus olhos, collocado com muito esmero, o laço branco com fios de oiro, de minha primeira communhão. Vêl-o, e desramar copiosas lagrimas, foi coisa de um momento.

—Vem, mãe da minha alma, e perdôa a teu ingrato e malvado filho! Vem, e põe-me este laço com o cuidado e esmero, com que m'o puzeste no dia da minha primeira communhão, que eu te prometto ser como n'aquelle dia!

Beijei-o mil vezes, e reguei-o com minhas lagrimas.

Rendido pela emoção adormeci, e quando acordei tinha em minhas mãos aquelle laço para mim santo, que teve mais eloquencia que todo um sermão.

Duas grossas lagrimas correram pelas já enrugadas faces do padre Antonio ao ouvir esta relação.

—Desde este momento, meu padre,—disse Gregorio—renego da vida que tenho tido, e quero separar meus escandalos, entrando n'uma religião austéra e observante.

O padre Antonio abraçou contra seu peito seu querido discipulo antigo, e bemdisse ao Deus das Misericordias, que se serve das coisas mais pequenas, para converter o maior peccador.

—Necessario é, meu filho,—disse o padre Antonio—que termines tua obra começada; conta com meu auxilio, e põe em pratica tua resolução. Porém para isso é preciso que faças uma bôa confissão geral.

Passados seis dias voltou ao convento, fez uma confissão geral dolorosa, e se despediu do padre Antonio para cumprir sua promessa.

Assim foi: não havia decorrido um mez, quando o padre Antonio recebia uma carta, em que lhe dizia Gregorio que tinha tomado o habito do Bemaventurado Patriarcha S. Francisco de Assis, e que em sua pobre cella não tinha outra coisa senão um Crucifixo, e a seus pés preso o laço de sua primeira communhão.

23 — ⊛ Quarta-feira—S. Clemente, Pp., M.—St.ª Felicidade, M.—*Lua cheia ás 2 h. e 35 m. da manhã.*

Contempla as tuas loucuras
na cinza das sepulturas.

Os annos, e só os annos
nos dão tristes desenganos.

Os fumos da formosura
acabam na sepultura.

A penitencia conduz
ao Imperio de Jesus.

Alves d'Almeida.

24 — Quinta-feira—S. João da Cruz, C.—S. Chrysogno, M.—S. Estanislau Kostka, S. J.

Homens de Estado, oradores, artistas e litteratos celebres, teem encontrado no *rosario* a paz, a energia, e a inspiração de que careciam.

O'Conell recitava-o na camara dos communs, emquanto a sorte da Irlanda, se resolvia por meio das replicas que faziam ao seu magnifico discurso, no qual advogava a sua independencia.

Garcia Moreno, Presidente da Republica do Equador, rezava-o todos os dias.

Silvio Pellico, Gluk e Mozart tinham-lhe grande devoção.

25 — Sexta-feira — St.ª Catharina, V. M. — A B. Izabel Bona, V., da 3.ª O.—*Abs. Ger.*

«Miseremini mei...
saltem vos amici mei».

(Job. 19, 2.)

Ah! quando correr já um suor frio
Sobre estas faces d'um pallôr mortal
E o mocho triste no cypreste esguío
Cançar o som presago—o som fatal;
Lembrae-vos d'este filho da vaidade
Que morreu sem pensar na eternidade!

Quando a noute enlutando a natureza
Caír tristonha, e em véo caliginoso
Envolver meu jazigo de tristeza,
Lá solitario e só, silencioso!
Erguei a prece por quem dorme só
Eterno somno em gelado pó!

E quando o bronze lá no campanario
Em som festivo vos disser—rezae.
Lembrae o triste que cumpriu o fadario
Só em tristuras; e por elle orae.
Orae por elle que na campa fria.
Espera o ultimo e supremo dia.

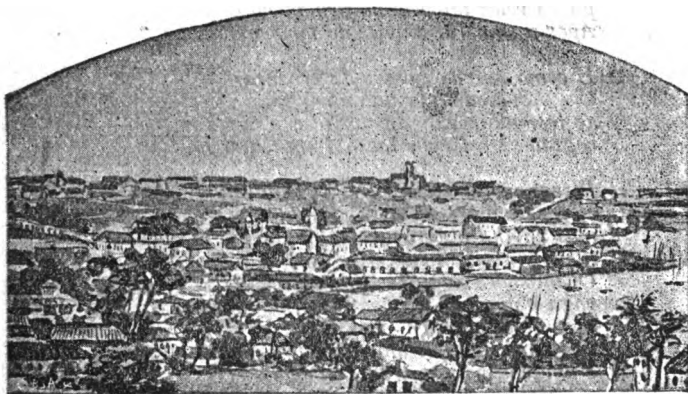
P. Casimiro R.

26—Sabbado—S. Leonardo de Porto Mauricio, C., da 1.ª O.—S. Pedro Alexandrino. M.—*Ind. Plen. nas igrejas franciscanas.*

«Quem se veste de mau panno
«Compra dois fatos por anno.»

Do esperdicio da riqueza
Vivia a magra pobreza.

Quando impozeres castigo
Suppõe a coisa comtigo.

A. D'ALMEIDA.

VISTA GERAL DE S. PAULO DE LOANDA

27 —Domingo—(1.º do advento).—A B. Delphina, V., da 3.ª O.—O B. Raymundo Lullo, M., da 3.ª O.—*Ind. plen. para os Irm. Terceiros.*

A AUSENCIA

—«Adeus! até á volta!»—«Até mais ver!»
dissemos nós os dois, convulsamente,
no peito comprimindo a magoa ingente,
e suffocando um ai,... como a prever
que a nuvem côr de rosa, auroreal,
que em sonhos de illusão nos envolvia,
se ia desvanecer na aspera agonia
d'esta ausencia fatal.

—«Adeus! até á volta!»—«Até um dia!»

Voou rapido o trem. O meteoro
passa veloz tambem no firmamento.
Após a sombra, a noite do tormento!

E como ao riso alegre da creança
succede o pranto amargo,
ao tremulo esvair da minha esp'rança
seguiu-se o torpôr lasso d'um lethargo.

Dizem que ha inda estrellas pelo ceu,
noites de luar sereno, inebriante,
mas não ha luz que aclare, irradiante,
o que vive n'um carcere—como eu.
Quem sobre as furias do escarceu
voga n'um mar de pena,—só, no mundo,
ausente de ventura, sem alento,
não tem mais que um conforto—o abysmo fundo,
e um lenitivo só—o esquecimento!...

—«Adeus! até mais ver!»—«Ai não sei quando!»

Hoje, ao lembrar, em ancia dolorida,
o momento cruel da despedida
entre nós dois,
—maresia das dores e dos ais—
á mente sobrevêm mil pensamentos,
e fico-me scismando:
—Um adeus *tem fataes presentimentos,*
Pouca vez quer dizer—«até depois,»
*mas muita, quasi sempre,—«***até jamais!...***»*

Barcellos—22—VIII—03. Souza Martins.

28—Segunda-feira—S. Thiago da Marca, C., da 1.ª O. —S. Gregorio III, Pp.—*Ind. Plen. da O.*

Catarata de Blú-Blú (S. Thomé)

OPINIÃO... PUBLICA

(A turba comprime-se em frente da porta de um politico e dá largas a uma manifestação das mais movimentadas).

Vozes furiosas—Morra o traidor! morra o miseravel!

Um orador popular, *(subindo para um banco)*—Cidadãos, canalha que vive n'este sumptuoso palacio ha de ficar impune? O miseravel que explorou o paiz, que o arrastou quasi á ruina, não receberá um dia o castigo da justiça popular?

A turba—Sim! sim!

O orador—Quando vamos nós applicar-lhe a punição que merecem as suas tratantadas, os seus crimes e as suas traições?

TODOS—Immediatamente! Invadamos a casa! Atiremos os moveis pela janella fóra!

UMA VOZ—E a elle esquarteja-se, e atira-se com os bocados para os canos.

UM GAROTO—Pois pudera!

A TURBA—Para os canos! *(Precipita-se sobre a porta e arromba-a. Apparece o guarda-portão muito pallido).*

O GUARDA-PORTÃO—Que desejam, senhores?

UMA VOZ—A cabeça do seu patrão!

A TURBA—Sim, a sua cabeça.

O GAROTO—Focinho, se faz favor.

O GUARDA-PORTÃO—Meus srs., rogo-lhes que não entrem... O meu amo morreu ha um quarto de hora.

A TURBA *(de grupo em grupo)*—Morreu! morreu!

UMA VOZ—Perdemos um grande cidadão!

OUTRA—Um grande patriota!

A TURBA—Sim! era um grande patriota!

O ORADOR—Cidadãos, proponho que façamos immediatamente, uma subscripção para levantar uma estatua em qualquer das nossas praças publicas, ao illustre estadista, ao integro patriota que Portugal acaba de perder!

TODOS—Bravo! bravo! Uma estatua!...

O GAROTO—Eu concorro com *um vintem!*

M. EMILO.

29—Terça-feira—TODOS OS SANTOS DAS TRES ORDENS DE S. FRANCISCO.—S. Saturnino, M.—*Ind. Plen. da O.—Começa a Novena da Conceição.*

Não cuides que o casamento
é mero... divertimento.

A mulher mais desgraçada
é a mãe... maçonisada.

Mulher, que a todos dá trella
tolo é quem... faz caso d'ella.

Os consorcios venturosos
vão na escolha dos esposos.

A. D'ALMEIDA.

S. Roque

30 — Quarta-feira — St.º André, Ap.

No enterro do dr. D. Joaquim da Boa Morte

(AO SR. ABBADE DE TAGILDE)

Vae sereno e branco amortalhado em linho
deitado no esquife de tabuas estreitas.
Mulheres e creanças em pranto desfeitas
acenam-lhe adeus pelo vão do caminho.

As flores e as aves, que andavam affeitas
ao doce convivio do casto velhinho,
choram na orphandade de amor e carinho...
Só culto assim gosam as almas eleitas.

Os olhos do povo triste rasos d'agua!...
mesmo a natureza coberta de magua!...
Mais grata homenagem não ha quem a tenha.

Das glorias mundanas n'um desprezo augusto,
a joia mais cara do sabio, do justo
—inda o seu thesoiro—era a pobre estamenha.

P.e SILVA GONÇALVES.

Dezembro

31 Dias

No crescente planta toda a casta de hortaliça
e mata porcos. No minguante corta madeiras, que serão
de muito boa dura; caça e pesca;
semeia goivos, saudades e mangericões; planta jasmineiros,
estaca alfazema, alecrim
e baunilha; põe as arvores de espinheiro
e as flores ao abrigo das geadas.

1 — Quinta-feira — St.º Eloy, B. — ACCLAMAÇÃO DE EL-REI D. JOÃO IV E RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL (1640). —*N'este dia nasce o sol ás 7 h. e 13 min., e põe-se ás 4 h. e 47 m.—Até 22 diminuem os dias 10 m., e d'ahi ao fim do mês crescem 4 minutos. — São prahibidas as bençãos nupciaes até 6 de janeiro.*

LUIZ DE CAMÕES

No dia 1.º de Dezembro

A MINHA MÃE E SENHORA, A MINHA PATRIA, AO MEU CARO PORTUGAL

(Instantaneo)

Hosana! Hosana! Canções mil de gloria
em côro retumbem no ethereo aposento;
Hosana! Hosana! O pendão da victoria
fluctúe triumphante no luso aposento.

Eis, filho da Lysea, é chegado o instante
de a patria lusa saudar com ardor;
arranca do peito em acceso descante
um grito estridente de patrio amor.

. . . .

O' patria, se um dia o audaz estrangeiro
erguer em teu seio bandeira fatal,
ó patria minha, se algum carniceiro
tentar arrançar-te de livre o saial,

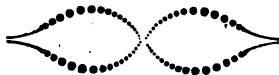
terás n'este peito rancor e bravura,
terás n'esta mente inspirado cantor,
vigor n'este braço, «ao estranho tortura.
A's armas, rapazes,» meu grito d'amor.

Se os ferros do escravo tolherem teu passo,
se em dura masmorra o teu filho gemer,
ó patria, lançado em teu mundo regaço
á espada o meu peito hei por ti de off'recer.

Hosana! Hosana! Canções mil de gloria
em coro retumbem no ethereo aposento;
Hosana! Hosana! O pendão da victoria
fluctúe triumphante no luso aposento.

—1898—

P. B. Ribeiro.

2—Sexta-feira—Os Defunctos das Tres Ordens de S. Francisco.—St.ª Bibliana, V. M.—St.º Aurelio, M.

NOTICIA BIOGRAPHICA

DO FALLECIDO

Padre Martinho Antonio Pereira da Silva

No dia 8 de abril de 1875 espalhou-se em Braga a fatal noticia da morte inesperada do padre Martinho Antonio Pereira da Silva. E' impossivel descrever a dolorosa impressão e a dôr profunda, que tão lugubre como inopinada noticia, causou no animo de todos que conheceram de perto e admiraram o padre Martinho, e n'elle viram o exemplo edificante do sacerdote exemplar não só pelo seu profundo saber, mas muito mais pela sua virtude. Braga inteira mostrou então o quanto lhe era sensivel e penosa, a enorme perda d'um de seus filhos mais illustres e mais benemeritos; e prestou a devida homenagem da justiça e do reconhecimento, ao homem de caracter honrado, ao sacerdote respeitavel que tanto a ennobreceu com as luzes da sua variada erudição, e os exemplos da sua virtude tão solida como illustrada.

O nome do padre Martinho tem na cidade illustre que lhe dera o berço, uma popularidade que difficilmente acabará; está ligado aos factos religiosos mais notaveis que nos ultimos trinta annos succederam na augusta cidade dos arcebispos; e será sempre pronunciado com viva saudade por todos os que admiraram o grande merecimento, e as raras qualidades d'aquelle homem modesto e humilde. Eu, que tantas vezes e por tanto tempo, tratei com o padre Martinho, já para o consultar sobre pontos difficeis de con-

P.e Martinho Antonio Pereira da Silva
Fundador do Santuario do Sameiro

sciencia, que não podia só por mim resolver, já para conservar a amizade com que me honrava e que jámais esquecerei, já finalmente para me instruir ou deleitar com a sua conversação sempre util, amena, e por vezes entremeada d'aquelle tino e delicado chiste que lhe era tão natural, bem posso dar testemunho da illustração d'aquella intelligencia rigorosa, d'aquella alma ingenua e profundamente humilde, d'aquelle caracter prudente, franco e leal, e finalmente d'aquelle zelo verdadeiramente sacerdotal que brilhava em todos os actos do seu ministerio sagrado. Para não ultrapassar os limites d'uma simples *noticia biographica*, compendiarei em rapidos traços, a vida cheia de merecimentos, d'este homem que ainda ha pouco transpoz os humbraes da eternidade, mas que já é proclamado por todos que tiveram a dita de o conhecer, como um dos mais illustres ornamentos da antiquissima e primacial igreja bracharense.

*
* *

Martinho Antonio Pereira da Silva, nasceu a 8 de outubro de 1812, de paes humildes e pouco abastados, mas verdadeiramente piedosos. Os apontamentos que tenho á vista e que obsequiosamente me foram fornecidos por um respeitavel religioso carmelita, meu amigo, que os houve de pessoa bem informada, narram minuciosidades curiosas e interessantes, sobre os primeiros passos do padre Martinho na carreira das lettras a que se dedicou em tenros annos ainda, sob a protecção do reverendo Antonio Luiz da Cunha, abbade de S. Miguel de Carvalho, no arcebispado de Braga. Era tal a gravidade, a compostura e a affeição do joven estudante, quando cursava latim, que o seu professor o padre Manoel Bento de Figueiredo—segundo elle mesmo contou—não teve o mais pequeno motivo para o castigar ou reprehender sequer, e lembrando-se de procurar um pretexto para o castigar a fim de que o seu discipulo não se desvanecesse e vangloriasse de haver cursado a sua aula sem nunca ser castigado, desistiu, por escrupulo, de tal intento. Concluidos os seus estudos em latim e grego, linguas em que o padre Martinho era muito lido, passou a estudar philosophia no seminario diocesano de Braga, com o padre mestre Ferreira do Populo que foi um theologo profundo e um philosopho consummado. N'esta aula tornou-se singularmente notavel o joven Martinho, no qual se manifestava já uma decidida vocação para o estado ecclesiastico.

Um talento vivo, uma intelligencia perspicaz auxiliada por um estudo constante, e sobre tudo uma modestia sem affectação, e uma moralidade irreprehensivel; grangearam-lhe não só a affeição

e estima do seu sabio professor, mas ainda a sympathia dos condiscipulos.

Mereceu por isso approvação distincta nos estudos de philosophia, como a havia merecido já em latim e grego.

Nas aulas superiores de theologia que frequentou com os padres Manoel Ferreira, e Manoel Vieira, religiosos de Santo Agostinho, no convento do Populo da cidade de Braga, não desmentiu o jovem Martinho, os seus bem fundados creditos de estudante distincto e exemplar. Apesar de estranho áquella respeitavel communidade religiosa onde floresceram tantos homens illustres na virtude, Martinho Antonio, tinha entrada ampla no convento e faculdade para consultar os livros da sua riquissima bibliotheca.

Embebido nos estudos theologicos, todo entregue á meditação das verdades que a sciencia sublime de Deus expõe e demonstra com lucidez, apaixonado por tudo quanto pertencia á Igreja, e presentindo na sua consciencia a voz de Deus que o chamava ao santuario, determinou irrevogavelmente consagrar-se a Deus. Foi então que se iniciou na milicia sagrada, tomando ordens menores, e logo depois começou a exercer o ministerio da palavra por concessão especial do prelado diocesano que via no joven clerigo minorista uma vocação decidida para o sacerdocio. Nos manuscriptos do padre Martinho não appareceu um só sermão, prégado quando minorista; mas os que foram dados á estampa servem optimamente para o avaliar imparcialmente como orador sagrado.

Os sermões do padre Martinho se não se tornam recommendaveis pelo brilhante colorido do estylo, pela pompa e enfadonha profusão d'imagens, pela eloquencia verdadeiramente cathemiense, que converte a tribuna sagrada em cadeira academica, por essa eloquencia profana, impropria, effeminada, contra a qual tão energicamente bradava o nosso grande padre Vieira, se não tem essa falta de unidade sacrificada aos ademanes da phrase por vezes indigna da cadeira evangelica, possuem os verdadeiros dotes da eloquencia sacra, transcendem as fragancias da unção evangelica, ostentam riqueza d'erudição biblica e patristica, fontes inexhauriveis para o orador sagrado, e traduzem altissimos conceitos e sublimes idéas em phrases singelas e sem affectação! Um só defeito notavam alguns nos sermões do padre Martinho: *a voz*. Eu de mim nunca me importei com esse defeito que em nada diminuia a impressão agradavel que os seus bellos sermões causavam no meu espirito; e demais nunca li no Evangelho ou nos Padres da Igreja, que estavam isentos da obrigação de prégar, ou peccassem prégando, os padres a quem a natureza não deitou d'uma voz sonora, vibrante e agradavel.

O padre Martinho na profunda humildade da sua bella alma, prégava para a gloria de Deus, e não olhava para os elogios dos

homens; os seus sermões eram verdadeiramente evangelicos, a intenção com que os prégava profundamente sacerdotal. Apparecem porém alguns pensamentos repetidos, principalmente nos sermões, em honra da Virgem Immaculada de quem o padre Martinho era fervorosissimo devoto, mas são elles tão bellos que nada perdem, ainda repetidos. Aconselhamos esta preciosa collecção de sermões aos jovens oradores para que aprendam n'elles a verdadeira eloquencia sacra, aos pastores d'almas, como muito uteis para illustração de suas ovelhas, e ainda ás pessoas piedosas como utilissima lição espiritual. Mas reatemos o fio d'esta noticia.

* * *

Iniciado no clericato, o nosso minorista suspirava ardentemente pelo dia em que pelo sacerdocio se consagrasse perpetuamente ao serviço de Deus e da Igreja. Mas a idade, e depois que esta foi completa, as discordias politicas de 1834 retardaram a realisação dos seus ardentes votos, e constantes aspirações. Terminada que foi essa lucta sangrenta que por alguns annos affligiu Portugal, e terminadas as graves complicações que se lhe seguiram, o joven clerigo foi apresentar-se ao ex.mo e rev.mo snr. arcebispo primaz D. Pedro Paulo da Cunha Figueiredo e Mello, depois cardeal presbytero da santa Igreja romana. Examinado e approvado para a recepção de todas as ordens maiores, e preparado com os santos exercicios espirituaes que concluiu com fervor edificante, conseguiu por um breve apostolico, ser ordenado sacerdote dentro em quinze dias. A ordenação sacerdotal do padre Martinho foi, não só um motivo de verdadeira satisfação para as suas duas virtuosas irmãs, unica familia que então lhe restava, mas ainda de alegria e regosijo para os fieis bracharenses que conheciam de perto as inestimaveis qualidades do novo sacerdote.

A sua primeira missa foi celebrada no dia 26 de Dezembro de 1843 na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, da cidade de Braga. Foi uma festa solemne. Ao Evangelho subiu ao pulpito o reverendo padre Rodrigo, sacerdote exemplarissimo e bem conhecido de toda a cidade de Braga pela sua eloquencia verdadeiramente evangelica, pelo seu zelo e pelas suas virtudes. A pomposa e esplendida solemnidade da *missa nova* do padre Martinho, foi a expensas do seu particular amigo e distincto cavalheiro bracharense, João Antonio d'Oliveira Braga. Em nome das virtuosas irmãs do fallecido padre Martinho, de saudosa memoria, aqui consignamos áquelle filho benemerito da augusta Braga, um voto de louvor e gratidão.

Ordenado sacerdote, o padre Martinho via diante de si novos horisontes, cuja conquista suspirava; conhecia bem as graves obrigações que lhe impunha o seu estado; e a necessidade urgente de dedicar ao serviço da Igreja os dotes e os talentos de que Deus liberalmente o dotára.

Animado de um espirito todo sacerdotal, iniciou o seu zelo apostolico dando começo em 1848 á obra verdadeiramente christã e civilisadora das missões portuguezas que rapidamente se espalharam por toda a provincia do Minho, Douro e Traz-os-Montes, e que tão relevantes serviços tem prestado á religião e á patria.

Foi o padre Martinho quem deu vigoroso impulso á obra da *Propagação da Fé,* conseguindo pelo seu zelo e immensa popularidade, que innumeraveis fieis concorressem com o seu obulo para aquella obra grandiosa que é uma das maiores glorias da França.

Todos sabem como é grande a devoção das nossas provincias do norte para com a Augusta Rainha dos céos, a Immaculada Maria.

Na provincia do Minho difficilmente se ancontrará uma egreja, uma capella onde não haja um altar dedicado ao culto do Immaculado Coração de Maria.

E' ao padre Martinho que se deve, em grande parte, o augmento e prosperidade d'esta benefica e consoladora devoção. A piedade, o ardente affecto, a entranhada devoção do padre Martinho, para com a mãe de Deus, manifestou-se principalmente, nas duas grandes solemnidades verdadeiramente nacionaes, que por iniciativa e efficaz cooperação do padre Martinho se realisaram em gloria da Virgem Immaculada. Foi a primeira o solemne triduo celebrado no magnifico templo de S. Paulo, hoje collegio de Ursulinas, em Braga, nos dias 31 de agosto, 1 e 2 de setembro de 1855, em applauso á definição dogmatica da Immaculada Conceição de Maria, proclamada por Pio IX, o Grande; foi a segunda a erecção do grandioso monumento do monte Sameiro, suburbios de Braga, onde hoje se ostenta a bella imagem de Maria Santissima em sua Immaculada Conceição, na attitude d'abençoar o reino fidelissimo. O monumento do Sameiro, sagrado pelo ex.mo e rev.mo snr. D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, no dia 29 d'Agosto de 1869, é, não só um padrão de gloria para a Virgem Immaculada, mas ainda uma recordação immortal do zelo e virtudes do padre Martinho. Eu tive a immerecida honra de prégar, a convite d'aquelle meu saudoso amigo, na solemne festividade da sagração do monumento a Maria Immaculada, que foi concluida no magestoso santuario do Bom Jesus do Monte.

A installação da archi-confraria do Santissimo e Immaculado Coração de Maria na igreja do convento dos Remedios das religiosas franciscanas de Braga em 1850, a restauração da bella devoção do Terço cantado aos sabbados pelas ruas da cidade augusta, a sa-

gração do famoso templo do Bom Jesus do Monte em agosto de 1857; a imponente e numerosissima peregrinação ao monumento do Sameiro, onde se ajuntaram, segundo os calculos mais exactos, para cima de 60:000 peregrinos de todos os pontos do reino, em 25 de junho de 1871; as manifestações de affecto e dedicação para com o Soberano Pontifice Pio IX que começaram em Braga em 1863, e que depois se espalharam por todo o paiz, tudo se deve ao zelo infatigavel, á sciencia solida, ao trabalho fecundissimo do padre Martinho, que sem ruido nem ostentações vaidosas, realisava as mais importantes obras de gloria para Deus e utilidade para os fieis.

*
* *

Mas os importantes e numerosissimos trabalhos em que se occupava o padre Martinho, nunca o distrahiram dos seus estudos theologicos e principalmente liturgicos e moraes. O padre Martinho era talvez, sem offensa de ninguem, o primeiro rubricista portuguez do seu tempo, e um dos melhores moralistas. Temos para affirmar estas verdades, irrecusaveis testemunhos. O programma da imponente procissão realisada em Braga, no dia 2 de setembro de 1855, que se póde lêr no antigo jornal bracharense a *Atalaia Catholica* d'aquelle anno, jornal de que o padre Martinho foi assiduo collaborador, a explicação das ceremonias da missa do padre Annanias Broobok do rito oriental, que o padre Martinho publicou, as suas sabias respostas a innumeraveis consultas sobre casos de liturgia e de moral, a dignidade e proficiencia com que regeu varias cadeiras no seminario diocesano de Braga a convite do cardeal Figueiredo e de D. José de Moura, os seus discursos sagrados, os seus artigos na *Atalaia Catholica* e na *União Catholica*, os seus livros de piedade e devoção, os seus preciosos manuscriptos sobre varios assumptos theologicos e historicos, tudo revela o grande talento e profundos conhecimentos do padre Martinho nas doutrinas e seu ministerio sagrado. O padre Martinho era muito lido nas obras admiraveis dos dous padres doutores da Egreja, S. Thomaz d'Aquino e Santo Affonso Maria de Ligorio. Deve-se tambem a elle a magestosa solemnidade realisada na egreja do Populo em Braga, por occasião do centenario da canonisação, do grande luminar da edade média, S. Thomaz d'Aquino.

*
* *

Se o criterio para avaliar os sentimentos catholicos d'alguem,

é a sua dedicação para com o supremo jerarcha da Egreja, póde dizer-se que o padre Martinho era um catholico fervorosissimo.

Dedicava entranhado affecto ao immortal Pio IX, e só para vêr a sua magestosa figura, ouvir a sua voz meiga, suave, energica e terrivel quando trovejava contra o erro e a impiedade, e receber a sua benção apostolica, emprehendeu uma viagem á cidade eterna, á Roma dos Papas, em maio de 1870.

Estava aberto o concilio ecumenico do Vaticano e o padre Martinho fazia fervorosissimos votos para que fosse elevado á categoria de dogma de fé, a doutrina catholica, antiquissima e eminentemente conforme com a missão augusta do pontificado, a doutrina da infallibilidade doutrinal do Vigario de Jesus Christo.

No regresso da sua viagem, recebeu de Roma um telegramma em que lhe participavam a decisão do concilio do Vaticano de 18 de Julho de 1870, e foi no oratorio particular do padre Martinho que se entoou o primeiro *Te-Deum* em Portugal, em acção de graças pelo dogma definido. Eu o vi delirante de alegria e consolação, ao vêr confirmada com a authoridade do Espirito Santo, a authoridade Suprema do magisterio infallivel do Pontifice romano.

Esta alegria era a expansão de suas ideias profundamente catholicas.

Devotissimo da Mãe de Deus, contemplou-a na formosura da sua Conceição Immaculada; devotissimo do Vigario de J. Christo, acclamou-o com o mundo catholico na infallibilidade do seu magisterio supremo.

O padre Martinho podia, pois, repetir com Simeão: *Nunc dimitis, Domine, servum tuum in pace.*

*
* *

Mas o Senhor queria que o seu fiel servo e digno sacerdote continuasse por mais tempo no exercicio do seu zelo infatigavel, e dar-lhe assim occasião de augmentar a corôa já rica dos seus merecimentos e das suas virtudes.

Effectivamente, o padre Martinho nunca affrouxou na carreira do seu apostolado.

Trabalhava sempre, e tinha o segredo de repartir o tempo de modo, que sem faltar ás suas obrigações sacerdotaes, dava solução a todos os negocios de interesse espiritual para a Egreja e para os fieis.

Era escrupulosissimo na sua consciencia humilde, sem nunca descer de sua dignidade por todos respeitada, grave e edificante no exercicio das funcções sagradas, austero para comsigo, e benigno para com os outros, prudente e reservado em seus actos, e apezar

de seguir umas certas ideias politicas, soube pela sua tolerancia e caridade adquirir e conservar até ao ultimo dia da sua preciosa existencia, o respeito, a estima, o elogio e a veneração dos homens de idéas politicas contrarias ás suas.

Em abril de 1875 havia o padre Martinho partido para Vairão onde existe um mosteiro de benedictinos, a que o zeloso sacerdote havia prestado relevantes serviços pelo ministerio da palavra e do confissionario; e, chamado a Braga para substituir no seminario a falta d'um professor, morre repentinamente em Villa do Conde, em casa do seu amigo o padre Manoel da Costa Faria da Silva, onde se havia hospedado no dia 7 de abril, para seguir no dia seguinte jornada para Braga.

O padre Martinho appareceu morto na cama.

Parecia qne estava dormindo. Os olhos fechados, a bocca perfeitamente composta, o rosto sereno, uma das mãos debaixo da face, e a outra, sustendo uma medalha da SS. Virgem que sempre trazia comsigo.

No mesmo dia da morte do padre Martinho, foi o seu cadaver conduzido para Braga.

Depois das 10 horas da noite, (escrevia um jornal de Braga), chegou o carro funerario ao real templo de Santa Cruz, onde, no dia seguinte, o finado teve pomposos officios, que se tornaram notaveis pelo numero de pessoas que alli compareceram a tributar espontaneamente as ultimas homenagens de respeito e consideração áquelle varão illustre por todos os titulos respeitavel.

Além da grande affluencia de pessoas de todas as condições sociaes, achavam-se pessoalmente no centro do templo 200 ecclesiasticos de sobrepelizes, o corpo docente e communidade do seminario de S. Pedro e os alumnos do curso triennal do mesmo, o que ao tudo prefazia um numero não inferior a 500. Suas ex.as D. José pelos seus famulos, e o snr. D. João pelo seu secretario, ordenando o mesmo senhor que em tributo de homenagem para com o fallecido não houvesse aulas n'aquelle dia.

Acabada a missa celebrada pelo reverendo conego Costa e os responsorios, tudo a grande orchestra a que gratuita e voluntariamente se prestaram os membros da capella dos snrs. Luiz Baptista e Paivas, foi o cadaver conduzido para o cemiterio precedido por vinte e uma confrarias e irmandades, indo na de N. Senhora da Boa Memoria incorporados os alumnos do curso theologico, Ordem Terceira de S. Francisco, communidade do Seminario de S. Pedro, irmandade do clero de S. Pedro e de S. Thomaz, que levava grande numero de ecclesiasticos psalmeando, cujo prior fechava o prestito, e ia como preste de capa o reverendo conego honorario e abbade de S. João do Souto.

A's borlas do caixão, pegavam os reverendissimos abbades de

S. Martinho do Campo e Bairro, e os desembargadores, abbades de S. Pedro de Maximinos e Fontoura.

Era consideravel o numero de pessoas que se reuniu em varios pontos para vêr o acompanhamento, que na verdade, foi um dos mais imponentes que aqui se tem visto.

Nos dois dias (8 e 9) dobraram todas as torres.

Quando terminaram os ultimos responsorios no cemiterio, eram duas horas da tarde.

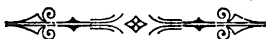
Assim prestou Braga a homenagem do seu respeito, saudade e veneração, ao venerando padre Martinho Antonio Pereira da Silva.

O seu corpo lá está sepultado no cemiterio publico de Braga.

Está junto dos restos mortaes do sabio e virtuoso padre mestre Machado, religioso Carmelita descalço, bispo eleito de Angola e capellão de Santa Cruz.

O padre Martinho não tem sobre a sua campa soberbos mausoleus e pomposos epitaphios, mas tem o seu nome escripto no coração de todos, e a sua memoria perpetuará nas paginas mais brilhantes da historia contemporanea da Egreja bracharense.

Que a luz perpetua alumie sua alma e gose do eterno descanço no seio do Senhor a quem tanto amou.

DR. LUIZ MARIA DA SILVA RAMOS.

3—Sabbado—*(iejum)*—S. Francisco Xavier.

Maria é o refugio dos que pretendem escapar-se da ira de Deus.

S. ALBERTO MAGNO.

4—🌕 Domingo—S. Pedro Crysologo, B., C., Dr. —St.ª Barbara, V. M.—*Lua cheia ás 5 hor. e 36 min. da tarde.*

Maria é o valle aromatisado pelos lirios de todas as virtudes.

S. Athanazio.

ULTIMA PRECE Á VIRGEM

Um derradeiro lampejo! e empallidece
Ao mesmo tempo o sol: a sombra desce
E ao muribundo envolve; a escuridão
Já se apodera do teu ser, Leão!

Gelam-se as tuas veias; já não corre
Vivido o sangue; o corpo exhausto morre.

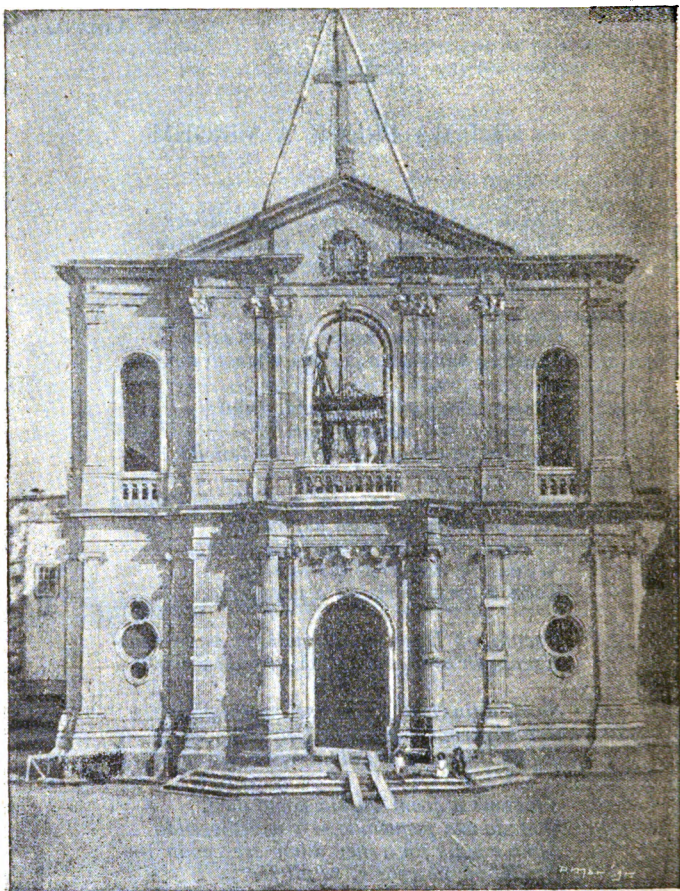
Lançou a morte o seu dardo fatal;
Os teus ossos irão, no funeral
Sudario envoltos, repousar no tumulo.

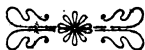
Mas a alma vôa ao ceu, ascende ao cumulo
Da montanha ideal da aspiração,
E, livre, emfim, da temporal prisão,
Já seu vôo accelera; ali termina
Toda a longa jornada a peregrina.

Escuta, oh Deus, na angustia os votos seus!
Escuta-lh'os clemente, oh grande Deus!

Se eu attingisse o Ceu! se contemplasse,
Por suprema mercê, de Deus a face!
E, oh Virgem, teu olhar visse tambem!...

Virgem! a quem queria como mãe,
Quando era pequenino,—(e envelhecendo
Mais e mais foi o meu amor crescendo)—
Acolhe-me no ceu; e, se ali fôr
Eu um d'aquelles da cidade santa,
Direi eternamente que ao favor
Da Virgem-Mãe devi ventura tanta!

Leão XIII.

MONUMENTO DO SAMEIRO

5—Segunda-feira—O B. Humilde de Bisiniano, C. da 1.ª O.—S. Sabas, Abb.—S. Geraldo, Arceb. de Braga.

A mãe de Deus é o modelo sem mancha de toda a pureza e virgindade.

S. GREGORIO THAUMATURGO.

6—Terça-feira—S. Nicolau, B., C.

Maria é um abysmo de milagres. A profundeza de suas glorias nem os anjos devassam.

S. J. DAMASCENO.

7—Quarta-feira—St.º Ambrosio, B., C., Dr.—*Os fieis que, no dia seguinte, ou durante a Oitava, assistirem á Missa ou Officio Divino, podem lucrar as mesmas indulgencias que estão concedidas para a festa do SS. Corpo de Deus.*

Maria é a inspiradora e auctora de todo o bem que fazemos; casa bemdicta d'onde a vida dimana; throno de Deus levantado para fazer misericordia.

8—✠ Quinta-feira—A Immaculada Conceição de N. Senhora, Padroeira das Tres Ordens de S. Francisco e do Reino de Portugal e Conquistas.—*Abs. geral para os Irm. Terceiros.—Ind. plen. para os confrades da Conceição,—de S. José.—Rosario Vivo e confraria do Rosario.*

A Immaculada Conceição e a Ordem Franciscana

A devoção a Maria nasceu na Ordem Franciscana com o Santo Patriarcha, seu fundador. São por demais conhecidas as scenas de celestial convivio, em que o abrasado Serafim de Assis passava as noites, na deserta capellinha da Porciuncula, dedicada á Senhora dos Anjos, junto a Assis. Alli consagrou Francisco a sua Ordem á Rainha dos Anjos, alli a seus joelhos aprendeu a dictar aquelles sabios preceitos, que ainda hoje se conservam na sua austera pureza, sem que haja sido mister accrescentar-lhes ou subtrahir-lhes um jota, para que continuem sendo uma norma rectissima de vida christã e santa, a perfeição da santidade. Alli gosou elle, por muitas vezes, de celestes visões; alli recebeu, por intercessão e inspiração de Maria, a mais singular das graças até então concedidas, a favor dos peccadores, a celeberrima indulgencia do *Perdão* ou da Porciuncula. Pelas palavras e pelo exemplo, o Santo Patriarcha inculcou aos seus filhos o mesmo amor que elle consagrava á Virgem. Não exageramos se dissermos que não tem havido um só franciscano que não professasse uma terna devoção á Poderosa Mãe de Deus. Não nos deixam mentir os martyrologios, os necrologios e, em geral, as chronicas minoriticas. Desde Francisco de Assis, não houve prégador na Ordem que não proclamasse as glorias de Maria e inculcasse a sua devoção. Attestam-no todos os sermonarios que ainda existem.

Desde Alexandre d'Ales não houve doutor que não apregoasse e defendesse, mais ou menos, os seus privilegios e graças extraor-

dinarias. Comprova-o a assaz extensa bibliographia franciscana. Desde Santo Antonio de Lisboa, que pelo proprio S. Francisco foi instituido mestre de theologia, nenhum professor interrompeu a gloriosa tradicção de ensinar publica e particularmente, dentro e fóra da Ordem, tanto nos simples collegios, ou seminarios, como nas grandes universidades. as prerogativas que, por direito e graça, competiam á Mãe de Deus. Que o digam, como disseram, todos os seus discipulos. E' que nos designios da Providencia, que todas as cousas destina para um fim determinado, parece ter sido plano preconcebido escolher a Ordem franciscana para especial defensora das glorias da Mãe de Deus.

Nem ha que estranhar se assim tiver acontecido. Factos similhantes não são raros na economia geral da vida da Egreja militante.

Pondo agora de parte quanto a Ordem franciscana fez pela exaltação da Mãe de Deus, em todas as manifestações da vida christã, é nosso intento fallar apenas, e mui succintamente, dos esforços que empregou para que na corôa das glorias immarcessiveis de Maria fosse engastada a mais preciosa das joias e, por sem duvida, a que ella mais estimou sempre: a Sua Conceição *Immaculada*, como dogma de fé. Não lhe negavam, é certo, esta prerogativa os filhos que a tinham por Mãe muito querida; mas no coração lhes doia profundamente que nem todos fossem obrigados a pensar e a crer como elles. Nada menos de 12 seculos se tinham passado já, e a lucta entre os padres e doutores da Egreja e das escolas continuava indecisa, sem saber precisar em termos claros a questão monumental. Chegou o momento, porém, e é á Ordem Franciscana que a Rainha dos Anjos quiz dispensar mais esta gloria. Levanta do nada um dos filhos do Seraphico Patriarcha. E adorna-o de extraordinaria sciencia, depois de o enriquecer de admiraveis virtudes. Determina que elle passe pelas universidades mais notaveis da Europa e vença os melhores theologos que então eram os oraculos da sciencia. Permitte que, no entretanto, se accenda, mais do que nunca, a contenda sobre a Conceição de Maria, e maximamente sobre o *momento* preciso em que Ella havia sido livre, immune, de mancha do peccado. Os seus irmãos, mestres na Sorbonna, luctavam, como heroes, por defender as tradicções da Ordem. N'estas alturas, o immortal Fr. João Duns Escoto era a admiração dos milhares de discipulos que o escutavam na Universidade de Oxford, na Inglaterra. A sua fama correra o mundo. O Geral da Ordem manda-lhe, por santa obediencia, que se apresente em Paris. Apparece Escoto e é recebido com grande alegria de todos, porque justamente esperavam encontrar n'elle um apoio poderosissimo, ou ainda um adversario claro e recto. E' convidado a entrar no combate. Escoto, desconfiado de si mesmo, confundido na súa grande humildade, não ousa luctar a descoberto

Immaculada Franciscana

com tão poderosos adversarios, como eram os grandes mestres da mais celebre das universidades, a de Paris. Conserva-se n'uma attitude de reserva e modestia, que a muitos podia parecer de mêdo, ou de menos confiança na certeza da doutrina que defendia.

Mas a obediencia impelliu-o para a frente, e Escoto entra na lucta. Entrou e venceu. Por demais tinha elle a certeza da victoria. Por ventura não estava lá vigilante a sua protectora a quem elle ia defender? Não lhe provara ella, por um milagre evidentes que estava com elle? No dia aprazado para a celeberrima disputa, Paris tomou um aspecto desusado. Todos se encaminhavam para a Sorbona, cheios de anciedade. Escoto fortalecera-se com a oração e penitencia. Caminhava elle tambem, ao lado de seus irmãos, para o theatro da sua maior gloria. Passou deante da capella real, sobre cujo frontespicio estava uma imagem de marmore da Mãe de Deus, sustentando nos braços o fructo das suas virginaes entranhas.

O esculptor acommodara a imagem ao local. Deliniara-lhe a cabeça direita e os olhos em attitude de contemplar os que lhe passassem defronte. Alli chegado, Escoto pára, ajoelha e dirige-se áquella que elle tanto amava: «*Dignare me laudare te Virgo Sacrata—da mihi virtutem contra hostes tuos*». Virgem Sacratissima, faze que eu saiba celebrar os teus louvores, que eu defenda as tuas glorias — dá-me força que vença os teus inimigos. Oh! prodigio! A imagem inclinou para Escoto a cabeça, em signal de que ouvia a sua supplica, e de que o acompanhava na defesa dos seus privilegios, e para que ninguem podesse duvidar d'este favor concedido a Escoto, não mais retomou a posição primitiva que o artista lhe déra.

No meio d'um silencio sepulcral, Escoto, na attitude do discipulo mais humilde, com os olhos no chão, as mãos cruzadas sobre o peito e escondidas nas mangas do pobre habito, ouve os argumentos de duzentos doutores contra a Conceição Immaculada de Maria. Não se perturba. Nenhuma d'essas objecções era nova para elle. A sua intelligencia tinha-lhe revelado outras bem mais difficeis ainda, que por si mesmo resolvera. Com um prodigio de memoria nunca visto, repete-os todos pela mesma ordem, compendia-os, resolve-os, pulverisa-os, e sobre esta primeira victoria levanta o pedestal para a segunda: estabelece elle então a sua doutrina, inteiramente nova, inteiramente desconhecida e proclama, n'um assombro geral de toda a assistencia, que Maria foi immune de toda a culpa *no proprio instante da sua Conceição*, não antes, não depois. Disse e provou. Nem um só dos seus adversarios ousou replicar, porque a maior parte ficou, para logo, convencida, e todos vencidos. Escoto triumphou por Maria, Maria triumphou por Escoto.

Desde aquelle dia memoravel para as glorias da Mãe de Deus, a questão sobre a Conceição da Virgem tomou outro aspecto.

Pozeram-se de parte pontos apenas accidentaes sobre o assumpto, e d'ahi por deante limitava-se tão somente aos termos precisos em que Escoto a collocara. Dentro em pouco a Universidade de Paris adoptava a sentença de Escoto como propria. Um seculo mais tarde obrigava todos os seus doutores a jurar defender a Immaculada Conceição.

Para a Ordem Franciscana passou a ser um dogma, e todos os filhos da Igreja exultaram com o triumpho de Escoto, por verem n'elle uma gloria assignalada para a Mãe de Deus e dos homens. A escola de Escoto foi desenvolvendo, illucidando os preciosos argumentos do Mestre, conseguindo formar um corpo de doutrina indestructivel. De Paris partiu o exemplo para as demais universidades, e em breve tornou-se a opinião quasi unanime.

Das universidades saiam os bispos que prégavam aos seus rebanhos a mesma doutrina, já por si tão uniforme com a piedade catholica. Os mesmos Romanos Pontifices seguiam esta opinião, embora a não imposessem como dogma de fé. Todavia não faltavam contradictores, talvez mais por sustentar caprichos de escola, do que por convicção de doutrina. Houve ainda luctas, no decorrer dos seculos, sustentadas com ardor de parte a parte, mas sempre com triumpho certo para os defensores da Mãe de Deus. No Pontificado de João XXII, então residente em Avinhão, julgaram occasião opportuna os adversarios da Immaculada Conceição para lançar por terra a opinião de Escoto. Levaram o Pontifice a determinar que, na sua mesma presença, se realisasse uma disputa entre elles e os franciscanos, ajuizando erradamente que estes não ousariam comparecer na presença d'um Papa que, por outras questões então ventiladas, os não olhava com muito affecto, segundo opinavam os mesmos adversarios. Puro engano; os franciscanos não só compareceram, senão que confundiram os seus adversarios e os de Maria Immaculada. João XXII, arbitro da contenda travada na sua presença, proclamou vencedora a doutrina de Escoto e os franciscanos, e determinou que d'alli por deante a festa da Immaculada Conceição fosse celebrada com maior esplendor. Mais tarde subiu á cadeira de Pedro o Papa Sixto IV, franciscano. Como era natural, promoveu quanto lhe foi possivel a gloria de Maria Immaculada, cuja devoção e amor bebera na escola da sua Ordem.

Este facto foi, talvez, causa de maior irritação para os poucos contrarios que ainda existiam. Sixto IV, vendo que nem a sua auctoridade de Pontifice Supremo da Igreja bastava para pôr termo á lucta, quiz provar-lhes que não obrava por outro motivo que não fosse a convicção plena da verdade que a escola franciscana defendia, e que era o sentir piedoso, quasi unanime dos fieis. Con-

vidou, pois, os seus adversarios a virem á sua presença disputar contra a opinião de Escoto e da sua escola. Foram, levando á frente o celebre theologo Padre Bandelli.

Os franciscanos deputaram o, não menos celebre, P. Francisco Nano, então Ministro Geral da Ordem. Travou-se a lucta, e com tal copia de argumentos irrespondiveis o P. Francisco Nano confutou as razões do P. Bandelli, que os assistentes irromperam em vivas acclamações á Virgem Immaculada, levando em triumpho o seu novo defensor. A historia narra uma anecdota então occorrida. Sixto IV, enthusiasmado com este novo triumpho da Virgem Mãe de Deus, não pôde conter-se que não abraçasse publicamente o P. Francisco Nano, dizendo-lhe: *«Tu és um verdadeiro Sansão.»*

Desde então o P. Francisco Nano ficou sendo chamado por todos, Francisco Sansão, *(Mauzella, il Domma, etc.*, vol. I, pag. 158). Parece que já era bastante para fazer calar os adversarios de Escoto e de Maria Immaculada. Pois não foi. Mais tarde, em Ferrara, na presença do Duque Hercoles, Mecennas das lettras e das artes, renovou-se a contenda. O celebre padre Bandelli entra de novo em scena. Não lhe bastara a licção recebida. Foi estudar mais, muito mais, e quando se julgou habilitado, invencivel, apresentou-se em campo. Similhante ousadia parece que devia ser preludio d'uma victoria, d'esta vez segura, para o P. Bandelli. Os Franciscanos, para que se não julgasse que o triumpho da sua escola, defendendo a Immaculada, era devido mais á pericia dos seus doutores que á verdade da causa pela qual com tanto amor pugnavam, não quizeram que outra vez entrasse no combate o já experimentado P. Sansão. Enviaram, por isso, o simples mestre Bartholomeu de Feltres. Ainda d'esta vez, como sempre, venceu Escoto. Bandelli depoz as armas, e confessou-se vencido, senão convencido.

Não só na defesa da doutrina de Maria se ennobreceu a Ordem Franciscana. Achava pouco para a gloria da Rainha dos Céos obter-lhe triumphos nas academias, coroar de louros os mestres da sua escola, alcançando victorias sem numero.

Não lhe bastava ter conseguido que por toda a parte se fizessem festas em honra de Maria Immaculada, que os seus filhos mais assignalados nas lettras composessem em honra da Immaculada, hymnos, officios, antiphonas, canticos, louvores os mais bellos. Para os filhos de Francisco tudo isso era pouco. Tinham postos mais alto os olhos, porque a terna Mãe de Deus e dos homens, que na sua capellinha da Porciuncula vira nascer, acalentara e protegera sempre a Ordem Franciscana, merecia mais do que isso, e ella muito mais lhe devia. A escola franciscana previu, desde o principio, que um dia a sua doutrina havia de receber a sancção do dogma. Para tal fim encaminhou todos os seus esforços. Porém,

difficillima empreza é esta! Para a conseguir, não bastam razões apresentadas á primeira vista.

Estas são, muitas vezes, mais do que o alicerce. O edificio só os seculos, e muitos seculos, acabam de construir, e não será para admirar que muitas vezes fique incompleto. E' obra que só a Deus pertence. Mas, dignou-se a Providencia coroar de feliz exito os denodados esforços dos admiradores e amantes de Maria, que, sobre as pisadas de Escoto, haviam trabalhado pela sua gloria.

Impossivel recordar os nomes illustres dos franciscanos, doutores e santos, qne se empenharam n'este glorioso emprehendimento.

Citaremos um apenas, cujo nome é universalmente conhecido: S. Leonardo de Porto Mauricio. Com que afan S. Leonardo trabalhou para que fosse definido o dogma da Immaculada, comprova-se, além de outros documentos, pela celebre carta que o Santo dirigiu a um Prelado religioso, até hoje desconhecido, no Pontificado de Bento XIV.

Alli se refere aos esforços empregados por S. Leonardo junto dos Romanos Pontifices Bento XIV e Clemente XII para conseguir d'elles a definição dogmatica da Conceição de Maria Immaculada. Pelo seu zelo, tão ardente como santo, mereceu que aquelle ultimo Pontifice o encarregasse de investigar o sentimento geral do mundo christão ácerca do assumpto. S. Leonardo poz-se á obra com todo o ardor do seu temperamento e da sua piedade filial para com Maria Santissima. Conferenciou largamente com todos os cardeaes, achando a todos de opinião favoravel, menos um. Dirigiu-se depois a todos os embaixadores dos soberanos catholicos, a todos os bispos, a todos os superiores geraes das Ordens Religiosas, e emfim aos superiores ecclesiasticos, e teve a consolação de vêr que estes todos, na sua immensa maioria seguiam a opinião favoravel á Immaculada Conceição. Sem o querer, S. Leonardo tinha como que convocado um concilio universal. Todavia, não lhe tinha Deus reservado a consolação de vêr, em seus dias, o exito feliz dos seus trabalhos.

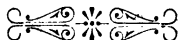
Mais um seculo tem de passar ainda, e só então, Pio IX, o Grande, leva a cabo os trabalhos encetados por S. Leonardo. Dissera elle, S. Leonardo, que da definição d'este dogma grande bem havia a esperar tanto para a Egreja como para a sociedade.

Pio IX conheceu perfeitamente que era chegada a hora de conceder esse bem tão desejado, e fez reviver os trabalhos de S. Leonardo. Como elle mesmo confessou em Gaeta, a um illustre personagem, os trabalhos preparados por S. Leonardo serviram-lhe de norma; e, na verdade, é isso o que se deprehende da bulla dogmatica. Chegara o dia 8 de dezembro de 1854. A doutrina de Escoto e da sua escola recebeu plena sancção no triumpho de Maria

Immaculada, proclamado pelo oraculo infallivel do Vigario de Christo. A Ordem Franciscana exultou, vendo tão gloriosamente coroados os trabalhos de sete seculos pela defesa da mais preciosa joia da corôa de Maria. N'esse mesmo dia, pela tarde, ajoelhavam aos pés do Immortal Pontifice de Maria, os quatro superiores geraes das grandes familias de que então se compunha a Ordem de S. Francisco.

Iam agradecer-lhe em nome da sua Ordem e do mundo catholico aquelle singularissimo favor, que era uma consolação para tantos milhões de corações amantes de Maria. Ao mesmo tempo deviam offertar-lhe o symbolo da Immaculada. O P. Venancio de Celano, Ministro Geral dos observantes e reformados, apresentou ao Romano Pontifice um riquissimo lirio de prata; e o P. Jacintho Gualerni um ramo de Rosas, em filigrana, da mesma materia. Pio IX acceitou, commovido até ás lagrimas, aquelles symbolos, que eram ao mesmo tempo um testemunho de filial amor dos filhos de Francisco de Assis para com Maria Immaculada e para com elle. Abraçou-os, dirigiu-lhes as mais consoladoras palavras de agradecimento por quanto a Ordem fizera em sete seculos por Maria Immaculada, e, estendendo sobre elles as mãos, abençoou-os com as palavras do Ecclesiastico: «ouvi-me, vós que sois os filhos queridos de Deus, e fructificae como o rosal plantado sobre as correntes das aguas. Diffundi um cheiro de suavidade como o Libano. Dai viçosas flores como o lirio, e recendei fragrante cheiro, e vesti-vos de engraçados ramos, e entoai canticos de louvor, e bemdizei ao Senhor nas suas obras.»

A benção de Pio IX produziu toda a efficacia que encerra a força de suas palavras, e a protecção especial de Maria Immaculada continua a velar pela sua ordem, a Ordem Franciscana.

P. J. J. S.

9—Sexta-feira—*(jejum)*—S. Silvestre, Abb.—A B. Joanna de Signa, V., da 3.ª O.—St.ª Leocadia, V. M.

Maria é o iman dos peccadores; o que por esta mãe foi atrahido para Jesus é impossivel perder-se.

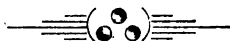
ALBERTO MAGNO.

10—Sabbado (jejum)—Trasladação da Santa Casa do Loreto.—S. Melchiades, Pp., M.

ESTATUA DE N. SENHORA DO SAMEIRO (EM FRENTE AO MONUMENTO)

Maria é o espelho clarissimo de Deus nunca embaciado com peccado original.

B. DE BUSTO.

11 — Domingo (3.º do advento)—S. Damaso, Portuguez, Pp. C.—S. Franco, C.

VIRGEM MARIA

A M. C. DE MESQUITA

«—Quem tão triste é como a Virgem
E o seu lindo nome tem,
Deve ser egual a Ella,
Pura em affectos tambem.—»

***

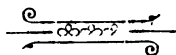
Consoladora Mãe dos desgraçados!
—Nome adorado em tantas orações—
Tu que soltaste lamentaveis brados,
Ao ver's teu Filho morto entre ladrões.

Tu que, abraçada á cruz, alli choraste
Tanto pranto que ainda nos aquece,
Por esse pranto—ó Mãe!—que derramaste,
Vem escutar a minha triste prece!

Volve os teus olhos, sempre piedosos,
Do Céo á terra, lar dos desditosos,
Valle de amarguras, de suspiros, ais...

E dize áquelles que, soffrendo, choram,
Aos filhos que te buscam, que te exoram,
Que foste Santa, mas soffreste mais!

Lisboa, 25—7—902.

ARMANDO A. XAVIER.

12 — Segunda-feira — Invenção do Corpo de S. Francisco.—S. Justino, M.

Maria, aurora ditosa dos dias felizes; o goso das virgens.

S. BOAVENTURA.

13—Terça-feira—St.ª Luzia, V. M.

Havia, n'outro tempo, cidades de franquia ou de refugio, assim chamadas, porque, quem lá se refugiasse, escapava a muitos incommodos e participava de muitas vantagens; de sorte que estas cidades attrahiam para dentro de seus muros novos habitantes e conservavam os seus.

Graças ao céo, nós nada temos a invejar aos tempos antigos; pois Deus nos proveu tambem, sob a lei evangelica, d'uma cidade de refugio, d'uma só, na verdade, mas immensamente superior a todas as outras, porque é a mais forte, a mais bella e a mais segura, e todo aquelle que n'ella se refugia, escapa a todos os perigos e assegura todos os bens.

Qual é então a cidade afortunada? Ouvi ao Santo Rei David celebrar os seus louvores: «O' cidade de Deus, contam-se de ti coisas gloriosas.»

Esta cidade é a Rainha do Céo, a Mãe de Deus, por isso que é o refugio dos peccadores.

14— ☽ Quarta-feira—*(Temporas—jejum).*—S. Gregorio Thaumaturgo, B., C.—St.º Agnello, Abb.—***Quarto crescente ás 9 h. e 20 min. da tarde.***

a ria foi mãe mas sem contagio nem macula.

S. Boaventura.

15—Quinta-feira—Oitava da Immaculada Conceição.—St.° Eusebio, B. M.

SAMEIRO

Todos conhecem o Sameiro, cuido eu; a devoção do povo portuguez tornara-o muito celebre, e está fadado para ser, n'um uturo proximo talvez, o centro do culto mariano em Portugal.

Quem o não viu ainda?

A seus pés n'um longo tapete de verdura estende-se o gracioso valle de Braga; alongando olhos pelos seus horizontes vastissimos, interminaveis, descortinamos todas as bellezas, de que se reveste o nosso pittoresco Minho. E por cima a abobada azulada do firmamento, que, similhante á soberba cupula, lhe serve de remate; e o céo minhoto é lindo, lindo... Respirando a sua aragem fresca, á hora do sol poente, dir-se-ha que no Sameiro se vive n'uma atmosphera nova e superior; em baixo dorme Braga, a pacata Braga; ao longe, dependurados pela encosta de verdejantes collinas, fumegam os casaes dispersos, e que, áquella hora do crepusculo, semelham um ponto branco e imperceptivel quasi no horisonte; por toda a parte essa vegetação riquissima e variegante e poetica do nosso Minho.

O local é, na verdade, apropriadissimo. Tudo convida á oração, e é para orar, que milhares de portuguezes, cujo coração lateja amor, vão subir ao cume d'aquelle monte, que em 1861 era ainda um monte sem importancia e quasi sem nome.

—

N'esse mesmo anno de 1861 dois sacerdotes, o Rev. P. Martinho Antonio Pereira da Silva e o Rev. P. Manoel Antunes dos Reis dirigiam-se em passeio para o Sameiro.

As excepcionaes demonstrações de regosijo, que a definição

do dogma da *Immaculada Conceição* tinha despertado em 1854 em todo o mundo catholico, não tinham amortecido de todo.

Recahiu, pois, a conversa sobre este assumpto. As sumptuosas festas na capital do catholicismo, o exemplo da França e de outras nações, que levantavam estatuas e collocavam lapides commemorativas do faustoso acontecimento, os celebres festejos de 1855 em Braga entretiveram-lhes as attenções no percurso do *Bom Jesus* até ao Sameiro.

Foi alli que o P. Martinho communicou a seu companheiro o projecto de levantar n'aquelle sitio um monumento, que commemorasse a definição dogmatica da *Immaculada Conceição;* d'este modo Portugal, que é o reino de Maria, e que desde seculos engastava na corôa da Virgem mais esta perola fulgentissima de *Immaculada*, não ficaria insensivel; por outro lado daria a catholica Braga um nobre exemplo ao resto do paiz.

Prometteu o P. Manuel Antunes dos Reis todo o seu apoio e coadjuvação em obra de tanto alcance, e que seria uma profissão de fé n'aquelle seculo de descrença e materialismo. Desceram o monte preoccupados com a maneira mais facil de levar a effeito a realisação da obra, e foram-no communicando aos amigos e pessoas de intimidade, até que em Maio de 1852 se formou uma numerosa commissão, composta de cavalheiros distinctos, e com a approvação do Arcebispo Primaz. Muito teve que luctar a commissão, porque a indifferença de uns, o egoismo de outros estorvavam a prompta realisação da obra; mas devido á cooperação de almas boas e generosas deu-se principio ás obras e o monumento era, dentro de poucos annos, um facto consummado.

Collocou-se a 14 de junho de 1863 a primeira pedra. Admiravel coincidencia! Seculos atraz, em 1637, celebrava-se em Braga synodo diocesano sob a presidencia do Arcebispo Primaz D. Sebastião de Mattos, e a 14 de junho fazia a Igreja bracarense, alguns annos antes do celebre juramento das Côrtes de Lisboa, o seguinte juramento:

«*Promettemos e juramos todos os que n'este synodo estamos congregados, em nossos nomes e de nossos successores, de sempre termos e guardarmos e defendermos, que a Virgem Maria Nossa Senhora foi concebida sem macula de peccado original, na forma das Constituições e Breves Apostolicos passados sobre esta materia.*»

O esculptor Amatucci foi encarregado da estatua. A acquisição de uma pedra de 14 palmos, porque devia ser de uma só pedra o monumento, demorou a confeição da estatua.

Afinal a 6 de agosto de 1869 chegava a estatua a Braga, estando exposta seis dias no paço archiepiscopal. A 12 d'esse mes-

mesmo mez era transportada festivamente para o monte Sameiro por entre os enthusiasmos e acclamações d'uma immensa mó de povo, que affluira de todas as partes áquella festa, unica nos annaes de Braga; finalmente a 29 d'esse mesmo mez o Arcebispo Primaz D. José Joaquim d'Azevedo e Moura benzia solemnemente a colossal estatua da Virgem do Sameiro.

Ahi fica em resumo a historia do Sameiro. Não nos alongamos mais, porque, além de não caber nos acanhados limites d'um modesto artigo de *Almanach*, quasi todos os meus leitores a devem conhecer.

FR. Z. GONÇALVES.

16—Sexta-feira *(Jejum)*—St.ª Adelaide, Imperatriz, Viuva.—As Virgens de Africa, Mm.

Começa a novena ao Menino Deus. Os fieis que a fizerem lucram cada dia 300 dias de indulgencias e uma plenaria em qualquer dia d'ella á sua escolha.

AO MENINO JESUS

(PARA A NOVENA)

Nós ardemos em desejos
De vêr nascido a Jesus
E calçar-lhe os pés de beijos
E vestir-lhe os braços nús.

Preparae-lhe um berço fino
Dentro em vosso coração,
Porque Elle é o Rei Divino,
Rei d'amor e de perdão.

Vinde, vinde, ó Deus Infante,
Rei da vida e Rei da dôr;
Vinde reinar triumphante
No vosso throno d'amor.

Oh virgens, castos amores,
Trazei um berço de luz
E almofadinhas de flôres
Ao pequenino Jesus.

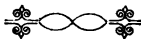
Vamos convidar os anjos
Para aqui virem cantar,
E os Seraphins e Archanjos
Para o virem adorar.

O' Virgem bemdita e pura,
Rasgae do mysterio o véo:
Dae-nos Jesus, a ventura
Que nos vem abrir o céo.

(Musica do auctor). P. NUNES TAVARES.

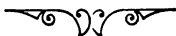
17—Sabbado—*(jejum)*.—A B. Margarida Columna, V., da 2.ª O.—S. Bartholomeu de Geminiano.—S. Lazaro, B.

Maria foi o jardim d'onde brotou o candido lirio de toda a pureza; a recuperadora do mundo naufrago.

B. DE BUSTO.

18—Domingo—(4.º do advento.)—Nossa Senhora do O' (ou a Expectação do Parto de N. Senhora.)—S. Espiridão.

O Patriarcha S. Domingos, estando um dia occupado em exorcisar um possesso, pergunta, entre outras coisas, aos demonios qual é o santo que mais temiam no ceu e que sobre elles tinha mais poder n'este mundo.

Foi preciso intimal-os por mais d'uma vez a explicarem-se, pois obstinavam-se em guardar segredo sobre este ponto. Finalmente, obrigados pelos exorcismos, responderam: A Mãe de Christo é a que tememos mais entre todos os santos: é ella que tem mais imperio sobre nós; é tambem ella que merece ser mais amada e venerada dos homens, porque uma unica supplica de sua parte, um só suspiro offerecido por ella a Deus, vale mais que as orações e os suspiros de todos os santos juntos; e somos forçados a confessar, a nosso pezar, que não podemos nada contra os fieis e verdadeiros servos de Maria. Mais ainda: devemos confessar que todo aquelle que perseverar na sua devoção para com ella não desce comnosco ao inferno.

19—**Segunda-feira**—O B. Conrado de Ophida, C., da 1.ª Ordem.—St.ª Fausta, Viuva.

Maria é a nau que Deus concedeu á humanidade para atravessar o tempestuoso mar d'este mundo.

B. de Busto.

20—**Terça-feira**—S. Josaphat, B., M.—S. Domingos de Silos, Abb.—S. Filigenio, B.

Na sua conceição Maria foi palma triumpho, pois que superou o demonio sem nunca lhe estar sujeita.

B. de Busto.

APOTHEOSE DE JOÃO DUNS SCOTO, O DOUTOR MARIANNO

21—Quarta-feira—S. Thomé, Ap.

HYMNO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

CÔRO

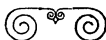
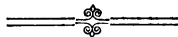
Salvé, salvé, ó Virgem Maria,
Salvé, pomba sem culpa gerada,
Salvé, salvé, ó luz que nos guia,
Salvé, salvé, ó Immaculada!

Sois mais pura que a rosa entre espinhos,
Sois mais bella que a lua brilhante;
E no peito trazeis mais carinhos
Do que a mãe mais bondosa e amante.

N'estas trevas da culpa e da vida
São estrellas de luz vossos olhos;
Sem a culpa mortal concebida,
Só vós sois casto lyrio entre abrolhos.

Sob o manto abrigaes a desgraça,
Sois conforto do pobre e dos tristes;
Sois a Mãe sempre cheia de graça
Que as portas do céo nos abristes.

(Musica do auctor). P. NUNES TAVARES.

22—◉ **Quinta-feira**—St.° Hugolino, Eremita, C., da 3.ª O.—St.° Honorato, M.—S. Flaviano, M.—*L. cheia ás 5 h. e 24 min. da tarde.*

Maria é a arca da alliança que nos precedeu na posse da gloria eterna para nos preparar ahi logar de eterno goso.

ALBERTO MAGNO.

23—Sexta-feira—O B. Nicolau Factor, C., da 1.ª O.—S. Servulo.—St.ª Victoria, V. M.

Maria foi uma apostola encarregada da altissima missão de reconciliar os peccadores com Deus.

ALBERTO MAGNO.

24—**Sabbado**—Vig. do Nàscimento de Nosso Senhor Jesus Christo.—(*jejum e abstinencia rigorosa*)—S. Gregorio, M.—St.ª Herminia, M.

Maria é um iman divino cuja força nos livra das ondas do mundo e nos leva ao porto de salvação.

B. de Busto.

25—**Domingo**—Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.—St.ª Anastacia, M.—*Abs. Ger.*

ECHOS DO NATAL

(PARA MUSICA)

Canções de eterno jubilo
p'lo vasto céo reboem;
paz, gloria, amor, resoem,
Christãos, nasceu Deus!
De Belem surgiu 'splendida
a aurora Redemptora;
sigamos sem demora
os raios d'essa luz.

Gloria a Deus! Hymno eterno de louvor;
Messias Redemptor,
Salve!
Tua lei foi o amor!
Salve!

P'ra nós o céo abrira-se,
raiára nossa esp'rança;
Jesus, eterna herança,
será nosso penhor.

Mas pobre, em noite frigida
nú jaz, e vagitando;
nosso crime nefando,
Jesus, roubou-te o amor!

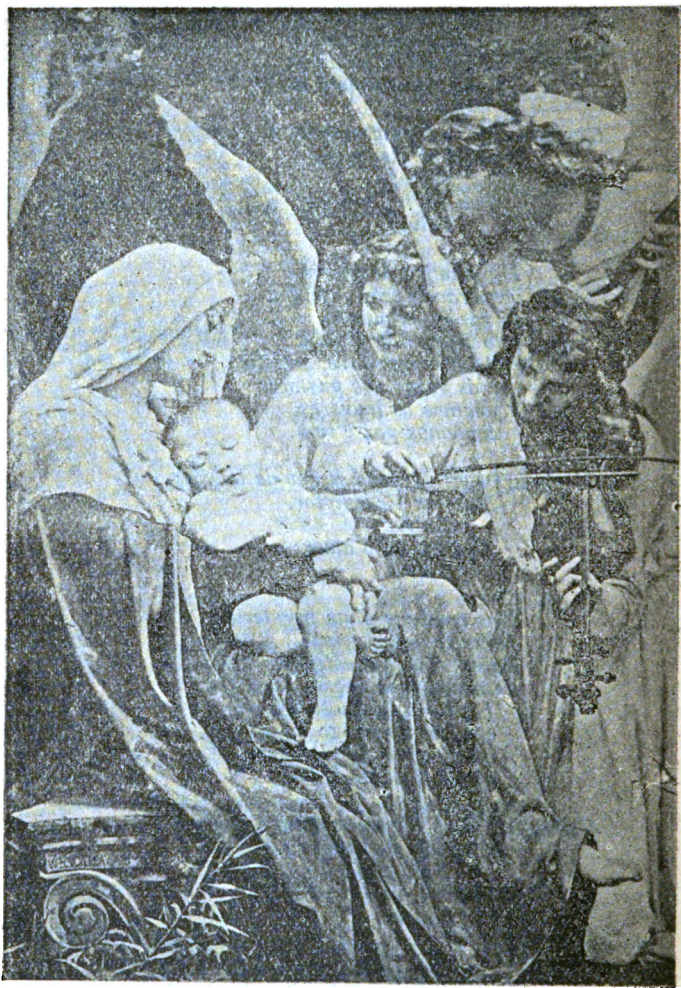
Gloria a Deus! Hymno eterno de louvor;
Messias Redemptor,
Salve!
Tua lei foi o amor!
Salve!

E o cantico de gloria
verberando echo infindo,
se vae repercutindo
p'lo Burgo de Belem.
Ao hymno suave, angelico,
e ás vozes dos pastores
unamos os louvores,
cantemos paz e bem.

Gloria a Deus! Hymno eterno de louvor;
Messias Redemptor,
Salve!
Tua lei foi o amor;
Salve!

Nas sombras d'um mysterio
Jesus se nos revela;
Salve! Tu és a estrella
da nossa redempção.
Lá dentro do tugurio,
aos pés do meigo infante,
nosso amor lhe descante
hymnos de gratidão.

Gloria a Deus! Hymno eterno de louvor;
Messias Redemptor,
Salve!
Tua lei foi o amor!
Salve!

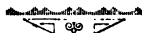
(12—XII=1900). P. Freitas.

O Somno de Jesus

26 — Segunda-feira — St.º Estevão, Prot. — S. M. Dionisio, Pp. — *Ind. Plen. da Bulla.*

27 — Terça-feira — S. João Ap. e Evang.

Maria é o consolo dos que choram; salvaguarda de preceitos; principio da nossa salvação e esperança de todos os que a invocam.

S. Boaventura.

28 — Quarta-feira — Os Ss. Innocentes, Mm.

NATAL

Quando Jesus nasceu,—ha quasi dois mil annos,
por entre o baço horror d'aquella noite algente,
ouviu-se um ruido féro, rude, brusco, ingente;
—foi o rugir brutal dos lôbregos tyrannos!

Tremeram, sobre o throno, os Césares romanos;
o mundo estremeceu;... e as aves mansamente
entoaram pelo espaço, em cantico fremente,
«que Jesus era um Deus,—o rei dos soberanos.»

A humanidade olhou em roda espaventada.
Ao volver sobre si, viu-se regenerada...
e em paga deu-te a cruz, ó meigo Redemptor!

Mas se voltasses cá, os «phariseus» d'agora,
mandavam-te ás galés, pregado á cruz d'outr'ora,...
porque hoje, ó Nazareno, o mundo está peior

20—XII—902. SOUSA MARTINS.

29—☽ **Quinta-feira**—S. Thomaz, Arceb. de Cantuaria.—*Quarto minguante ás 3 h. e 9. da tarde.*

30—**Sexta-feira**—S. Sabino, B., M.

Maria é a ostiaria do ceu; mãe immaculada do immaculado filho de Deus, mãe dos orphãos.

B. DE BUSTO.

AVEIRO E A CONCEIÇÃO DA VIRGEM MARIA

A VEIRO foi sempre uma povoação essencialmente religiosa, muito embora um ou outro individuo d'aqui tenha apregoado opiniões contrarias aos principios catholicos.

Assim o demonstram o grande numero de templos, que outr'ora aqui existiam, muito embora de não vastas dimensões, e o seu grande numero de confrarias, muito embora com pequenos rendimentos.

E' grande o numero de festividades, que annualmente se fazem em Aveiro, mas os aveirenses sempre tiveram especial devoção com Jesus Sacramentado e com o seu culto gastam annualmente, os respectivos confrades, sommas importantes.

Não menos se esmeram os Aveirenses no culto da Virgem Maria sob diversas invocações e em diversas epochas do anno.

No entanto, a Conceição da Virgem mereceu-lhes sempre um culto muito especial.

Isso prova-se pelo grande numero de imagens e quadros d'essa denominação, que outr'ora existiram nos templos e nas casas conventuaes d'esta cidade e pelas imagens, que ainda hoje restam em alguns recintos sagrados.

A tal respeito darei umas noticias succintas.

—Na egreja do extincto mosteiro da Madre de Deus (vulgo Convento de Sá), o altar-mór era dedicado á Senhora da Conceição.

Posto que não muito grande, a sua formosa imagem figurava um pouco acima do Sacrario e tinha annualmente a sua festa, ainda que limitada.

—No claustro do Convento dos Carmelitas descalços (da Senhora do Carmo), havia um altar, dedicado á Senhora da Conceição. No dia 8 de Dezembro figurava a imagem n'um dos altares

da Egreja e tinha uma devota festividade. O serviço do culto era feito gratuitamente pelos religiosos. As despezas que além d'isso, podiam fazer-se, eram pagas pelos estudantes de latim e de logica.

—No templo da Misericordia ainda existe um altar, dedicado a Nossa Senhora da Conceição e, sob este nome, ali houve em tempo uma numerosa Confraria, que dispunha de meios, sufficientes para o culto.

—Na Egreja de S. Miguel e em altar especial venerava-se uma bella imagem da Senhora da Conceição. E' quasi de tamanho natural e tinha uma associação de devotos, que annualmente a festejavam e, que em diversos dias lhe prestavam culto.

Demolida aquella Egreja em 1835, foi esta imagem conduzida para o templo, que havia sido dos frades dominicos e que, sob o titulo de Senhora da Gloria, ficou sendo a séde da freguezia, ao sul do Cáes.

Ahi figura n'um altar especial e annualmente a festeja uma associação de devotos, que tratam da limpeza e ornato do mesmo altar. Este, bem como a imagem foi competentemente pintado e dourado, ainda ha poucos annos, por habil artista da Villa de Ilhavo.

—Na Egreja, que fôra do extincto Recolhimento de S. Bernardino, (vulgo das Beatas) e que depois serviu de Sé, tambem existia na capella-mór e defronte do côro de baixo, um altar, dedicado á Virgem da mesma invocação. A imagem está actualmente n'uma das sacristias do numerosissimo templo.

—No templo de S. João Evangelista, pertencente ao Convento de Carmelitas descalços (hoje simples recolhimento), existe um altar, dedicado a Nossa Senhora da Conceição. A imagem é formosa e de tamanho regular.

Até á extincção do Convento não deixou de ter a sua festividade, sempre muito aparatosa, e para ella tambem concorriam alguns devotos, que estavam associados como em confraria regular. Na capella-mór do mesmo templo, tambem existe um quadro, em que figura a Virgem da Conceição, cercada por emblemas, mais ou menos appropriados á sua historia e aos seus gloriosos epithetos.

—Imagens da mesma envocação e de algum merecimento artistico existem na Egreja de Santo Antonio, que pertencera ao Convento do mesmo nome, da Ordem franciscana; e na dos Terceiros seculares da mesma Ordem. Em ambos os templos são muito veneradas.

—No extincto Mosteiro de Jesus, de freiras dominicanas (hoje collegio de Santa Joanna), ha uma formosa imagem da Senhora da Conceição, que se venera n'um altar, que fica no ante-côro. Não é muito grande, mas tem ricos vestidos. No dia 8 de dezembro, figura n'um altar do respectivo templo e ahi é solemnemente festejada, a expensas de uma associação de pessoas devotas.

Em quanto o mosteiro não foi extincto (1874), a festividade era a expensas dos rendimentos da mesma casa religiosa.

—O andor de Nossa Senhora da Conceição é o que na Procissão da Cinza precede todos os outros. Foi sempre tratado com muito desvelo, por algumas jovens, pertencentes á Ordem terceira de S. Francisco.

Apesar dos poucos recursos da mesma Ordem, foi mandada fazer, ha pouco, uma nova imagem d'aquella invocação, e o seu andor, que tambem é novo, é muito bem ornamentado de flores artificiaes.

A imagem é muito formosa, tem um bonito vestido bordado a ouro e um manto egualmente bordado, o que tudo é effeito da dedicação e das esmolas dos aveirenses devotos, e especialmente das pessoas do sexo feminino.

E' bem sabido, que em 1854 foi decidido um concilio, que a Virgem Maria fôra, na sua Conceição isempta da macula do peccado original.

Como remate ao Jubileu, que por esse motivo fôra concedido por o immortal Pio IX, a mesma Ordem fez, na Egreja de Santo Antonio, uma solemne festividade em honra da Virgem da Conceição.

Foi no dia 13 de Maio de 1855. De tarde houve uma procissão, composta de todas as Confrarias erectas em Aveiro. E foi, talvez, a procissão maior e mais aparatosa, que se fez em Aveiro na segunda metade do Seculo XIX.

Na *Aurora*, jornal religioso e litterario, que então aqui existia foi por essa occasião publicado um artigo descriptivo a respeito de tal solemnidade. Foi escripto por José Joaquim de Carvalho e Góes, que foi o Orador na festividade e que falleceu em 1869, exercendo o cargo de Vigario geral da (hoje extincta) diocese de Aveiro.

Este clerigo era natural d'esta Cidade.

Aqui, raras são as casas de familias devotas, que não tenham uma estampa, imagem ou quadro da Senhora da Conceição.

Dou estas noticias, porque tambem me preso de ser devoto da Virgem da Conceição e estimo, que a terra, onde nasci, dê sempre demonstrações de religiosidade e com exemplos, como ahi ficam.

Oxalá, que não esfrie essa devoção dos meus conterraneos e que a Virgem proteja esta cidade, aonde, segundo uma devota lenda, descêra, para que fossem aqui edificados templos e um mosteiro sob a sua invocação e em sua honra.

(Aveiro).

RANGEL DE QUADROS.

31—✠ **Sabbado**—S. Silvestre, Pp., C.

O NATAL DO MATHEMATICO

(RÉCITA)

AO MATHEMATICO P. B. MORAES

Perdoae, meu bom menino,
não sei versinhos fazer,
bem sabes, sou mathematico,
e não sei lyras tanger.

Se quizeras, que traçasse
cathétos, hypothenusas,
vá lá, com gosto o fizera,
mas agora invocar musas...

Isso é lá para os poetas,
esses cabecinhas no ar;
a mim apraz-me entre os astros,
n'esses desertos vagar.

Quem me dera lá por cima
traz d'um planeta correr,
para vêr se o apanhava,
p'ra vêr se o podia vêr.

Então, caderno na esquerda,
na outra lapis aguçado,
dos astros traçara as orbitas
no seu dorso escarranchado.

Areas dos corpos terráqueos
sempre desejei medir,
mas descrever ribeirinhos,
choupos verdes a bolir,

ondeados pela brisa,
murmurando o dondejar;
o velho roble da serra
da tempestade a encurvar;

a corrente serpeando
pela quebrada do monte,
o trinar da cotovia
junto aos suspiros da fonte;

do jardim a branca rosa
p'los zéphiros embalada,
a violeta do vale
pelo rocio orvalhada,

a caudalosa corrente
a cahir lá dos penhascos,
e não sei, que mais tolices,
que fazem arder os cascos...

Tudo isso é lá para os poetas,
esses cabecinhas no ar;
a mim apraz-me entre os astros,
n'esse deserto vagar.

Encadear quatro linhas
por lettra grande encetadas,
com isso que chamam rimas,
sonoras metrificadas,

andar semanas e mezes
a dar voltas á miôla,
e achal-a, sem nada escripto,
feitinha n'uma cebôla;

ou lá como o meu visinho
e outros cá da redondeza,
que passam dias inteiros
tocando tambor na meza

á cáta de phantasias,
atraz d'uma palavrinha,
dando tombos infinitos
á pobre da caxolinha.

Nada, nada, outro officio;
isso é lá para os poetas,
a mim apraz-me, pensando,
vagar por entre os planetas.

Perdoae, pois, meu bom menino;
eu não sei metrificar,
sei traçar circumferencias,
mas não lyras dedilhar.

—1898— P. B. Ribeiro.

AGRADECIMENTO

A todos os nossos amaveis e caritativos collaboradores, que n'este anno se dignaram concorrer para o melhoramento do nosso almanach, aos illustres jornaes catholicos, A Palavra, Correio Nacional, Commercio do Minho, Progresso Catholico, *e* Grito do Povo, *que tão amavelmente se dignaram enviar como suplemento, aos seus assignantes o annuncio do* **Almanach de Santo Antonio** *e a todos os que se maçaram com a sua impressão e outros trabalhos agradecemos penhoradissimos, e deixamos-lhe aqui consignado o nosso eterno reconhecimento.*

Aos nossos collaboradores avisamos que nem todo o seu original pôde ser empregado, mas sel-o-ha para o anno.

Bom anno e a protecção de Santo Antonio é o que deseja e pede para os seus amigos a

Redacção da «Voz de Santo Antonio».

Voz de Santo Antonio

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Em GRANDE FORMATO com 32 PAGINAS e lindas CAPAS.

Preço por anno 1$200 reis
para o reino e ilhas adjacentes

Redacção e administração

BRAGA

PORTO—Typ. Catholica de J. F. Fonseca—Picaria, 74